

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Arquitectura

**A LUZ, COR E MATÉRIA COMO ELEMENTOS INTEGRANTES E GERADORES DO PROJECTO DE
RECONVERSÃO:**

Unidade de Turismo de Saúde no Antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal em Vila Viçosa

Diana Ginja Ramos

Projecto para Obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura com Especialização em Arquitectura de Interiores

Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Co-Orientador Científico: Professora Doutora Arquitecta Maria Dulce Loução

Júri:

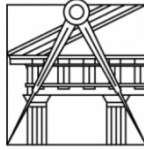
Presidente: Professor Doutor Arquitecto Nuno Arenga

Vogais: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Professor Doutor Arquitecto José Cabido

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FAUL, Outubro 2013



UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Arquitectura

**A LUZ, COR E MATÉRIA COMO ELEMENTOS INTEGRANTES E GERADORES DO PROJECTO DE
RECONVERSÃO:**

Unidade de Turismo de Saúde no Antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal em Vila Viçosa

Diana Ginja Ramos

Projecto para Obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura com Especialização em Arquitectura de Interiores

Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Co-Orientador Científico: Professora Doutora Arquitecta Maria Dulce Loução

Júri:

Presidente: Professor Doutor Arquitecto Nuno Arenga

Vogais: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Professor Doutor Arquitecto José Cabido

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FAUL, Outubro 2013

I. RESUMO

Título: *A Luz, Cor e Matéria como Elementos Integrantes e Geradores do Projecto de Reversão: Unidade de Turismo de Saúde no Antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal em Vila Viçosa*

Candidata: Diana Ginja Ramos

Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Co-Orientador Científico: Professora Doutora Arquitecta Maria Dulce Loução

Data: 30 de Outubro de 2013

Na presente dissertação propõe-se reflectir acerca da importância de valorizar, preservar e requalificar um edifício considerado património, a importância em estabelecer um contacto sensível com o objecto detentor de memórias e que pertence à história de um lugar. Um lugar que conduz à construção de uma identidade e que se reflecte na forma como o espaço é habitado e sentido.

A percepção do espaço é feita através da luz, da cor, da matéria e da sua relação sinestésica, considerando desse modo, o espaço não apenas como mero espaço físico mas como espaço potenciador de emoções e sensações.

Assente nestes pressupostos e depois de analisadas as pré-existências em causa, foi elaborada uma proposta de reversão do Convento de São Paulo, antiga Fábrica Sofal, em Vila Viçosa. O programa proposto foi uma Unidade de Turismo de Saúde incorporado num SPA com Hotel, utilizando na sua reversão a luz, a matéria e a cor como elementos integrantes e geradores do espaço arquitectónico.

Palavras-chave:

reabilitação, spa, hotel, luz, cor, percepção

II. ABSTRACT

Title: *Light, Color and Matter as Integral and Generating Elements of the Conversion Project: Tourism Health Unit in the Former São Paulo Convent/ Sofal Factory in Vila Viçosa*

Candidate: Diana Ginja Ramos

Dissertation Advisor: Professor Doutor Arquitecto João Pernão

Dissertation Co-Adviser: Professora Doutora Arquitecta Maria Dulce Loução

Date: October 30, 2013

This dissertation proposes a reflection on the importance of valuing, preserving and revitalizing a building considered a heritage, the importance of establishing a sensitive contact with the subject, a holder of memories and that of which belongs to the history of a place. A place that leads to the construction of an identity and is reflected on how the space is inhabited and felt.

The perception of the space is done through light, color, matter and its synesthetic relationship, considering in this way, the space not only as mere physical space but as a space capable of enhancing emotions and sensations.

Based on these assumptions, and after analyzing the pre-existing buildings involved, a proposal to convert the *São Paulo Convent*, former *Sofal Factory* in Vila Viçosa was elaborated. The proposed program was a Tourism Health Unit incorporated in a SPA with a Hotel, utilizing in this conversion, light, matter and color as integral and generating elements of the architectural space.

Key-words:

refurbishment, spa, hotel, light, color, perception

III. ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Enquadramento.....	1
Objectivos.....	2
Metodologia.....	3
Estrutura.....	3

ESTADO DOS CONHECIMENTOS.....	5
-------------------------------	---

DESENVOLVIMENTO

Capítulo I LUGAR E MEMÓRIA

1.1. Lugar e Identidade Projectar com o Lugar.....	13
1.2. Memória Construir no Construído.....	16

Capítulo II PERCEPÇÃO SENSORIAL

2.1. Percepção e Sinestesia A percepção do espaço através da Luz, da Cor, da Matéria e da sua relação sinestésica.....	23
--	----

Capítulo III PROJECTAR COM LUZ, COR E MATÉRIA

3.1. Um Espaço de Atmosferas A Luz, Cor e Matéria como elementos que integram e geram o espaço arquitectónico.....	33
--	----

Capítulo IV PROPOSTA

4.1. Projecto para a Unidade de Turismo de Saúde no antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal, em Vila Viçosa

4.1.1. Apresentação do objecto de estudo

4.1.1.1. Análise Histórica..... 47

4.1.1.2. Enquadramento na envolvente..... 49

4.1.1.3. Análise Física e Sensorial do Convento..... 52

4.1.2. Conceito e Programa..... 56

4.1.3. Proposta

4.1.3.1. Estratégia e proposta de intervenção em Vila Viçosa..... 60

4.1.3.2. Estratégia e proposta de intervenção no antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal, em Vila Viçosa..... 63

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 79

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS..... 83

ANEXOS	A. Processo de Trabalho (desenhos, maquetas)
	B. Levantamento Cromático do convento
	C. Desenhos de Projecto
	D. Painéis Síntese
	E. Maquetas Finais (fotografias)

IV. ÍNDICE DE IMAGENS

FIG. 1 – CAPELA DE NOTRE DAME DU HAUT, LE CORBUSIER, RONCHAMP, FRANÇA	2
FIG. 2 – CAPELA SAINT BRUDER KLAUS, PETER ZUMTHOR, WACHENDORF, ALEMANHA	2
FIG. 5 – MUSEU CÍVICO DE CASTELVECCHIO, CARLO SCARPA, VERONA, ITÁLIA	2
FIG. 3 – CASA DA MÚSICA, REM KOOLHAAS, PORTO, PORTUGAL	2
FIG. 4 – CASA GILARDI, LUIS BARRAGÁN, TACUBAYA, MÉXICO	2
FIG. 6 - TERMAS DE VALS, PETER ZUMTHOR, GRAUBUNDEN, SUÍÇA	2
FIG. 7 E FIG. 8 – PISCINAS DE LEÇA DA PALMEIRA, SIZA VIEIRA, MATOSINHOS, PORTUGAL	2
FIG. 9 – MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE FLOR DA ROSA, CARRILHO DA GRAÇA, PORTALEGRE, PORTUGAL	2
FIG. 12 – CASA DOS CUBOS, EMBAIXADA ARQUITECTURA, TOMAR, PORTUGAL	2
FIG. 13 - REABILITAÇÃO DA IGREJA E MOSTEIRO DE SANTO ANDRÉ DE RENDUFE, FERNANDO SANCHEZ SALVADOR E MARGARIDA GRÁCIO NUNES, BRAGA, PORTUGAL	2
FIG. 14 – CASA EM ALCOBAÇA, AIRES MATEUS, ALCOBAÇA, PORTUGAL	2
FIG. 15 – POUSADA D. JOÃO IV, VILA VIÇOSA, PORTUGAL	2
FIG. 16 – POUSADA SANTA MARIA DO BOURO, EDUARDO SOUTO MOURA, BRAGA, PORTUGAL	2
FIG. 17 – REABILITAÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA DOS LEÕES - COMPLEXO DE ARTES E ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA, INÊS LOBO, ÉVORA, PORTUGAL	2
FIG. 18 - MUSEU CAN FRAMIS, JORDI BADIA, BARCELONA, ESPANHA	2
FIG. 19 – POUSADA DA CIDADELA DE CASCAIS, GONÇALO BYRNE, CASCAIS, PORTUGAL	2
FIG. 20 "AS PALAVRAS SÃO CHAVES MISTERIOSAS. AS TEMOS NA MÃO E NUNCA SABEMOS QUE FECHADURAS ABRIR." TELA: RENE MAGRITTE (LES AMANTS, 1928)	2
FIG. 21 - MAQUETA DA ESCULTURA DE CHILLIDA PARA TINDAYA	2
FIG. 22 - REABILITAÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA DOS LEÕES - COMPLEXO DE ARTES E ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA, INÊS LOBO, ÉVORA, PORTUGAL	2
FIG. 23 E 24 – BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, SIZA VIEIRA, AVEIRO, PORTUGAL	2
FIG. 25 - MUSEU DE AVEIRO, ANTIGO CONVENTO DE JESUS, ALCINO SOUTINHO, AVEIRO, PORTUGAL	2
FIG. 26 - CASTELVECCHIO, CARLO SCARPA, VERONA, ITÁLIA	2
FIG. 27 - KOSHINO HOUSE, TADAO ANDO, ASHIYA, JAPÃO	2
FIG. 28 - CAPELA DAS CAPUCHINHAS EM TLALPAN, LUIS BARRAGÁN, TLALPAN, MÉXICO	2
FIG. 29 - CONVENTO SAINTE-MARIE DE LA TOURETTE, LE CORBUSIER, ÉVEUX, FRANÇA	2
FIG. 30 – TEATRO E AUDITÓRIO, CARRILHO DA GRAÇA, POITIERS, FRANÇA	2

FIG. 31 – RESTAURANTE BICA DO SAPATO, FERNANDO SANCHEZ SALVADOR E MARGARIDA GRÁCIO NUNES, LISBOA, PORTUGAL	2
FIG. 32 E 33 – ESCOLA SECUNDÁRIA BRAAMCAMP FREIRE, CRISTINA VERÍSSIMO E DIOGO BURNAY, LISBOA, PORTUGAL	2
FIG. 34 - ALHAMBRA DE GRANADA, ESPANHA	2
FIG. 35 – ALHAMBRA DE GRANADA, ESPANHA.....	2
FIG. 37 – VILA VIÇOSA, DURANTE PERÍODO DO ESTADO NOVO.....	2
FIG. 51 –	2
FIG. 50 – MÃE DE ÁGUA, LISBOA, PORTUGAL.....	2
FIG. 55 – PERCURSOS VERDES EM VILA VIÇOSA - CICLOVIA	2

V. AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho é importante agradecer a todos aqueles que me acompanharam e que me ajudaram a finalizar este ciclo de seis anos, em que participaram no meu crescimento pessoal e que me motivaram a chegar até ao fim.

Começo por agradecer aos meus pais, os meus pilares e os responsáveis pela pessoa que sou hoje. Pelos valores que me inculcaram e por me terem ensinado a lutar pelos meus objetivos. Acreditaram nos meus sonhos e foram inexcedíveis em tudo para eu os conseguir alcançar. Sei que sem eles não chegaria até aqui. Obrigada por terem sempre acreditado em mim.

Ao meu irmão e à minha madrinha por ter contribuído no meu crescimento e terem ajudado a *construir* a pessoa que sou hoje.

Ao Carlos, por me ter apoiado incondicionalmente, por ter sido tal como os meus pais, um dos meus pilares. E se eu cheguei até aqui e da forma como cheguei deve-se em grande parte a ti, por toda a força e perseverança que tiveste comigo. Pela energia que me transmitias diariamente e por me teres puxado cá para cima, sempre que a minha vontade era desistir. Por termos ultrapassado todos estes momentos complicados e por hoje estares comigo. Que privilégio é poder ter-te na minha vida! Obrigada.

Às minhas colegas Inês de Bragança, Joeline de Freitas, Maria Sousa, Rita Gonçalves, Sara Lobinho, Sofia Tegethof pela forte amizade que construímos desde o primeiro ano de faculdade. Pela cumplicidade, pelos jantares, pelas férias e pelas saídas em trabalho. Acima de tudo, por termos construído um equilíbrio e uma forma harmoniosa para completar este curso. Pela amizade, pelo companheirismo, por termos *crescido* juntas, obrigada!

A todos os meus amigos, que tantas vezes ouviram a frase *não posso porque tenho projecto para fazer*, obrigada pela compreensão. Agradeço-vos por, diversas vezes, gerirem a vossa vida de acordo com a minha disponibilidade. E por irem suportando muitas vezes a minha ausência.

Muito obrigada, professor João Pernão, por todo o acompanhamento, pela enorme paciência e pela confiança depositada. Por em todos os instantes nos fazer acreditar nas nossas capacidades, mas, principalmente, por se ir certificando que ao longo da realização deste trabalho estávamos bem emocionalmente. É importante saber que, para além de um professor responsável pelo trabalho do aluno, se preocupa também connosco enquanto pessoas. Sem dúvida um dos professores que mais marcaram o meu percurso académico.

À professora Dulce Loução que, para além de me orientar e acompanhar neste último trabalho, tive o privilégio de a ter tido presente durante toda esta caminhada de seis anos. Por todo o acompanhamento e por ter contribuído para o meu crescimento, muito obrigada professora Dulce.

E como dizia Oscar Niemeyer “[...] Para mim o importante é a vida, a gente se abraçar, conhecer as pessoas, haver solidariedade, pensar num mundo melhor, [...]”¹.

Porque sozinha não teria chegado até aqui, obrigada a todos.

¹ entrevista a Isabel Murray; Portal BBC Brasil, 20 de abril, 2001

Aplicas pedra, madeira, betão, e com estes materiais constróis casas e palácios [...] Mas subitamente tocas o meu coração [...] Isso é Architectura.

Le Corbusier,

Towards a new architecture, p.153

INTRODUÇÃO

Enquadramento

O presente trabalho baseia-se no exercício iniciado na disciplina de Laboratório de Projecto de Interiores III, 1º Semestre, 5º ano, 2011/2012 com o Prof. Arq. José Afonso. O exercício consiste na Reabilitação do Convento de São Paulo, em Vila Viçosa, antiga Fábrica Sofal através da sua reconversão numa Unidade de Turismo de Saúde incorporado num Hotel com Spa.

Numa primeira fase, a intervenção foi feita numa escala urbana no ponto de vista de regeneração e requalificação sustentável e numa segunda fase a intervenção consistia na recuperação de um edifício existente em Vila Viçosa.

Tendo escolhido o Convento de São Paulo como edifício a reabilitar, comecei por estabelecer um objectivo inicial e principal: que o edifício não funcionasse como elemento isolado mas funcionasse para a comunidade, interagindo com Vila Viçosa e assumindo uma forte relação interior-exterior. Esse objectivo será alcançado dando continuidade aos programas que acontecem no seu interior prolongando-os e incorporando-os no exterior, estabelecendo a relação e a integração do edifício na sua envolvente urbana, física e humana.

Em relação ao conceito, tomei como ponto de partida a compreensão da essência, história e passado de Vila Viçosa para dessa forma projectar o futuro. Foi feita a compreensão dos limites das diferentes épocas e a elaboração do projecto tendo em conta a identidade e memória do lugar. Comecei por tentar entender o que o lugar, Vila Viçosa e o edifício a reabilitar, queriam, dando continuidade ao que existe e tornando-o melhor, mantendo uma memória colectiva que importa transpor para o futuro.

Vila Viçosa tem também uma reconhecida riqueza cultural e gastronómica, e, por essa razão, pretendo que a reabilitação e a integração de novos volumes comportem um núcleo cultural e gastronómico e um

núcleo de investigação e terapêutica da saúde assente num programa de uma Unidade de Turismo de Saúde incorporada num Hotel com Spa, estando esta direccionada para o turismo de saúde. Estes edifícios resultam conceptualmente da fusão de duas temáticas (pedra e água) que integram a identidade de Vila Viçosa. O objectivo foi explorar as matérias-primas que existem e que sempre marcaram o lugar e integrá-las nos novos espaços/usos do edifício.

O tema a abordar na dissertação decorre dos temas propostos pelo Professor João Pernão e Professora Maria Dulce Loução, respectivamente Orientador e Co-Orientador, integrando a luz, a matéria e a cor como elementos que integram e geram o espaço arquitectónico.

Objectivos

Definem-se os seguintes objectivos específicos e gerais:

Reflectir sobre a questão da adaptabilidade de um edifício de origem conventual e fabril numa Unidade de Turismo de Saúde incorporado num Hotel com Spa utilizando na sua reconversão a luz, a matéria e a cor como elementos integrantes e geradores do espaço arquitectónico. A percepção através dos sentidos será assim utilizada para desenhar e definir os espaços.

Fazer o enquadramento teórico que permitirá reflectir acerca do papel do arquitecto na concepção do espaço, adequando o corpo existente a um novo uso / função.

Pretende-se verificar a hipótese do novo uso / função nas referidas pré-existências, considerando as práticas actuais de intervenção no património. No entanto, emergem variadas questões acerca da forma como se deve actuar perante as pré-existências apresentadas, que revelam diferentes estados de conservação e são representativas de épocas diferentes.

Pretendo perceber o espaço, os sons, a luz, a matéria e a cor num edifício como produtoras de emoções e sensações restituindo por meio dela a memória e o passado do lugar.

Conservar os elementos arquitectónicos e estruturais que levam essas construções à categoria de locais de memória.

Criar uma atmosfera sensível, harmoniosa traduzindo o sentido da arquitectura através da matéria.

Conceber ambiências multisensoriais, de forma, a que através da arquitectura se possa criar um sistema de orientação no interior do edifício, bem como a utilização da cor para a aplicação em espaços terapêuticos.

Empregar a importância que a luz, a cor e a matéria têm na utilização do espaço e na forma como através deles o espaço pode ser sentido e vivido, sempre focalizado no conforto do ser humano.

Relativamente à metodologia, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica que sustentou o enquadramento teórico às questões e conceitos aplicados em projecto, tendo sido complementada pela observação e análise das pré-existências e pela visita a diferentes casos de referência. Aquando da observação e análise do lugar e da pré-existência, procedeu-se ao levantamento de materiais e cores do local para seguidamente, em conjunto com o professor João Pernão, elaborarmos o levantamento cromático do convento. Tal contribuiu posteriormente, para a realização da parte prática, onde através do projecto se pretende demonstrar a hipótese proposta como solução às diferentes questões levantadas. No processo de desenvolvimento do projecto destacam-se as simulações da realidade através do desenho, através de simulações digitais como o AutoCad e também através de simulações tridimensionais como maquetes.

Metodologia

O presente documento divide-se em quatro capítulos, respectivamente, Lugar e Memória, Percepção Sensorial, Projectar com Luz, Cor e Matéria e a Proposta. Os três primeiros capítulos são referentes à investigação teórica, e por fim, o último, destina-se à aplicação dos conceitos através do projecto.

Estrutura

A divisão apresentada pretende conferir alguma autonomia aos diferentes conteúdos que estruturam a dissertação e o projecto, para uma maior clareza no processo de apresentação e leitura.

Num primeiro momento é abordada a temática “Projectar com o Lugar e Construir no Construído”, onde se reflecte acerca da forma como o lugar conduz à concepção de uma identidade, criando uma memória que se reflectirá na forma de habitar e vivenciar o espaço. No segundo capítulo desenvolve-se a investigação acerca da forma como a percepção do espaço pode ser feita através da luz, da cor, da matéria e da sua relação sinestésica, onde se assume o espaço como um todo, não apenas como mero espaço físico mas como potenciador e estimulador de emoções, responsável pela postura e pelo comportamento de quem o habita. No terceiro capítulo, o tema centra-se na aplicação dos conceitos anteriores e na possibilidade de criar um Espaço de Atmosferas onde a luz, a cor e a matéria se identificam como elementos responsáveis por integrar e gerar o espaço arquitectónico. No quarto capítulo, após a análise das pré-existências segue-se na sua decorrência a proposta de reconversão do Convento de São Paulo | antiga Fábrica Sofal, em Vila Viçosa, numa Unidade de Turismo de Saúde na qual se integra um Hotel com Spa.

ESTADO DOS CONHECIMENTOS

Este estado dos conhecimentos versa sobre dois aspectos distintos mas que concorrem para o enquadramento teórico do trabalho: a reflexão sobre intervenções em pré-existências, nomeadamente em conventos; e a investigação sobre a utilização dos sentidos na percepção e elaboração de espaços arquitectónicos.

Na reabilitação de edifícios é necessário a consideração que os novos usos devem ter pela pré-existência. Na reconversão do Convento de São Paulo, antiga fábrica da Sofal, num espaço destinado ao Turismo de Saúde, a valorização está dependente do facto de este novo espaço/uso estar inserido num edifício com história, um edifício marcado por diferentes fases e vivências distintas. Caracterizando-se por ser um espaço que sofreu ao longo do tempo diversas modificações, é importante que a intervenção continue a dar continuidade à história do edifício. Será portanto fundamental elaborar uma análise histórica, cronológica e iconográfica do objecto de estudo.

É relevante destacar a importância do estudo do espaço funcional dos edifícios, o seu processo de adaptabilidade a novos usos/funções, e a luz e a matéria como peças fundamentais da transformação, para ser possível fazer o entendimento dos conceitos e o desenvolvimento com vista à intervenção em edifícios já construídos.

Paulo Pereira, Historiador de Arte e Vice-Presidente do IPPAR, no seu texto *“Lugares de passagem” e o resgate do tempo* considera o património cultural, em particular o património imóvel, como detentores de uma forte capacidade de evolução. (PEREIRA, 2001, p.6)

Perante o considerado património imóvel, o autor considera a necessidade de estabelecer com este um “exercício racional” e um “exercício de afectividade”. A abordagem de modo racional, consiste no entendimento do edifício e na procura de uma objectividade, possível de

reconstruir. A abordagem ao edifício do ponto de vista afectivo, consiste na análise do edifício através das sensações, uma procura de forma subjectiva. É importante considerar e interpretar as diversas possibilidades que o edifício admite.

A presença perante um edifício ou lugar com carácter patrimonial, leva-nos à colocação perante uma nova realidade, a realidade que vai ser *construída*. A nossa colocação perante a nova realidade resulta “[...] dessa aparente *falha do espaço e do tempo* que o monumento instaura.”. (PEREIRA, 2001, p.7) A interpretação do edifício, já referida anteriormente, é fundamental, pois é o primeiro passo no sentido da sua reintegração, permitindo a sua valorização.

O historiador levanta duas questões, “como resgatar o tempo” e “como vencer a distância”. A resposta, segundo o autor, “[...] é através da interpretação, através da constituição de *lugares de passagem*.”. (PEREIRA, 2001, p.7) Os lugares de passagem são, segundo este, “máquinas do tempo” que nos permitem entender o passado e “[...] nos permitem olhar o passado, e passar dele para o presente, sem o desproporcionado esforço das coisas secretas e obtusas: abrindo uma pequena porta ou lançando uma ténue pista, por pequena que seja, mas que por isso mesmo seja suficiente para o encaminhamento do sujeito para o conhecimento. Com a sutileza possível.”. (PEREIRA, 2001, p.7)



Fig. 1 – Capela de Notre Dame du Haut, Le Corbusier, Ronchamp, França



Fig. 2 – Capela Saint Bruder Klaus, Peter Zumthor, Wachendorf, Alemanha

Sendo o objectivo da investigação a reflexão sobre a adaptabilidade de um edifício num processo de reconversão num espaço de Hotel com Spa tendo em consideração a luz, a matéria e a cor como elementos integrantes e geradores do espaço arquitectónico, é importante compreender como estes se relacionam e assumem uma importância fulcral na concepção do espaço em Arquitectura. Para este conceito são importantes os trabalhos de Peter Zumthor e de Le Corbusier. Ambos desenvolvem uma arquitectura onde a luz, cor e matéria se evidenciam harmoniosamente. (fig.1 e fig2)

Arquitectura é forma e função e também é espaço, luz e matéria. Koolhaas, Zumthor, Le Corbusier, Luis Barragán, Carlo Scarpa, Siza Vieira,

Carrilho da Graça são exemplos de arquitectos que souberam tratar com grande qualidade teórica e prática essa questão.

Habitar o espaço vai para além da criação de variadas formas de o usar, habitar o espaço obriga à consideração da experiência do acontecimento, do uso e como isso altera a percepção sensorial deste.

A concepção de espaços em reabilitação assume uma dificuldade acrescida, pois existe um maior número de condicionalismos e a intervenção e a modelação destes tem que ser feita considerando a presença de uma pré-existência.

Em reabilitação existe a necessidade de construir uma temporalização que leva o utilizador a equacionar o tempo para perceber a arquitectura, através da luz e dos materiais. A luz e os materiais assumem o papel de elementos de adaptabilidade no processo de reconversão do espaço a novos usos/funções.

O espaço tem que ser concebido com o intuito de provocar sensações que estimulam o utilizador. Isto implica um despertar dos sentidos elevando a consciência por meio da estimulação sensorial.

Como anteriormente referi, o arquitecto Peter Zumthor, tanto nos seus textos como nos seus projectos, evidencia uma grande sensibilidade, tanto na análise do espaço arquitectónico, como no processo criativo “Para projectar, para inventar arquitectura, temos que aprender a tratá-los conscientemente. Isto é trabalho de investigação, é trabalho de memória. [...] Experimentar concretamente a arquitectura, isto é tocar, ver, ouvir, cheirar o seu corpo. Descobrir estas qualidades e ocupar-se conscientemente com elas [...]”. (ZUMTHOR, 2005, p.54) O arquitecto afirma ainda que “Uma boa arquitectura deve hospedar o homem, deixá-lo presenciar e habitar, e não tentar persuadir.”. (ZUMTHOR, 2005, p.28)



Fig. 4 – Casa da Música, Rem Koolhaas, Porto, Portugal

A luz e a sombra no hall da casa d da Casa da Música



Fig. 5 – Casa Gilardi, Luis Barragán, Tacubaya, México

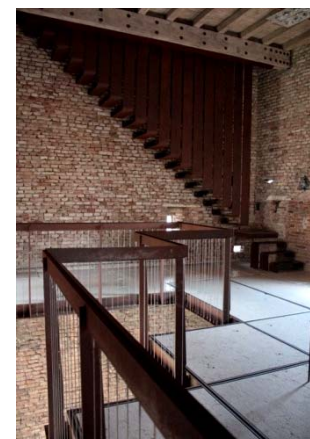


Fig. 3 – Museo Cívico de Castelvecchio, Carlo Scarpa, Verona, Itália

Junção de materiais

Peter Zumthor tem um grande interesse na compreensão da forma como o utilizador experimenta e vivencia os espaços. Para o arquitecto é importante conhecer, compreender e sentir a arquitectura.

[...] A energia, a tensão e as vibrações, a harmonia entre os materiais - isto é o que arquitectura é para mim. (STEC, 2004)

A arquitectura tem que ter a capacidade de oferecer uma experiência interactiva entre todos os sentidos, a memória e a imaginação e a arquitectura de Zumthor é exemplo disso. Zumthor, nas suas obras, destaca a luz, o cheiro, o toque, o som como elementos que constroem o espaço e que permitem ao utilizador vivencia-lo e senti-lo.

Não é suficiente ver a arquitectura; devemos vivê-la. (RASMUSSEN, 2007, p.28)

Nas Termas de Vals, em Graubunden, Suíça (1996) é criada uma perfeita harmonia entre a arquitectura, a luz e a matéria. (Fig. 6)



Fig. 6 - Termas de Vals, Peter Zumthor, Graubunden, Suíça

“Em Vals isto também tem a ver com as fontes termais e com a água, com as montanhas e a pedra [...]. Pedra e água, essas imagens estão próximas [...] fascinação com as propriedades míticas do mundo da pedra dentro da montanha, com a escuridão e a luz, com a luz a reflectir na água ou a radiar no vapor – ar cheio, uma delícia na acústica singular da água a fervilhar no mundo da pedra. Um sentimento de pedras quentes e corpos nus, para um banho ritual.” (GONÇALVES, 2009, p.82), estas foram as ideias que inspiraram o arquitecto no projecto das Termas de Vals.

As piscinas de Leça da Palmeira (1961/62) de Siza Vieira apresentam algumas analogias com o projecto de Zumthor. Essas semelhanças estão na forma como se aproximam da natureza e na forma como tratam com enorme sensibilidade o lugar, marcando uma estrutura na paisagem, definindo um percurso e uma relação harmoniosa com a natureza.(Fig.7 e8)

Esta obra assume-se como um edifício intemporal que se envolve com o território, preservando as suas diversas relações que se foram estabelecendo e construindo com o tempo.

Tanto a obra de Zumthor como a obra de Siza são uma referência no âmbito do projecto do Spa da Unidade de Turismo de Saúde a desenvolver. Ambas assentam nos mesmos princípios. A água enquanto configuradora de espaço e a matéria e a luz como definidoras de espaço e potenciadoras de sensações.

Em relação ao Hotel presente no programa da Unidade de Turismo de Saúde, tenho como referência a reconstrução e adaptação do Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, do arquitecto Carrilho da Graça, a pousada.

O arquitecto optou por assumir o edifício como um documento histórico, respeitando integralmente a sua identidade. A ampliação e integração de novos volumes assume uma abordagem contemporânea ao edifício pré-existente. Com a introdução de novos elementos arquitectónicos, assumiu o contraste entre o velho e o novo, coexistindo através da diferença. (Fig.9)

Ao projectar é importante pensar na luz para construir espaços, definir volumes e pensar nas sensações que queremos que sejam sentidas pelo utilizador. No fundo, trata-se de utilizar a percepção dos sentidos para desenhar e definir espaços pois, as percepções estimuladas pelo espaço arquitectónico interferem no comportamento do ser humano, no uso do ambiente construído. Relacionar materiais e tons específicos de luz de forma a provocar sensações e emoções nas pessoas, encarar a luz, o odor, o vazio, o som, a cor e os materiais como parte da concepção arquitectónica é o que se procura neste trabalho.

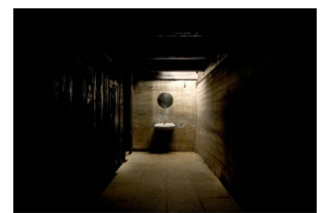


Fig. 7 e Fig. 8 – Piscinas de Leça da Palmeira, Siza Vieira, Matosinhos, Portugal



Fig. 9 – Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, Carrilho da Graça, Portalegre, Portugal

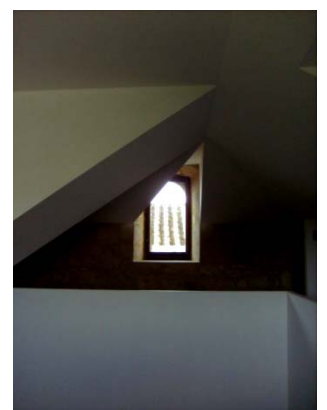


Fig. 10 e Fig. 11 – Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa _ contraste entre o velho e o novo

Capítulo I

LUGAR E MEMÓRIA

Quando observo o mundo, observo-o com o olhar da experiência, e só por isso, eu vejo o mundo como ele é.

Dulce Loução,

2012, *comunicação pessoal*

DESENVOLVIMENTO

Capítulo I LUGAR E MEMÓRIA

1.1. Lugar e Identidade Projectar com o Lugar

O lugar questiona a importância do tempo na condição contemporânea, na sua progressão e heterogeneidade, nas suas fragmentações e descontinuidades.
(DUARTE, 2002, p.44)

Arquitectura e o Lugar

A importância do tempo na condição contemporânea, define-se pelas referências e as memórias que constituem e definem o lugar, indo muito além da utilização dos espaços de acordo com o seu uso, constituindo-se como indutores da articulação de significados próprios, definindo o lugar sociocultural e psicológico dos acontecimentos.

O lugar assume um dos alicerces do desenho arquitectónico, compelindo referências importantes para a lógica da concepção. A escala, os eixos visuais, o som e o silêncio, a luz e a sombra, as articulações, o percurso, assumem-se como estruturas organizativas que tem uma relevância decisiva nas conexões que se estabelecem com o lugar.

Interpretar o lugar, entendê-lo, vivenciá-lo é importante a criação de um pensamento liberto de analogias, e auxiliarmo-nos da interpretação dos valores do percurso, das relações visuais, da forma como a luz, cor e matéria nos fazem entender o espaço, da escala, dos cheios-vazios, enfim todos os fundamentos necessários e importantes no entendimento desse lugar.

Interpretação do Lugar

A capacidade de valorização dos lugares resulta da conjugação das transformações do território articulando-as com as pré-existências,

Valorização do Lugar

evitando assim a repetição de erros do passado e evitando os erros do presente. Destaca-se como fundamental a capacidade de usarmos a experiência do passado mas também a capacidade para nos *desligarmos* dela sempre que esta se assuma como não relevante no processo de intervenção no espaço construído.

*Temos que usar a experiência naquilo que ela garante, mas também libertar-nos dela, naquilo que prende. Álvaro Siza Vieira*²

Para além da forma arquitectónica assumida por um edifício é importante reter o princípio que reflecte o rigor conceptual e a forma como o edifício questiona e se articula com o lugar.

O ponto de equilíbrio de uma intervenção está implícito à forma enquanto ideia conceptual, estrutura e adequabilidade potenciando valores na organização e construção do lugar.

A relação entre arquitectura e lugar, é estruturada por uma articulação de sinais que organizam um sistema de relações visuais que vai muito mais além do que meramente as relações que se estabelecem com a topografia. Para além destas, a relação que se estabelece tem em consideração as mudanças que se realizam em termos históricos e culturais. Koolhaas, referenciava a importância dos fluxos como configuradores de lugares, existindo o lugar não apenas como marca espacial no território mas sim conceptualizado na mente de cada um.

Os valores que interagem com o lugar vão para além das conjecturas do presente, pois o modo como se faz o entendimento acerca do que permanece como identidade peculiar de cada lugar é o que os torna distintos, formalizando uma entidade singular, sendo a arquitectura a responsável por transmitir e ser potenciadora de experiências.

² *Entrevista a Bernardo Pinto de Almeida; Revista UPORTO, N. 9, outubro de 2003, página 34*

Ao iniciar um projecto arquitectónico é importante o entendimento do lugar, é importante senti-lo e muito importante vivenciá-lo. Existe uma relação única que se estabelece com cada lugar e cabe ao arquitecto induzir a comunicação da envolvente com o utilizador do espaço.

Projectar com o Lugar

Apesar de ser um termo arquitectónico recente na sua vertente operativa no projecto de arquitectura, o conceito de lugar começou a ganhar importância com o decorrer dos tempos, tendo o seu entendimento surgido na antiguidade.

No capítulo *El lugar*, no livro *El Proyecto de Arquitectura: Concepto, Proceso y Representación* do autor Alfonso Muñoz Cosme, o conceito de lugar é definido como “ [...] uma das condicionantes mais decisivas anterior ao projecto.” (COSME, 2008, p.65). Como referi anteriormente, o lugar para além de incluir aspectos como a topografia e as condições atmosféricas e ambientais, inclui também outros aspectos físicos perceptíveis, bem como uma história e uma memória.

Conceito de Lugar

O lugar pode ser entendido desde as sensações imediatas às sensações mais profundas, todas elas transmitidas pelo espaço físico. Cada lugar tem a sua identidade, isto é, segundo o arquitecto Norberg Shultz, o seu *Genius Loci* ou espírito do lugar, permitindo reconhecer a realidade a enfrentar e, através da arquitectura, criar condições ideais para habitar através da produção de lugares significativos com o qual o objecto arquitectónico a projectar tem que dialogar. O diálogo com o lugar assume-se como elemento essencial para o projecto.

Identidade

A importância da reflexão acerca do lugar e da consideração deste no processo de execução do projecto arquitectónico, permite ao utilizador uma constante orientação e identificação, ou seja, um consequente saber habitar. E ao habitar o espaço consequentemente o transforma, criando o lugar.

Habitar

O Homem habita quando se consegue orientar “em” e “identificar-se” a si próprio com o meio envolvente ou, quando experimenta a envolvente como significativa. (CHRISTIAN, Op. Cit., p.5)

Habitar o espaço vai para além da criação de variadas formas de o usar, habitar o espaço obriga à consideração da experiência do acontecimento, do uso e como isso altera a percepção sensorial deste.

É a identificação do utilizador do espaço com o ambiente que o envolve, que origina o habitar e a conseqüente criação e apropriação do lugar. Ao conseguirmo-nos identificar com o lugar assumimos, perante este, um sentido de pertença e de identidade que são reforçados pela compreensão que temos do espaço que nos é induzido pelo sentido da orientação.

O espaço tem que ser concebido com o intuito de provocar sensações que estimulam o utilizador presumindo sempre a afirmação de um determinado carácter ou atmosfera. Isto implica uma elevação dos sentimentos e emoções e um despertar dos sentidos elevando a consciência por meio da estimulação sensorial.

Existe a necessidade de construir uma temporalização que leva o utilizador a equacionar o tempo para perceber a arquitectura, através da luz e dos materiais. A luz e os materiais assumem o papel de elementos de adaptabilidade no processo de reconversão do espaço a novos usos/funções.

1.2. Memória Construir no Construído

Ao realizar um projecto de arquitectura, sempre que a intervenção é realizada num edifício pré-existente é importante fazer um enquadramento da memória nesse espaço a intervir.

A concepção desses espaços assume uma dificuldade acrescida, pois existe um maior número de condicionalismos tendo a intervenção e modelação que ser feita considerando a presença de uma pré-existência. Surge, dessa forma, a necessidade de construir uma temporalização que leva o utilizador a equacionar o tempo para perceber a arquitectura, através da luz e dos materiais. Uma vez que a percepção do espaço se faz fundamentalmente pelo reconhecimento da sua visibilidade, a luz e a matéria sobre a qual incide são protagonistas no entendimento da arquitectura.

Antes de referir a presença da memória aquando da intervenção num edifício, é importante começar por mencionar a memória de acordo com o lugar.

O lugar acerca-se de um dinamismo inovador, que se estabelece nas mudanças temporais, imprimindo-lhe um sentido de desenvolvimento e continuidade.

O cenário presente na paisagem construída tende a reflectir-se e serve de meio de transmissão às épocas seguintes. Sendo neste cenário, persistente e enraizado na história que se constrói o conceito de memória no lugar. Ao longo do tempo, vai sendo criada uma estrutura de inter-relações espaciais, que vão influenciando novas vivências, estrutura essa que pode ser considerada como meio de interacção entre o presente e o passado e também entre o presente e o futuro, revelando-se como veículo de transmissão de tempos. Desta forma, o lugar afirma-se num contexto que vai para além da sua história como constantemente a cria e renova. É nesse sentido de recriação, que a memória, que se articula e associa à experiência, adquire dimensão colectiva. (Fig. 13 e 14)

Segundo o arquitecto Rui Barreiros Duarte, a relação entre a memória e o lugar organiza-se sobre dois modelos fundamentais, um ligado à formalização do passado no lugar, considerando a memória como colector e o outro ligado à acção, considerando a memória como produtor.

Concepção de espaços



Fig. 11 – Casa dos cubos, EMBAIXADA arquitectura, Tomar, Portugal

O novo e o antigo em arquitectura

Memória no Lugar



Fig. 12 - Reabilitação da igreja e mosteiro de Santo André de Rendufe, Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, Braga, Portugal



Fig. 13 – Casa em Alcobaça, Aires Mateus, Alcobaça, Portugal



Fig. 14 – Pousada D. João IV, Vila Viçosa, Portugal

Permanência | Mudança



Fig. 15 – Pousada Santa Maria do Bouro, Eduardo Souto Moura, Braga, Portugal

Na memória como colector, o passado do lugar é revelado através da sua forma material e das suas histórias. Na memória como produtor, o passado é revelado através de uma abordagem de âmbito criativo. Permanência e mudança assumem-se como dois factores essenciais na caracterização das diferentes formas de intervenção. O conceito de permanência está ligado à continuidade pela repetição de paradigmas existentes, o conceito de mudança referencia a inovação feita pelas variações e inclusão de novos paradigmas. (Fig.16)

A relação da memória como produto construído sobre o lugar está assente em constantes variações que resultam do próprio desenvolvimento reescrito de forma permanente.

O Objecto



Fig. 16 – Reabilitação da antiga fábrica dos Leões - Complexo de artes e arquitectura da universidade de Évora, Inês Lobo, Évora, Portugal

Ao tomar consciência do lugar e da influência que o passado teve nele, segue-se a necessidade de pensar no objecto e na sua formalização tendo em conta esse lugar, tendo em conta esse passado e essa memória. Surge a necessidade de projectar com coerência e concordância ao lugar e ao programa. (Fig.17)

Projectar pressupõe um esquecimento criterioso, uma eleição de memórias de espaços que se alinham para criar novas realidades. (LOUÇÃO, 2012, comunicação pessoal)

Projectar | Espaços vividos



Fig. 17 - Museu Can Framis, Jordi Badia, Barcelona, Espanha

É necessário considerar a presença do passado para projectar o tempo presente. O passado representa a identidade cultural condicionando tudo aquilo que possuímos e que nos pertence. Esse passado pode ser considerado como um conjunto de histórias e materiais que fizeram parte e que marcaram a nossa vivência, que contribuem para a formalização do espaço físico, permitindo projectar o futuro utilizando essas aprendizagens como estímulos para progredir.

É da experiência, da habitação dos espaços, que resulta a arquitectura.
(LOUÇÃO, 2012, comunicação pessoal)

Em projecto existe uma constante procura, a génese que está subjacente aos espaços da memória e à maneira como eles nos tocam e fazem sentir fomentam novas atmosferas referenciáveis a esses espaços que já foram por nós vividos, que já foram por nós experimentados e sentidos.

Tudo o que nos envolve, tudo o que nos marca, tudo o que nos toca e no qual tocamos, tudo o que nos faz sentir, os odores, o sons, o tacto, o paladar, todas as sensações, tudo nos modifica e amplia, construindo um futuro fundamentado nessas memórias, referências, experiências e vivências.

Com isto, para projectar e para construir um conjunto de espaços qualificados é essencial, como enuncia a arquitecta Dulce Loução (comunicação pessoal, Dezembro 2012), “Ver exhaustivamente arquitectura, percorrer a cidade, ler, ver cinema, viver, em suma, próximo do tangível e do sensível.”.

Tendo sempre em consideração o passado, é essencial adquirir conhecimento que estabeleça relação com o tempo actual, um tempo também ele caracterizado por aprendizagens e reconhecimento de causas e efeitos. Na Pousada de Cascais (Fig. 19) é notória a relação que o arquitecto Gonçalo Byrne conseguiu estabelecer entre os dois tempos, passado e presente. É fundamental considerar o passado mas fundamentalmente viver o presente sem renunciar a nada daquilo que a actualidade nos presenteia.

Só interessa projectar para destinar um lugar ao homem, no mundo, em humanidade. (LOUÇÃO, 2012, comunicação pessoal)

Passado vs Tempo actual



Fig. 18 – Pousada da Cidadela de Cascais, Gonçalo Byrne, Cascais, Portugal

Projectar para o ser humano

Para projectar é essencial perceber qual é o significado e que consequências se irão reflectir na vida do ser humano, na sua evolução e no seu comportamento em sociedade.

Ao estabelecer essa conexão com o passado, o objectivo é que ao projectar, o processo possa estar assente numa base segura e firme onde possam ser sustentadas novas ideias, pesquisas e experimentações.

A arquitectura é o espaço físico, concreto e palpável que cria um vínculo entre o indivíduo e o ambiente que o circunda. Para o arquitecto Juhani Pallasmaa “a arquitectura é o nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo [...] ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade.”. (PALLASMAA, 2011, p.17)

Capítulo II

PERCEPÇÃO SENSORIAL

O que tu desenhás é um edifício que deixa espaço, um vazio como um receptáculo de emoções das coisas em si mesmas. Para deixar esse vazio, mas, na verdade, mais do que simplesmente deixar, você precisa criar ambiente para recebê-lo. A arquitectura tem um corpo de si própria, pois é nela que a vida acontece. Emoções.

Peter Zumthor,
Conversazioni con Peter Zumthor / Conversations with Peter Zumthor

DESENVOLVIMENTO

Capítulo II PERCEPÇÃO SENSORIAL

2.1. Percepção e Sinestesia A percepção do espaço através da Luz, da Cor, da Matéria e da sua relação sinestésica

Atendendo ao facto do conceito de espaço se apresentar como sendo amplo, o objectivo é fazer o seu entendimento no sentido de conhecer, perceber como este é revelado, como é compreendido e de que forma é interiorizado e apreendido pelo utilizador.

O espaço afirma-se como sendo o ambiente que nos envolve, onde se desenvolve a nossa relação com o exterior do nosso corpo e os nossos sentidos, nunca devendo, quanto a nós, ser encarado como uma entidade abstracta.

Conceito de Espaço

Apesar de se fundamentar em grande parte o conhecimento do espaço *abstracto* principalmente no que respeita à sua representação no projecto de arquitectura, o objectivo da arquitectura passa pela transformação do espaço *real*, o espaço que é apreendido pelos nossos sentidos, o espaço vivido.

O espaço arquitectónico é o espaço vivido e não o espaço físico, e o espaço vivido transcende a geometria e a mensurabilidade. (PALLASMAA, 2011, p.13)

Espaço Arquitectónico

O espaço assume-se como extensão da existência humana. A relação que o espaço estabelece com o ser humano é fundamental na *construção* de ambos.

Bruno Zevi, um dos teóricos que se debruçou sobre a compreensão do conceito de espaço e a sua relação com o tempo, destacou a sua importância para o entendimento da arquitectura no seu livro *Saber Ver a Arquitectura*. Nesta sua obra, Zevi afirma que o que define a arquitectura seriam não os elementos físicos, estruturais, mas sim, o espaço criado no vazio formado por esses elementos. Segundo o autor, o espaço só pode ser apreendido através da vivência do sujeito, da experimentação, da sensibilidade que o espaço reflecte no utilizador, um espaço percebido através da elevação máxima dos sentidos.

[...] apreender o espaço, saber vê-lo, é a chave para a compreensão da construção. (ZEVI, 1974, p.23)

Percepção

A percepção é um fenómeno de natureza subjectiva, sendo o termo oriundo do latim *percipio*, que por sua vez é derivado de *capio*, cujo significado é “agarrar, prender, tomar com ou nas mãos”, unindo-se, desta forma, ao tacto, ao contacto (CHAUÍ, 1989, p.40). Perceber o espaço é ser tocado pela luz, pelo som, pelo gosto, pelo cheiro.

É nas interacções realizadas entre o corpo e o espaço que a percepção toma conteúdo. O corpo actua no mundo exterior, sendo através do corpo e através dessa intersecção, que a percepção toma forma ao alcançar o mundo interior. É por intermédio do sensorio e também do movimento do corpo no espaço que se torna possível a compreensão do ambiente que nos envolve.

[...], é evidentemente na acção que a espacialidade do corpo se realiza, [...]. Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume activamente, [...] (MERLEAU-PONTY, 1994, p.149)

A percepção sensorial ¹ implica uma combinação entre estímulos, que se completam e modificam. Os sentidos não funcionam isoladamente, mas sim de forma conjunta em sinestesia ². De forma isolada, assiste-se a um impedimento de revelar todas as possibilidades do sensorio. Os estímulos acontecem de forma simultânea, assim sendo, a percepção do ambiente que nos rodeia resulta da interação entre todos os sentidos, em múltiplas direcções.

Sinestesia

O sensorio é moldado pelo contexto sociocultural, ou seja, a situação social e cultural dos indivíduos é incorporada, num processo que molda o corpo e o sensorio na percepção espacial.

A experiência espacial não é simplesmente visual, mas multisensorial, considerando sempre os factores culturais que condicionam esses canais sensorios.

Multisensorial

Ao fazer uma abordagem acerca do corpo e do sensorio, essa abordagem implica que se tenha sempre em consideração a cultura, pois o corpo é uma entidade que se forma também culturalmente. O sensorio não existe de forma natural, mas é o resultado de uma realidade social, histórica e cultural.

A concepção do corpo como entidade que se apresenta completa no momento da interação com o espaço, que em conjunto exploram o entorno por meio do sensorio e do movimento, intercalados com os processos de construção de significados intelectuais e emocionais que dão forma à percepção do espaço construído.

O campo da multisensorialidade e os significados emocionais e culturais que certos materiais, cores e formas adquirem, permite auxiliar no esclarecimento das leituras feitas a algumas obras arquitectónicas.

A influência da cultura como força transformadora da experiência espacial é um importante ponto a realçar, pois a percepção concebe-se no corpo que é uma entidade construída culturalmente. A cultura assume-se como processo em construção contínua resultante da combinação de um

[1] Percepção sensorial é a percepção que os seres têm do espaço pelos múltiplos sentidos. Não requer consciência, de forma a que não é apenas uma capacidade humana.

[2] Sinestesia: do Grego συναισθησία, συν (syn), "junto" e αισθησία (aisthesis), "sensação"

conjunto variável de factores. Dessa forma, o conceito de *habitus*, quando aplicado à arquitectura, refere que a percepção do espaço arquitectónico não é a mesma para todos, considerando a possibilidade de indivíduos com culturas diferentes terem uma diferente percepção do espaço arquitectónico.

Com isto, é possível afirmar, que a relação do indivíduo com o espaço é feita inicialmente de um modo perceptivo, de acordo com a interpretação pessoal, que resulta das vivências, cultura e simbolismos. No entanto, a percepção do espaço só é possível através da interacção realizada pelos sentidos.

A percepção funciona como meio para o conhecimento do espaço, sendo este percebido inicialmente de um modo físico e através da captação de estímulos exteriores apreendidos pelos sentidos. Deste modo, é criada uma imagem de espaço que resulta de factores experimentados fisicamente e também de factores experimentados mentalmente. A cultura e a sociedade no qual se insere também são determinantes no modo como o ser humano reconhece as suas funções e capacidades, e posteriormente usa o espaço de acordo com a sua identidade, conferindo à memória um papel determinante na relação do indivíduo com o lugar.

Experiência multisensorial

A arquitectura pode ser encarada como uma experiência multisensorial.

A arquitectura é a arte de nos reconciliarmos com o mundo e esta mediação se dá por meio dos sentidos. (PALLASMAA, 2011, p.68)

Arquitectura dos Sentidos

Uma experiência que podemos definir como uma arquitectura dos sentidos, onde existe a necessidade de integrar esses sentidos para dessa forma observar o espaço e assim ser feito o entendimento do lugar. Sentir

com os sentidos e através deles, para assim se definir o lugar e dessa forma ter a percepção do espaço.

Arquitectura dos sentidos, será então uma arquitectura onde se trabalha amplamente a estimulação visual das cores, formas, e o modo e intensidade com que a luz nelas incide, bem como as sensações recorrentes do tacto proporcionadas pelos diferentes materiais e superfícies com os quais o utilizador do espaço interage. Cada detalhe permite a criação de uma experiência integrada e rica, permitindo dessa forma, estimular o utilizador provocando nele diferentes sensações. Uma arquitectura que se representa e constrói através do toque comunicando assim com o meio envolvente.

O arquitecto italiano Gio Ponti, através da frase “nada existe, senão através da mão”, resumiu a importância do tacto para a percepção do espaço. Sendo o tacto o primeiro sentido que se desenvolve ao nascer é através dele que sentimos o mundo. Dessa forma, a importância que se dá ao espaço construído no sentido de ele propiciar o descobrimento de novas sensações.

O arquitecto finlandês Juhani Pallasmaa, especialista em arquitectura multisensorial, também defendeu esse conceito no seu livro *Os olhos da pele: A arquitectura e os sentidos*, onde explicou a relação directa que existe entre a pele e o sentimento de habitar o espaço. Reflecte neste livro acerca das relações que se estabelecem entre a arquitectura e os sentidos. Sustenta a sua teoria na importância que deve ser dado ao sentido táctil para a experiência e compreensão do lugar.

A cultura contemporânea aborda o sentido visual como dominante, a visão ao ter um foco tão significativo leva à supressão de outros sentidos tendo como consequências o desaparecimento das qualidades sensoriais e sinestésicas da arquitectura.

Sentidos



Fig. 19 "As palavras são chaves misteriosas. As temos na mão e nunca sabemos que fechaduras abrir."

Tela: Rene Magritte (Les Amants, 1928)

A percepção do mundo pelas sensações, e não só pela percepção visual, é um acto complexo que deve ser entendido como componente fundamental para o desenho de objectos e espaços ajustados ao conforto e bem-estar humano. (PERNÃO, 2006, p.151)

A arquitectura deve atender a todos os sentidos simultaneamente e fundi-los de acordo com a experiência que o indivíduo tem do ambiente que o envolve. Essas experiências provindas da presença e vivência no lugar devem ser acomodadas e articuladas, aumentando a noção da realidade e do indivíduo enquanto elemento que pertence a uma sociedade.

A arquitectura tem que relacionar e projectar significados, experiências multisensoriais, interacções entre os sentidos e adicionar impressões pessoais sobre os objectivos destes na expressão e na experiência da arquitectura.

A experiência da arquitectura traz o mundo para um contacto extremamente íntimo com o corpo. (PALLASMAA, 2011, p.57)

A arquitectura para além do seu significado funcional, deve ter como papel fundamental de activar a imaginação e despertar no ser humano emoções e sensações, sendo esse objectivo concretizável através do forte sentido de materialidade, textura, peso, densidade do espaço, cor e luz materializada.

The timeless task of architecture is to create embodied and lived existential metaphors that concretize and structure our being in the world architecture enables us to perceive and understand the dialectics of permanence and change, to settle ourselves in the world, and to place ourselves in the continuum of culture and time.³ (PALLASMAA, 2007, p.71)

[3] *A tarefa intemporal da arquitectura corresponde à criação de metáforas existenciais vividas e incorporadas que concretizam e estruturam o nosso ser no mundo. A arquitectura permite-nos perceber e compreender a dialética de permanência e mudança, para assentarmos no mundo, e colocarmos na continuidade da cultura e do tempo. (Tradução livre)*

A arquitectura é espaço e o espaço estabelece uma estreita relação com a matéria, tendo início no limite da matéria palpável e que é identificável através da interacção que se cria entre luz e sombra. Sendo através da luz que este é revelado.

Ligada à reabilitação e à adaptabilidade de um espaço a novos usos/funções é importante compreender o modo como o ser humano se relaciona com o espaço e de que forma a matéria que o compõe e define, influencia na forma de habitar esse espaço, conferindo-lhe identidade.

Ligado ao espaço surge a matéria como um dos elementos fundamentais para a existência deste e para a criação de uma identidade. Para além do seu sentido tectónico, estabelece-se uma relação próxima entre matéria e representação, no sentido em que as suas potencialidades de expressão e as suas características permitem um controlo da essência do espaço e a forma como este interage e posteriormente é percebido pelo indivíduo, influenciando o seu modo de habitar.

A luz influencia a percepção do espaço, a relação entre a forma e a sua complexidade e afecta a relação do indivíduo com o lugar. A luz assume um papel fundamental no processo de revelação e configuração do espaço, no entanto, a percepção do espaço só é conseguida considerando também a matéria, a cor e a forma.

A relação que se estabelece entre cor e arquitectura, manifestou ao longo do tempo infinitas ambiguidades, tendo sido pouco valorizada.

É importante ser feita a compreensão da importância da cor na percepção e na arquitectura. Deste modo, é relevante considerar que aquilo que vemos, vemos porque existe luz, sendo a luz a responsável pela revelação do espaço.

A cor resulta da interacção entre a luz e a matéria. No escuro não vemos a cor, percebemos a existência dos objectos através do toque, sendo através deste, que o espaço é percebido.

Para ver o espaço dependemos da experiência e também do estabelecimento de uma relação sinestésica, ou seja, pela relação de planos sensoriais diferentes.

Sem luz, como já foi referido, não há aparência, não há cor. A cor não é uma propriedade dos objectos, não se encontra nos objectos, encontra-se em nós, no nosso cérebro.

É importante salientar a existência de variáveis que influenciam a percepção da cor na organização do espaço visual. A percepção da cor pode variar em função do contexto, matéria, luz, textura, brilho, dimensão, distância, posição no espaço e tempo.

Concluindo, o mundo é visto com manchas de cor. Com luz há aparência, e sempre que há aparência, há cor. E é através da cor que o espaço é percebido, sendo através da análise de cores que o espaço que nos rodeia, que conhecemos e que está na nossa memória é formalizado. A luz interage com a matéria, sendo através desta interacção, que é feita a nossa percepção da cor. A luz dá-nos a percepção do espaço através da interacção com a matéria. Ao existir luz, existe cor, conformando o limite do espaço, sendo através da cor, que percebemos a sua forma. A matéria formaliza os limites e a cor formaliza o espaço. A cor em arquitectura tem um papel fundamental, pois é a cor que traduz o sentido desta, ao estabelecer informação que determina a sua forma na nossa percepção.

Capítulo III

PROJECTAR COM LUZ, COR E MATÉRIA

A variação da cor pela luz contém em si a chave para a descodificação, classificação e ordenação da envolvente, através do reconhecimento de relações de harmonia. A construção da imagem da realidade física que nos rodeia é, por isso, uma procura de ordem estética, indissociável do prazer do reconhecimento da ordem no caos dos estímulos visuais.

João Pernão,

Elementos para um Novo Entendimento da Cor como Geradora do Espaço e do Tempo, p.172

DESENVOLVIMENTO

Capítulo III PROJECTAR COM LUZ, COR E MATÉRIA

3.1. Um Espaço de Atmosferas A Luz, Cor e Matéria como elementos que integram e geram o espaço arquitectónico

Quando se produz uma atmosfera, a essa atmosfera está intimamente ligada uma sequência de imagens de carácter arquitectónico que resultam das nossas vivências do lugar. O espaço, as proporções, a forma, as texturas, a dicotomia luz – sombra, a ambiguidade dos cheios e vazios, a cor, os sons, os odores, a matéria já experimentadas, sentidas e incorporadas na memória e as funções prestadas num edifício são a componente do projecto sendo através desta junção dos vários elementos que se constrói e formaliza um espaço produtor de sensações e emoções.

A imagem do universo é-nos possibilitada pela luz, a geradora da imagem da realidade. (PERNÃO, 2006, p.174)

No desenho de arquitectura é notória a interligação e a importância da luz relativamente à sensibilidade ambiental que é importante ir adquirindo e aplicando de forma consciente no projecto.

A reflexão acerca da quantidade de luz que é necessária num espaço, a importância da composição e configuração de um espaço através da dicotomia luz – sombra (Fig.22) são aspectos a ter sempre em consideração na elaboração de um projecto. Ao contrário do que será prática comum de algumas abordagens de arquitectura, imaginar as formas

Atmosfera

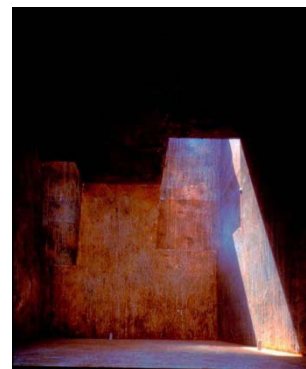


Fig. 20 - Maqueta da escultura de Chillida para Tindaya

A atmosfera de Chillida

Luz

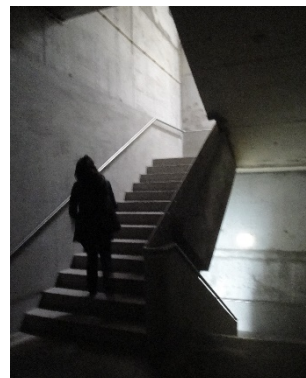


Fig. 21 - Reabilitação da antiga fábrica dos Leões - Complexo de artes e arquitectura da universidade de Évora, Inês Lobo, Évora, Portugal



Fig. 23 e 23 – Biblioteca da Universidade de Aveiro, Siza Vieira, Aveiro, Portugal



num espaço abstracto, o nosso objectivo será construir o espaço a partir da percepção e ir revelando as formas pela introdução de luz (quer natural, quer artificial) (ver fig. 23 e 24) de acordo com os nossos objectivos de projecto.

Em termos de características físicas, a luz pode ser classificada como luz fria e luz quente, sendo determinada por Graus Kelvin. A temperatura da cor é dada pela cor da lâmpada (frequência), mas do ponto de vista da reacção psicológica classificamos também como quente e fria a luz reflectida nos corpos, assumindo as características da sua cor e matéria, contribuindo para alterar a percepção de um ambiente.



Fig. 24 - Museu de Aveiro, antigo Convento de Jesus, Alcino Soutinho, Aveiro, Portugal

A luz determina a nossa percepção da arquitectura, ela modifica os espaços e caracteriza-os. Um mesmo espaço com luz diferente comporta-se como um espaço distinto. No entanto, a percepção do espaço só é conseguida através da matéria.

O material pela qual a luz flui, a textura, a cor das superfícies são importantes pontos a considerar, pois o mesmo material pode assumir um contexto diferente de acordo com a forma como a luz incide nele.

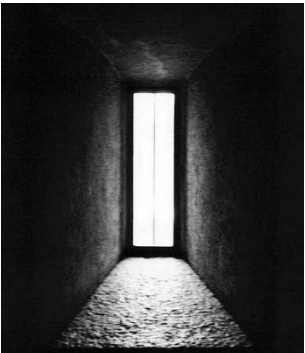


Fig. 25 - Castelvecchio, Carlo Scarpa, Verona, Itália

A luz natural caracteriza-se por ser económica e benéfica para a saúde e bem-estar. O equilíbrio do bem-estar é formalizado através da combinação entre o factor luz – sombra.

Em termos de iluminação artificial, esta é produzida por técnicas humanas e cabe à sensibilidade do arquitecto a recomendação para a escolha do melhor tipo de iluminação e de aparelhos que melhor se adequem ao objectivo e uso/função do espaço.

A incidência da luz sobre a matéria

A iluminação artificial pode ser classificada quanto à direcção da projecção (Directa; Indirecta; Mista), quanto à função (Ambiente; Trabalho-Localizada; Emergência e/ou Sinalização) e quanto à distribuição (Geral ou Focada/Destaque).

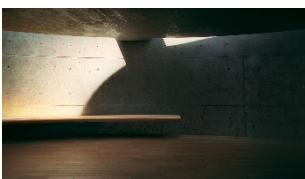


Fig. 26 - Koshino House, Tadao Ando, Ashiya, Japão

Para cada espaço deve ser tomada a opção mais adequada ao seu uso/função, pois a iluminação influencia a performance e os níveis de

A luz e a sombra

satisfação de quem dela usufrui. A regulação da intensidade, direcção e cor são importantes pontos a ter em consideração.

A cor é uma experiência sensorial ambígua, ao mesmo tempo concreta e abstracta: pode ser vista e tocada, mas desaparece ou transforma-se continuamente de acordo com as circunstâncias da sua observação, não constituindo para a percepção uma característica imutável dos objectos. Mas é pela cor que percebemos toda a informação da imagem do que nos rodeia constituindo a génese da nossa reacção imediata de agrado ou desagrado face à nossa envolvente, nomeadamente nas suas vertentes estéticas, ergonómicas e de conforto. (PERNÃO, 2009, p.2)

A cor resulta da interacção entre a luz e a matéria. (Fig. 28 e Fig.29)
No escuro não vemos a cor, percebemos a existência dos objectos através do toque, sendo através deste, que o espaço é percebido.

A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria. (PALLASMAA, 2011, p.53)

Para ver o espaço dependemos da experiência e também do estabelecimento de uma relação sinestésica, ou seja, pela relação de planos sensoriais diferentes.

Sem luz não há aparência, não há cor. A cor não é uma propriedade dos objectos, esta não se encontra neles, encontra-se em nós, no utilizador do espaço. Como refere João Pernão “A cor é portanto tudo o que vemos, não com os olhos, mas com o cérebro.” (PERNÃO, 2009, p.2)

A cor é uma característica dos objectos numa superfície que provoca uma sensação.

Cor

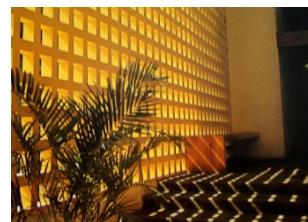


Fig. 27 - Capela das Capuchinhas em Tlalpan, Luis Barragán, Tlalpan, México



Fig. 28 - Convento Sainte-Marie de La Tourette, Le Corbusier, Éveux, França



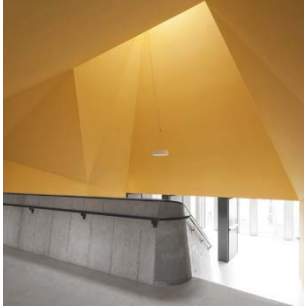
Fig. 29 - Teatro e Auditório, Carrilho da Graça, Poitiers, França



Fig. 30 - Restaurante Bica do Sapato, Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, Lisboa, Portugal

Se vemos algo é porque existe luz, se existe luz existe cor. (PERNÃO, 2012, Seminário Cor)

A luz dá-nos a percepção do espaço através da interacção com a matéria. Ao existir luz, existe cor conformando o limite do espaço, sendo através da cor que percebemos a sua forma. A matéria formaliza os limites e a cor formaliza o espaço. (Fig.32 e Fig. 33)



É a relação entre as cores das várias superfícies iluminadas, em determinada posição e com determinada intensidade, que produz em nós a compreensão da envolvente tridimensional que nos rodeia. (PERNÃO, 2006, p.172)



Fig. 32 e 32 – Escola Secundária Braamcamp Freire, Cristina Veríssimo e Diogo Burnay, Lisboa, Portugal

Ao observar um objecto, ao fazer o entendimento do espaço existe um limite | fronteira, deste modo, a visão percorre a fronteira entre as duas cores, para assim dar nome a essa forma. O cérebro caracteriza-se, também por fazer a união de cores semelhantes e destacar a forma do fundo, construindo as volumetrias através da cor em interacção com a iluminação.

Ao referir a cor que nos é apresentada por um objecto, é necessário perceber a possível dualidade apresentada por este, que se distingue nos conceitos de cor inerente e de cor aparente. A cor inerente é a cor física dos objectos, a cor que os constitui, sendo a cor aparente a cor que vemos neles. É a percepção que nos permite ver os objectos, sendo essa resultante da cor percebida, que varia de acordo com a intensidade e a incidência da luz sobre a matéria.

Le Corbusier na obra Polychromie Architecturale considera que dentro de um vasto leque de cores existem as que podemos designar como “cores arquitectónicas” que se distinguem das cores nomeadas de não arquitectónicas. A diferenciação coabita na possibilidade que certas cores têm em ser justamente utilizadas em objectos mas não serem adequadas a ser utilizadas em arquitectura. As cores arquitectónicas são as cores

orgânicas, as cores minerais que permitem estabelecer uma harmonia com a envolvente natural. As cores não arquitectónicas são as cores químicas que não permitem estabelecer harmonia com a envolvente.

O branco, utilizado em grande quantidade na arquitectura, tem um grande valor estético e simbólico que obriga a uma utilização consciente da cor. A não utilização consciente desta cor pode ser destrutiva do conforto e pode prejudicar a visibilidade. Do ponto de vista fisiológico não conseguimos estar a olhar continuamente e a habitar um espaço quando a cor que nos envolve é maioritariamente o branco.

No espaço visual existem um conjunto de variáveis que influenciam a percepção da cor na organização do mesmo. Essas variáveis são, segundo João Pernão, a cor e contexto; cor e matéria; cor e luz; cor e textura; cor e brilho; cor e dimensão; cor e distância; cor e posição no espaço; cor e tempo.

A variável *Cor e Contexto* destaca a variação da cor dependendo do seu contexto, isto significa, que na integração do objecto arquitectónico é preciso perceber a envolvente. É relevante entender que existem cores contínuas ao longo do tempo e cores que variam, sendo também necessário perceber o funcionamento a uma microescala e a uma macroescala.

A variável *Cor e Matéria* baseia-se na complementaridade existente entre a textura física e a textura visual.

A variável *Cor e Luz* destaca a influência que a iluminação tem sobre a cor, onde a ausência de luz conduz à inexistência de cor. Segundo Le Corbusier, qualquer cor pode ser excitante ou calmante, tudo depende do contexto, da envolvente, do meio onde se insere e da projecção da luz sobre a superfície.

A variável *Cor e Textura* refere-se à alteração da cor de acordo com as características da superfície em que se encontra. Uma superfície com mais textura conduzirá a uma reflexão difusa e desse modo à nossa aparência ela apresentará uma cor mais escura.

A variável *Cor e Brilho* reporta-se ao facto de uma superfície com brilho ter uma reflexão directa da luz e desse modo ir buscar as cores da envolvente cromática que serão aglutinadas com a sua própria cor, resultando daí uma aparência em constante transformação.

A variável *Cor e Dimensão* destaca a influência e a interferência da cor na dimensão dos espaços. Existem cores dominantes, subdominantes e de acentuação. Dependendo da dimensão da superfície esta pode ser mais forte (em superfícies mais pequenas) ou fraca, ou que quanto mais longe se encontra mais acinzentada é a cor.

A variável *Cor e Distância* enuncia que a distância altera a percepção cromática. Esta condição tem mais significado nos estudos de cor em ambiente urbano em que a variante distância pode tomar valores maiores.

A variável *Cor e Posição no Espaço* destaca a existência de inúmeras gradações de cor, nenhuma delas pode ser considerada como boa ou má cor, o que acontece é a existência de cores mal ou bem utilizadas.

Relativamente à variável *Cor e Tempo* é importante ter em consideração a relação que o tempo tem com a arquitectura podendo a cor ser utilizada para enfatizar a passagem do tempo.

Estas variáveis auxiliam na classificação do espaço e na produção de objectivos arquitectónicos.

A cor auxilia na concepção de espaços que originam no utilizador situações de conforto, devendo ser utilizada com clareza.

A cor desempenha um papel muito importante em projectos de reabilitação, ou seja, na conjugação e integração do novo com o pré-existente.

De acordo com João Pernão, as características qualificadoras do espaço arquitectónico potenciadas pela utilização da cor são o conforto e ergonomia; clareza de comunicação; adequação psicológica; afirmação estética; identidade; referência e orientação espacial; adequação tipológica

morfológica, histórica e cultural; relação interior | exterior; relação espaço | tempo.

Em primeiro lugar, o *Conforto e Ergonomia* têm como objectivo o entendimento das relações de conforto do sujeito com o espaço. É importante referenciar o caso da cor branco, pois como já referi anteriormente, esta cor é utilizada de forma muito abrangente na arquitectura, e no entanto, nem sempre é aplicada de forma correcta. O branco reflecte luz, logo aplicar essa cor num espaço que se quer de concentração, influenciará no conforto de quem habita o espaço e de quem dele usufrui influenciando negativamente a qualidade do trabalho produzido. Em espaços de concentração deve existir pouco contraste cromático e os materiais devem ter um brilho controlado. É importante ao projectar espaços de concentração, que estes apresentem cores suaves e não reflectoras, onde possa ser feita uma correcta e equilibrada distribuição da luz. Associada à cor está a utilização de materiais que pela sua textura e cor nos permitam conforto e comodidade.

Em relação à *Clareza de Comunicação*, esta variável destaca a possibilidade dada por um material no reforço dos objectivos da arquitectura. Como no caso da integração entre o novo e o pré-existente, onde a integração é marcada pela harmonia de adjacência ou contraste. A cor auxilia, reforça e qualifica os espaços servindo como orientadora de percursos.

A terceira variável a *Adequação Psicológica* reflecte acerca da percepção do espaço através das reacções do utilizador à cor. O espaço tem que se adequar à função e a própria função pode ser intensificada através da cor. Esta pode ser utilizada para criar sensações de distanciamento ou proximidade, organização do espaço, orientação ou ainda com o objectivo de intensificar outros sentidos. As sensações desencadeadas pela cor, que variam de acordo com o indivíduo, propiciam o desencadeamento de diferentes estados de espírito, influenciando o bem-estar do utilizador do espaço. A cor deve ser utilizada de acordo com a função / uso do espaço e em conformidade com as sensações que se pretenda que o espaço

desencadeei. No entanto, destaca-se o quão é importante para o ser humano a alteração de cores e a variação da intensidade da luz num espaço.

A variação de incidência da luz sobre um objecto altera a aparência da cor das várias superfícies que o compõem, bem como das superfícies que o rodeiam. Essa alteração produzirá diversas percepções desse objecto, as quais, em conjunto com outras informações dos sentidos, construirão a ideia que temos dele. (PERNÃO, 2006, p.173)

Outra variável importante é a *Afirmação Estética* das opções de projecto, valorizada através da cor. A cor, as harmonias de cores e os materiais utilizados repetem-se no projecto com o objectivo de dar continuidade e uma afirmação estética coerente desse projecto.

A variável *Identidade* caracteriza-se por conceder ao espaço uma personalidade específica, tendo algo que o diferencie e o torne único em relação aos seus semelhantes, ressaltando um elemento mais importante como uma entrada, umas escadas ou outro elemento. Recorre-se à cor e ao material como forma de definir essa identidade. Esta variável está relacionada com a variável *Referência e Orientação Espacial* que visa a utilização de elementos com cromatismo ou material diferente que facilite a orientação do indivíduo no espaço, estabelecendo um percurso ou indicando os pontos de acesso, servindo assim como referência e facilitando a leitura do espaço.

A sétima variável é a *adequação morfológica, tipológica, histórica e cultural* que segue os propósitos de conformidade entre o período do edificado e os materiais e soluções adoptadas. Para que essas soluções não surjam de forma despropositada, deve ser feita uma análise histórica e iconográfica do objecto a reabilitar.

Na forte relação entre *Interior | Exterior*, a cor pode actuar estabelecendo uma relação de contraste ou adjacência. Existe também a possibilidade de ter uma cor no exterior que pela sua reflexão se irradie

para o interior do espaço, coexistindo numa continuidade entre interior e exterior, formando um todo.

Por último, surge a variável que estabelece a relação entre *Espaço / Tempo*. A luz e a cor assumem em reabilitação um papel fundamental. A luz ao incidir num espaço marca um ritmo de aproximação ou distanciamento do objecto. A introdução da cor, por sua vez, também salienta uma sensação de maior aproximação ou afastamento. Deste modo, é possível perceber um tecto com um pé-direito mais baixo do que o espaço na realidade tem, ou, ver um corredor menos profundo do que na realidade ele é. Com este objectivo, é feita a introdução de uma cor mais escura para baixar a altura de um tecto, ou de uma cor mais clara se o objectivo for a ampliação do espaço. Todas estas técnicas servem para potenciar as características de percepção presentes num espaço, e assim dessa forma, definir melhor a relação entre o utilizador e a arquitectura, de acordo com os objectivos do projecto.

*A arquitectura constrói-se da matéria, a matéria concentra-se dentro de um determinado campo, esse campo é uma identidade, essa identidade tem uma lógica intrínseca, tem um interior, e tem uma forma de reacção com o exterior, portanto, o que interessa é a concentração sobre esse campo.*³

A luz tem uma grande capacidade de transformar um lugar ao tocar a matéria. (Fig.34) Ao realizar um projecto de arquitectura é fundamental pensar os espaços de acordo com as funções / usos que nele se vão desenvolver. A importância de perceber de que forma a luz incide no espaço, a textura da matéria com a qual contacta, a intensidade desse contacto, como reflecte nos diferentes materiais, são aspectos importantes a considerar na configuração de um espaço produtor de sensações e emoções. O edifício / espaço projectado deve ser pensado como uma

Matéria

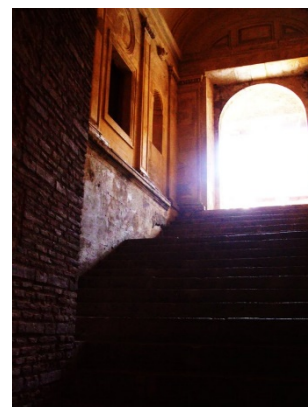


Fig. 33 - Alhambra de Granada, Espanha

³ Citado por Aires Mateus, *Arquitectura e Vida* Nº 54, p.38-45



Fig. 34 – Alhambra de Granada, Espanha

A luz e a matéria

massa onde os materiais que constituem essa massa se colocam sob a luz, e assim dessa forma se observa como a luz é reflectida. A iluminação deve ser geradora de emoções, produtora de sentimentos, pois é essa interacção entre matéria, luz e cor que é responsável pela vivência do sujeito no espaço.

O espaço projectado deve tocar o indivíduo que o habita, ao entrar deve ser percebida a atmosfera que imediatamente provoca uma sensação. A atmosfera sugere uma sensibilidade emocional. Sendo esta a primeira impressão causada por um espaço, é a compreensão imediata, o contacto imediato ou uma rejeição imediata que é desencadeada pela nossa sensibilidade emocional.

Ao falar da matéria que constitui o espaço e o define, é importante destacar a interacção fomentada pela diversidade de materiais que o constituem. Os materiais pelo facto de não terem limites podem ter uma presença diferente, peso, compatibilidade, texturas, eles relacionam-se e interagem entre si, podendo um mesmo material ter inúmeras possibilidades.

[...] imaginem uma pedra que podem serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. E depois pensem nesta mesma pedra em quantidades muito pequenas ou em quantidades enormes, será outra vez diferente. E a seguir exponham-na à luz, e ela será mais uma vez diferente. Apenas um material e já tem mil possibilidades. (ZUMTHOR, 2006, p.25)

Já tendo sido destacada a relação da matéria na interacção com a luz e a interacção entre diferentes materiais é fundamental também entender a matéria como produtora de som. O espaço amplia o som, e também o transmite, estando inteiramente relacionado com a forma que o

espaço assume, com a superfície dos materiais que o constituem e também com a forma como esses materiais foram aplicados.

Enfim, a arquitectura é a arte do silêncio petrificado. Quando cessam os ruídos das obras de construção e esmaecem os gritos dos trabalhadores, uma edificação se torna um museu do silêncio. (ZUMTHOR, 2005, p.49)

Os materiais devem utilizar-se em consonância, devendo produzir-se um diálogo necessário entre todos os elementos que constituem o espaço.

O espaço, os sons, a luz, a matéria, a cor e as funções prestadas num edifício são produtoras de emoções e sensações.

O espaço tem que ser concebido com o intuito de provocar sensações que estimulam o utilizador. Isto implica uma elevação dos sentimentos e emoções e um despertar dos sentidos elevando a consciência por meio da estimulação sensorial.

A arquitectura tem que ter a capacidade de oferecer uma experiência interactiva entre todos os sentidos, a memória e a imaginação. Relacionar materiais e tons específicos de luz de forma a provocar sensações e emoções nas pessoas, encarar a luz, o odor, o vazio, o som, a cor e os materiais como parte da concepção arquitectónica permitindo dessa forma, ao utilizador vivenciar o espaço e senti-lo.

Capítulo IV

PROPOSTA

Em suma, admito que provavelmente tudo se relaciona um pouco com o amor. Amo a arquitectura, amo os espaços envolventes construídos e acho que amo quando as pessoas os amam também.

Peter Zumthor,

Atmosferas, p.67

DESENVOLVIMENTO

Capítulo IV PROPOSTA

4.1. Projecto para a Unidade de Turismo de Saúde no antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal em Vila Viçosa

4.1.1. Apresentação do objecto de estudo

4.1.1.1. Proposta **Análise Histórica**

Vila Viçosa é detentora de uma história que remonta há vários séculos atrás, desde o período pré-romano tendo sido habitada por distintos povos até à sua romanização e povoada até aos dias de hoje. Outrora a vila era denominada de Vale Viçoso, mas em 1270 D. Afonso III acede carta de foral passando esta a ser designada por Vila Viçosa. No entanto, esta vila só ganha uma maior relevância no período quinhentista aquando da criação de novos eixos de simetria e de marcação de quarteirões que se ergueram respeitando as pré-existências. Com isto, é possível observar três fases de desenvolvimento da vila, o período medieval, o período quinhentista e, por último, o período de intervenção do Estado Novo.

O período de evolução quinhentista originou um conjunto de alterações e novas edificações na vila, surgindo desse modo o Convento de Nossa Senhora do Amparo, mais conhecido por Convento de São Paulo, datado de 1590/97, ano que marca o início da sua construção. Foi edificado em terrenos doados, pertencentes à Ordem do Bem-Aventurado de São

Vila Viçosa



Fig. 36 – Vila Viçosa, durante ensanche quinhentista



Fig. 35 – Vila Viçosa, durante período do Estado Novo

Convento de Nossa Senhora do Amparo | Convento de São Paulo



Fig. 38 – Fachada Noroeste do Convento, com vista para a Praça D. João IV



Fig. 39 – Claustro antes da sua destruição parcial

Paulo, cedidos aos Paulistas de Vale Bom, da Congregação dos monges da Serra d'Ossa, em 1588. Frei Martinho de São Paulo foi o fundador da nova edificação, tendo esta sido construída com as doações e esmolas dos seus devotos. Estima-se que a primeira fase de obras tenha sido concluída em 1620, no entanto há vestígios que a parte da Igreja ou alguma capela provisória possa ter sido terminada algum tempo antes, por volta de 1593. O edifício foi implantado na zona sul da vila sobre os seus muros, junto à estrada de acesso ao Alandroal, num terreno doado pertencente a parte do rossio público, e a outra parte extra-muros também ela doada ou vendida. Destaca-se como sendo o segundo grande convento de Vila Viçosa. No início do século XVIII o edifício sofreu uma segunda fase de construção e de melhoramentos da construção já edificada, tendo sido dirigida pelo frade José Gralho, verificando-se a construção do claustro, da portaria, da sacristia geral, da casa do capítulo e de uma adega, obras que foram concluídas provavelmente pelo ano de 1716. Aquando a extinção das ordens religiosas, converteu-se a teatro em 1835 e a quartel entre 1835/36, tendo sido profanado em 1864. Desde então, iniciou-se um processo de decadência do edifício levando ao reaproveitamento dos seus materiais para outras construções, como foi o caso do levantamento do pavimento de mármore do claustro. A valorização que era dada ao edificado pré-existente na altura era diferente, e por isso, tornou-se necessário relativizar os modos de abordagem ao edificado. Deste modo, o início do século XX é marcado pela destruição parcial do claustro e pelo reaproveitamento do seu mármore também para uma outra edificação. Em 1921 o convento foi vendido à Sociedade Fabril Alentejana (SOFAL) que a adaptou às suas necessidades industriais, conduzindo à realização de obras estruturais.

4.1.1.2. Proposta Enquadramento na envolvente

Localizada na ponta poente do Alentejo Central, o conselho de Vila Viçosa tem uma área de 194,62 km² e aproximadamente 8300 habitantes.

Análise_localização

Trata-se de uma zona privilegiada pela beleza paisagística, riqueza e variedade da vegetação e típico clima mediterrâneo. Destaca-se, ainda, a simplicidade fisionómica, com grandes planícies de solo fértil.



Fig. 40 – Localização de Vila Viçosa

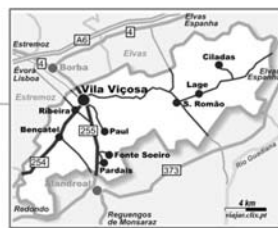


Fig. 41 – Vila Viçosa, relação com as freguesias de Évora

Existem bons acessos viários e uma vasta rede de rotas rodoviárias. No que diz respeito à linha férrea, está neste momento desactivada.

Análise_acessos

O centro da vila está organizado por uma rede de ruas, sendo que são quase todas abertas ao tráfego.



Fig. 42 – Acessos viários a Vila Viçosa



Fig. 43 – Classificação dos diferentes tipos de ruas em Vila Viçosa

Análise_actividades económicas mármore



Fig. 44 – Pedreira em Vila Viçosa

O principal potencial económico do concelho de Vila Viçosa assenta na extracção e transformação do mármore. Esta indústria cria emprego para cerca de 93% da população activa.

Apesar de várias pedreiras estarem desactivadas, a indústria do mármore continua a ser uma mais valia e existem algumas empresas de sucesso neste sector, tal como a ETMA. A tecnologia de ponta usada nesta empresa (*Stone Cut*) permite uma grande precisão na leitura das imperfeições da pedra, tornando-a numa referência a nível mundial.

Análise_património (edificado)



Fig. 45 – Paço Ducal, Vila Viçosa

Vila Viçosa apresenta inúmeros monumentos e edifícios de grande interesse.

Dentro do património edificado, destacam-se seis edifícios classificados como Monumento Nacional, tais como o Castelo, o Paço Ducal e a Igreja e Claustro do Convento das Chagas.

Existem ainda seis outros edifícios com a classificação de Imóvel de Interesse Público (ex: Igreja de S. Bartolomeu), três de Interesse Municipal (ex: Capela de S. Luís) e vários em vias de classificação (ex: Ermida de S. Bento).

Diagnóstico

Vila Viçosa apresenta condições geográficas e climatéricas de grande qualidade, mas verifica-se um grande abandono no que diz respeito à produção agrícola e industrial. Os solos não são aproveitados e muitas pedreiras estão desactivadas.

A população envelhecida e em declínio, a desertificação do interior do país são factores que contribuem para o pouco movimento.

A vila é constituída por três amplos espaços públicos, o Paço Ducal, em frente do Paço Ducal, a Praça das Laranjeiras, que se apresenta como sendo a mais movimentada da vila abrindo-se para o castelo, e a Praça D. João IV, adjacente ao Convento de São Paulo. Esta praça aparenta ser menos cuidada do que as outras, e embora se vire para o mercado,

encontra-se numa das extremidades da parte antiga da vila e isso possivelmente é a causa do seu isolamento.

O edificado encontra-se maioritariamente em bom estado, embora os espaços de praça não se encontrem muito desenvolvidos, com poucas zonas verdes.

Assinala-se também a falta de comércio diversificado, assim como espaços de lazer e convívio.

Os acessos a Vila Viçosa são de qualidade, com excepção da linha férrea, que de momento está desactivada.

Em relação às ruas do centro histórico, estas não possuem muitas vezes largura suficiente para a passagem confortável de peões, uma vez que são abertas ao tráfego.

Outro aspecto a ressaltar é a falta de espaços sombreados, pois Vila Viçosa é uma zona de elevada exposição solar.

4.1.1.3. Proposta Análise Física e Sensorial do Convento



Fig. 46 – Vila Viçosa, zona envolvente do Convento



Fig. 47 e 48 - Presença do Convento em Vila Viçosa

O convento está implantado no terreno contíguo ao rossio, Largo D. João IV, compartilhando com este a sua fachada noroeste, no extremo sul da vila no limite do centro histórico, numa zona marcada por um declive ligeiramente acentuado. A sua fachada sudoeste está voltada para a Rua do Convento, onde existe uma urbanização recente.

Acerca do convento, os volumes construídos são predominantemente horizontais apresentando dois ou três pisos onde se distinguem duas chaminés do tempo fabril. Actualmente, o que se mantém do edifício do convento original é o volume da igreja a noroeste e uma parte do claustro que se apresenta num elevado estado de destruição. Algumas das estruturas que foram construídas no período de funcionamento da fábrica permanecem, tendo sido construído um outro volume horizontal que estabelece ligação à capela-mor a sudoeste e outras edificações a nascente.

Quanto às coberturas, estas são sempre de uma, duas, três ou quatro águas. As fachadas são rebocadas e pintadas de amarelo e em algumas zonas rematadas por cornija e cantaria de beirada, terminando, em alguns locais, em empena. Por vezes são rematados por cunhais de silhares de cantaria aparente e percorridos por embasamento, como é o caso do volume da igreja. O pavimento no interior do conjunto de edifícios é em terra, tendo tido em tempos um claustro em mármore.

A planta da igreja é em cruz latina, com apenas uma nave e com capelas intercomunicantes, transepto saliente e capela-mor com deambulatório e com claustro adjacente.

Na sua fachada, voltada para o Largo D. João IV, é perceptível a distribuição interior da igreja e o volume do transepto, destacando-se ainda dois arcos de mármore e a torre sineira. Os arcos de mármore actualmente encontram-se emparedados, mas outrora, eram abertos sem gradaria dando acesso a um alpendre que acolhia e albergava os peregrinos ou descaminhados. Nesta fachada, é ainda possível distinguir os vãos originais dos que foram abertos posteriormente. Essa distinção é possível pela presença da cantaria em mármore, permitindo-nos concluir que provavelmente só os vãos dos últimos pisos da nave, o último vão do transepto e os dois arcos se assumem como aberturas originais da fachada. Na zona mais baixa, correspondente ao deambulatório, os vãos abertos são de construção posterior. O volume que comunica com a capela-mor assume alguma relevância, uma vez que se constrói em continuidade com o claustro, encerrando o espaço de forma congruente.

Ao percorrermos os espaços interiores e exteriores temos a noção do valor que estes assumem a nível sensorial, da atmosfera que encontramos e que nos propomos a manter e também referências presentes no espaço que são importantes recuperar do passado.

A entrada actual do convento de São Paulo processa-se através da Rua do Convento, que corresponde ao lado mais distante do centro da vila e mais próximo da extremidade sul da vila. Este facto, revela-se como um



Fig. 49 – Fachada noroeste, voltada para a Praça D. João IV

aspecto importante a ter em consideração, pois deste modo, o edifício estabelece uma relação com as zonas mais desvalorizadas, descontextualizadas e recuadas da vila. Desta forma, torna-se necessário estabelecer eixos de interligação a essas zonas tendo como consequência um maior fluxo de circulação. Quando entramos, deparamo-nos com um enorme vazio em terra batida e um claustro que inicialmente nos parece inacabado mas que na realidade foi destruído.

Na primeira visita ao local sentimos estar perante um conjunto de edifícios portadores de grande complexidade, onde hierarquicamente existe uma grande indefinição, uma dificuldade acrescida na compreensão de como os espaços se ligavam e como comunicavam entre si e também de que forma se processava a entrada nos mesmos.

Começamos por aceder à nave da igreja, que se encontra dividida por um piso de natureza industrial e encontra-se encerrada para o transepto. Os três arcos presentes em cada lateral dão acesso às seis capelas laterais existentes, três com acesso pelo claustro, que se encerram para a nave e as restantes três do lado oposto, a uma cota mais baixa, uma diferença de cota de cerca de dois metros. Esse desnível surgiu como resultado da adequação do espaço conventual aos novos usos / funções, neste caso da adaptabilidade do espaço para uso fabril. Denota algum interesse, pois permite desta forma, criar um espaço distinto que se destaca e o isola do espaço central da nave. A partir da nave acedemos à zona do antigo alpendre, um espaço com pé-direito elevado em abóboda cruzada, de construção cerâmica e composto por dois arcos também em abóboda cruzada, que configuram os dois arcos de mármore da fachada noroeste. Através do claustro é possível aceder ao piso superior do convento, e daí aceder a dois espaços. Um situa-se por cima da zona do antigo alpendre, apresenta abóboda de aresta e é iluminado por uma luz difusa que entra por dois grandes vãos, que se orientam a nordeste. Estes vãos assumem destaque no espaço, devido à sua dimensão, mas também pela forte relação que estabelecem com o exterior, estando direccionados sobre a vila e o castelo. O outro espaço é caracterizado por uma zona

exterior limitada por paredes que permitem o acesso ao nível superior da nave. O nível superior da nave é um espaço composto por seis aberturas de dimensões profundas, três de cada lado viradas a noroeste e sudeste. A configuração da abertura, em conjunto com a orientação permite a entrada de uma luz subtil no interior do espaço. Através do piso superior da nave, é feito o acesso ao nível superior do transepto. Também ele se encontra dividido em três pisos, sendo iluminado por vãos orientados a noroeste. A orientação dos vãos a noroeste resulta numa iluminação que se pode caracterizar como sendo homogénea e não muito intensa. Depois deste percurso, assinalado por uma sequência de espaços iluminados de forma homogénea, alcançamos um ponto do percurso onde temos visão a um nível superior da capela-mor dividida do transepto por uma fileira de três arcos em cada um dos três pisos. Este espaço assume um carácter distinto dos restantes já percorridos e descritos, pelo facto, de em termos luminosos ser composto por uma iluminação bastante forte, proveniente dos vãos que se abrem a poente, ao nível zero e dos que se encontram no nível superior do deambulatório.

As transformações sofridas pelo convento ao longo do tempo, modificaram a zona da capela-mor. Nesta foram possibilitados outros pontos de vista, estabelecendo assim, diferentes relações visuais para o interior da mesma, alterando desse modo a forma como o espaço é experienciado.

O deambulatório, espaço que envolve a capela-mor, é uma zona também interessante, pois apresenta abóbodas em aresta com um pé-direito mais reduzido, onde o acesso é feito a partir da capela-mor ou pelo exterior, mas dentro dos muros que limitam o convento.

4.1.2. Proposta Conceito e Programa

Conceito

Tendo escolhido o Convento de São Paulo como edifício a reabilitar, ainda na fase em que estabelecia qual os novos usos e funções a dar ao espaço a intervencionar, estabeleci como objectivo inicial que o programa a ser implementado no lugar constituísse um edifício que não funcionasse como elemento isolado mas que funcionasse para a comunidade. Um edifício que prolongasse as actividades iniciadas no seu interior para o exterior e que pudesse ser usufruído por todos.

Deste modo, optei por reabilitar o Convento de São Paulo numa Unidade de Turismo de Saúde, direccionada para o turismo de saúde, incorporada num Spa com Hotel.

Dois espaços distintos, mas interligados no seu interior, que funcionam como um conjunto mas que assumem âmbitos diferentes, funcionando como espaços independentes. O facto de estar marcado pela presença de dois núcleos de entrada confere-lhe à partida esse estatuto de independência. O edifício funciona como um *todo* mas assume uma dinâmica de *partes*.

O seu programa procura destinar-se a dois públicos distintos, os que habitam a vila, e os que a visitam. Em término, apresentam-se as dicotomias, os habitantes e os hóspedes, o Convento e os novos volumes, o Spa e o Hotel, o público e o privado, respectivamente.

Tendo sido feita a compreensão dos limites das diferentes épocas no convento, ao fazer a distribuição do programa, optei pela localização do spa, de carácter público, quase na sua totalidade no volume do convento, com o propósito de dar continuidade à história, memória e passado do edifício, mantendo o carácter público que nele sempre existiu. Já o hotel desenvolve-se na sua totalidade no novo volume construído, no entanto, a entrada principal, espaço com carácter público, acontece no edifício conventual, mantendo desta forma a ligação com o passado, onde outrora,

se acedia a um alpendre que acolhia e albergava os peregrinos ou descaminhados. A zona privada do hotel desenvolve-se no novo volume marcando pelo seu carácter privado.

Dentro do público que usufrui do edifício, parte habita-o por instantes (quem usufrui apenas do spa) e outra parte habita-o por um maior período de tempo (quem usufrui do spa e fica alojado no hotel).

A integração do convento com os novos volumes resulta da fusão de duas temáticas que integram a identidade de Vila Viçosa, a água e a pedra. Senti a necessidade de construir um conceito-marca ancorado na história, ou seja, um projecto onde as valências associadas fazem parte do lugar e são marca do território. Senti que ter o tema Alentejo, não seria o suficiente pois existe um constrangimento, pelo facto de todos os projectos turísticos se associarem ao golfe e à praia. Dessa forma, pensei num conceito forte e que possibilitasse a afirmação do projecto no mercado em torno de matérias que marcam e destacam a vila, factores que criam a diferença, e que fazem parte da identidade e memória do lugar.

Explorar e potenciar as matérias-primas que existem e que sempre marcaram o território para assim construir o futuro, interagindo com Vila Viçosa e estabelecendo dessa forma a relação e a incorporação do edifício na sua envolvente urbana, constituindo-se assim a sua integração na paisagem.

Perceber a água e a pedra como marca da identidade de Vila Viçosa. Mas também entender a água e a pedra, como matéria que protagoniza o espaço, que cria vazios, que estabelece limites, que gera a forma e que estrutura os lugares. Perceber a água e a pedra como elementos isolados, mas também perceber estes elementos em interacção. (Fig. 50 e Fig. 51) Perceber a água e a pedra enquanto matéria que protagoniza o espaço físico mas também entender estas matérias como beneficiadoras para a saúde do utilizador ao serem aplicadas nas terapias que constituem a Unidade de Turismo de Saúde, enfatizando assim, a estreita relação de Vila Viçosa com os recursos pétreos e hídricos.

Água vs Pedra



Fig. 37 – Mãe de Água, Lisboa, Portugal

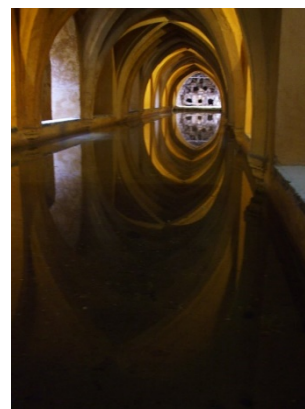


Fig. 51 – Alhambra de Granada, Espanha

Programa

O programa de ocupação divide-se em três componentes principais o Spa, o Hotel e o Restaurante, sendo o restaurante o ponto de contacto entre os dois primeiros. O programa divide-se pelos dois espaços, o convento e os dois novos volumes construídos. Apesar de interligados no interior, o spa e o hotel adoptam um carácter de independência ao assumirem uma entrada individual para cada um dos espaços. Com entradas independentes, cada um é composto por uma recepção que têm em comum o contacto visual que estabelecem com um dos espaços de hidroterapia do spa.

O novo volume integrado, acima do nível térreo, suporta os 26 quartos, um espaço exterior privado, um restaurante e uma loja gourmet.

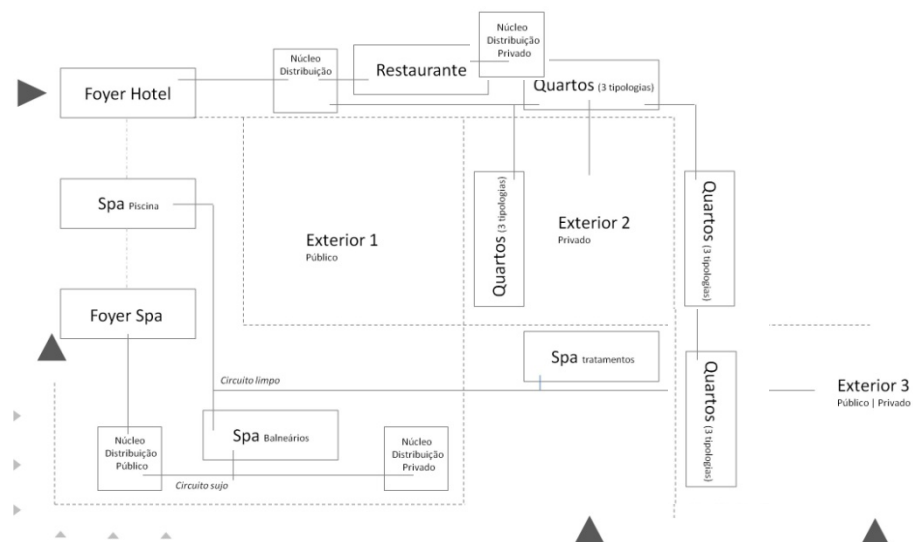


Fig. 52 – Organigrama Funcional

O convento alberga quase na sua totalidade o spa, sendo este também incorporado no novo volume construído ao nível subterrâneo, dando continuidade à zona húmida que se inicia ao nível térreo. O spa é composto pela recepção, uma loja, balneários que servem como elemento que separa o percurso sujo do percurso limpo, é composto também por uma zona húmida e uma zona seca que se constituem num total de oito gabinetes de tratamentos, três piscinas interiores em que duas são

climatizadas e uma animada (hidromassagem e jactos sequenciais), sauna seca, sauna a vapor (banho turco), duche vichy, área de resfriamento (duche de sensações e duchas aromatizados), áreas de relaxamento e massagens, interiores e exteriores, um espaço fitness e de reabilitação agregado a um gabinete médico, um gabinete de acompanhamento nutricional e outro de avaliação e prescrição física, e a tudo isto acresce o espaço de Hidratação | Lounge Zen, um espaço de chás e com diversos tipos de águas. Os espaços principais do spa são complementados com zonas técnicas, espaço de limpeza, lavandaria, por um circuito privado que estabelece a ligação entre todos os pisos destinado aos funcionários e um espaço administrativo, comum ao spa e ao hotel.

Apesar de âmbitos diferentes é necessário que os espaços funcionem de forma complementar, desse modo, os circuitos misturam o público nas respectivas zonas de carácter público-privado.

4.1.3. Proposta

4.1.3.1. Proposta Estratégia e proposta de intervenção em Vila Viçosa

Vila Viçosa é actualmente uma vila marcada pela sua inactividade e estagnação, uma vila marcada pela urgente necessidade de algo que a estimule a ser mais percorrida e vivida, não apenas por quem a habita mas, também, por quem a visita.



Fig. 53 – Vertentes a desenvolver para dinamizar Vila Viçosa

Tendo como ponto de partida o objectivo de dinamizar Vila Viçosa e atrair uma população mais jovem e como base teórica os conceitos de *Green City* e *Smart City*, comecei por pensar em estratégias que respondessem a estas questões.

Destaco quatro vertentes a desenvolver em simultâneo, pois estão todas interligadas: a produção, o ensino, a cultura e o turismo.

Vila Viçosa apresenta uma enorme capacidade de produção, como foi verificado no passado. A qualidade dos terrenos, associada à possibilidade de desenvolvimento dos sectores fabris e industriais são factores que justificam o investimento na produção agrícola.

Proponho, então, a reconstrução e reabilitação da zona industrial com novos equipamentos de apoio ao cultivo e tratamento das matérias produzidas. Acrescentando a valorização da qualidade de vida, consumindo bons produtos directamente, prevemos o desenvolvimento económico através da exportação dos mesmos.

Para este fim, proponho a reabilitação da linha férrea como estímulo ao desenvolvimento destas indústrias e também da exportação do mármore. Prevê-se a ligação de Vila Viçosa com as principais capitais europeias.

Como incentivo a este desenvolvimento industrial e tendo em conta o objectivo de atrair uma população mais jovem, proponho a criação de um pólo de formação e ensino. Este pólo estaria directamente associado à agricultura, vinicultura, indústria e às pedreiras, através da componente prática dos cursos, que consistia no trabalho e experiências directas nos vários sectores. Estão previstas vários tipos de formações, como cursos superiores, cursos técnico-profissionais, cursos de curta duração e workshops e na vertente teórica destes cursos coloca-se a possibilidade de ser leccionada por especialistas de todo o mundo, com os sistemas de videoconferências e e-learning. Este pólo será localizado próximo do centro histórico e ocupará o edificado antigo que deve ser reabilitado, serão ainda criados equipamentos de apoio e espaços de oficinas e de exteriores.

Tendo como público-alvo a camada jovem, serão criados novos espaços habitacionais e de lazer, como residências de estudantes, habitações temporárias, bares, esplanadas, comércio variado e alternativo, espaços exteriores de actividades lúdicas e desportivas, ateliers artísticos e um cinema ao ar livre.



Fig. 54 – Reabilitação do centro histórico

Dentro do conceito de lazer prevemos o aproveitamento das pedreiras desactivadas, que são detentoras de uma grande beleza, existindo a possibilidade de serem dinamizadas e integradas na dinâmica da vila e utilizadas para fins turísticos.

A proposta incide sobre o objectivo de preservar e restaurar o património edificado existente, promovendo através de actividades turísticas e culturais.

Serão desenvolvidos novos pólos culturais, como a zona do Castelo e a praça do antigo tribunal.

Estas novas actividades serão apoiadas por vários equipamentos e unidades hoteleiras. Estas últimas disseminadas pela vila e abrangendo um leque alargado a nível de preços de estadia, desde Hostels, até ao turismo habitacional no interior das muralhas do castelo, ao Urban Camping.

Serão criados, quando ainda não existentes, percursos verdes (com árvores de folha caduca e persistente) que integram o percurso da futura ciclovia de Vila Viçosa. A ciclovia é um percurso que pretende ligar os pontos mais importantes da vila. Estes, não só são uma forma de circulação mais saudável para os habitantes, mas uma aposta positiva no ambiente, uma vez que oxigena a cidade, sombreia e embeleza.

A vila é constituída por três amplos espaços públicos, o Paço Ducal, a Praça das Laranjeiras e a Praça D. João IV, adjacente ao Convento de São Paulo. Esta praça aparenta ser menos cuidada do que as outras, e embora se vire para o mercado, encontra-se numa das extremidades da parte antiga da vila e isso possivelmente é a causa do seu isolamento.

Neste contexto, sentiu-se que seria importante e teria lógica, como opção de projecto reabilitar o antigo Convento de São Paulo, de forma que também a praça e a vila possa ser reabilitada, prolongando a intensidade de fluxo público através da associação com a escala mais habitacional desta zona da vila.



Fig. 38 – Percursos verdes em Vila Viçosa - ciclovia

4.1.3.2. Proposta Estratégia e proposta de intervenção no antigo Convento de São Paulo | Fábrica Sofal, em Vila Viçosa

De modo a que a pré-existência assuma um papel activo no contexto social em que se insere, neste presente caso, em Vila Viçosa, é necessário adaptá-la aos novos usos e funções a desempenhar. Essa adaptação parte por sujeitar a pré-existência a algumas adições e subtrações. Na realidade, de forma a responder ao programa e objectivos propostos, a pré-existência foi sujeita a algumas construções e demolições. Ao intervir neste edifício, o objectivo inicial centrou-se em dar continuidade ao que existe, tornando-o melhor, mantendo a memória colectiva que importa transpor para o futuro. Trata-se de respeitar integralmente a sua identidade.

Abordar o Convento

O que se propõe com esta intervenção é uma ampliação e integração de novos volumes que confira uma abordagem contemporânea ao edifício pré-existente e que, com a introdução de novos elementos arquitectónicos, se assuma o contraste entre o antigo e o novo, coexistindo através da diferença.

O terreno original onde se vai intervir abrange um conjunto de edifícios e vestígios de épocas distintas. A área melhor preservada do convento tem uma das suas frentes para a Praça D. João IV e assinala-se como sendo a parte mais antiga do conjunto e mais próxima do centro da vila. A este volume liga-se outro, proveniente da época fabril. A junção dos referidos edifícios resulta num L, unido no interior por um conjunto de arcos que permanecem do claustro original. Os outros volumes do período fabril presentes no terreno organizam-se separados do edifício do convento e fazem parte dos edifícios que foram demolidos, cedendo espaço aos novos volumes. Esta subtração deve-se ao facto de estes edifícios não apresentarem relevância significativa nem valor patrimonial para serem

inseridos na proposta de reabilitação. O sentido do claustro será restituído, sendo através dessa intenção que será estabelecida uma relação com o novo volume.

Interessa manter ao máximo o edifício do Convento (abrangido pelo altar, pela nave, pelas capelas laterais, e pelas arcadas do claustro) e o volume fabril que se une com o convento e que, através da simplicidade da sua forma, encerra o espaço interior. As duas chaminés cerâmicas, marca da época fabril, tem uma forte presença na imagem do edifício e também são referência e assumem grande destaque na imagem de Vila Viçosa.

As fachadas do Convento sofrem o mínimo de intervenção, é feita a recuperação destas e processa-se ao encerramento de alguns dos vãos do período fabril. Com isto retoma-se ao passado e à origem do edifício, recuperando a autenticidade deste. Optou-se por manter abertos todos os vãos originais do edifício e também alguns posteriores, mas só se servissem as necessidades actuais. As aberturas existentes são reformuladas trazendo contemporaneidade ao alçado e, acima de tudo, o objetivo era suprir as necessidades que o programa nos impunha.

O novo volume pretende estabelecer continuidade com os edifícios existentes sendo criada uma proposta homogénea. Este propósito é tido em atenção ao estabelecer-se que o novo volume não ultrapassasse a altura dos já existentes mas terem todos a mesma linha de referência (linha de cumieira). A própria escolha do material da nova construção (aço corten) também reflecte a intenção da continuidade a que nos propomos, pelo facto da escolha deste material ter recaído devido à aproximação da cor das chaminés cerâmicas, que assumem uma referência forte na pré-existência. E a intenção de criar uma pele secundária que reveste todo o novo edifício, para além de proporcionar o controlo da privacidade e de bloqueio de vistas da envolvente com pouco interesse, funciona também como uma pele uniforme que vai permitir a abertura de vãos, sem interferir no alçado, retirando o peso e o destaque do edificio antigo e a forte presença dos arcos. Outro desafio neste projecto centra-se no facto da intervenção ter que ser feita num terreno rodeado de elevada densidade habitacional com

interesse pouco significativo. De que forma é que um programa de uma Unidade Hoteleira se poderia afirmar quando a envolvente é pouco atraente? Direcção dos quartos para o exterior não faria sentido, então o objectivo centrou-se na utilização da pele referida em cima, que para além de criar a homogeneidade pretendida servisse de membrana protectora da envolvente. A criação dessa membrana não seria totalmente eficaz, em toda a configuração dos quartos. Desse modo, pensou-se na forma como podia ser criado um núcleo de quartos, em que os espaços exteriores estivessem protegidos da envolvente. Com esse intuito, a solução encontrada foi projectar os quartos em “concha” (conceito), e assim os espaços exteriores que compõem os quartos ou se viram para o interior (varanda) ou se desenvolvem verticalmente, em pátios. Com isto surgiram duas tipologias de quartos, eliminando assim a possibilidade de se encontrarem voltados para a envolvente.

A configuração do novo volume permitiu o encerramento do espaço interior do convento, no entanto de forma permeável. Conferiu-se alguma identidade, retomando a ideia de claustro e ao mesmo tempo servindo de barreira visual do interior para o exterior.

Interiormente, foi recuperado o sentido de deambular no espaço destinado ao deambulatório. É esse o espaço que alberga a entrada na área do Spa, servindo de antecâmara exterior. Procurou-se retomar a permeabilidade visual para o altar e para o tecto em abóboda da nave característica da igreja e que tinha sido perdida pela compartimentação operada no espaço, na época fabril.

O interior organiza-se através de um percurso exterior coberto ao nível térreo. Ao libertar o solo, conseguimos dar continuidade à ideia de claustro. Desenvolveu-se um percurso exterior coberto, voltado para o interior do espaço. Esse percurso em mármore branco é delimitado por espelhos de água. Esta junção da pedra e da água dão expressão a duas temáticas identitárias de Vila Viçosa. Pretende-se criar uma estreita relação

Implantação no Local

entre Vila Viçosa com os recursos pétreos e hídricos, incorporando o edifício na sua envolvente urbana, constituindo-se assim a sua integração na paisagem.

A pedra e a água funcionam como matéria que estabelece limites, que gera a forma e que estrutura os lugares. Visto que o edifício se encontra elevado do solo, encerrar o nível térreo não era uma solução, porque a aposta centra-se na permeabilidade. No entanto, seria importante estabelecer-se um controlo nas entradas. Com isso em mente, o espelho de água foi concebido quer para a configuração de percursos, quer também para a inibir a entrada no espaço.

Enfatizando ainda mais a noção de claustro, o espelho de água é marcado pelas fundações do volume novo (que suporta os quartos do hotel), que seguem a métrica dos arcos. Surgem assim paredes em betão aparente que pousam no espelho de água. Para além de responsável por delinear percursos, inibir as entradas e de ser uma referência na Vila, o espelho de água funciona também como forma de reflectir a luz sobre esse percurso em claustro.

Os novos volumes fazem o encerramento do interior do espaço conferindo privacidade a quem dele usufrui.

O conjunto está dividido em duas zonas, uma de carácter público e outra de carácter privado. Com esta distinção é notória a localização do Spa, de carácter público, quase na sua totalidade no volume do Convento e na Fábrica. O novo volume alberga apenas quem visita o espaço e quem fica hospedado, conferindo-lhe privacidade.

O restaurante é o ponto de contacto entre o Spa e o Hotel. Apesar de ligada a estes dois espaços, é uma área que comunica para o exterior, independentemente dos outros dois grandes espaços. Contudo, o funcionamento por 24 horas é exclusivo para quem usufrui do hotel.

O acesso à área de intervenção exterior pode ser feito de forma livre durante o dia, permitindo a permeabilidade de circulação. No entanto,

o espaço pode ser encerrado sempre que assim seja necessário, e sempre que sejam realizados tratamentos e massagens no exterior, no jardim do Spa.

Na concepção dos espaços, optou-se por privilegiar o uso de materiais locais de modo a apelar à memória de Vila Viçosa e do edifício a reabilitar. Assinala-se uma continuidade e uma não ruptura com o passado. Valorizou-se o uso de mármore, que predomina na região, uma estrutura de lâminas de aço corten que reveste o novo edifício e zonas de transição entre novo e antigo. O betão aparente também define as novas construções e o revestimento em argamassa pigmentada, por pigmento mineral, do edifício pré-existente, teve como objectivo reconstruir um princípio de adequação e homogeneidade às superfícies já edificadas.

Um dos objectivos iniciais, centrou-se na concepção de um espaço voltado para a comunidade. Por um lado, para um público-alvo constituído por utilizadores da Unidade de Turismo de Saúde, mas permitir que a construção não anule ou bloqueie a entrada da população. Foi concebida uma barreira de permeabilidade e um percurso exterior que pode ser usado por todos, podendo ser ou não utilizadores do espaço. Esse percurso que é acessível a todos, tem a particularidade de poder ser encerrado para o exterior. O percurso inicia-se na Rua do Convento através de dois portões que conduzem o utilizador para um percurso exterior coberto sobre mármore branco. O percurso é direccionado por espelhos de água e que remonta ao conceito de claustro, em torno de si mesmo. Este é marcado pelas fundações do novo volume que surge na cota 0.00 com a mesma métrica (largura) dos arcos. Através deste percurso principal é também possível aceder ao Jardim do Spa, podendo ser iniciado neste último. Este percurso permite que a trajectória seja finalizada no Restaurante. Apesar de este estar ligado aos dois espaços mencionados, a sua localização e configuração confere-lhe independência permitindo ser entendido isoladamente. Começando por caracterizar este espaço, a transição é feita através de um acesso vertical que funciona em simultâneo para o Restaurante e para o Hotel. Umas escadas que se desenvolvem, tendo

como plano de fundo uma pré-existência (dois arcos do Claustro), umas escadas em betonilha afagada, onde o primeiro degrau surge em mármore, sendo responsável por introduzir o utilizador naquele espaço. Ao percorrer as escadas é possível perceber a presença dos outros níveis que a envolvem, pois estabelece-se sempre contacto visual. O restaurante encontra-se à cota +4.15, onde temos contacto com um novo material que caracteriza o novo edifício. Uma malha de aço corten e por trás desse plano, afastada cerca de 90 centímetros, a ruína que nos *acompanha* deste a cota 0.00 e nos *recebe* quando chegamos ao Restaurante. Este é composto por uma Loja Gourmet e uma área com duplo pé direito onde se encontra a zona de refeições. O Restaurante tem capacidade para cerca de 40 pessoas e está organizado por três diferentes zonas de refeições. Uma ao balcão, uma de mesas simples e uma outra zona, a de maior área, junto ao vão que dá para o exterior. Por ser um espaço com duplo pé direito, existe a necessidade de na zona de refeições diminuir o pé-direito, dessa forma foram utilizados candeeiros suspensos. Além de reduzirem o desconforto provocado pelo duplo pé-direito na zona de refeição, é através deles que provém a iluminação artificial nessa área. Outros pontos de luz surgem de forma rasante no volume que acompanha o balcão de atendimento. O espaço de refeições comunica com a *mezanine* que se encontra à cota +6.80 e conduz os utilizadores do Hotel para os quartos. Em virtude desta *mezanine*, existem zonas no espaço à cota +4.15 (Restaurante) que devem ser resguardadas e onde se deve garantir privacidade. De forma a responder a essa necessidade, foi criada uma parede que se inicia no piso 0 (0.00), e que funciona como uma parede estrutural, de extração de fumos e que garante a privacidade do espaço de atendimento à cota +4.15. No volume do Restaurante por detrás da parede acima referida, encontra-se a zona de instalações sanitárias e uma zona de fraldário.

Referido este espaço central que une os dois núcleos principais, será importante agora começar a explicar como se desenvolve o Spa e o Hotel e onde se processa as suas entradas.

Começando pelo Hotel, a entrada é feita de frente para o largo D. João IV, sendo feita através de umas escadas de mármore. No entanto, sempre que necessário foi projectada uma plataforma, também em mármore, que desce ao nível da rua e faz o transporte para a cota 0.00 do edifício. Subindo essas escadas acedemos ao *foyer* do hotel, uma área de espera com vista para o interior de um dos espaços de hidroterapia do spa. Posteriormente, encontra-se a recepção e é nessa área que é feito o depósito de bagagens e seguidamente é feito o seu transporte para o piso dos quartos. Dirigimo-nos para as escadas mas agora o percurso finaliza-se na cota +6.80, cota dos quartos. O percurso de transição até aos quartos é feito pela referida *mezanine*, com vista sobre o nível inferior.

Destacam-se 3 tipologias de quartos, a tipologia A e B que resulta da necessidade de resolver a problemática de resguardar os quartos de uma envolvente menos interessante. A tipologia C com vista sobre o claustro do convento. No total contam-se 26 quartos e uma capacidade para cerca de 52 pessoas, albergando cada um deles cerca de 2 pessoas.

Começando por descrever a tipologia C, os quartos que possibilitam a estadia de pessoas com mobilidade reduzida. A galeria de distribuição tem vista para o pátio privado dos quartos e apresenta o pavimento em mármore branco de Estremoz, utilizado em todas as tipologias, e a parede é revestida a carvalho americano. A iluminação artificial é feita através de *leds* dispostos no pavimento junto à parede de carvalho. Com isto, a textura da madeira pode ser sentida. O quarto C organiza-se todo ao mesmo nível, é composto por um espaço de água, um espaço de dormir, arrumos, um espaço de trabalho, um espaço de relaxamento e por um espaço exterior a partir do qual é possível aceder ao Pátio das Laranjeiras (pátio privado dos quartos) à cota +4.15. O espaço de água é aberto para o espaço de dormir e é constituído por um lavatório, uma zona de duche e um compartimento para os sanitários, sendo este último o único espaço isolado. O espaço de duche desenvolve-se numa plataforma em betonilha afagada que se inicia em frente ao volume da cama sendo possível isolar esse espaço através de um painel móvel. O espaço de trabalho é composto por uma mesa que se

encontra encastrada na parede mas rebatível sempre que exista necessidade. O espaço de relaxamento encontra-se voltado para o exterior desse quarto. O quarto tem vista para a pré-existência (volume do Convento) e o contacto com o exterior é feito através da estrutura de lâminas de aço corten que se abrem para o exterior sempre que o utilizador do espaço assim o pretenda.

Passando para as tipologias A e B (quartos-spa), ao contrário da tipologia C, a galeria de distribuição é interior. Caracteriza-se por ter pavimento em mármore branco de Estremoz e pelas paredes revestidas a carvalho americano. A iluminação natural, por ser escassa, é complementada pela iluminação artificial através de *leds* no pavimento junto às paredes de carvalho, permitindo ao utilizador sentir a textura. Estes quartos desenvolvem-se em “concha”, pelo facto de haver necessidade de os resguardar do exterior com uma envolvente menos interessante. O espaço exterior do quarto A, como dá para o interior do convento é uma varanda. O espaço exterior do quarto B, pelo facto de se desenvolver para o exterior, as lâminas de aço corten prolongam-se verticalmente e esse espaço configura-se em pátio tendo uma visão vertical e, por conseguinte, desligando da envolvente. Ao serem revestidos com a referida pele, faz com que não exista necessidade de abrir os quartos, ou seja, os vãos podem abrir-se e assim permitir a ventilação natural dos quartos. No que toca à iluminação, a membrana de lâminas de aço corten permite iluminar naturalmente os espaços, não havendo uma relação directa com a envolvente, servindo essa pele de barreira visual.

Estes quartos desenvolvem-se em dois níveis. Ambos têm o nível de entrada à cota +6.80, pois existe a necessidade que a zona funcional (espaço de dormir) esteja toda ao nível de entrada, para facilitar o trabalho de limpeza do espaço de dormir.

A tipologia de quarto A tem ao nível de entrada, o espaço de dormir, arrumos e um espaço de trabalho numa *mezanine* e através de umas escadas é feito o acesso ao piso inferior desse quarto, à cota +4.15, onde se encontra o espaço de água deste quarto-spa. Este nível é composto

por uma zona de massagens privadas, uma zona de duche que se inicia numa plataforma em betonilha afagada e um espaço de banho. O espaço de banho contacta com o espaço exterior (varanda) através de um vão que abre ou fecha de acordo com a necessidade do utilizador, possibilitando que o momento do banho seja feito no exterior. Esse espaço exterior de relaxamento prolonga-se para o Pátio das Laranjeiras (pátio privado dos quartos), existindo assim uma continuidade interior-exterior. Os quartos de tipologia B funcionam da mesma forma que os de tipologia A, mas desenvolve-se em espelho. Ou seja, ao nível de entrada encontra-se o espaço de dormir e arrumos e através de umas escadas é feito acesso para o piso superior desse quarto, à cota +9.45 onde se encontra o espaço de água, que é composto da mesma forma que o do quarto A, com a diferença de que o espaço exterior neste quarto se desenvolve em pátio e se encontra resguardado do exterior.

À cota +6.80, no bloco do hotel, existe ainda um espaço de estar do hotel com duplo pé direito e com vista sobre um espelho de água ao nível 0.00. Existe ainda um momento de transição/ligação entre os 2 blocos de quartos, que é exterior coberto também sobre um espelho de água ao nível 0.00 onde nesse momento de ligação se acede através de umas escadas para o Pátio das Laranjeiras.

Materiais como o carvalho americano (pavimento), a betonilha afagada (pavimento e paredes) e o reboco branco caracterizam as três tipologias de quartos.

Relativamente ao Spa, a entrada é feita, tal como para o Hotel, de frente para o largo D. João IV e também é possível entrar pela Rua do Convento. A fachada existente, foi reformulada de forma que tivesse uma leitura idêntica com a entrada no hotel. Para além desse objectivo, este percurso em arcada tem o propósito de reintroduzir o utilizador num espaço com uma atmosfera muito própria. Existiu a necessidade de preparar o utilizador antes de chegar ao interior do espaço.

Ao entrar no Spa somos direccionados para uma recepção, um volume de mármore branco num espaço com triplo pé direito e com vista, tal como o hotel para um dos espaços de hidroterapia. No entanto, o pé direito não é sentido à partida pelo utilizador, ele percebe a sua existência mas só o consegue sentir quando percorre os pisos superiores e tem uma percepção da forma como a luz e todo o espaço o envolve. A enquadrar a recepção está um bengaleiro em madeira. Este volume tem a particularidade de ser amovível e poder impedir que se veja para o interior do espaço de hidroterapia ou poder fechar na totalidade a zona técnica das piscinas sempre que algum aparelho esteja em manutenção. Nesse volume do bengaleiro encontra-se também uma zona de suporte aos quadros eléctricos. Para além desse bengaleiro, a piscina isola-se da recepção através de um vidro “Priva-Lite by Quantum Glass” que impede que ao nível da entrada as pessoas que se encontram nas piscinas sejam observadas. O vidro caracteriza-se por impedir a visibilidade da recepção para as piscinas e nas piscinas o vidro pode ir passando imagens referentes ao Spa. Junto à zona de recepção encontra-se uma loja.

Da zona de recepção é feita a transição para o antigo altar, um espaço com triplo pé-direito e caracterizado por um a luz intensa vinda de Sul. De um espaço mais obscuro que é o da recepção passamos para uma atmosfera diferente. Esse espaço é composto por umas escadas que ligam todos os pisos do spa. Umas escadas em aço corten de forma a introduzir o material presente no exterior no interior do espaço. As escadas assumem uma forte presença pois destaca-se um volume escuro sobre paredes numa argamassa de cal sobre um pavimento em mármore.

Neste ponto, dirigimo-nos para as escadas de forma a aceder aos pisos superiores ou dirigimo-nos para os balneários nesse mesmo piso. O ponto de chegada a esse corredor é marcado por uma luz zenital que atravessa os 2 pisos acima. Uma luz que provém de uma rasgo feito na cobertura da pré-existência, um edifício da época fabril. Os balneários separam o “percurso sujo” do “percurso limpo”. O “percurso sujo” tem duplo pé direito e contacta com o nível superior é iluminado lateralmente

por uns rasgos, pelo facto de esses vãos serem revestidos pela pele de lâminas de aço corten, faz com que a luz neste espaço seja ténue e marcada por uma luz filtrada. Os balneários feminino e masculino têm uma zona de entrada marcada por um lavatório, o material desse lavatório prolonga-se pela parede enquadrando o momento de entrada. Os balneários são também compostos por uma zona de instalação sanitária, zona de secadores de cabelo, zona de cacifos, zona de duches, zona de secadores de fatos de banho e o balneário feminino tem também um fraldário. Ao lado destes balneários encontra-se também o balneário para pessoas com mobilidade reduzida e o balneário dos funcionários que faz parte do circuito privado para os funcionários que liga todos os pisos do Spa. Atravessando o balneário entra-se no “percurso limpo”, o percurso da hidroterapia.

Começando por descrever o espaço de hidroterapia no piso 0, este espaço encontra-se na antiga nave, caracteriza-se como sendo um espaço com elevado pé direito e com diferentes pontos de luz. A forma como a luz incide no espaço permitiu-nos criar diferentes ambiências, um espaço com diferentes atmosferas, um espaço criado pela luz e com a luz. O percurso de entrada nas piscinas apresenta 3 m de pé direito e foram colocados nos pontos de entrada para esse espaço de hidratação espaços para duche prévio, um deles com estreita relação com uma das chaminés da época fabril. Esse espaço é composto por 4 zonas de relaxamento, duas na nave e outras duas sobre as arcadas laterais e é composto por duas piscinas climatizadas ao mesmo nível em que os tanques se misturam com a diferença que a que se encontra na arcada é retemperada através de jactos de água. Estes jactos fazem parte da memória do edifício pois utilizam-se os suportes que anteriormente serviam para fazer escorrer o azeite. Estas duas piscinas embora se encontrem ao mesmo nível apresentam atmosferas distintas, a luz que invade a piscina da nave é diferente daquela que invade a piscina da arcada.

Passando para o espaço de hidroterapia no piso -1 (-3.00) a este acede-se através de um percurso que se desenvolve sobre a ruína, sobre os

arcos do claustro, uma junção de novo e antigo. Ao percorrer o espaço, deparamo-nos com as fundações dos arcos que contrastam com a betonilha afagada da parede nova. Essas escadas são em betão e são acompanhadas por um elemento em mármore que acompanha o declive e quando chega à cota -3.00 finaliza o último degrau das escadas. Esse percurso é direcionado para um vão que separa o interior de um espaço exterior. Esse espaço abre-se para o interior e dessa forma um espaço de relaxamento interior rapidamente se transforma num espaço exterior coberto. A partir desse espaço é possível fazer a transição através de umas escadas em mármore, que no sentido da descida se encontram direcionadas com a fundação da chaminé, e desse modo entrar no Jardim do Spa, um jardim exterior à cota 0.00 onde é possível realizar tratamentos e massagens ao ar-livre. A composição desse jardim é feita por placas de mármore branco provenientes dos restos das pedreiras, assumem diferentes dimensões de acordo com as suas especificidades de uso. Placas essas, que funcionam como pavimentos, como bancos e ainda como marquesas para a execução dos tratamentos ao ar-livre. Retomando à cota -3.00 acede-se a um outro espaço de hidroterapia. Este espaço assume-se como um espaço semi enterrado, com 7m de altura havendo uma variação de alturas sendo a sua cobertura a base do pátio das laranjeiras (pátio privado dos quartos). Este espaço contacta com o circuito exterior no piso 0 que vai permitir que se estabeleçam relações visuais e um contacto interior-exterior. Esta zona de hidroterapia é composto pela sauna seca, sauna a vapor (banho turco), uma área de resfriamento (duche de contrastes e duches aromatizados) que nos conduz para a piscina animada (hidromassagem). Um espaço com 3 m de pé-direito. Um espaço mais escuro, onde a iluminação natural não incide de forma directa conferindo a este espaço uma atmosfera mais intimista. É possível aceder à piscina de água fria passando por duas cabines de duche prévio. A piscina é iluminada por uma luz zenital que escorre pelas paredes estruturais em betão. Novamente se cria nesse espaço o ambiente criado no piso térreo, a junção do betão com a água e a junção desses dois com a luz. A luz zenital configura à superfície mobiliário urbano servindo de bancos para que utiliza o Pátio das Laranjeiras. Este espaço é também

caracterizado por nichos que se desenvolvem na extremidade da piscina. Dois deles direccionados para relaxamento e meditação, outro direccionado para tratamentos/massagens de casal e outro onde se realiza o duche Vichy. Ambos os espaços se caracterizam pela água presente proveniente do tanque de piscina de água fria, e o espaço onde se realiza o duche Vichy é caracterizado por uma luz zenital que escorre pela parede e em conjunto com a água formam uma atmosfera harmoniosa.

Retomando ao piso 0, vamos agora aceder ao piso dos tratamentos secos, através das escadas referidas anteriormente. O piso 1, inicia-se à cota +4.15 numa mezanine, sendo que esta contacta com o nível inferior, com o nível superior e com o espaço de hidroterapia da nave. É a partir deste piso que se começa a dimensão do espaço e se começam a entender as relações que se estabelecem aos vários níveis. Neste piso existem duas zonas de tratamentos, uma zona à cota +4.15 e outra à cota +3.00.

Começando por referir os tratamentos à cota +4.15, no percurso até essas salas de tratamento é mantido o contacto visual com o nível inferior. O espaço é iluminado naturalmente e de forma artificial, sendo direccionadas com os vãos, através de umas sancas de luz em aço corten. As salas de tratamento são iluminadas de forma artificial da mesma forma que é iluminado o percurso de acesso às mesmas. A iluminação natural destes espaços cria uma atmosfera própria de um ambiente que se quer mais calmo e de introspecção. Os vãos que iluminam o espaço têm como plano de fundo os arcos da pré-existência, e desta forma é criada uma ambiência própria. Esta zona de tratamentos é composta por 4 salas, 3 delas que permitem a realização de tratamentos para casais e uma delas individual. Uma das salas permite a realização de massagens em tatame, e numa delas está inserida uma banheira de hidromassagem. Todas as salas têm presente um lavatório, armários para arrumos, e uma zona de duche. Todas comunicam entre si, sendo auxiliadas por um armazém. Em termos de materiais, o pavimento é um linóleo para permitir que as pessoas possam andar descalças e as paredes são em reboco branco e a que se

encontra perpendicular e mais próxima da entrada é revestida a carvalho escurecido.

A zona de tratamentos à cota +3.00 caracteriza-se por uma mezanine que surge nas arcadas principais. Essa mezanine contacta visualmente com o nível inferior, o espaço de hidroterapia da nave. Este espaço é composto por nichos onde é possível realizar tratamentos, individual ou em casal. Esses nichos contactam com a piscina e para além da luz proveniente da nave, estas zonas de tratamento apresentam também uma sonoridade diferente, o barulho da água ao fundo a ecoar na nave. Existe a possibilidade de encerrar estes espaços através de uma cortina. Percorrendo esta mezanine acede-se ao espaço de hidratação | Lounge Zen, um espaço, um espaço de chás e com diversos tipos de água. Neste piso estabelece-se ligação com a Cafeteria | Restaurante através de um percurso que se debruça sobre o espelho de água no piso 0 e que visualmente comunica com o Pátio das Laranjeiras.

Para aceder ao piso 2 do Spa que se inicia à cota +8.30, acede-se primeiramente ao deambulatório à cota +5.40, um espaço onde o utilizador pode contactar de forma mais directa com a vila. Cria-se a possibilidade do utilizador abrir o vão e estabelecer um contacto directo com o largo D.João IV e o Castelo de Vila Viçosa. É através desta cota que se acede à cota +8.30, o piso do Fitness e de Reabilitação. A chegada a este nível é feita numa mezanine, permitindo estabelecer contacto visual com os dois níveis inferiores. A partir desta cota acede-se à cota +6.80, onde direccionada com as escadas se encontra um espaço de estar iluminado por uma luz zenital. O espaço de Fitness e de Reabilitação é composto por uma zona de treino que se divide em três áreas: cardiovascular, musculação e alongamento, a este espaço agregam-se três gabinetes: um gabinete médico, um gabinete de aconselhamento nutricional e um gabinete de prescrição física | sala de instrutores. Este espaço, incluindo os gabinetes, são iluminados de forma natural através de rasgos na cobertura. O espaço de Fitness | Reabilitação é também composto por um espaço exterior, permitindo assim, a realização de treinos ao ar-livre. É nesse espaço exterior que é possível aceder à área

técnica das piscinas. Um espaço que se desenvolve á cota +6.80 e que dessa forma me diminui o pé-direito na zona de água do espaço de hidroterapia. A partir deste piso é possível aceder directamente aos quartos e à copa de apoio sendo a partir dessa que se acede à administração. O percurso para a copa e administração pode também ser feito directamente a partir da cota +8.30. Esse percurso é exterior e é realizado através de uma rampa em aço corten que se descola da fachada até chegar à cota +6.80 e ao momento de entrada marcado por uma luz zenital que surge da torre sineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente foi essencial tomar consciência que, ao intervencionar um património que é de todos, torna-se determinante fazer a compreensão das diferentes práticas de intervenção decorrentes ao longo dos tempos. Assume-se como fundamental para a elaboração de um projecto que visa a valorização e a autenticidade do objecto existente, para que, desse modo, o património perdure.

Manter a memória do lugar e do edifício, assumindo o seu passado histórico na concepção dos novos espaços surgiu deste o início como um desafio. Para além do objectivo ser a concretização de um nova estrutura que alberga novas funções, neste caso concreto, direccionada para o Turismo de Saúde, a sua valorização depende precisamente do facto desse novo desígnio estar incorporado num edifício histórico. Sendo por isso relevante que a intervenção nessa pré-existência seja realizada com o intuito de dar continuidade ao edifício, que é resultado de sobreposições e camadas de história que reflectem a sua evolução. Para além da continuidade histórica do edifício é importante que a intervenção valorize o significado inerente ao património em questão.

O presente caso de estudo, apoia-se neste desenvolvimento para a concepção de uma proposta de intervenção possível. Definido primeiramente o programa, é tido em consideração a importância do património na sua comunidade, tornando-a assim esta como beneficiária do espaço. Assim como a compreensão dos limites das diferentes épocas e na elaboração do projecto tendo em conta a identidade e memória do lugar.

Outro desafio aquando da realização deste trabalho prendeu-se com a reflexão acerca questão da adaptabilidade de um edifício de origem conventual e fabril utilizando na sua reconversão a luz, a matéria e a cor como elementos integrantes e geradores do espaço arquitectónico.

Procurou compreender-se como seria possível desenhar e definir espaços utilizando a percepção sensorial. Como seria possível criar uma atmosfera harmoniosa, que traduzisse o sentido da arquitectura através da matéria. Neste trabalho, concluímos que para o espaço ser sentido pelo utilizador, o arquitecto tem que apelar à identidade e sensibilidade do individuo, sendo para isso necessário que este crie espaços interessantes sensorialmente. Deste modo, componentes como a luz, a cor, a matéria e o som concretizam o espaço e concebem atmosferas.

Conceber ambiências multissensoriais que recorressem à percepção sensorial do ser humano fez-nos perceber o espaço, os sons, a luz, a matéria e a cor num edifício como produtoras de emoções e sensações restituindo por meio dela a memória e o passado do lugar.

São estes elementos que conferem protagonismo ao espaço, que criam vazios, que estabelecem limites, que geram a forma e que estruturam os lugares. Perceber esses elementos de forma isolada, mas também em interação entre eles e com o espaço, é determinante para o modo como o espaço pode ser sentido e vivido.

I am an architect, a constructor of worlds, a sensualist who worships the flesh, the melody, a silhouette against the darkening sky. I cannot know your name. Nor you can know mine. Tomorrow, we begin together the construction of a city.

Lebbeus Woods,

War of Architecture

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

monografias

AGUIAR, J. (2005). *A Cor e a Cidade Histórica*. Porto: Publicações FAUP.

ALBERS, J. (1975). *Interaction of Color*. New Haven and London: Yale University Press.

ARNHEIM, R. (1997). *Visual Thinking*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

CHAUÍ, M. S. (1989). *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHAUÍ, M. S. (1994). *Merleau-Ponty – Obra de Arte e Filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras.

COSME, A. M. (2008). *El proyecto de Arquitectura*. Barcelona: Ed. Reverté.

GIBSON, J. J. (1986). *The Ecological Approach to Visual Perception*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

GOETHE, J. W. (1988). *Theory of Colours*. London: Frank Cass & Co. (original editado em 1840).

HOLL, S., PALLASMAA, J. e PEREZ-GOMEZ, A. (2007). *Questions of Perception: Phenomenology of Architecture*. San Francisco: William Stout Publishers.

LANCASTER, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions.

LE CORBUSIER (1977). *Vers Une Architecture*. Paris: Éditions Arthaud.

LE CORBUSIER (1986). *Towards a new architecture*. New York: Dover.

LE CORBUSIER (2006). *Polychromie Architecturale: Les Claviers de Couleurs de 1931 et de 1959*. Arthur Ruegg (Ed.). Basel: Birkhauser.

LYNCH, K. (1982). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

LOUÇÃO, D. (1992). *Cor: Natureza, Ordem, Percepção*. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: FAUTL.

MAHNKE, F. (1996). *Color, Environment and Human Response*. New York: John Wiley and Sons.

MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

NORBERG-SCHULZ, C. (1980). *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli.

PALLASMAA, J. (2011). *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.

PERNÃO, J. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Dissertação de Mestrado, não publicada. Lisboa: FAUTL.

RASMUSSEN, S. E. (2007). *Viver a Arquitectura*. Caleidoscópio.

SWIRNOFF, L. (1986). *Dimensional Color*. New York: Van Nostrand Reinhold.

ZEVI, B. (1974). *Architecture as space*. New York: Horizon Press.

ZUMTHOR, P. (2005). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, SA.

ZUMTHOR, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

artigos em publicações

APPLETON, J. (1995). "Tecnologias de Reabilitação em Edifícios Antigos dos Conventos às Pousadas", *Jornal de Arquitectos*, nº 147, Maio 1995, pp. 44-53.

COSTA, A. A. (2003). "O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade", *Jornal de Arquitectos*, nº 213, Novembro - Dezembro, 2003, pp. 7-13.

Duarte, R. B. (2002). “A poética do lugar”, *Arquitectura e Vida*, nº 23, Janeiro 2002, pp. 44-49.

Duarte, R. B. (2004). “Entrevista a Manuel Aires Mateus”, *Arquitectura e Vida*, nº 54, Novembro 2004, pp. 38-45.

Durão, M. J. (2009). *Colour as Pathway of Light: Searching the Shadow in Luis Barragán*, Proceedings of 11th Congress of the International Colour Association, September 27-October 2, 2009. Sidney: The Colour Society of Australia, Inc.

Fernandes, J. M. (2004). “A Cidade de Mármore”, *Callipole*, nº 12, 2004, p. 206. Vila Viçosa: Câmara Municipal.

Lampreia, L. (2008). “Sinais e significados da arquitectura da água em Vila Viçosa, nos séculos XVI e XVII”, *Callipole*, nº 16, 2008, pp. 81-91. Vila Viçosa: Câmara Municipal.

Matias, S. C. (2003). “Património conventual franciscano: contribuições para a análise espacial do corpo conventual. O convento de Nossa Senhora dos Mártires no Alvito”, *AA/VV - Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*, vol. 1, 2003, pp. 147-155. Lisboa: LNEC.

Pereira, A. N. (2003). “Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído”, *Jornal de Arquitectos*, nº 213, Novembro – Dezembro, 2003, pp. 27-32.

Pereira, P. (2001). “Lugares de passagem e o resgate do tempo”, *Património Estudos IPPAR*, nº 1, Janeiro 2001, pp. 6-16.

Pereira, P. (2003). “Intervenções arquitectónicas recentes no património edificado”, *Jornal de Arquitectos*, nº 213, Novembro – Dezembro, 2003, pp. 14-20.

Pernão, J., Durão, M. J. (2006). “Elementos para um Novo Entendimento da Cor como Geradora do Espaço e do Tempo”, *Artitextos*, nº 3, Dezembro 2006, pp. 149-178. Lisboa: Centro Editorial da FAUTL.

Pernão, J. (2009). “Cor em Arquitectura: Investigação Aplicada (não publicado)”. *I Seminário Internacional Cor - Design e Arquitectura*, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 30-31 Outubro, 2009.

Pernão, J. (2010). “The Otherness of White: Elements for a Better Understanding and Use of the Colour White in Architecture”. *Proceedings of Colour & Light in Architecture - International Conference*, Universidade IUAV de Veneza, 11-12 de Novembro 2010, pp. 154-159, Verona: Knemesi.

Stec, B. (2004). “Conversazioni con Peter Zumthor/Conversations with Peter Zumthor”, *Casabella*, nº 719, Fevereiro 2004, pp. 6-13.

Vieira, A. S. (2003). “Entrevista a Bernardo Pinto de Almeida”, *Revista UPORTO*, nº 9, Outubro 2003, p. 34.

Zumthor, P. (1997). “Pietra e acqua”, *Casabella*, nº 648, Setembro 1997, pp. 56-75.

Zumthor, P. (2006). “La magia del reale”, *Casabella*, nº 747, Setembro 2006, pp. 52-75.

documentos electrónicos

Gonçalves, J. (2009). *Peter Zumthor – Um estado de graça entre a tectónica e a poesia*. Faculdade de Ciências e Tecnologias. Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.

<http://www.dre.pt>, consultado em Março de 2012

referências online

<http://www.igespar.pt>, consultado em Março de 2012

<http://www.monumentos.pt>, consultado Abril de 2012

<http://www.turismodeportugal.pt>, consultado em Maio de 2012

Centro Cartográfico da Câmara Municipal de Vila Viçosa

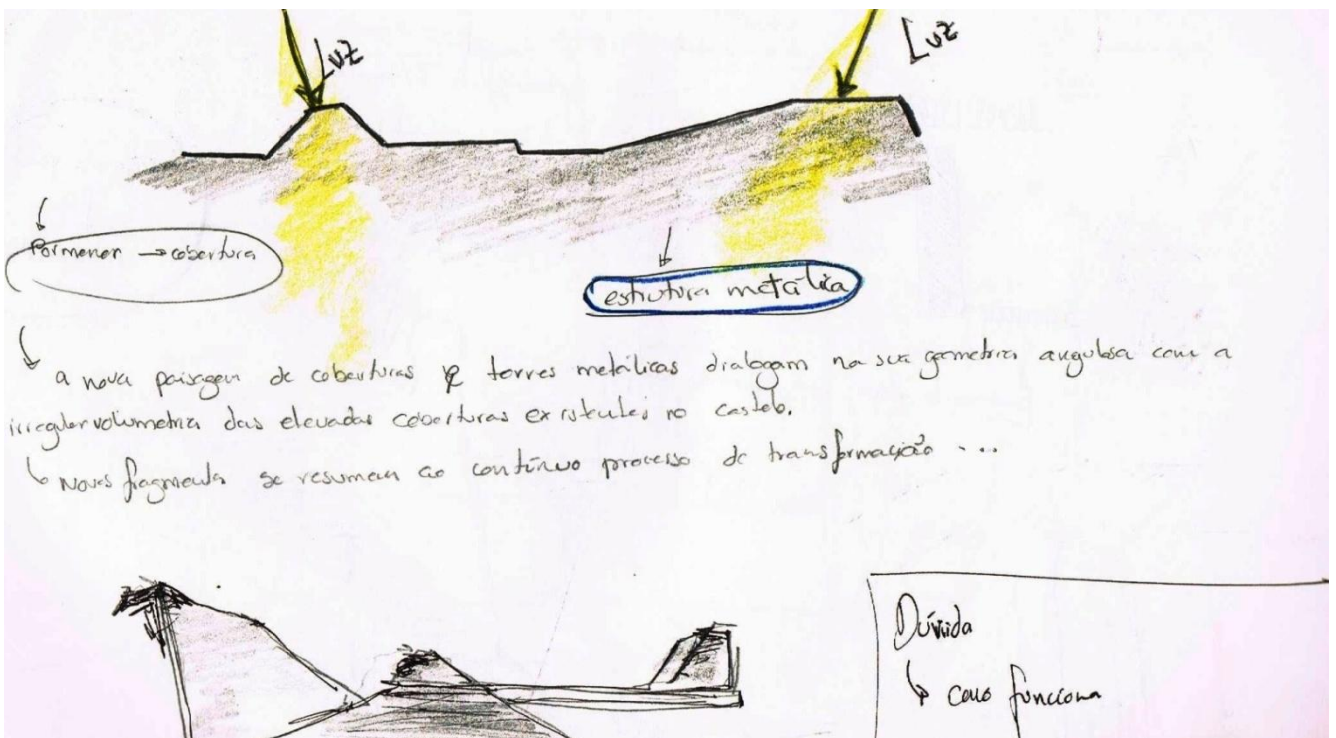
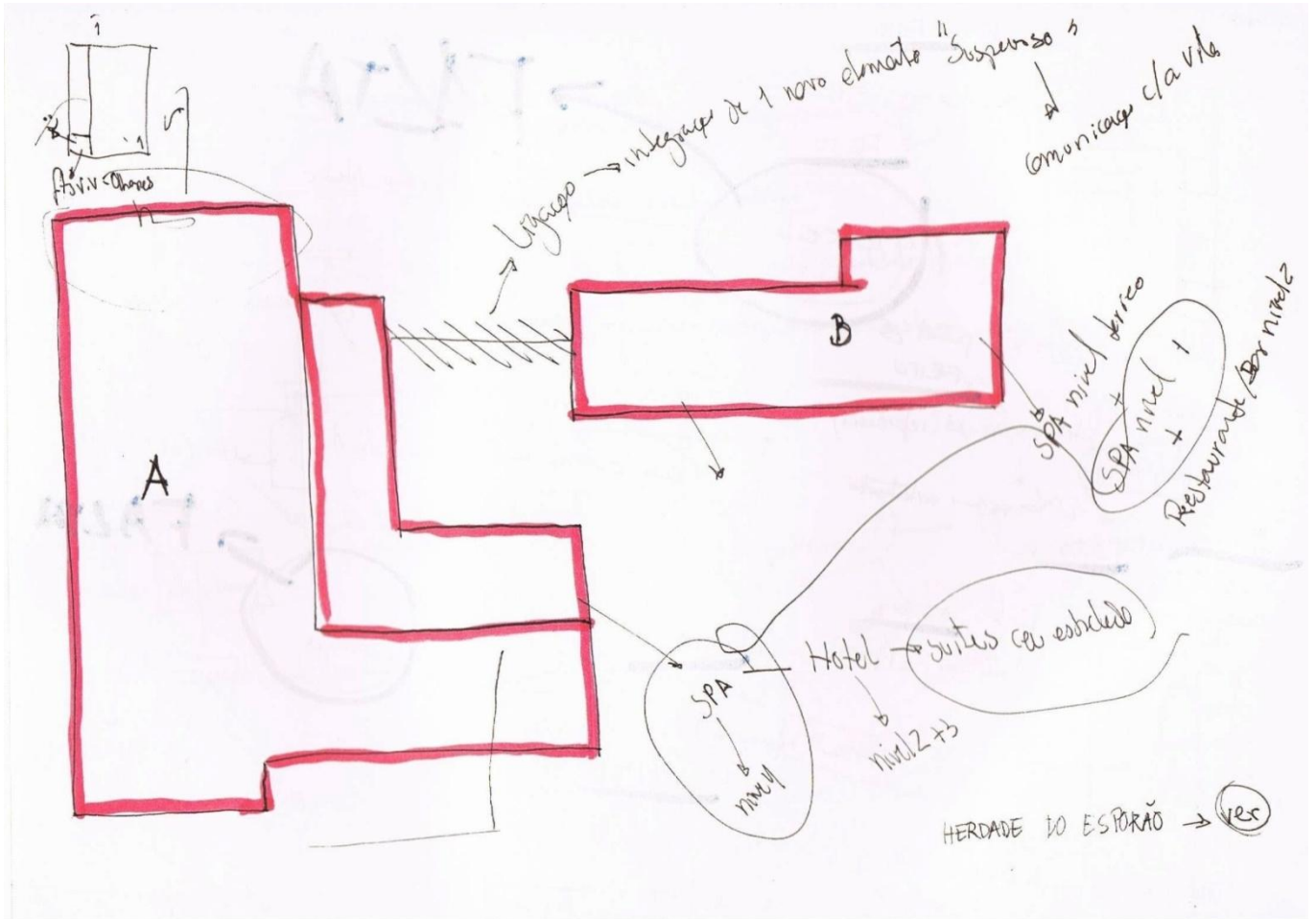
documentação cartográfica

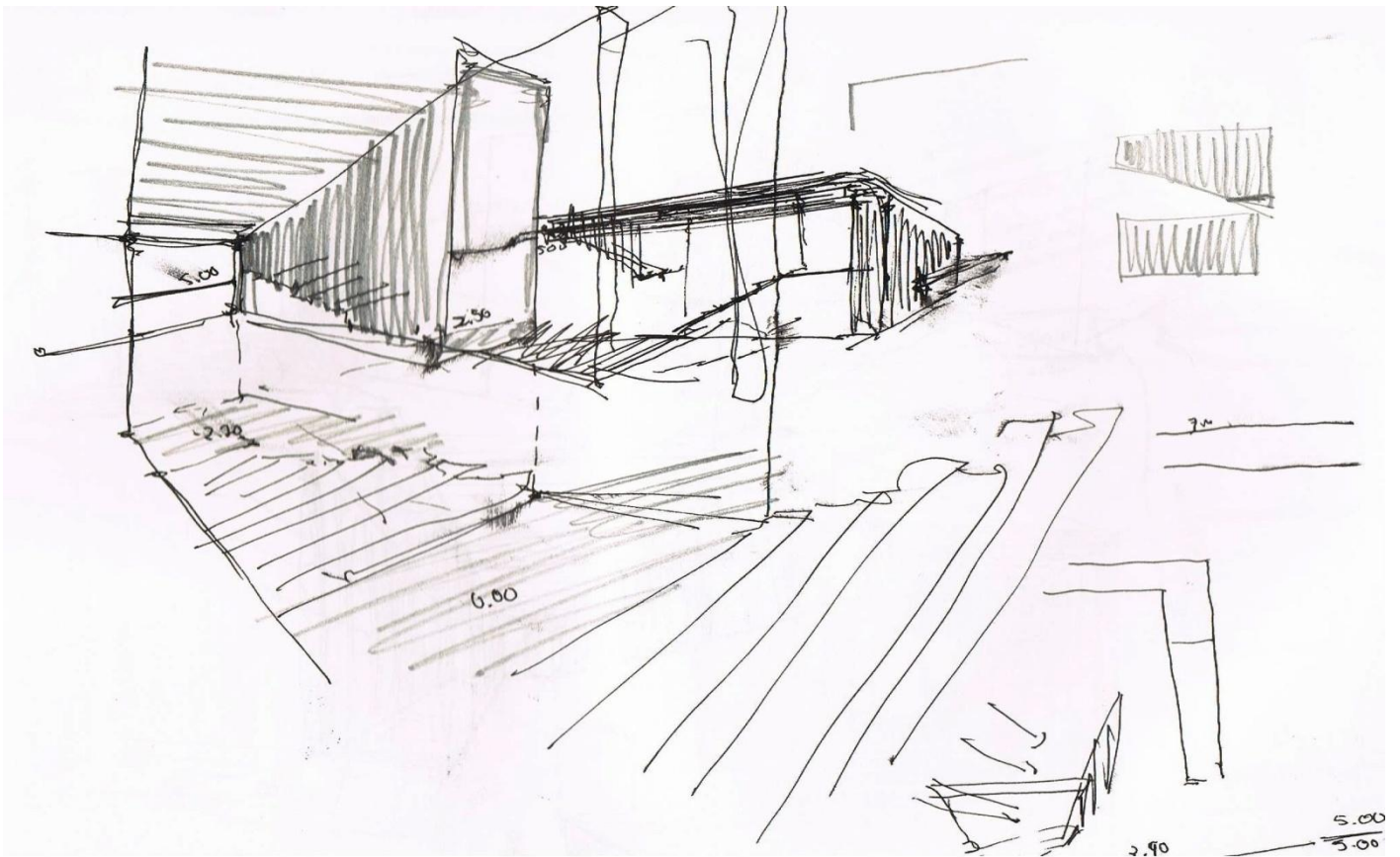
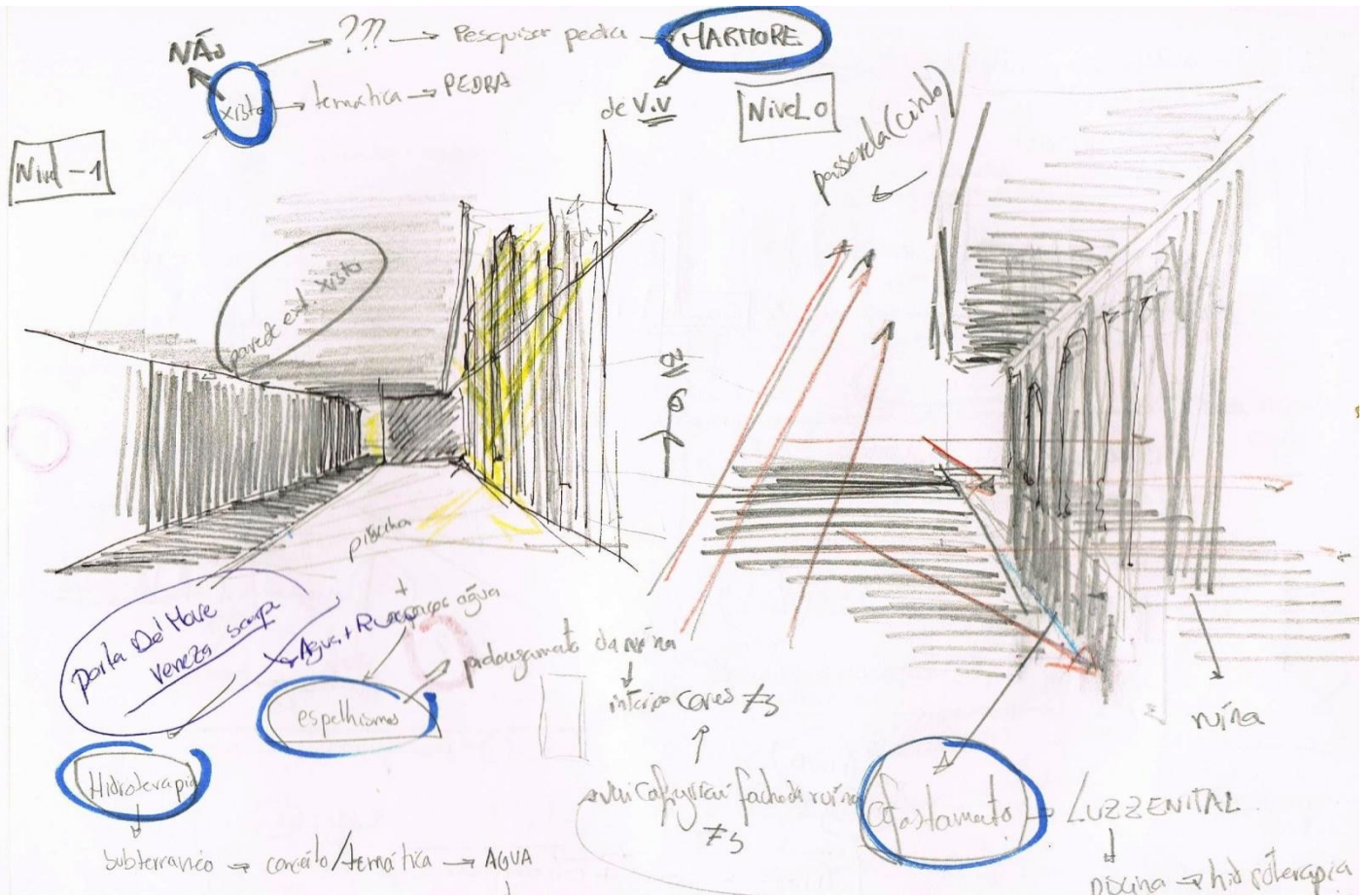
Biblioteca e Arquivo Histórico Municipal de Vila Viçosa

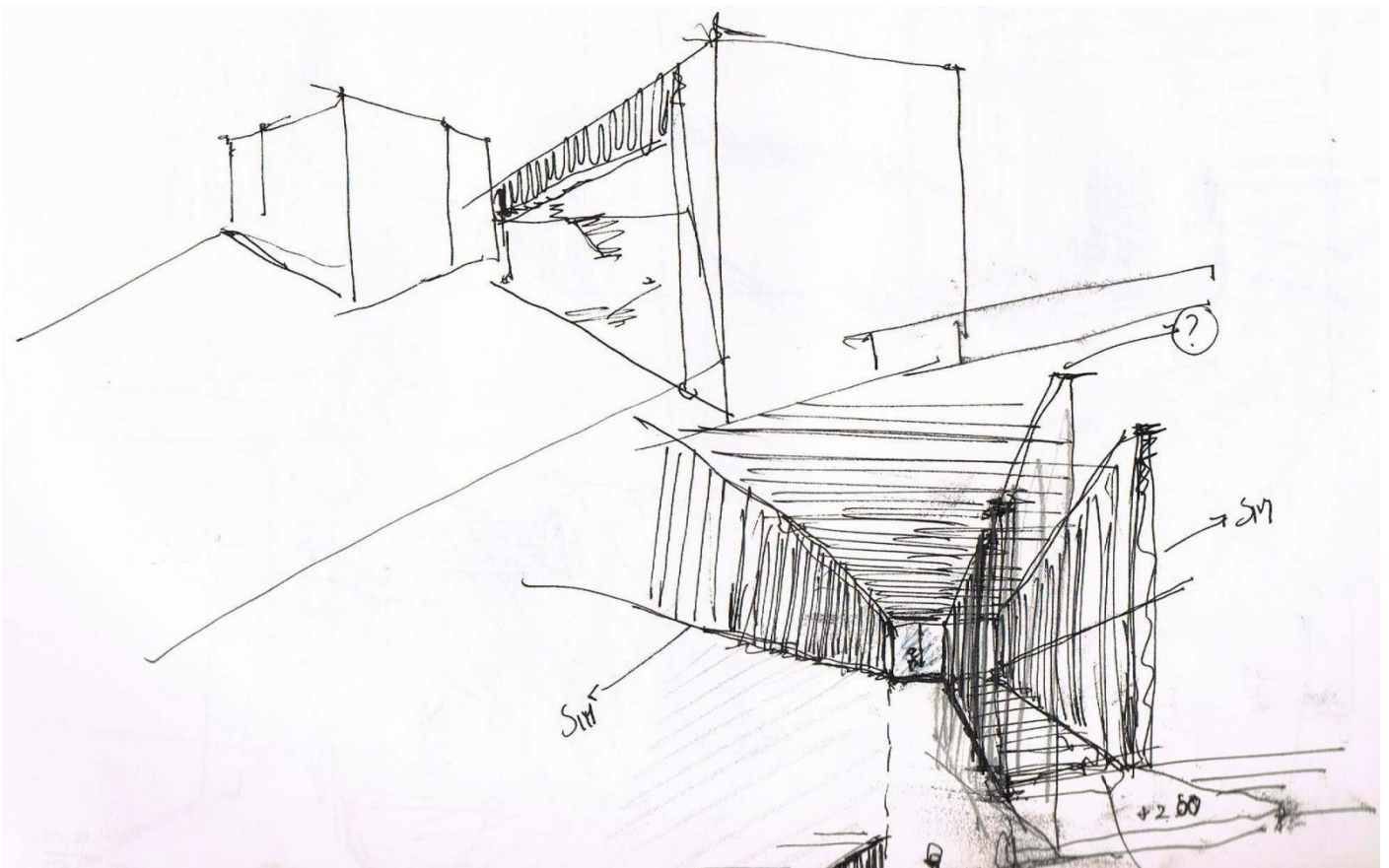
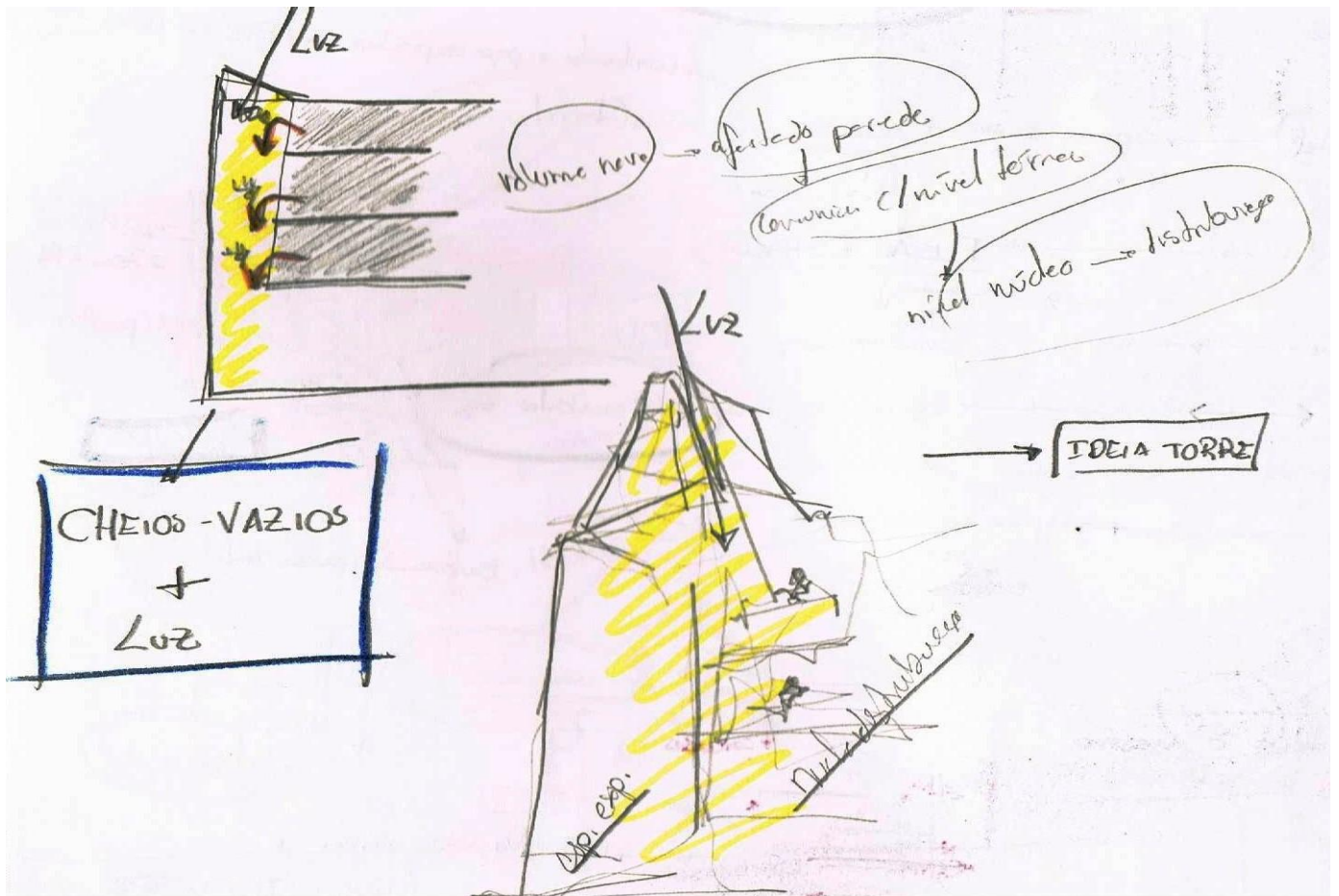
Número de Palavras: 19.787

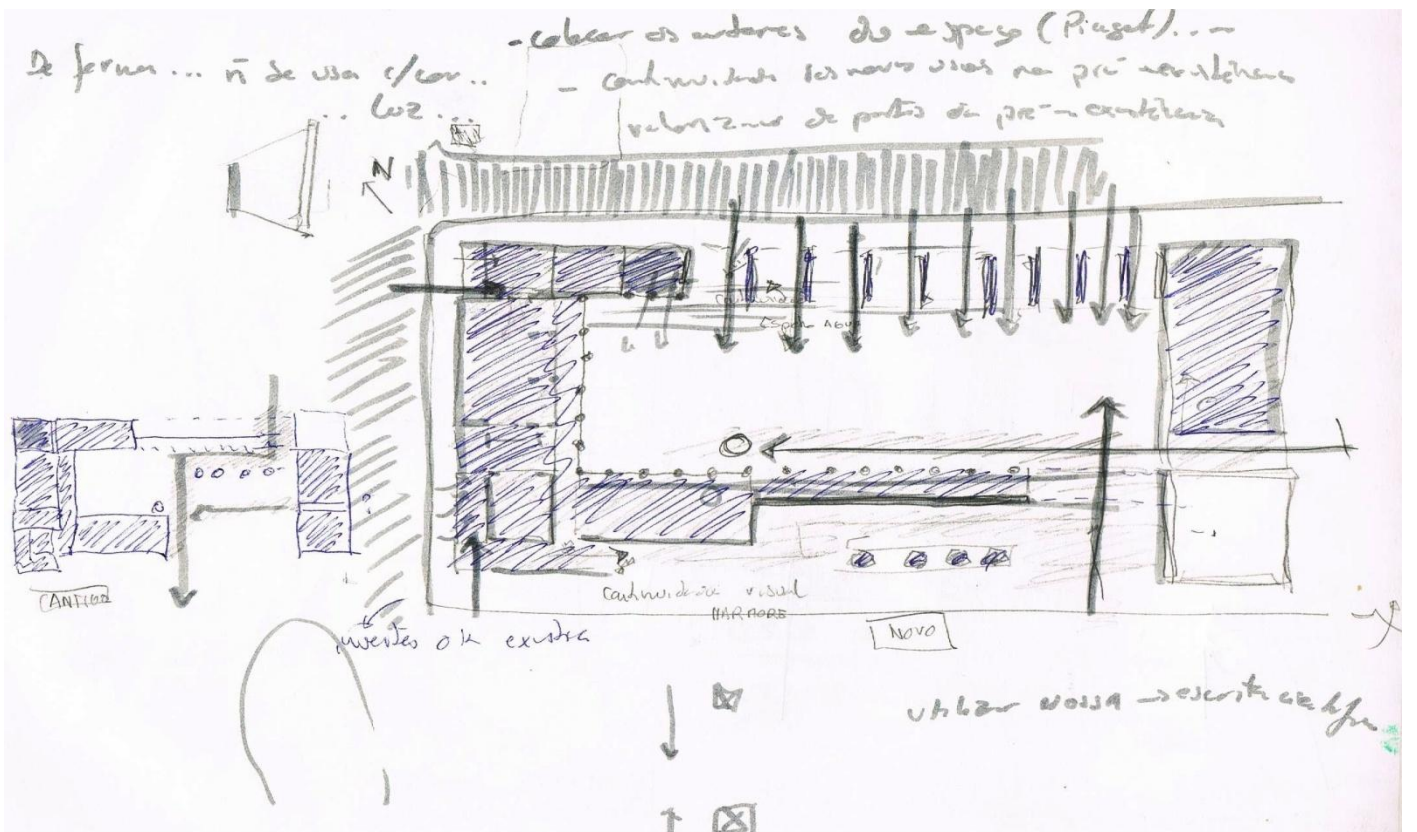
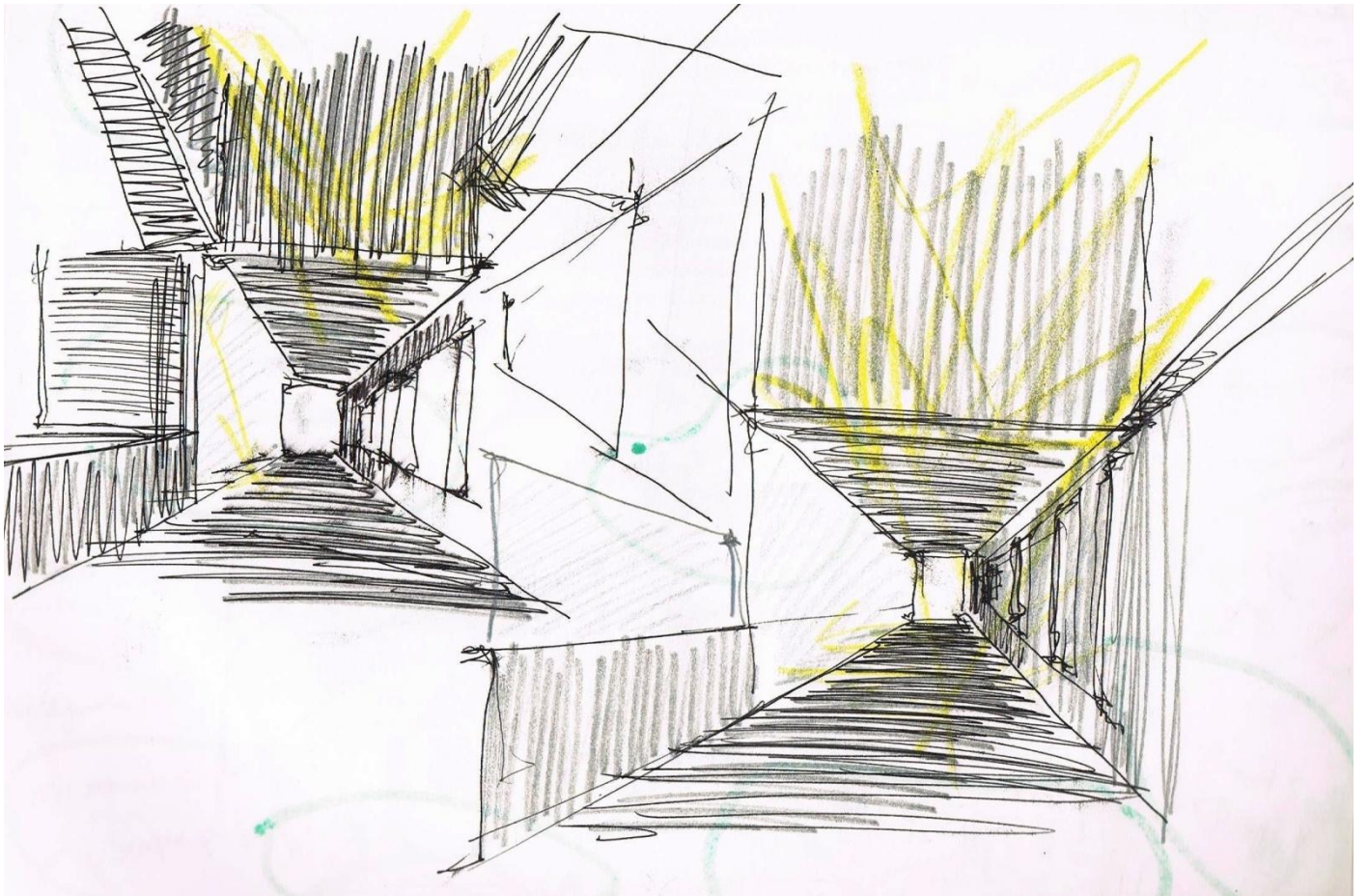
ANEXOS

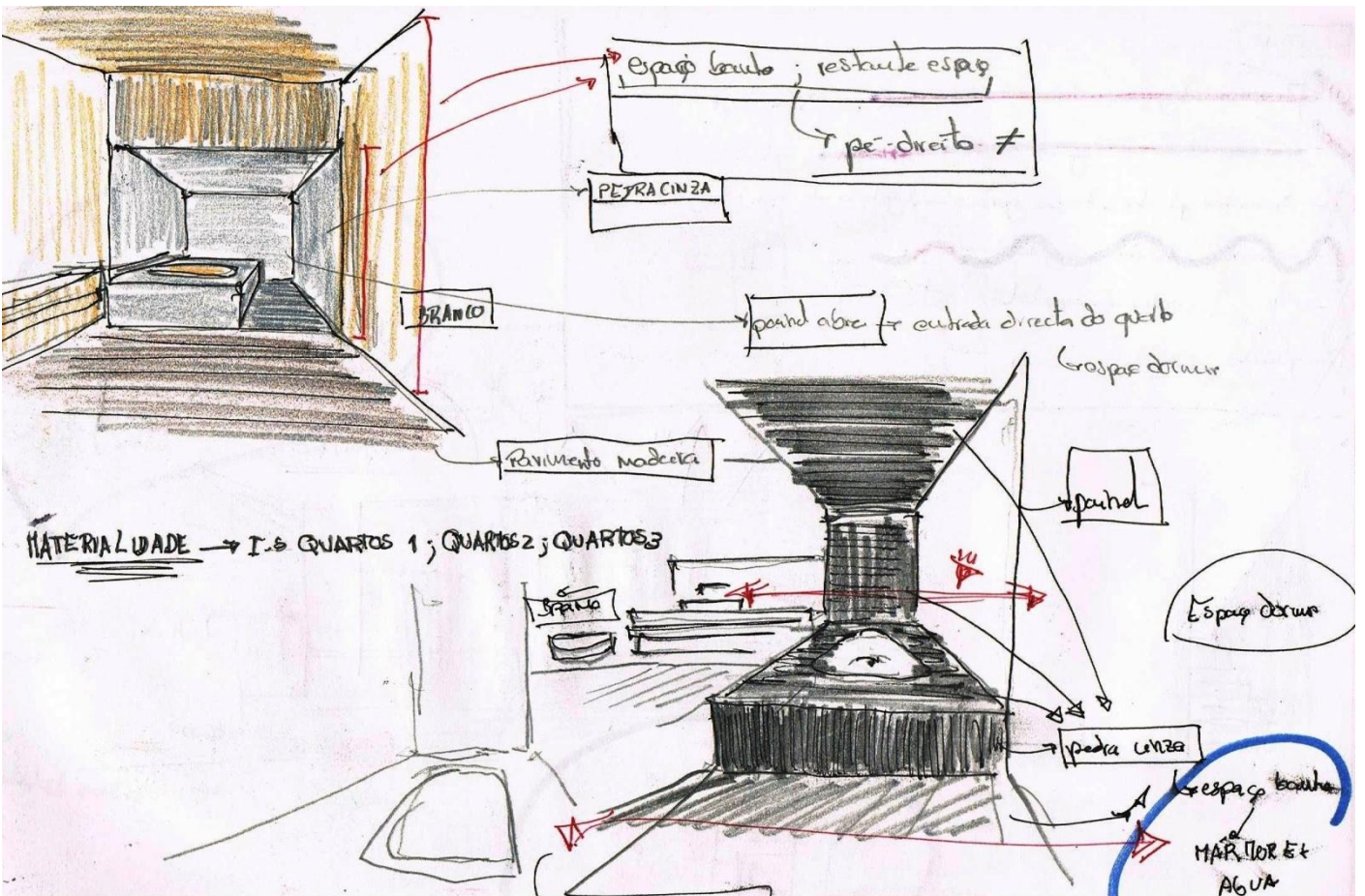
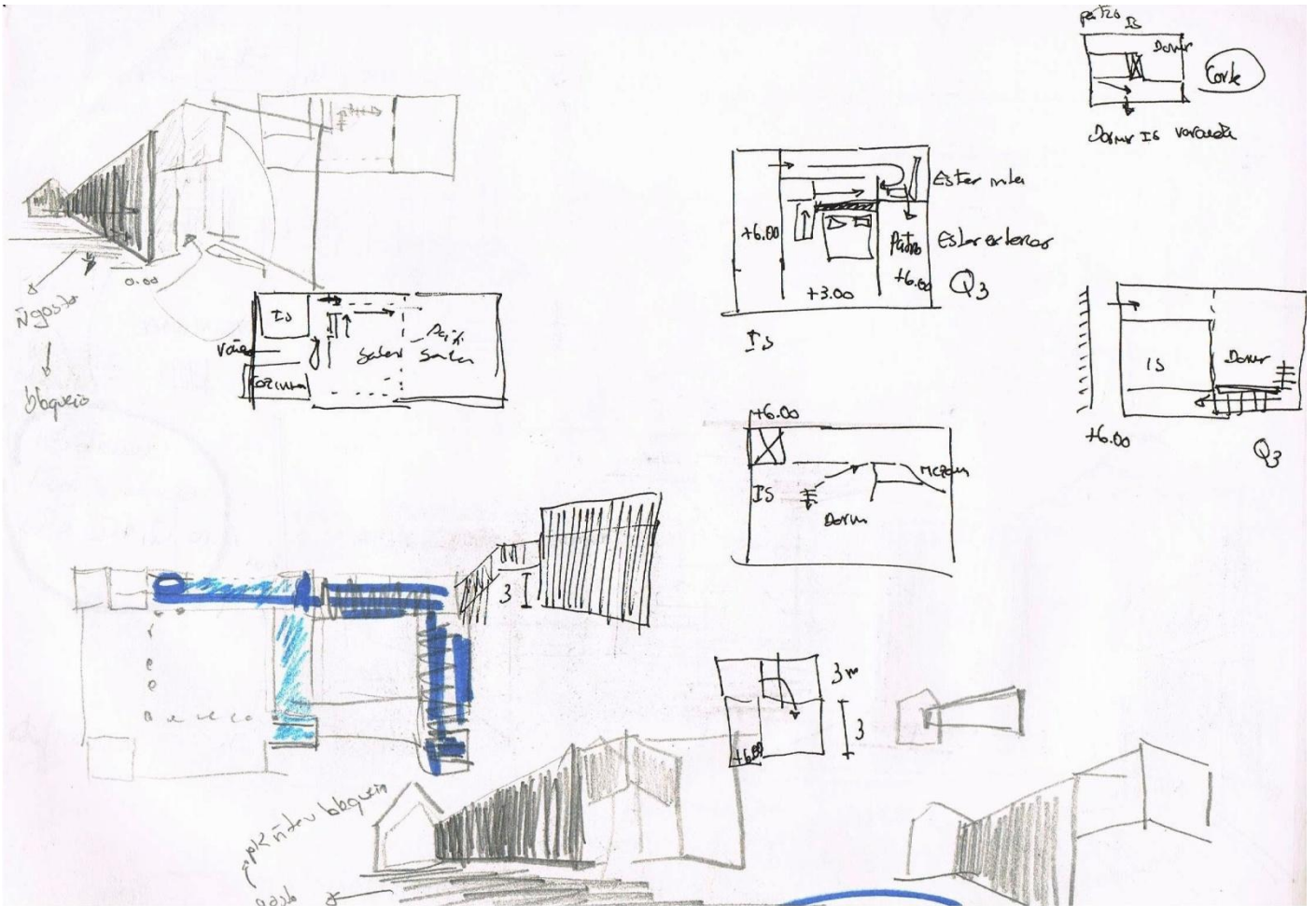
A. Processo de Trabalho

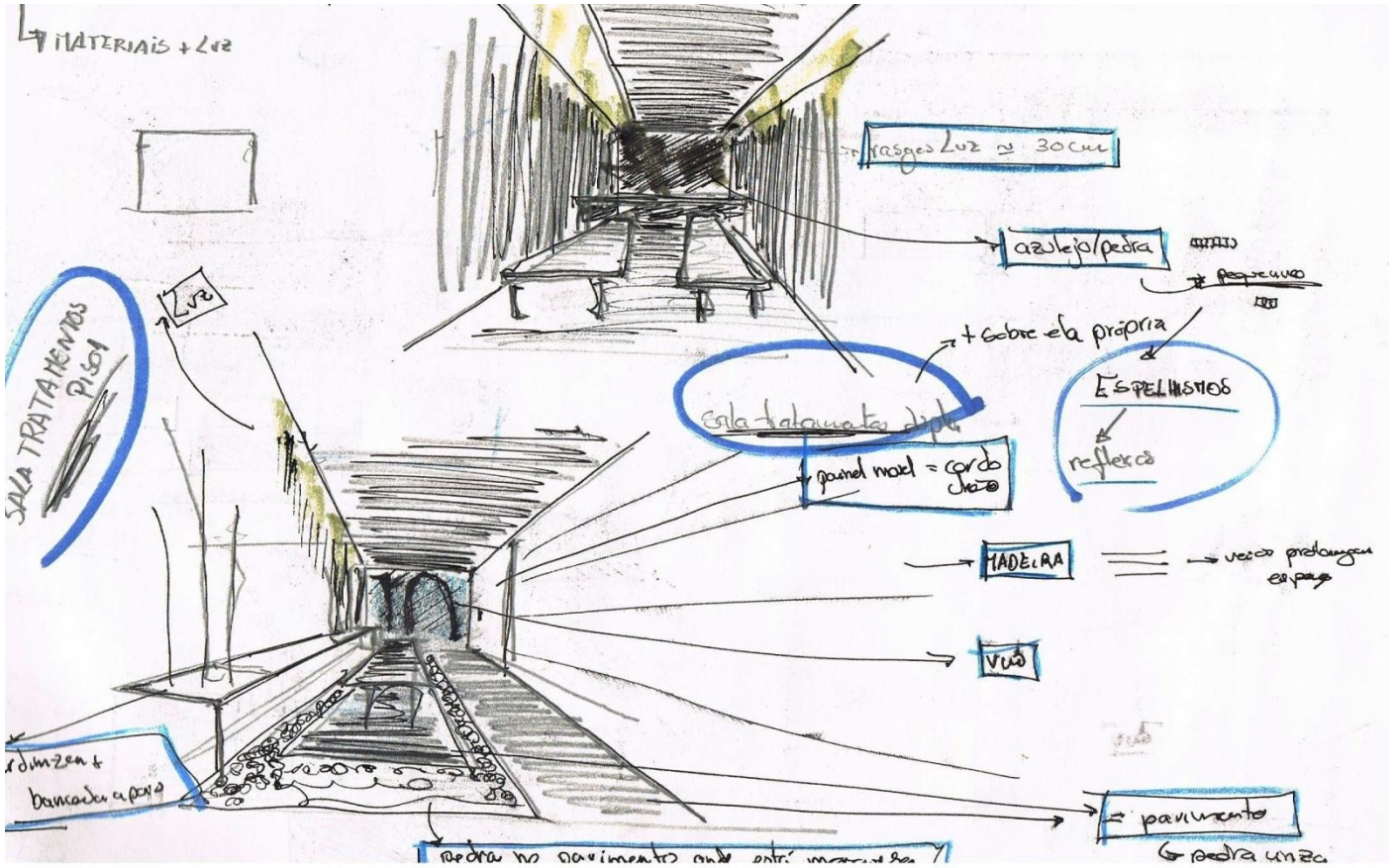
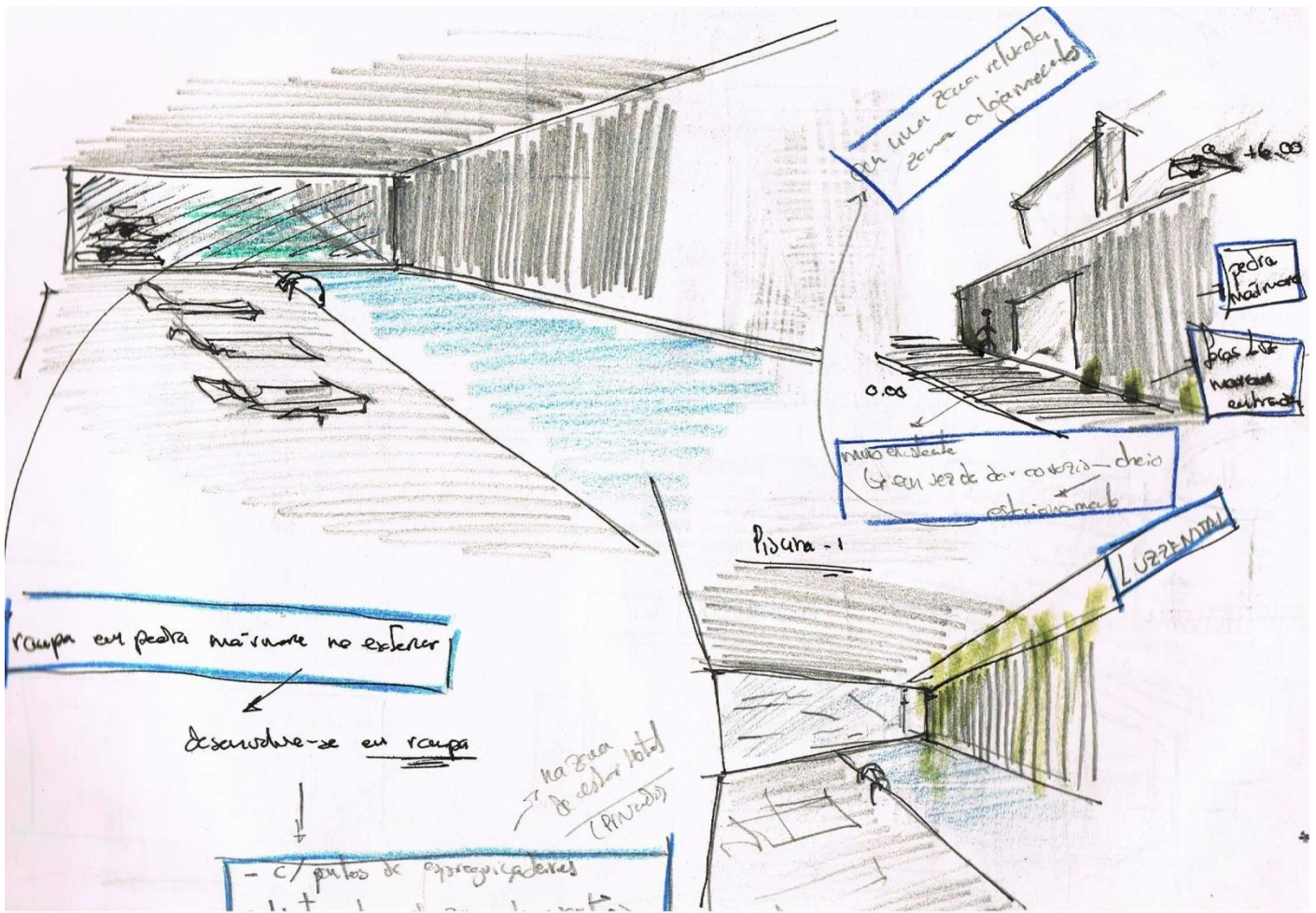




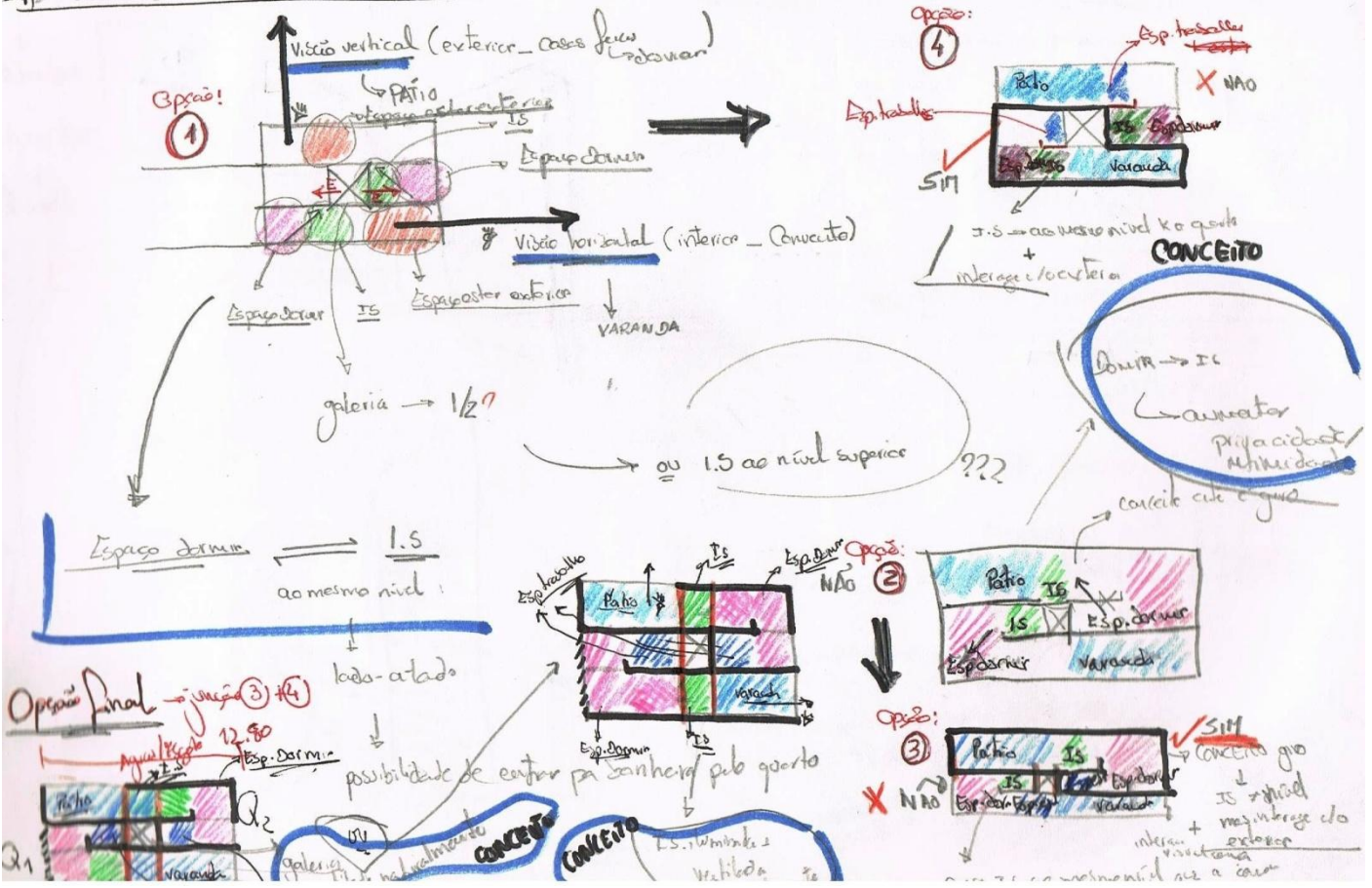




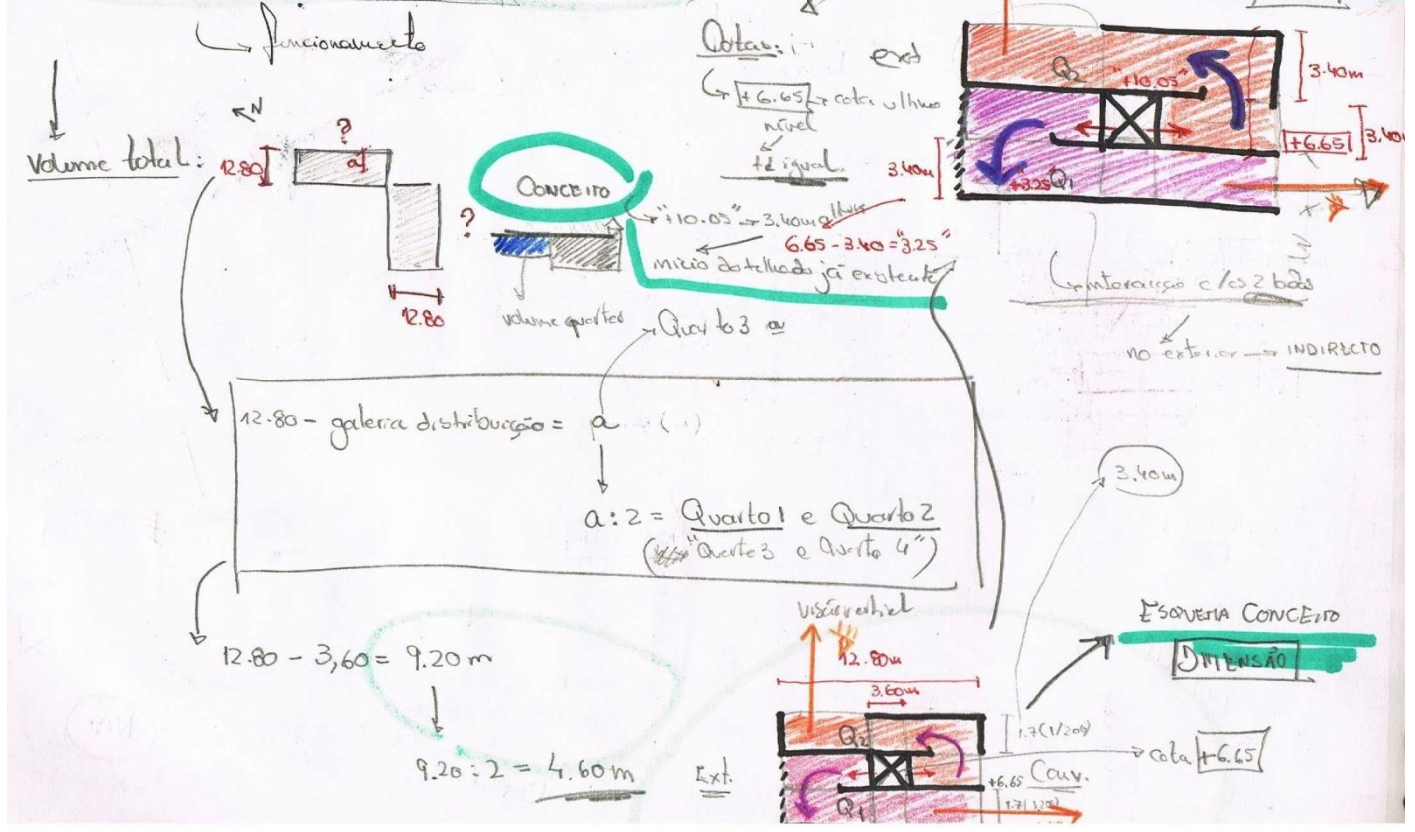




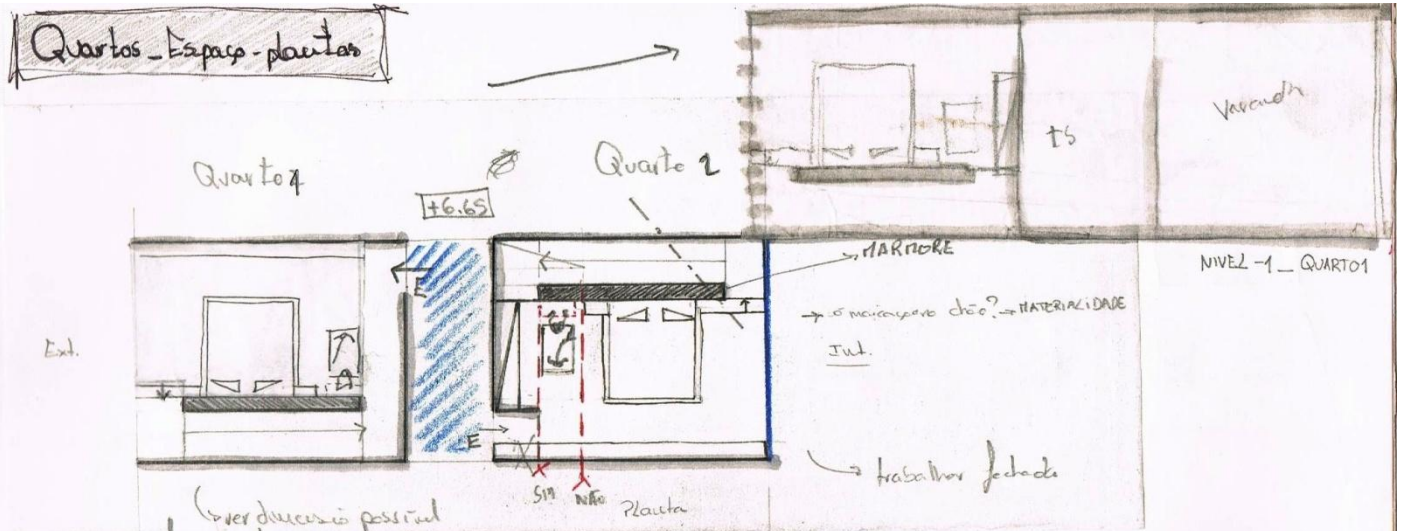
Conceito - Organização modular



Quartos - Galeria Distribuição



Quartos - Espaço - plantas



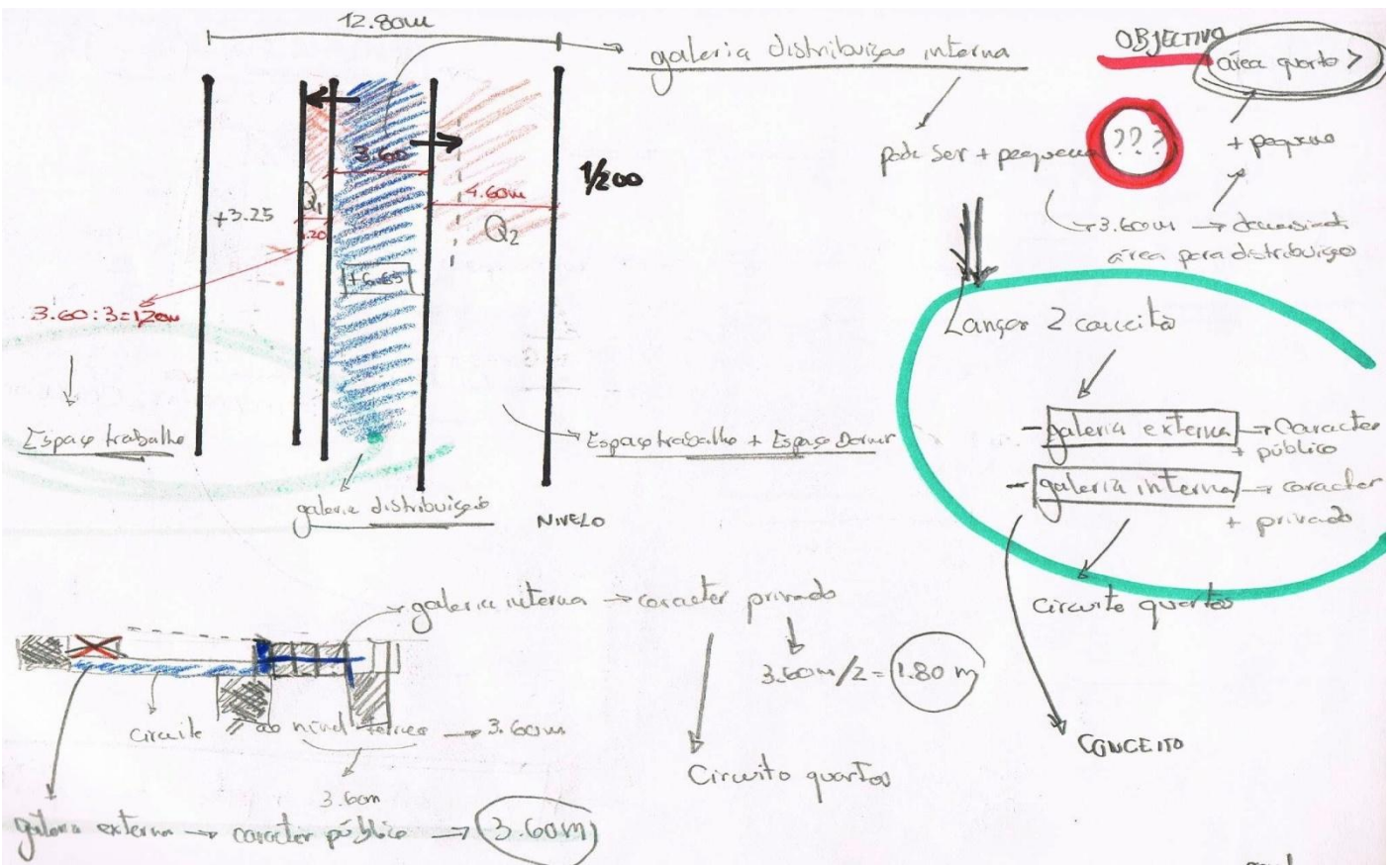
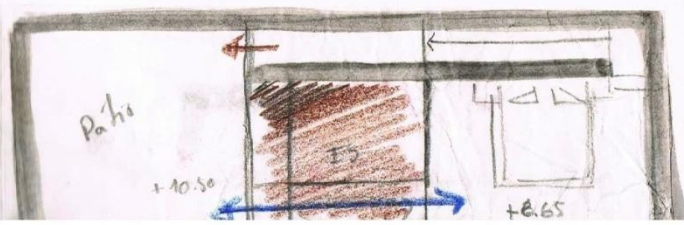
ver dimensão possível
 ↓
 escadas para deparar ver a altura

deficiente ???

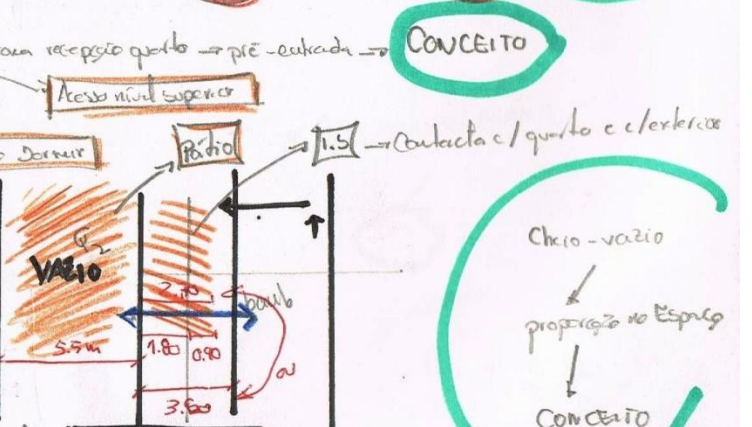
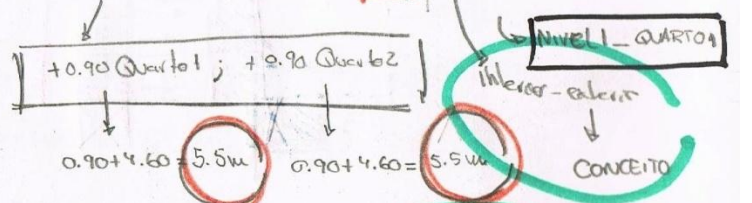
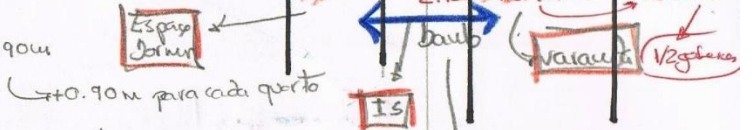
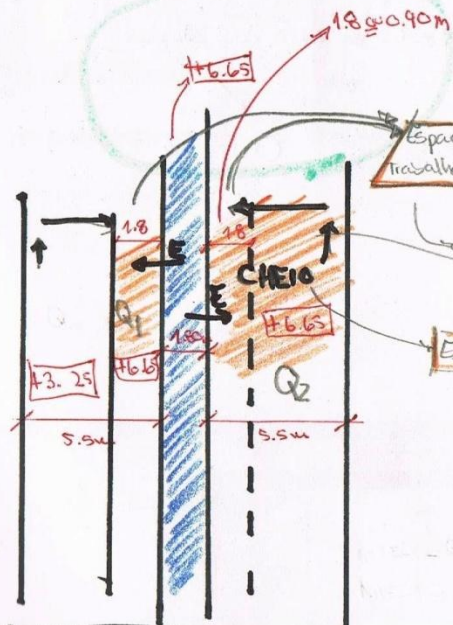
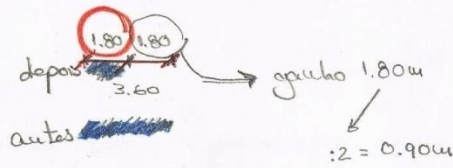
limite falso na última → PORTUGALIZAÇÃO

ver

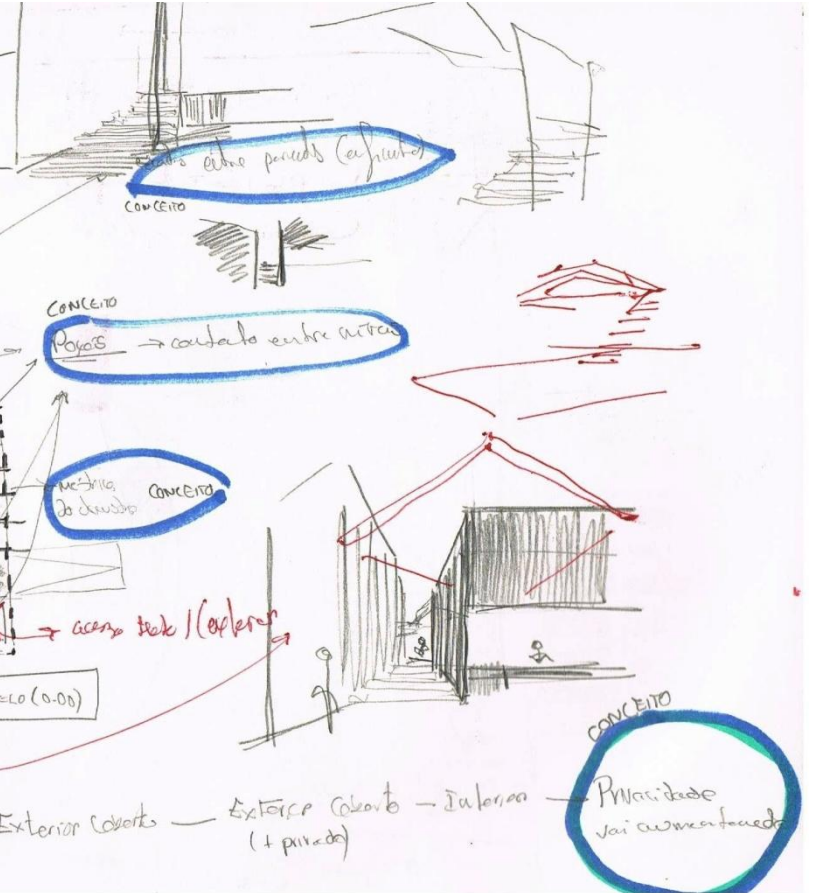
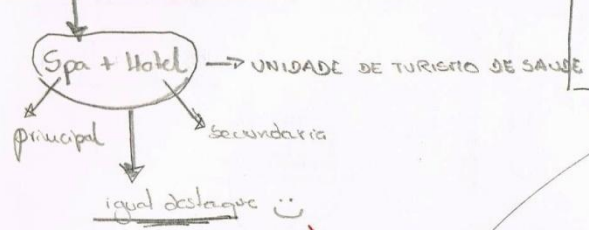
Rever quartos

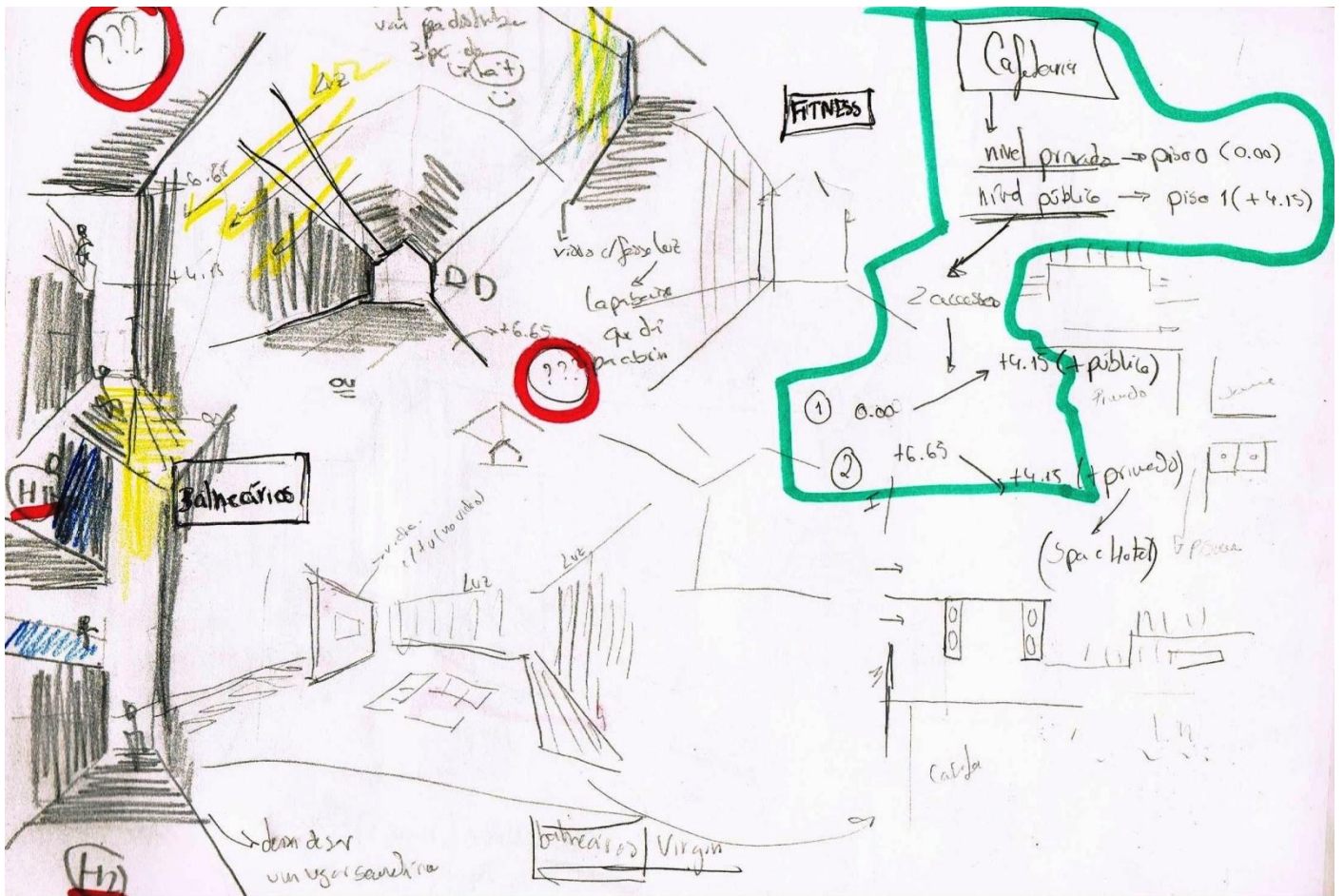


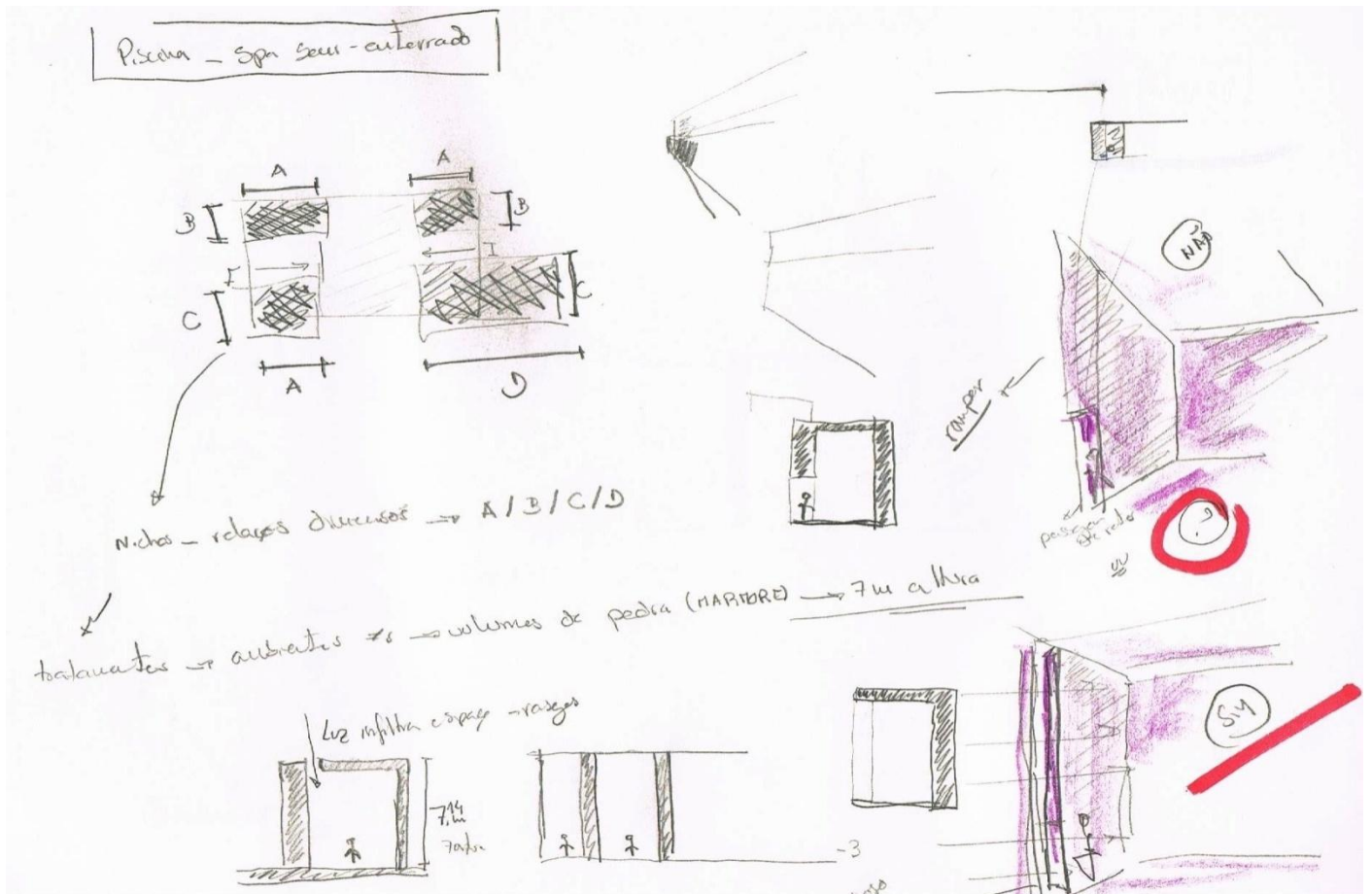
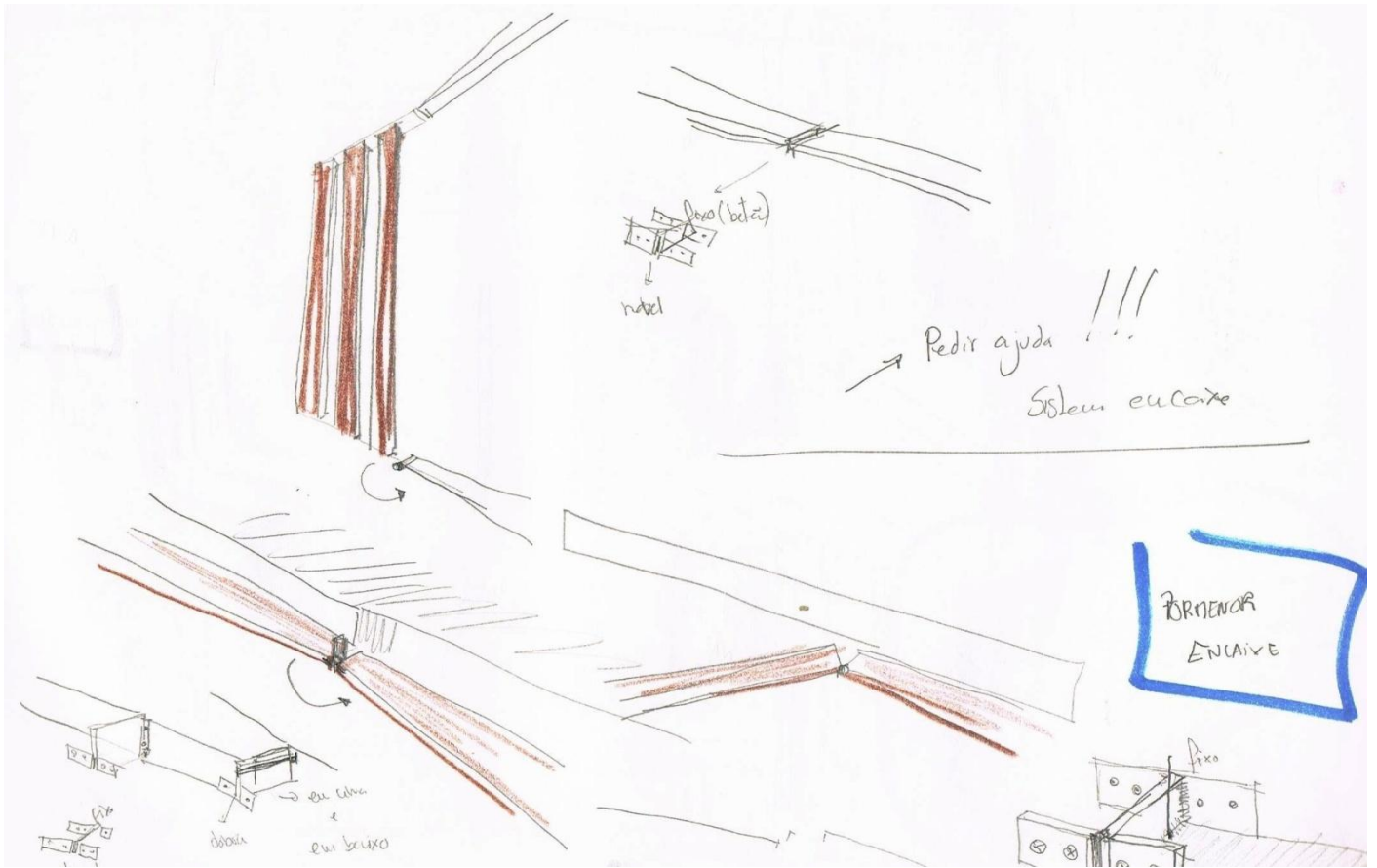
• 3.60 m → 3.60 : 2 = 1.80m

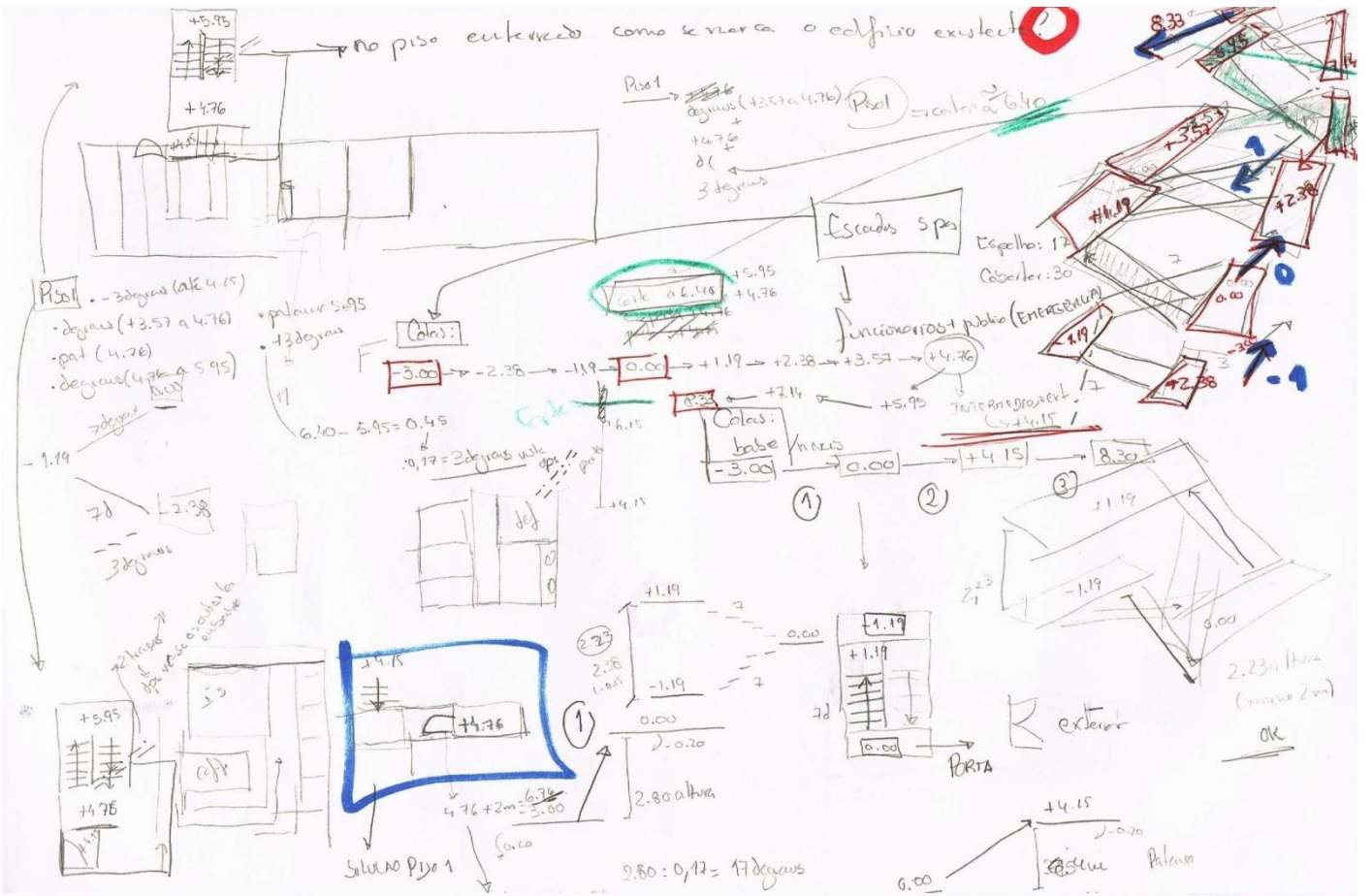


Acessos + Percursos

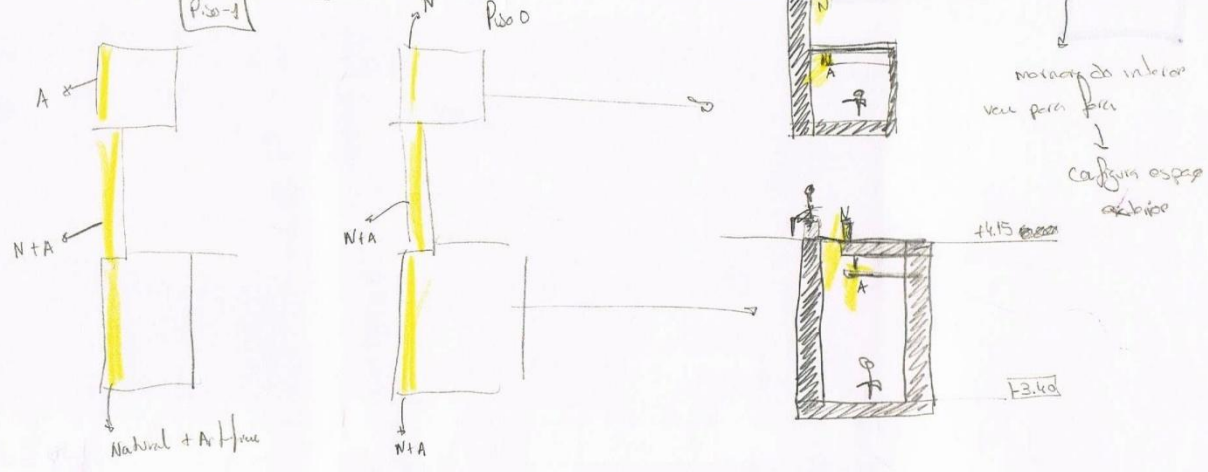




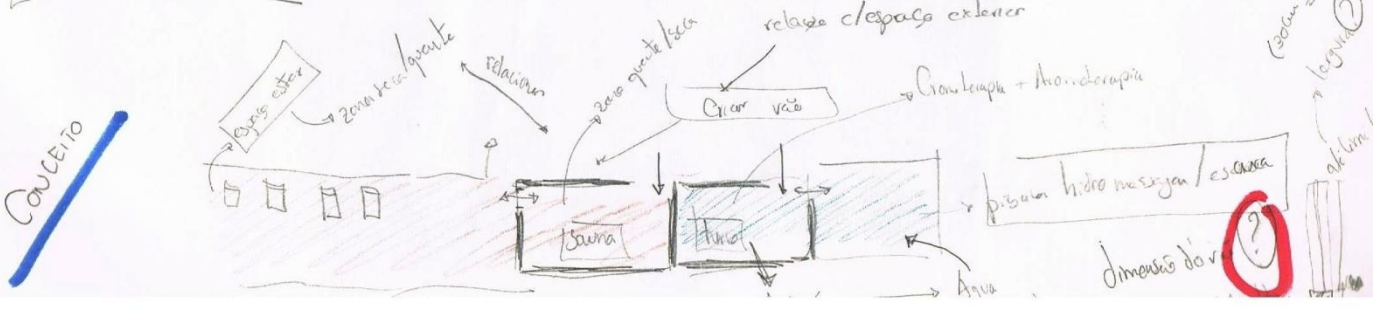


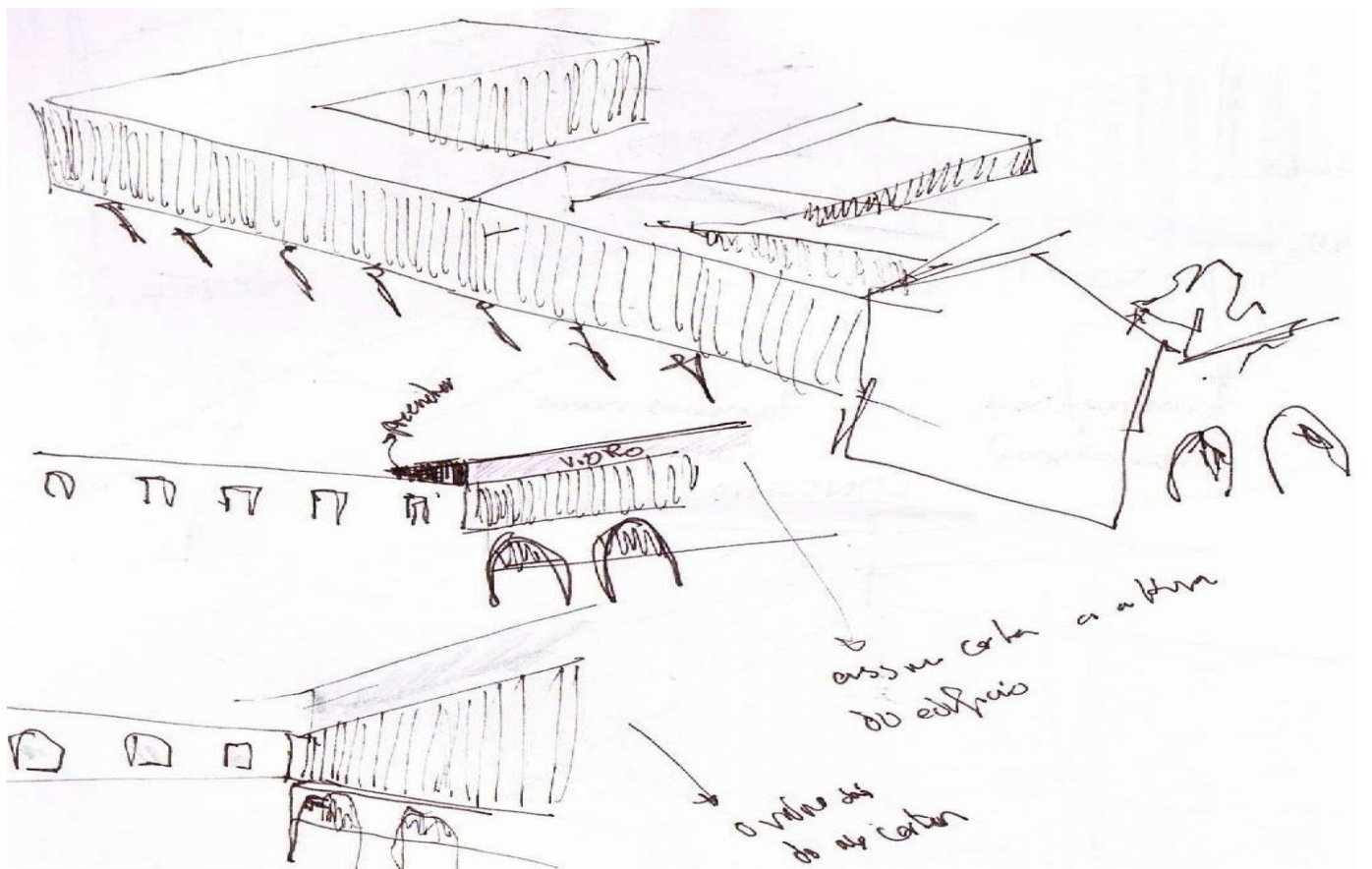
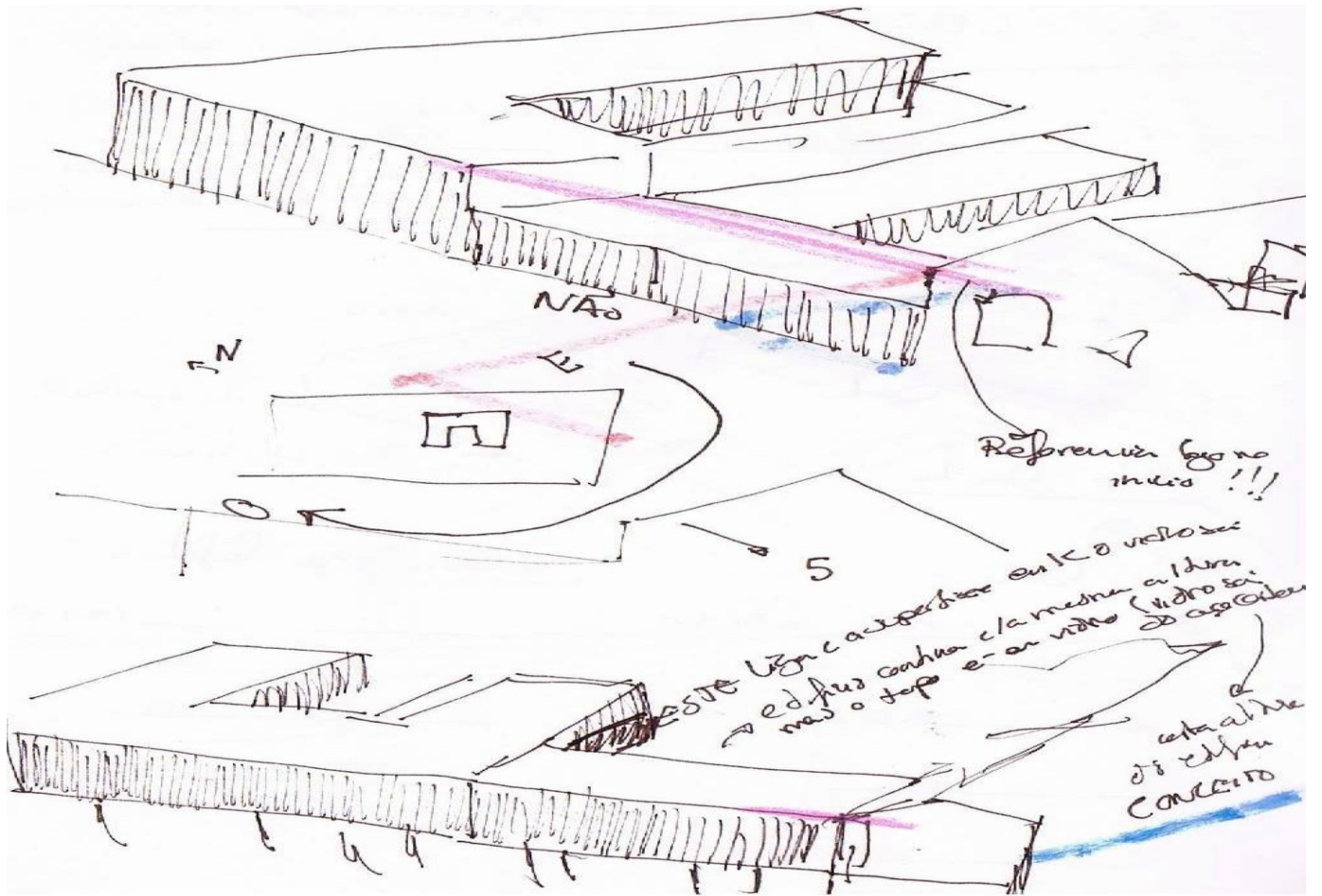


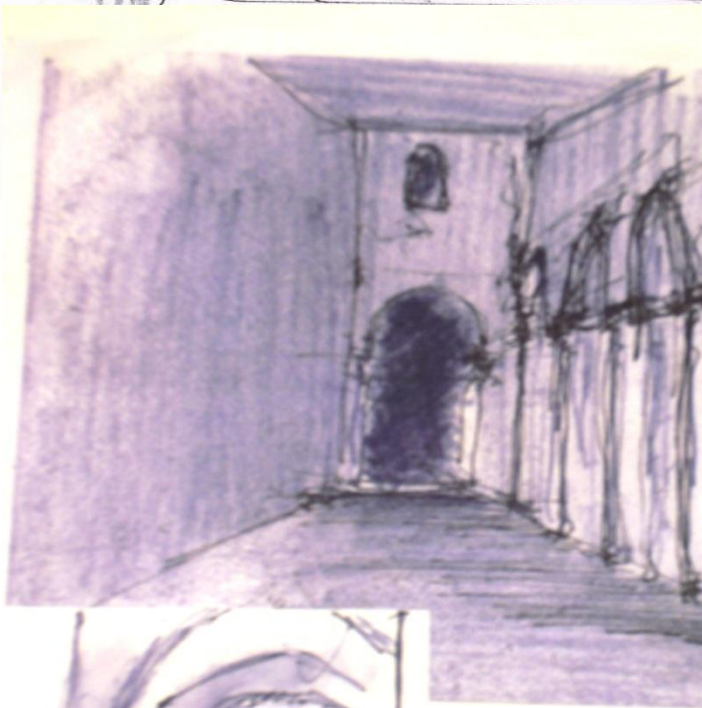
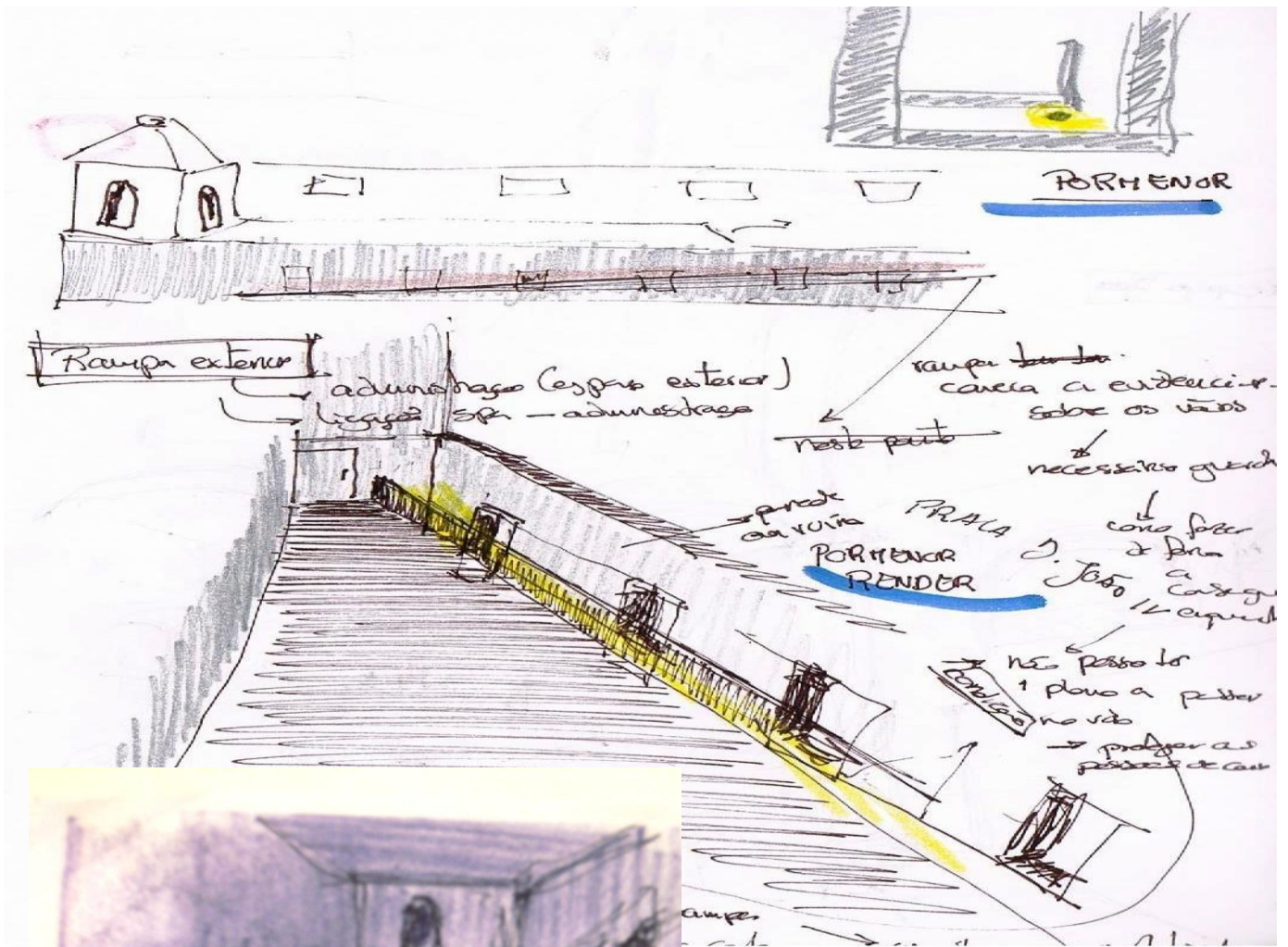
Illuminação Natural / Ventilação Natural



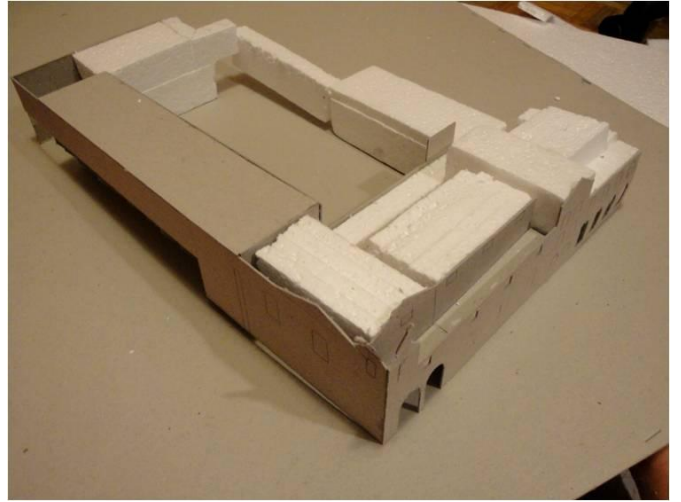
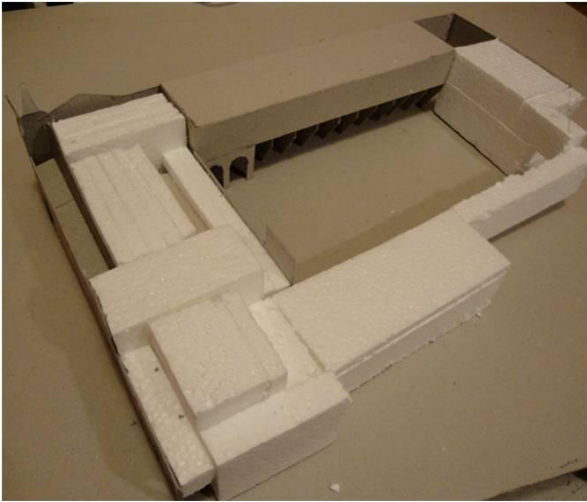
Sauva e Banho Turco



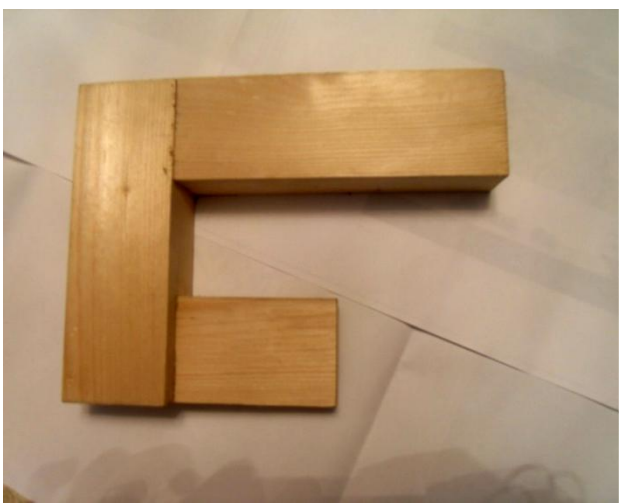
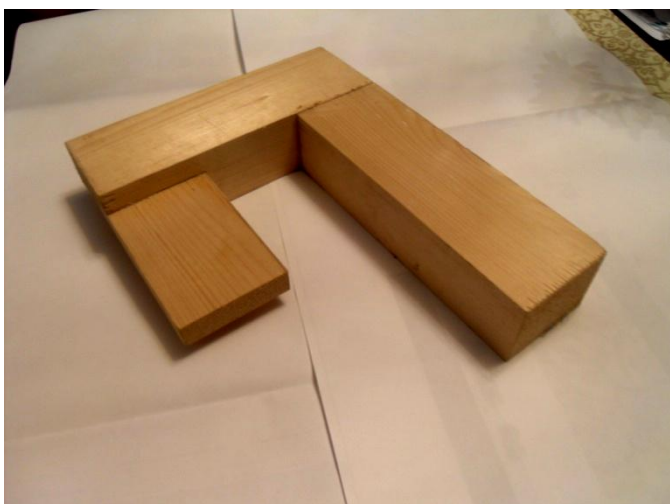
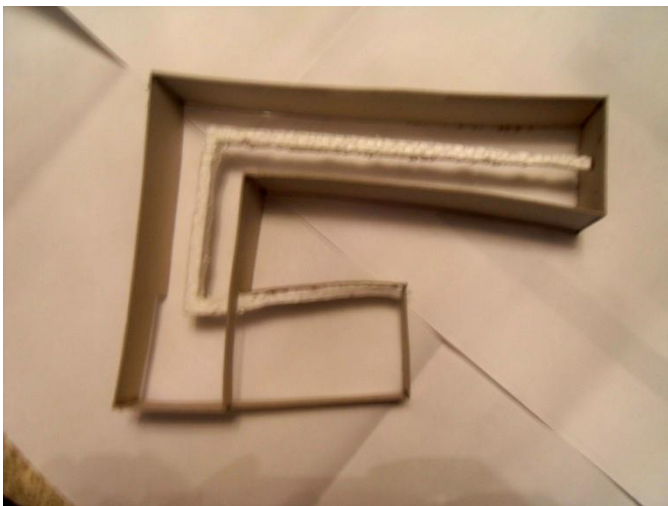
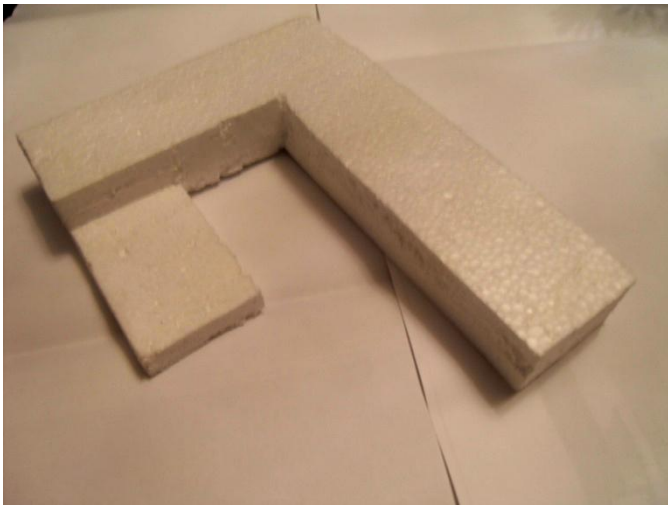




maqueta volumes_escalas 1.200

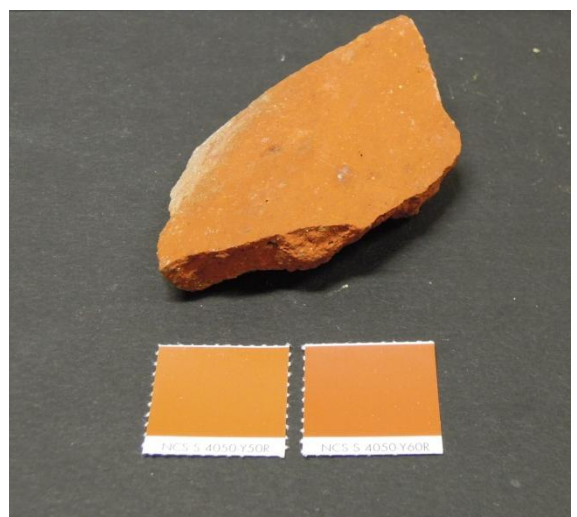
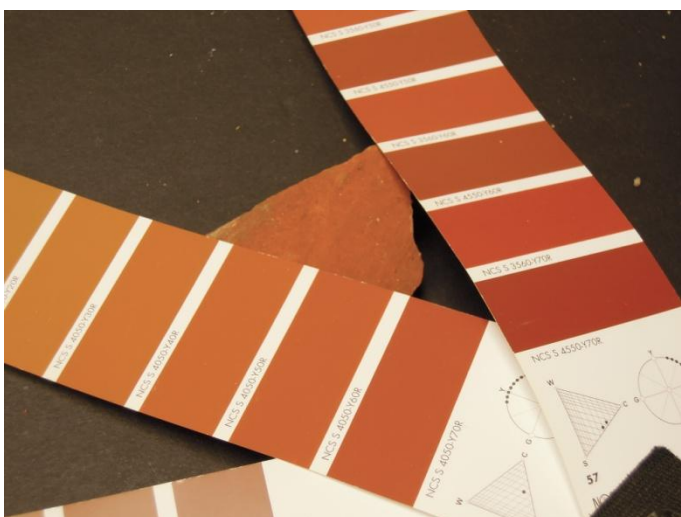
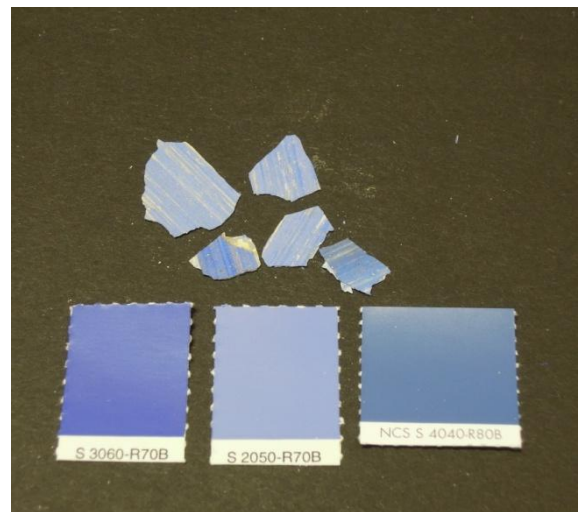
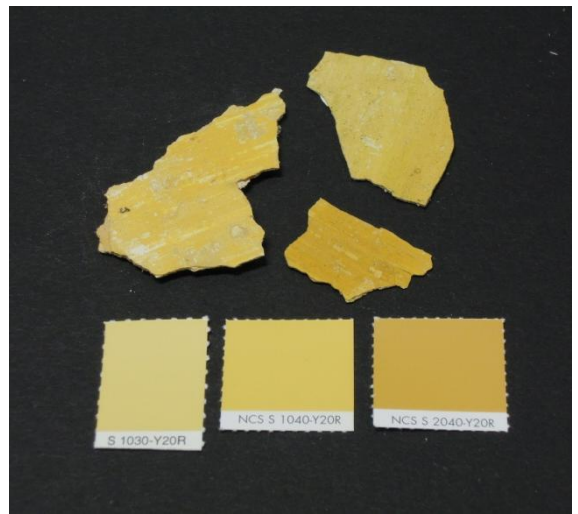


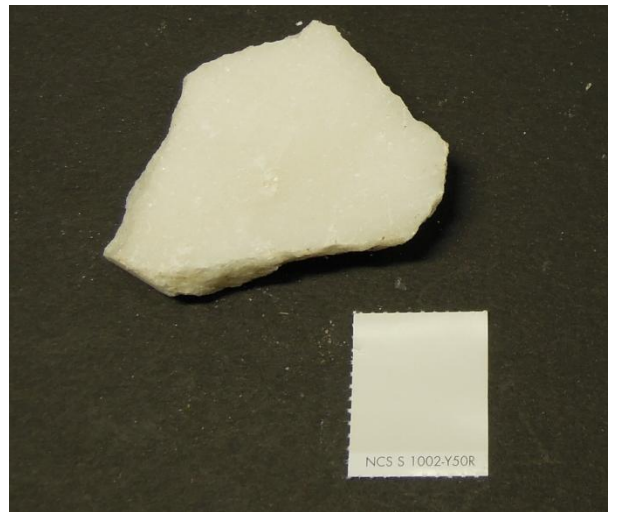
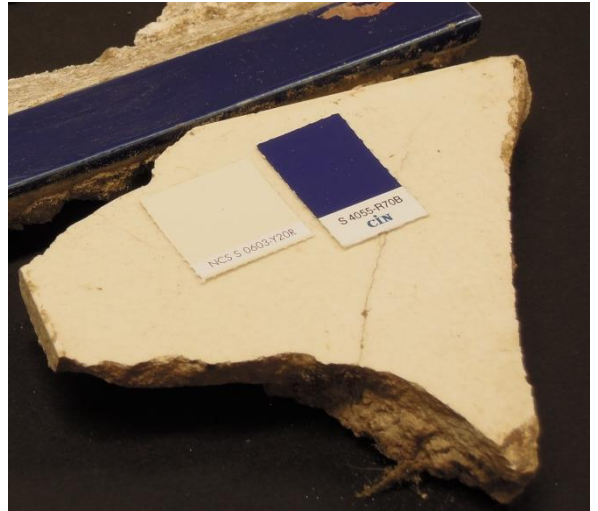
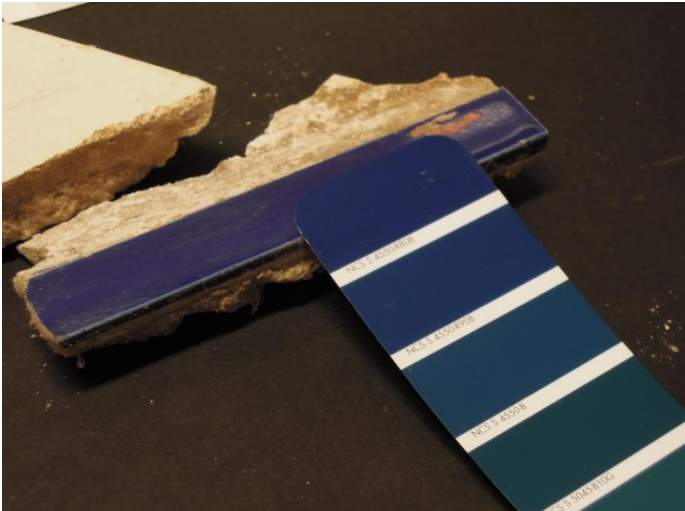
maqueta conceito quartos e galeria de distribuição_escala 1.200

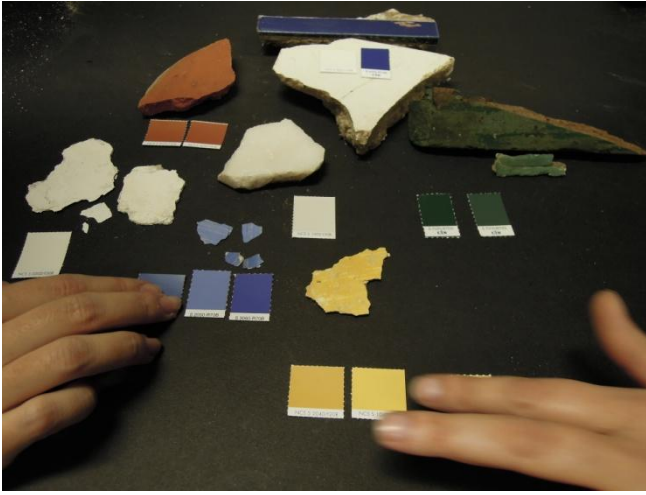


ANEXOS

B. Levantamento Cromático do convento

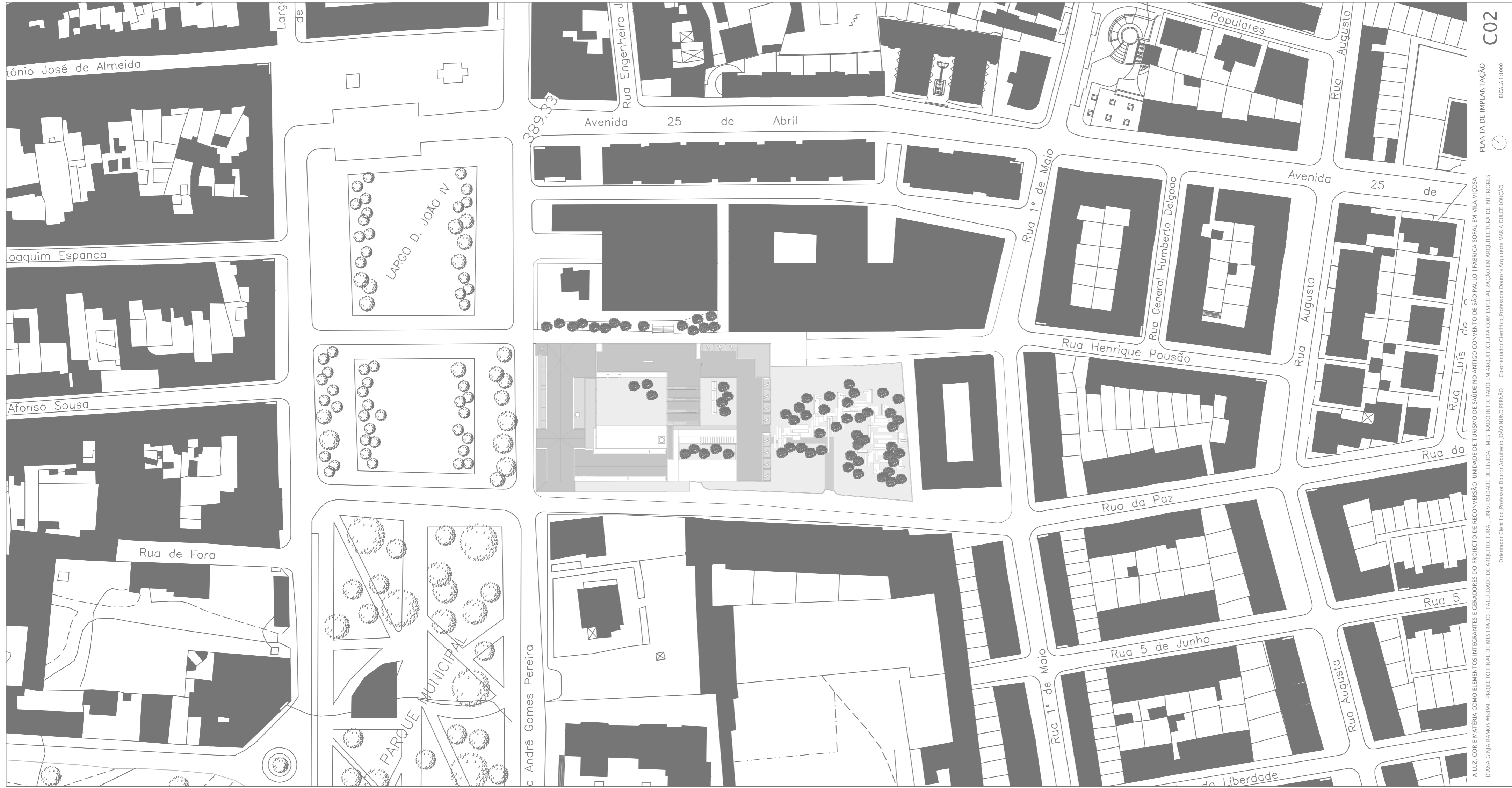






ANEXOS

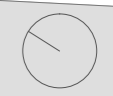
C. Desenhos de Projecto



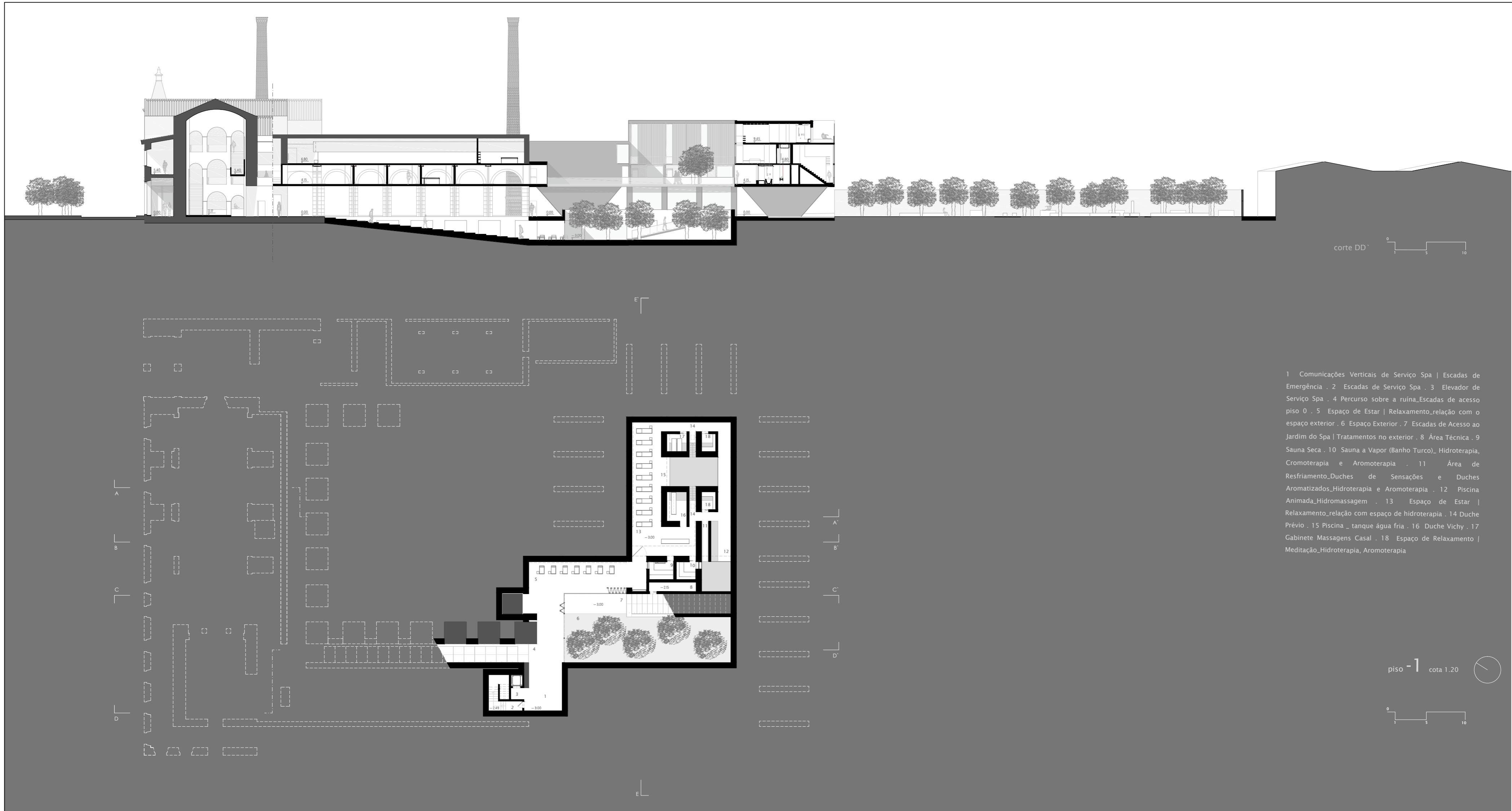


- 1 Antecâmara de entrada . 2 Entrada Spa . 3 Recepção .
- 4 Bengaleiro . 5 Loja . 6 Área Técnica . Quadros Eléctricos .
- 7 Foyer | Núcleo de Distribuição Spa . Acessos Verticais .
- 8 Circuito Sujo . Acesso Balneários . 9 Circuito Limpo .
- Percurso Hidroterapia . 10 Balneário Feminino . 11 Balneário Masculino . 12 Balneário para pessoas com mobilidade reduzida . 13 Balneário Funcionários Spa . 14 Entrada Funcionários Spa | Controle de Funcionários .
- 15 Comunicações Verticais de Serviço Spa . 16 Elevador de Serviço Spa . 17 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 18 Percurso sobre a Ruína . acesso ao piso -1 .
- 19 Percurso de Acesso Piscina Climatizada . 20 Duche Prévio . 21 Espaço de Estar | Relaxamento . 22 Área Técnica Piscina . 23 Piscina Climatizada . 24 Piscina Climatizada com Jactos de Água . 25 Entrada Hotel . 26 Foyer | Espaço de Estar . 27 Recepção . 28 Back Office . 29 Entrada Funcionários Hotel | Controle de Funcionários . 30 Núcleo de Distribuição Hotel . Acessos Verticais . 31 Percurso Claustal (circuito Púplico) . 32 Área Recepção Mercadorias . 33 Balneários Funcionários . 34 Cozinha . Copa Limpa . 34.1 Armazém Seco . 34.2 Camaras Frigoríficas . 34.3 Preparação Peixe . 34.4 Preparação Carne . 34.5 Preparação Vegetais . 34.6 Confeção . 35 Circuito Limpo . Serviço Quartos . 36 Circuito Sujo . 37 Cozinha . Copa Suja . 38 Depósito Lixo . 39 Saída Lixo . 40 Comunicações Verticais de Serviço Hotel . 41 Escadas de Serviço Hotel | Escadas de Emergência . 42 Elevador de Serviço Hotel . 43 Lavandaria . Depósito Sujo . 44 Lavandaria . Depósito Limpo . 45 Percurso sobre Água . Acesso Jardim do Spa . 46 Jardim do Spa (carácter semi-privado)

piso 0 cota 1.20



A LUZ, COR E MATÉRIA COMO ELEMENTOS INTEGRANTES E GERADORES DO PROJECTO DE RECONVERÇÃO: UNIDADE DE TURISMO DE SAÚDE NO ANTIGO CONVENTO DE SÃO PAULO | FÁBRICA SOFAL EM VILA VICOSA
 DIANA GINJA RAMOS #6899 - PROJECTO FINAL DE MESTRADO - FACULDADE DE ARQUITECTURA - UNIVERSIDADE DE LISBOA - MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM ARQUITECTURA DE INTERIORES
 Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto JOÃO NUNO FERREIRO - Co-orientador Científico: Professora Doutora Arquitecta MARIA DUCE LOIÇÃO



- 1 Comunicações Verticais de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 2 Escadas de Serviço Spa . 3 Elevador de Serviço Spa . 4 Percurso sobre a ruína_Escadas de acesso piso 0 . 5 Espaço de Estar | Relaxamento_relação com o espaço exterior . 6 Espaço Exterior . 7 Escadas de Acesso ao Jardim do Spa | Tratamentos no exterior . 8 Área Técnica . 9 Sauna Seca . 10 Sauna a Vapor (Banho Turco)_ Hidroterapia, Cromoterapia e Aromoterapia . 11 Área de Resfriamento_Duches de Sensações e Duches Aromatizados_Hidroterapia e Aromoterapia . 12 Piscina Animada_Hidromassagem . 13 Espaço de Estar | Relaxamento_relação com espaço de hidroterapia . 14 Duche Prévio . 15 Piscina _ tanque água fria . 16 Duche Vichy . 17 Gabinete Massagens Casal . 18 Espaço de Relaxamento | Meditação_Hidroterapia, Aromoterapia

piso -1 cota 1.20
 0 5 10
 0 5 10



1 Mezanine de Distribuição Spa (Tratamentos Secos) . 2 Corredor de Distribuição Gabinetes de Tratamentos Secos - Contacto com Nível Inferior . 3 Armazém . 4 Gabinetes de Tratamentos Secos (Massagem Individual; Casal e Massagem em Tatame) . 5 Espaço de Espera | Louche . 6 Comunicações Verticais de Serviço Spa . 7 Elevador de Serviço Spa . 8 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 9 Nichos - Tratamentos Secos / Massagens na Mezanine sobre a Piscina Climatizada . 10 Espaço de Hidratação | Lounge . 11 Percurso Ligação Spa ao Restaurante: Pátio das Laranjeiras e Quartos . 12 Pátio das Laranjeiras (carácter privado) . 13 Escadas de Acesso Directo Quarto C . 14 Quarto A - Piso Inferior . 15 Escadas de Acesso à Galeria de Distribuição Quartos . 16 Núcleo de Distribuição Hotel - Acessos Verticais . 17 Loja Gourmet . 18 Restaurante . 19 Instalações Sanitárias . 20 Faldário . 21 Comunicações Verticais de Serviço Hotel . 22 Elevador de Serviço Hotel . 23 Escadas de Serviço Hotel | Escadas de Emergência . 24 Arrumos

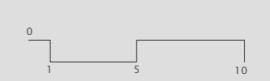
piso 1 cota 6.00

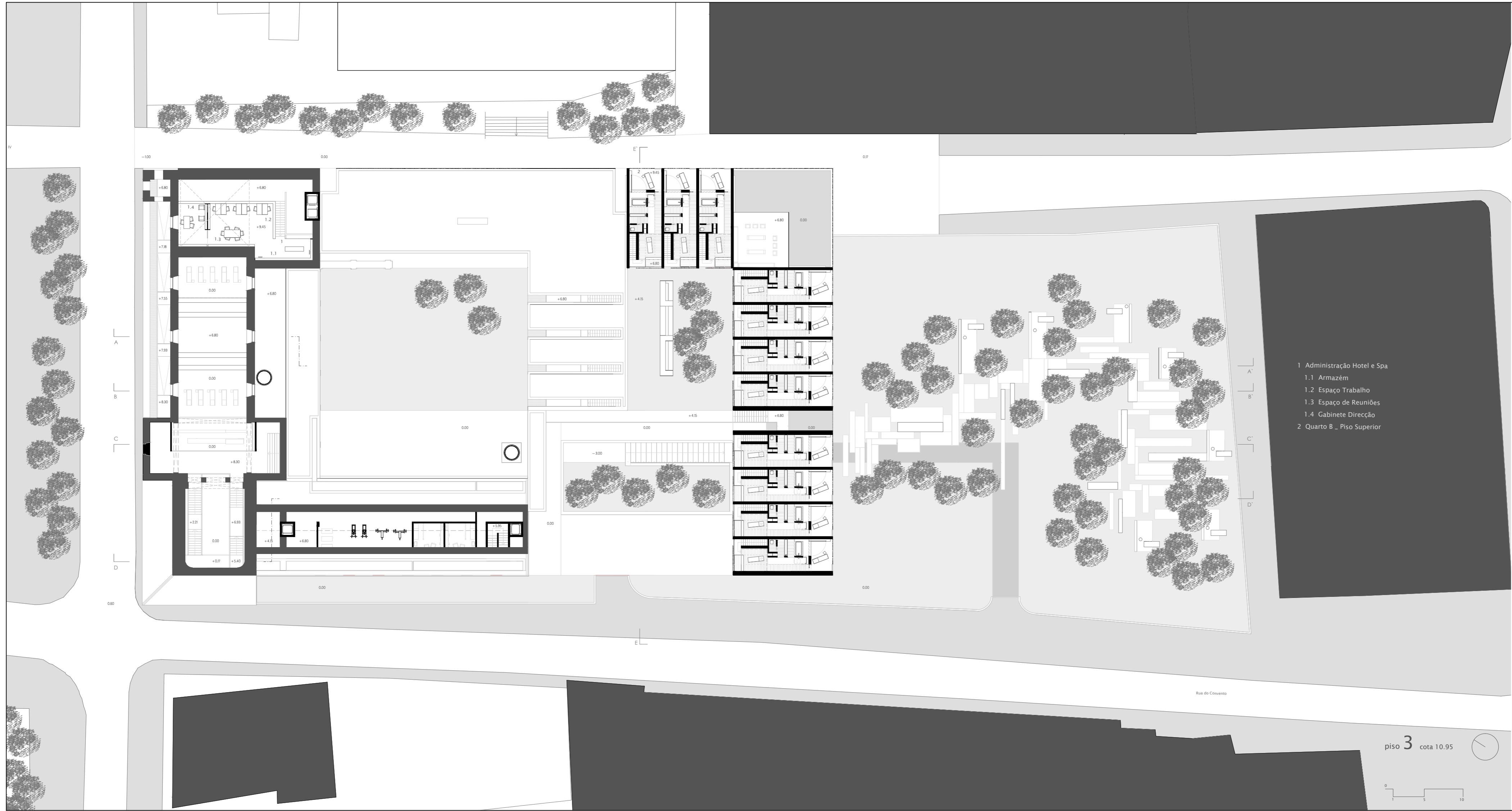




- 1 Mezanine de Distribuição Spa (Fitness | Reabilitação) . 2 Espaço de Estar . 3 Espaço Fitness | Espaço Reabilitação (Zona trabalho cardiovascular; musculação e alongamentos) . 4 Espaço Fitness | Espaço Reabilitação _ Treinos no Exterior . 5 Gabinete Médico . 6 Gabinete de Aconselhamento Nutricional . 7 Gabinete de Prescrição Física _ Sala de Instrutores . 8 Comunicações Verticais de Serviço Spa | Circuito Funcionários . 9 Elevador de Serviço Spa . 10 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 11 Espaço de Limpeza | Arrumos . 12 Espaço Exterior | Rampa de Acesso Administração e Copa de Apoio (funcionários Hotel e Spa) . 13 Balneário Feminino | Instalações Sanitárias . 14 Balneário Masculino | Instalações Sanitárias . 15 Copa de Apoio _ Zona de Refeições . 16 Copa de Apoio _ Cozinha . 17 Núcleo de Distribuição Hotel _ Acessos Verticais . 18 Mezanine Acesso aos Quartos _ Visão sobre nível inferior (Restaurante) . 19 Comunicações Verticais Serviço Hotel . 20 Elevador de Serviço Hotel . 21 Escadas de Serviço Hotel | Escadas de Emergência . 22 Copa de Piso _ Limpeza e Arrumos . 23 Espaço de Estar _ Espaço chegada de Bagagens . 24 Galeria Distribuição Quartos . 25 Espaço Estar Hotel . 26 Quarto B _ Piso Inferior (entrada) . 27 Quarto A _ Piso Superior (entrada) . 28 Escadas Exteriores de Acesso ao Pátio das Laranjeiras (Caractér Privado), Spa (Tratamentos Secos) e Restaurante

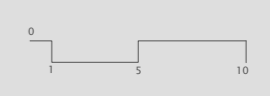
piso 2 cota 8.60

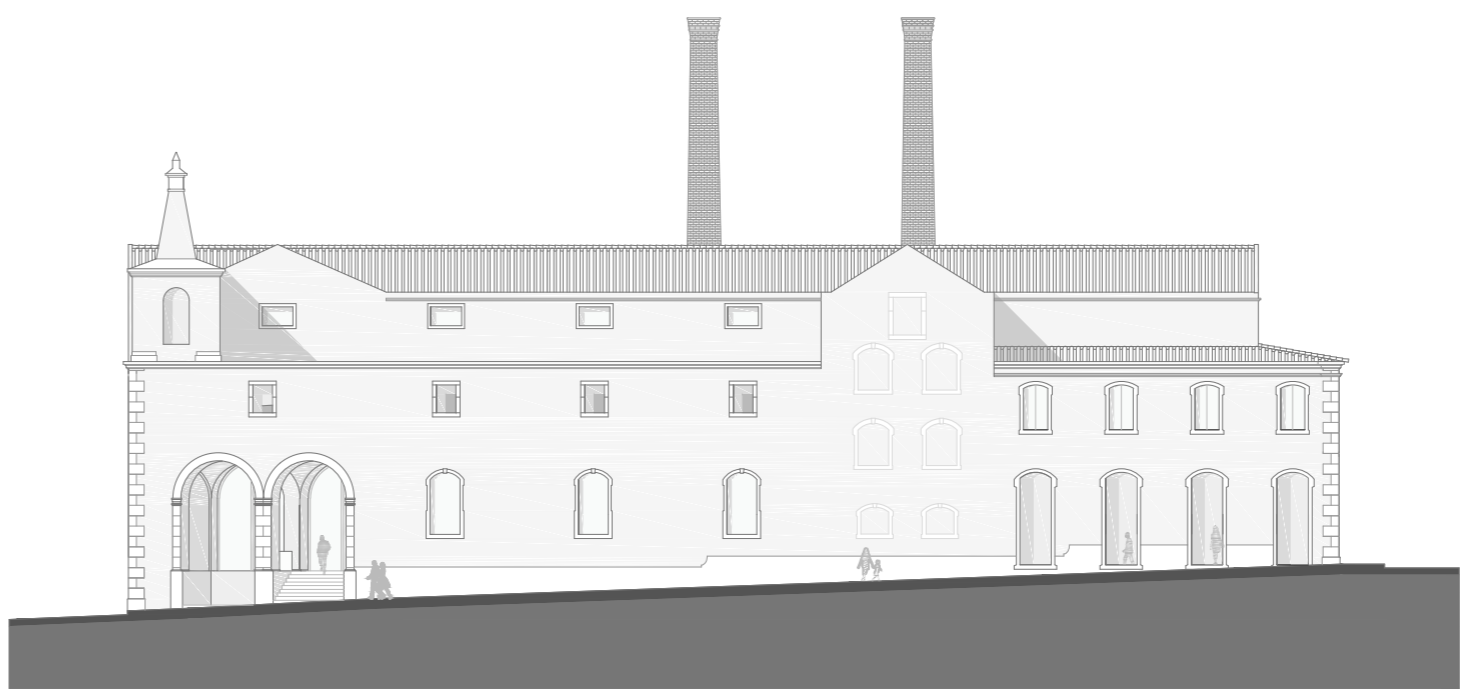




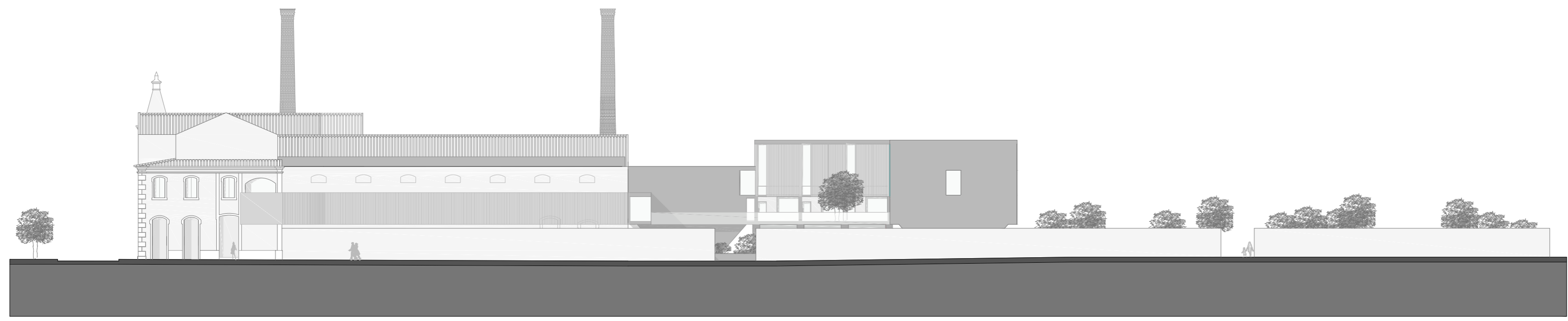
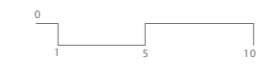
- 1 Administração Hotel e Spa
- 1.1 Armazém
- 1.2 Espaço Trabalho
- 1.3 Espaço de Reuniões
- 1.4 Gabinete Direcção
- 2 Quarto B - Piso Superior

piso 3 cota 10.95





alçado NOROESTE

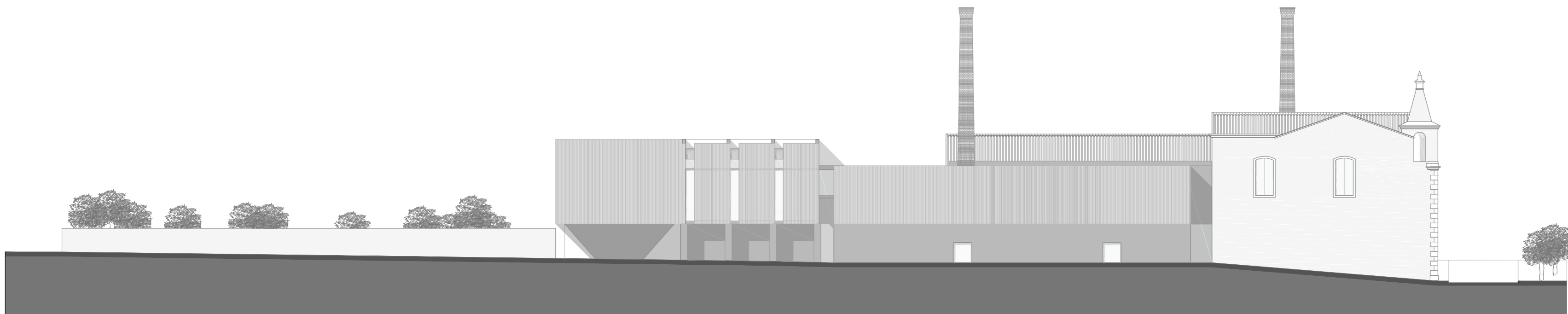


alçado SUDESTE



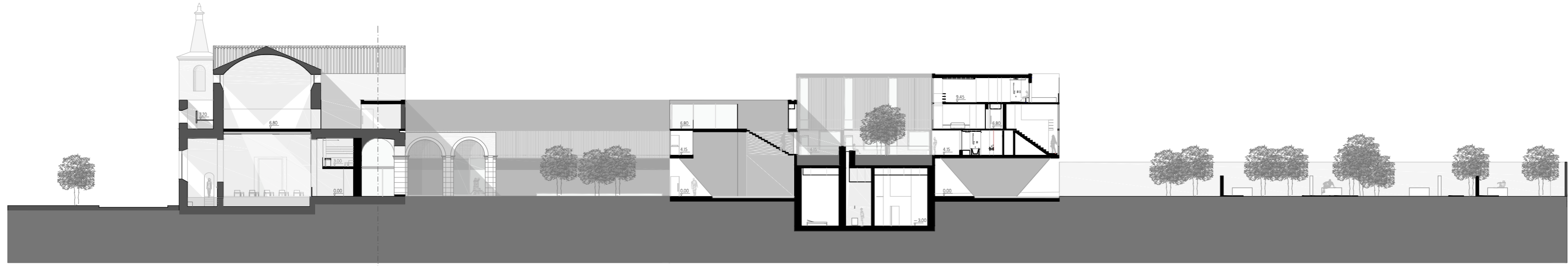


alçado SUDESTE

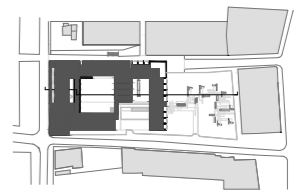


alçado NORDESTE

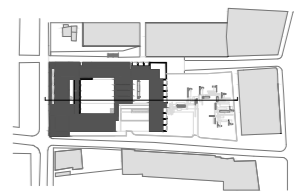


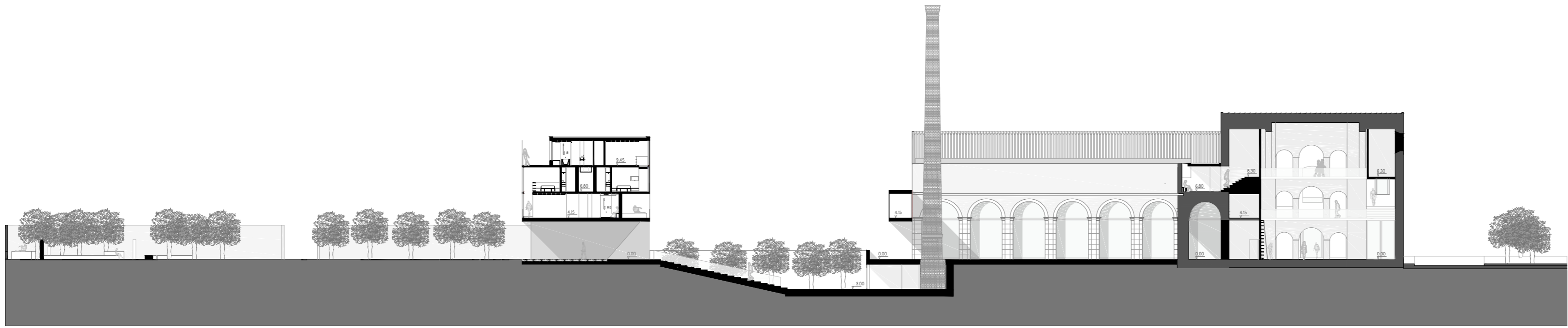


corte AA

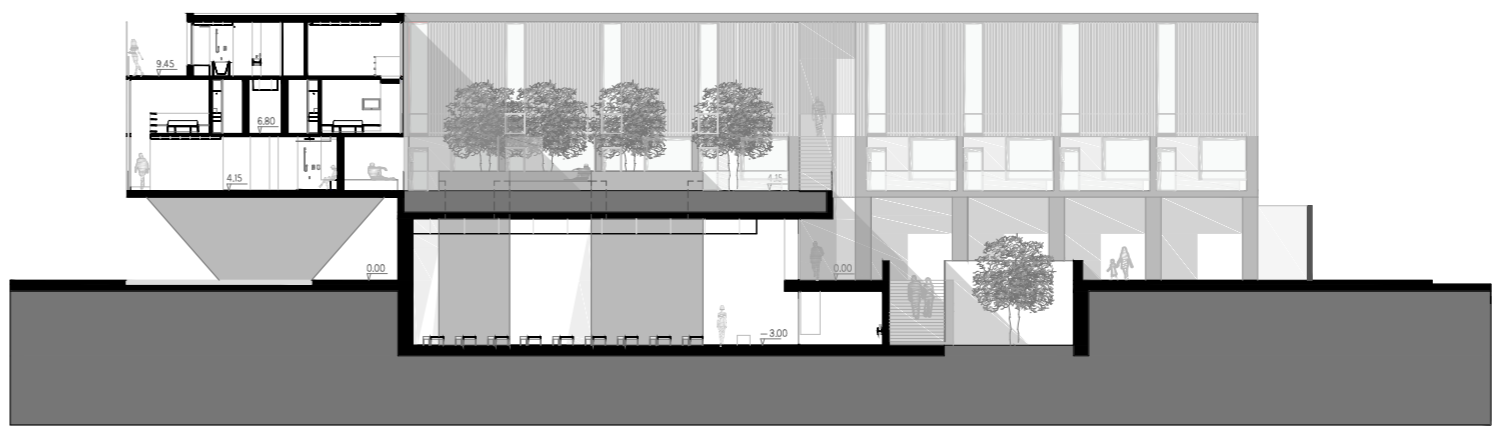
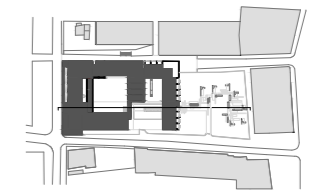


corte BB

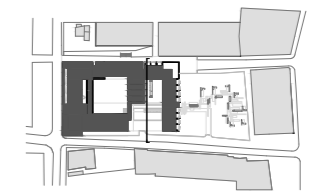


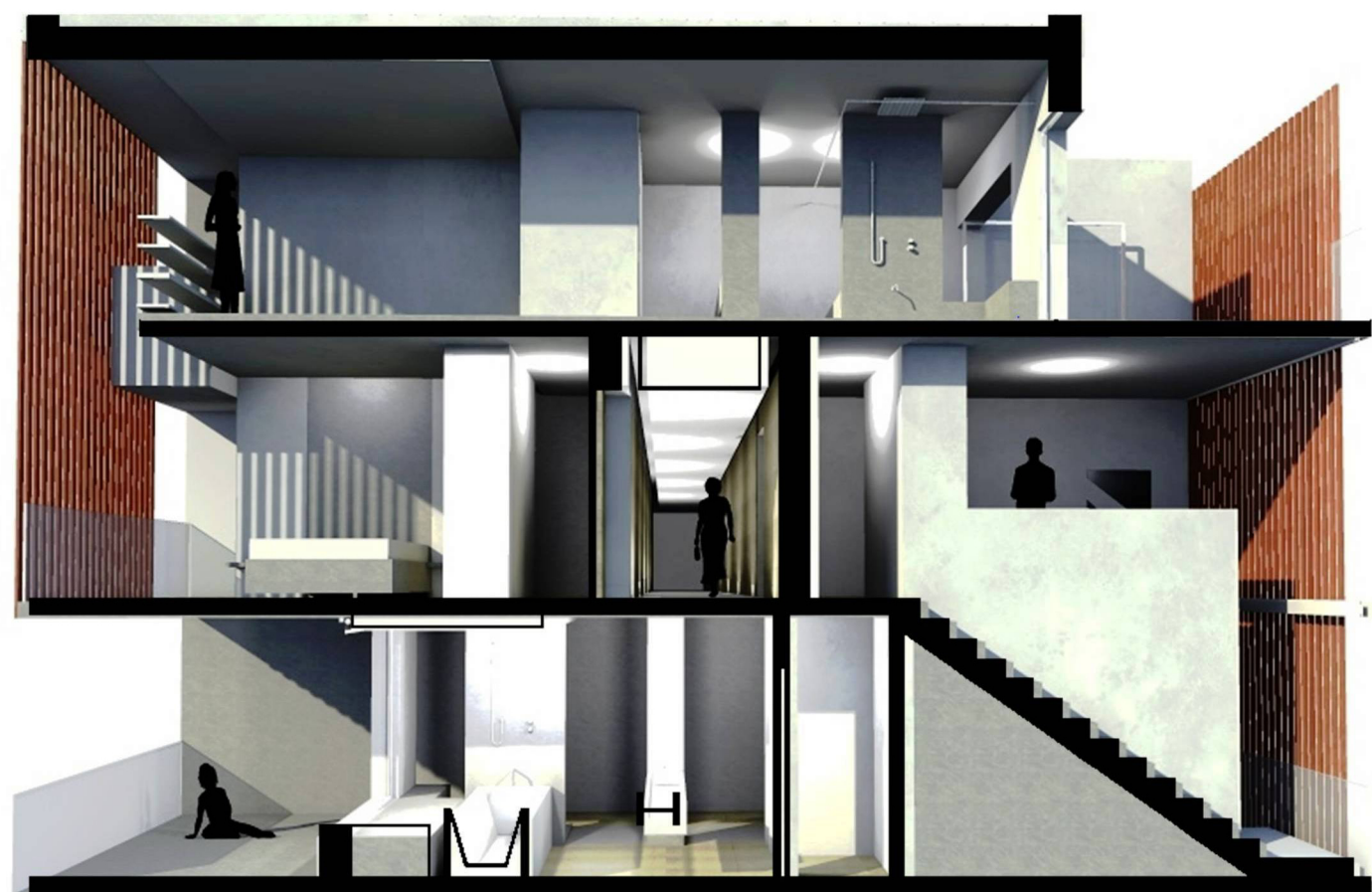
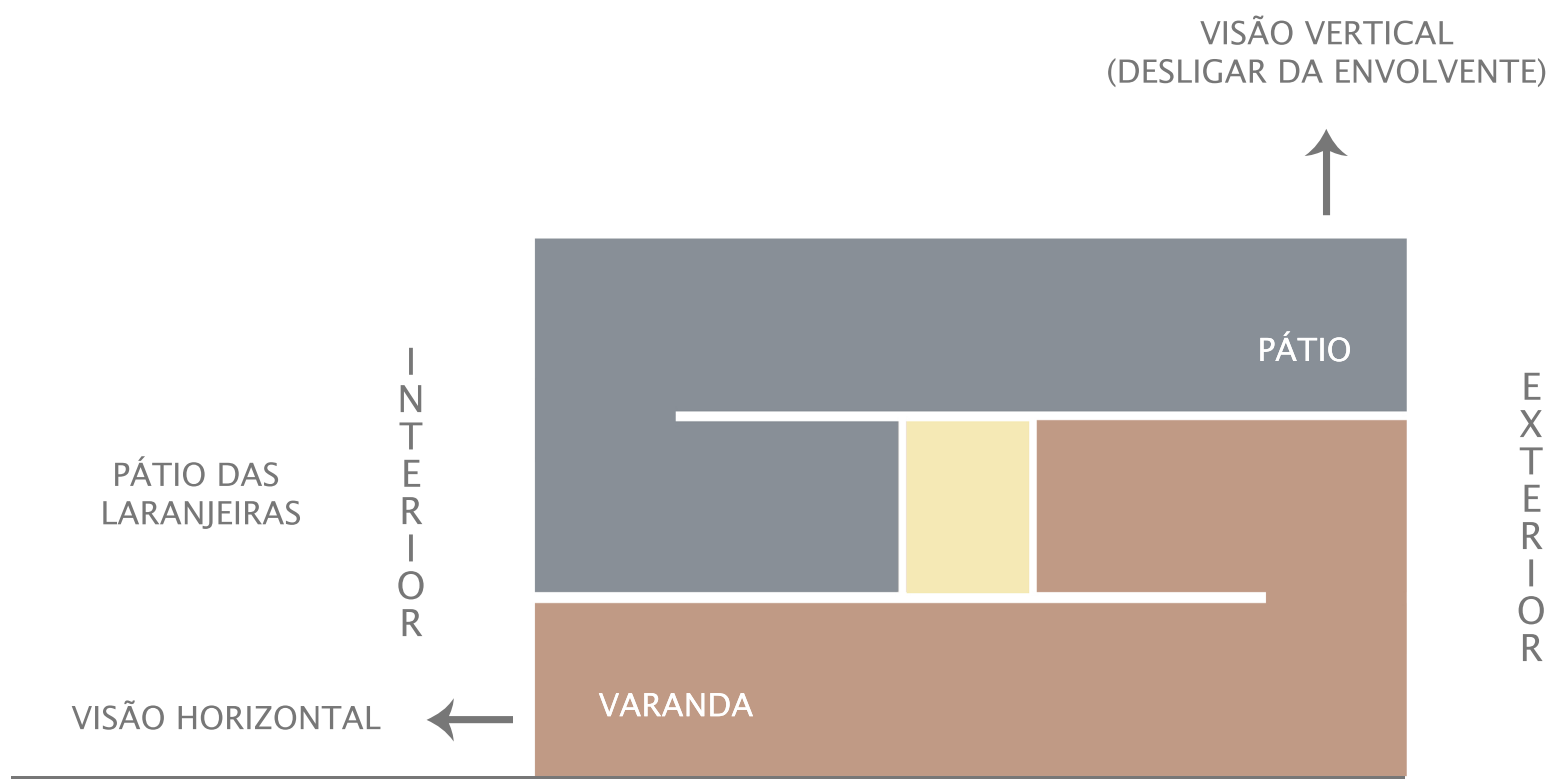


corte CC

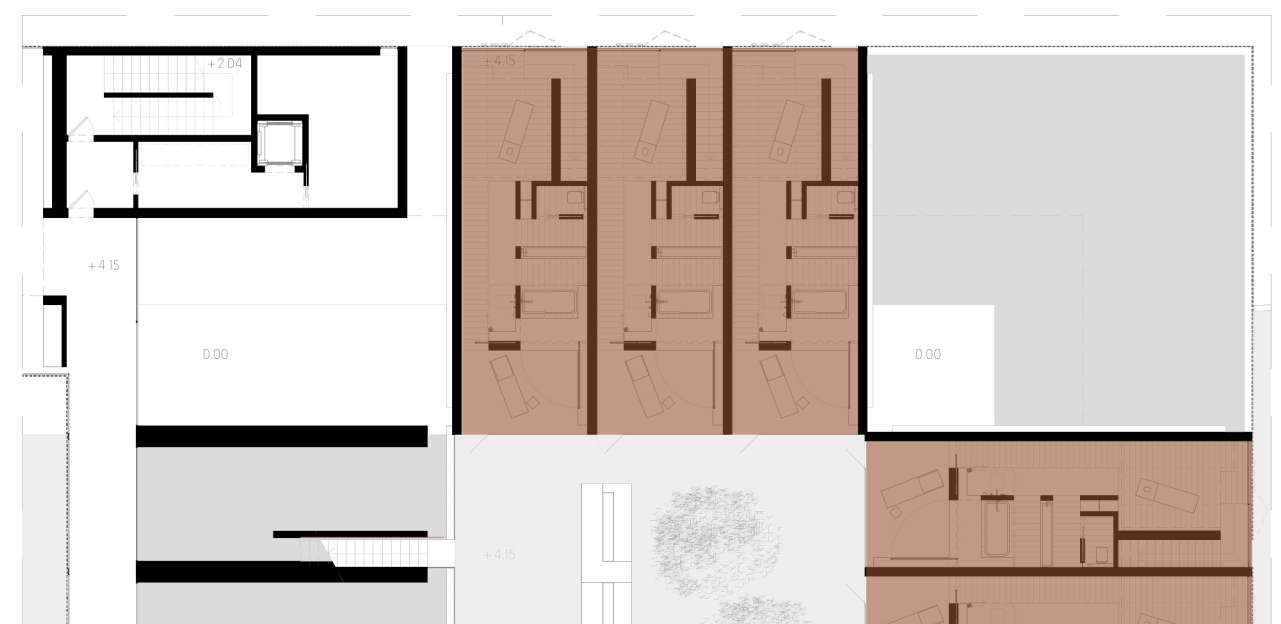


corte EE

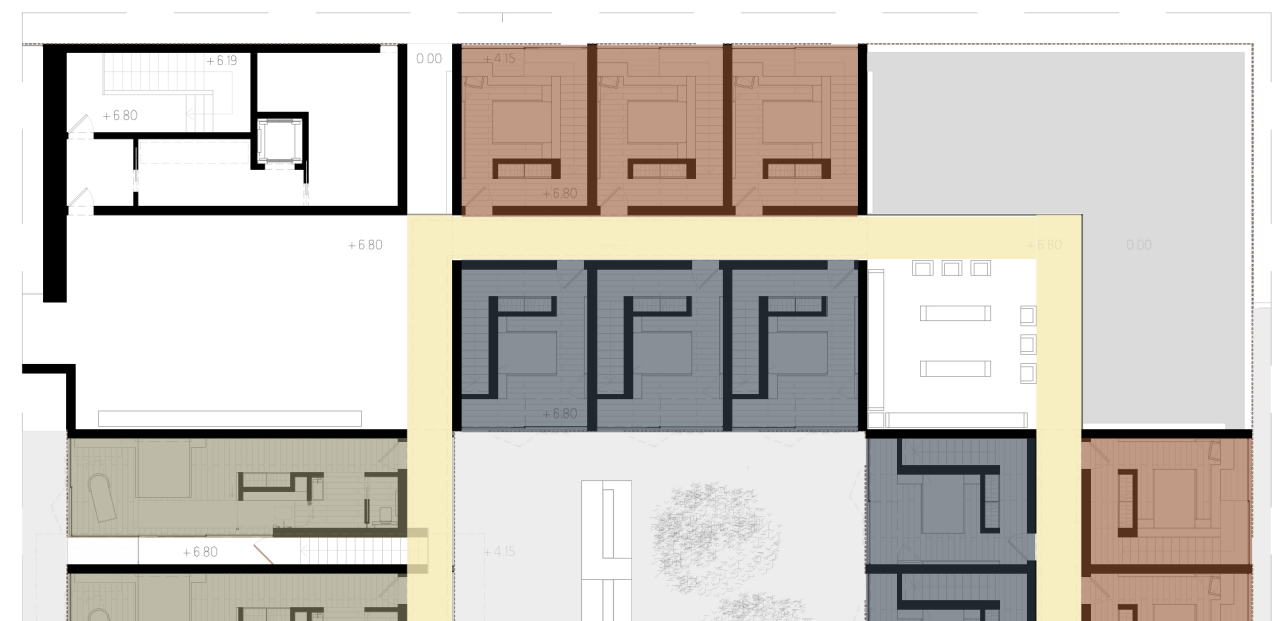




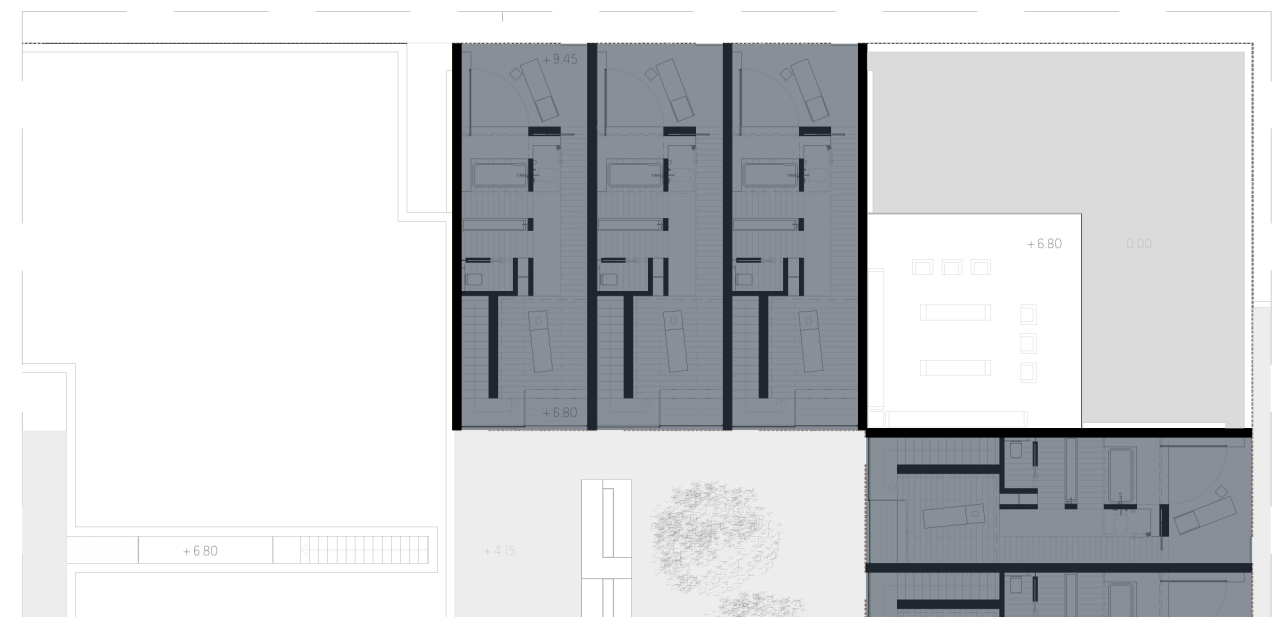
Corte Perspectico pelas tipologias A e B



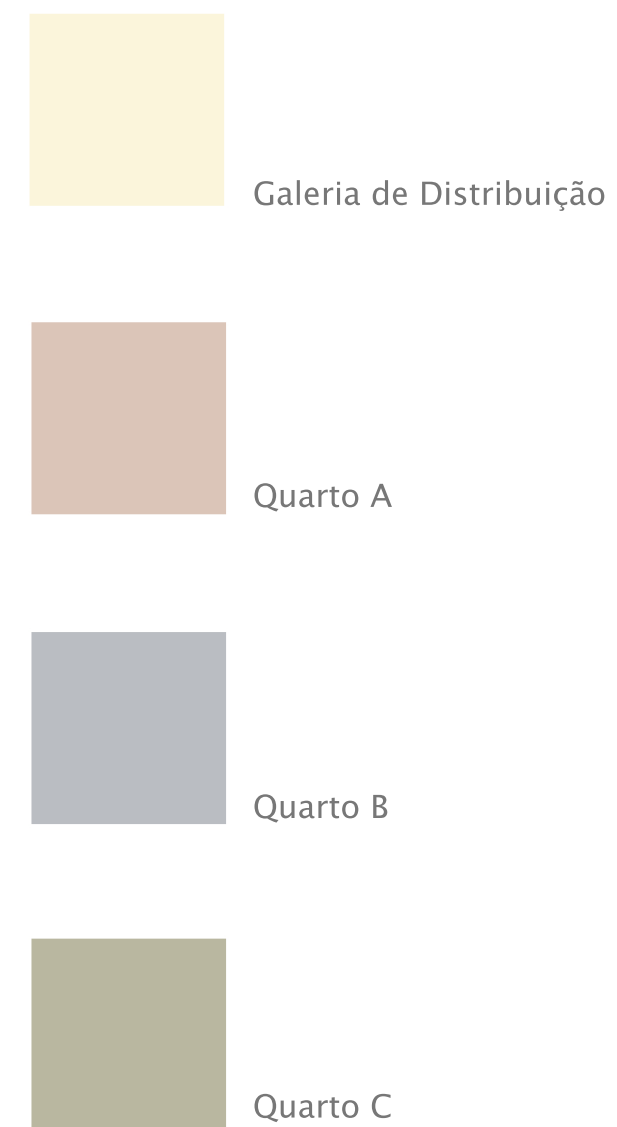
Piso 1 Cota: + 4.15

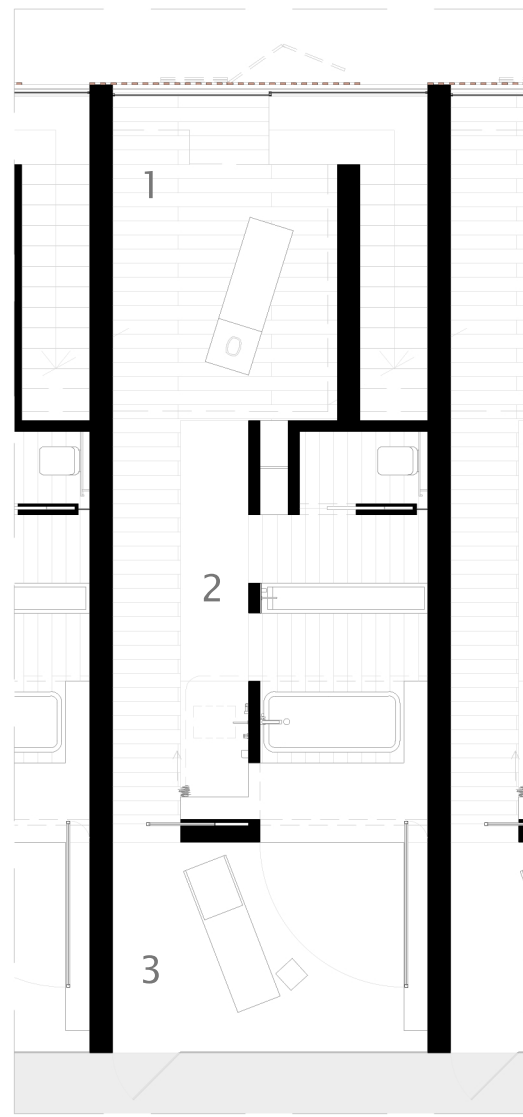


Piso 2 Cota: + 6.80



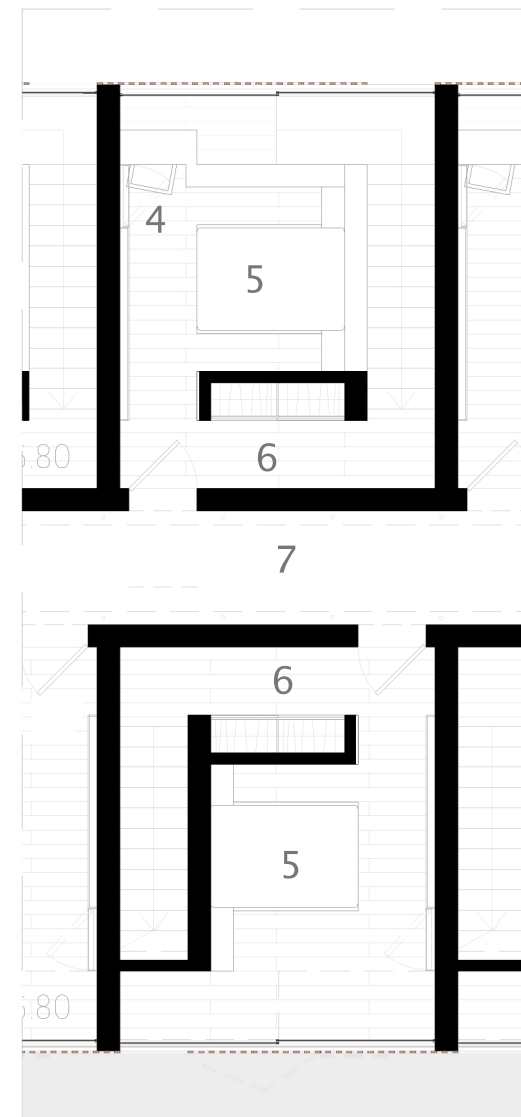
Piso 3 Cota: + 9.45





Quarto A
Piso Inferior Cota: + 4.15

- 1. Zona de relaxamento e massagens privadas
- 2. Plataforma de banho
- 3. Espaço exterior (varanda) com vista e acesso para o pátio das laranjeiras (pátio privado dos quartos)



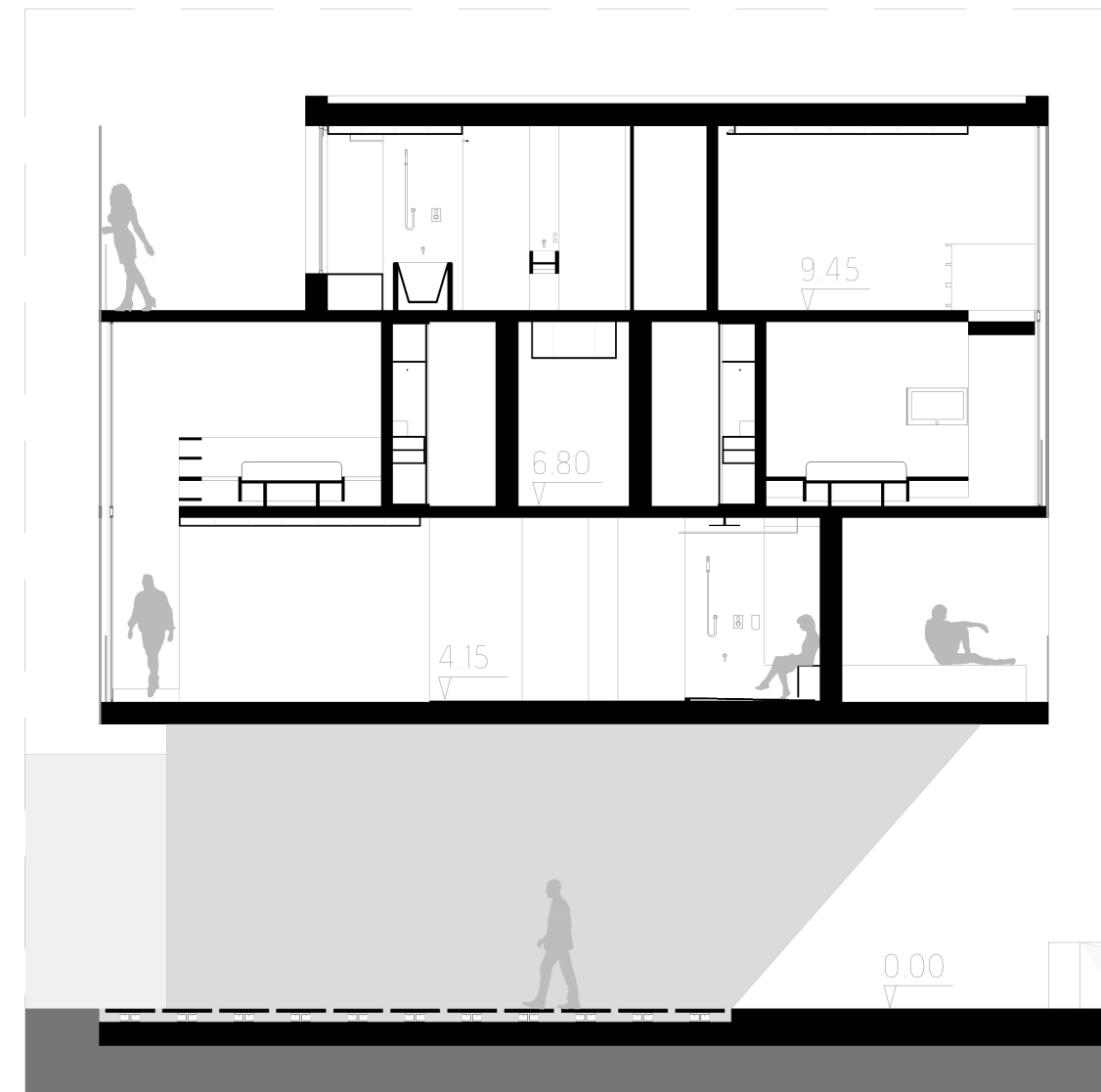
Quarto A
Piso superior Cota: + 6.80
Quarto B
Piso inferior Cota: + 6.80

- 4. Espaço de trabalho
- 5. Espaço de dormir
- 6. Arrumos
- 7. Galeria de distribuição para os quartos

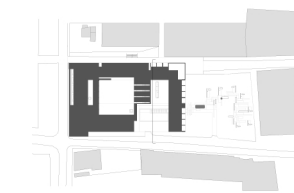


Quarto B
Piso superior Cota: + 9.45

- 1. Zona de relaxamento e massagens privadas
- 2. Plataforma de banho
- 3. Espaço exterior (pátio)



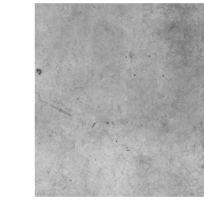
Corte transversal pelos quartos A e B



Escala 1:100



Betonilha Afagada



Reboco Branco

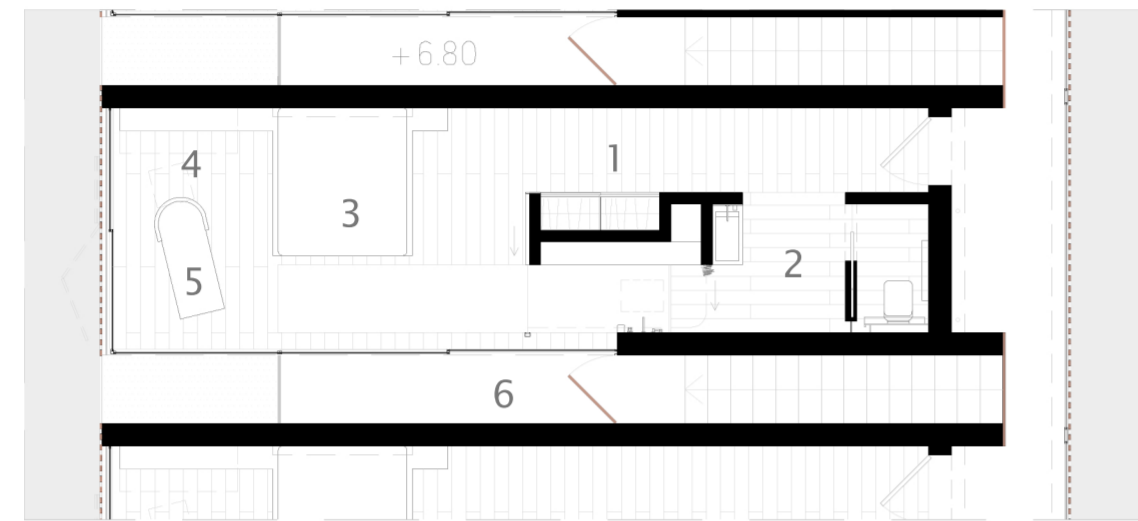


Carvalho Americano



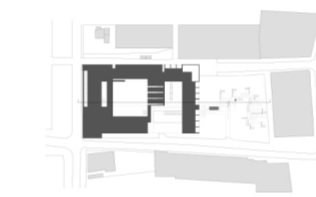
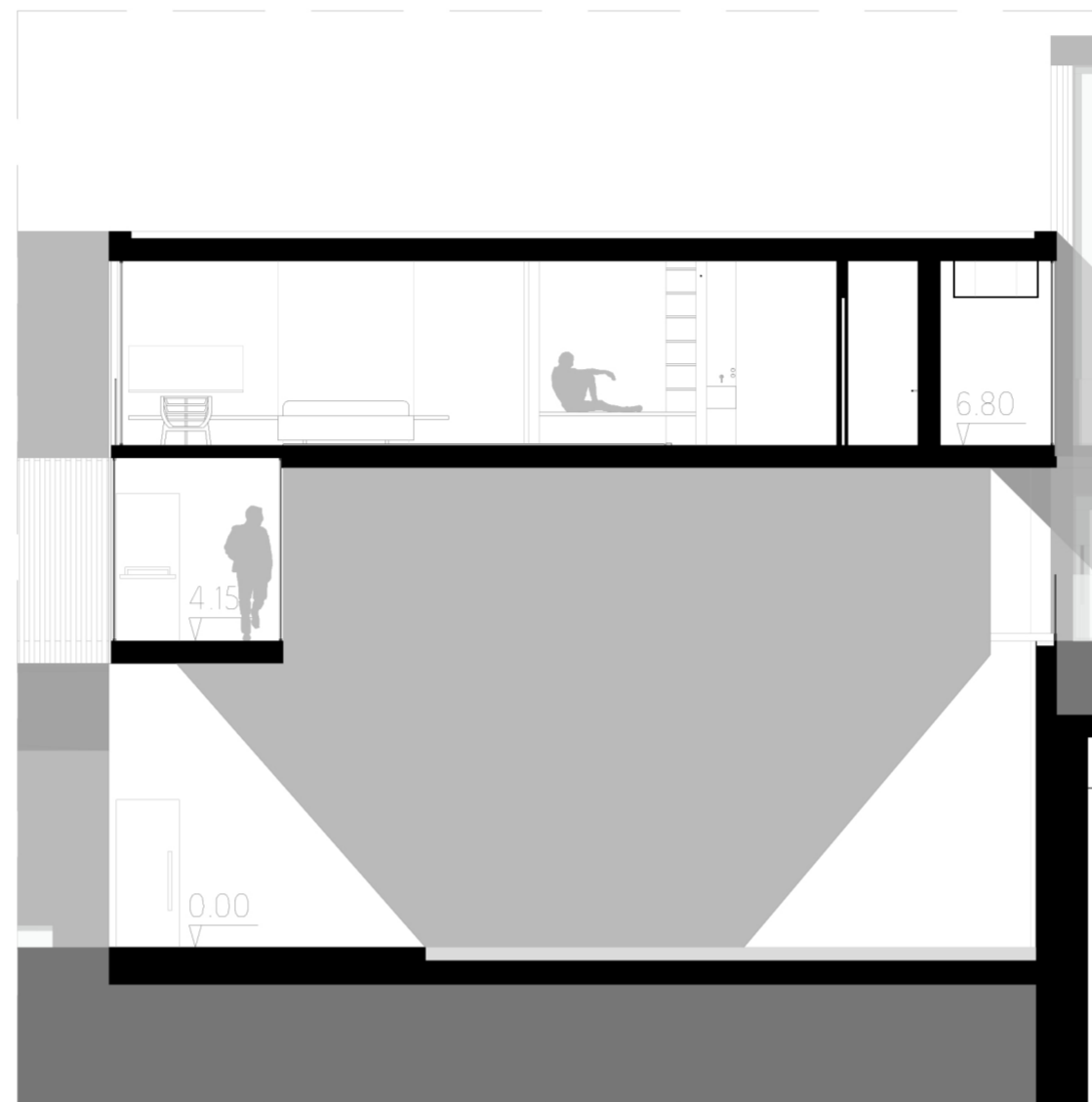
Aço Corten



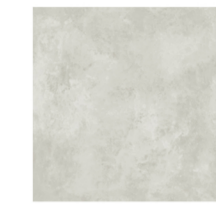


Quarto C
Cota: + 4.15

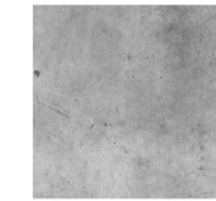
- 1. Arrumos
- 2. Espaço de Banho
- 3. Zona de Dormir
- 4. Espaço de Trabalho (Mesa rebatível)
- 5. Zona de Relaxamento
- 6. Acesso exterior ao Pátio das Laranjeiras



Corte transversal pelo Quarto C
Escala 1:100



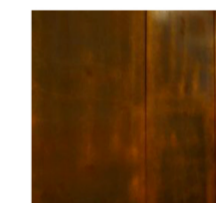
Betonilha Afagada



Reboco Branco



Carvalho Americano



Aço Corten



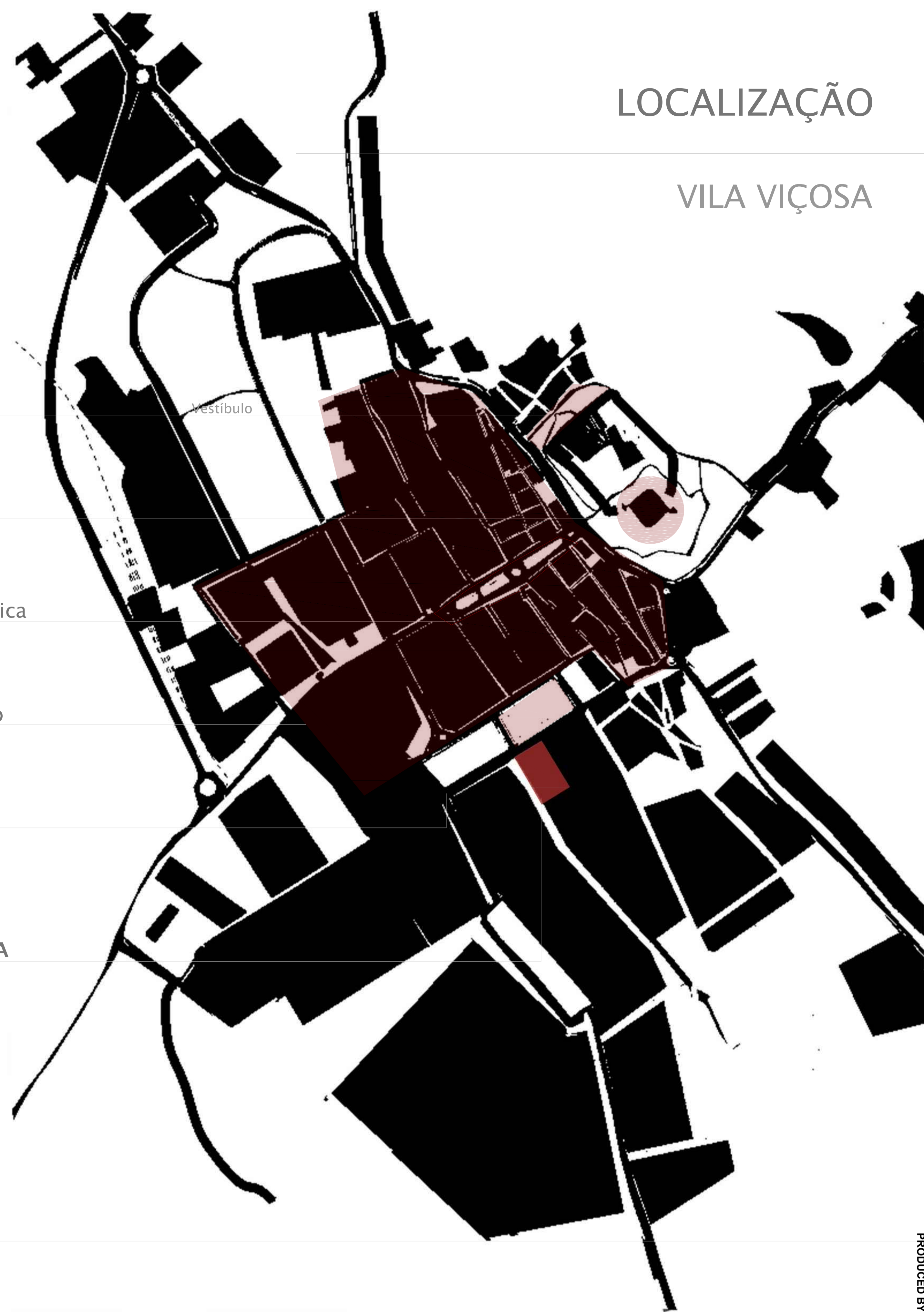
ANEXOS

D. Painéis Síntese

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

LOCALIZAÇÃO

VILA VIÇOSA



Paço Ducal



Castelo



Praça da República



Centro Histórico



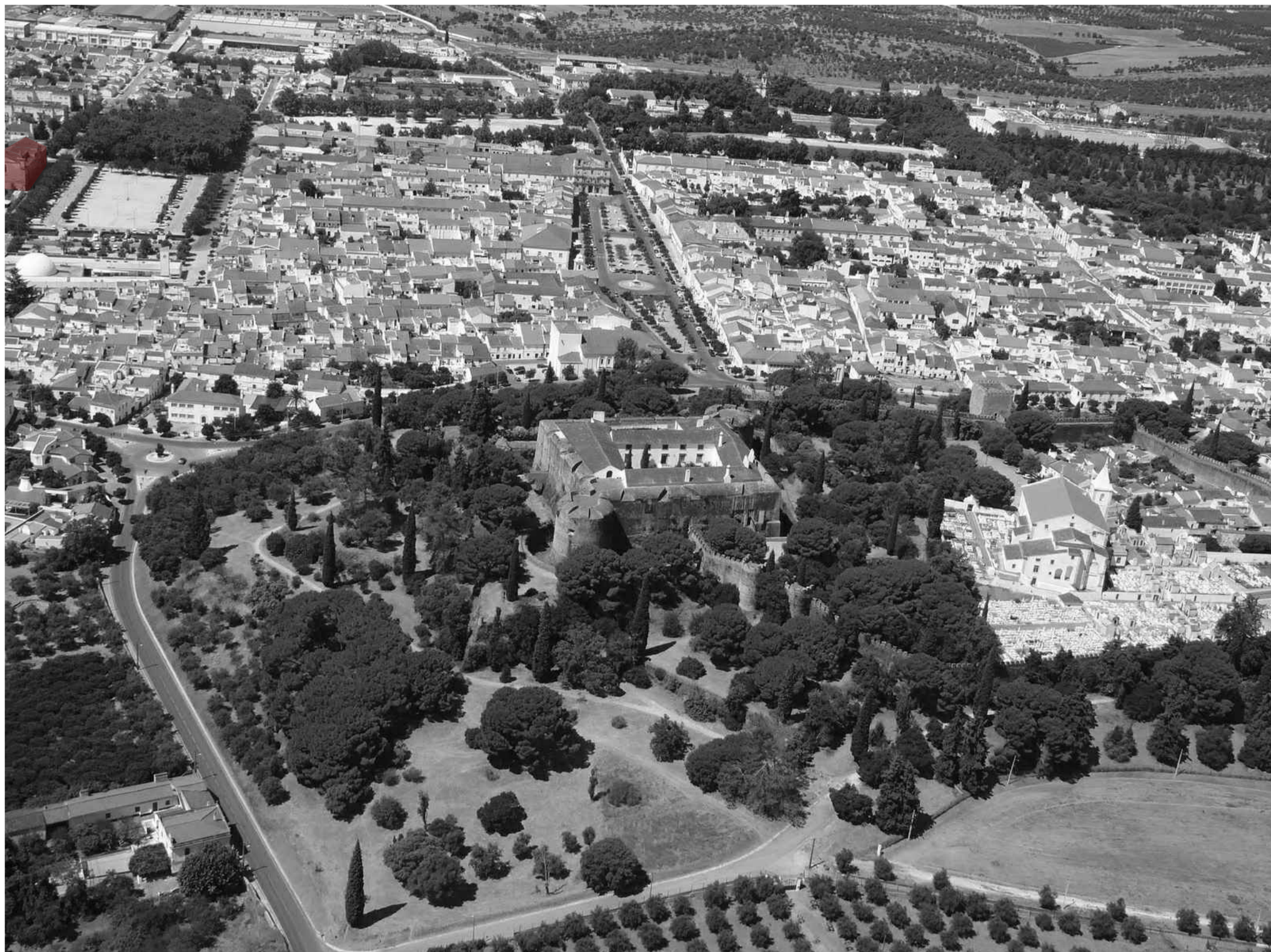
Largo D. João IV



PRÉ-EXISTÊNCIA



Pedreiras



Presença da pré-existência em Vila Viçosa



Transepto



Vestíbulo



Vestíbulo

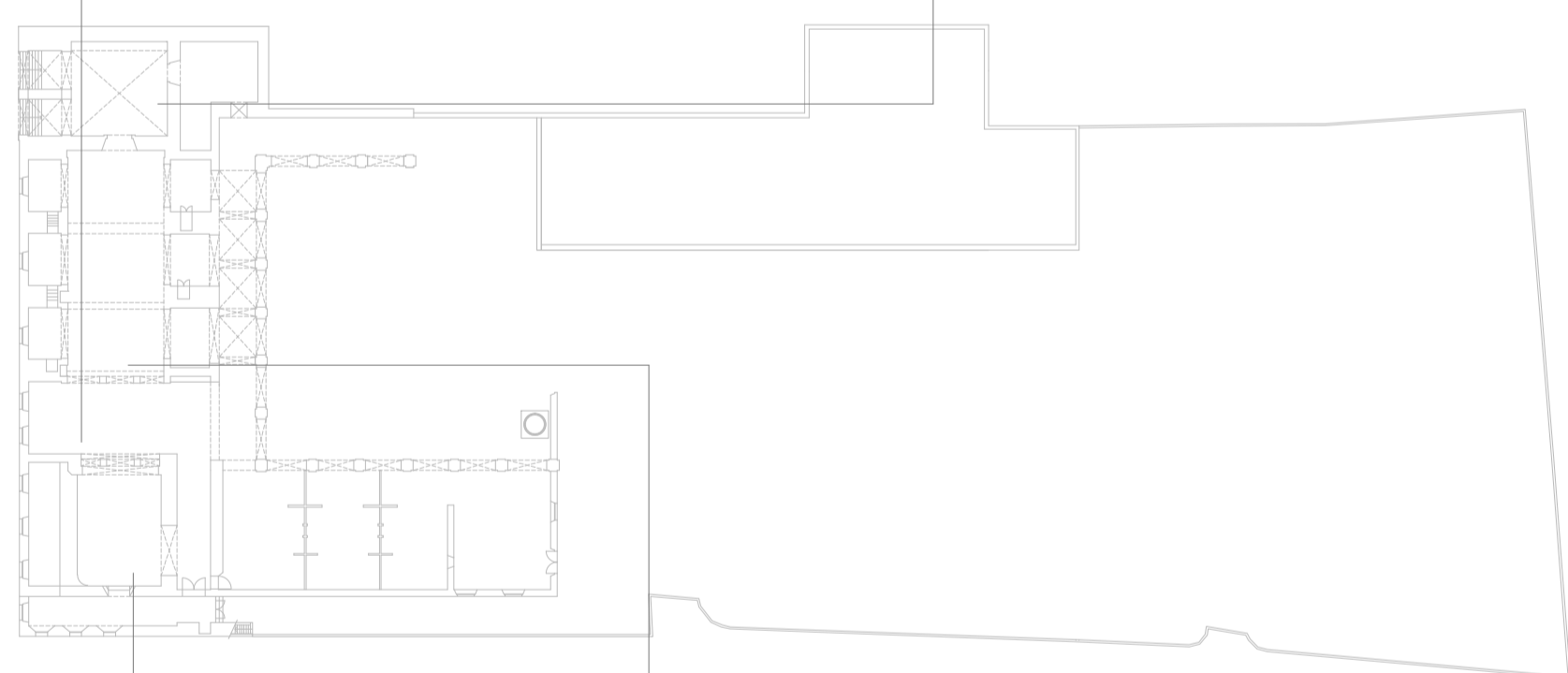


Altar



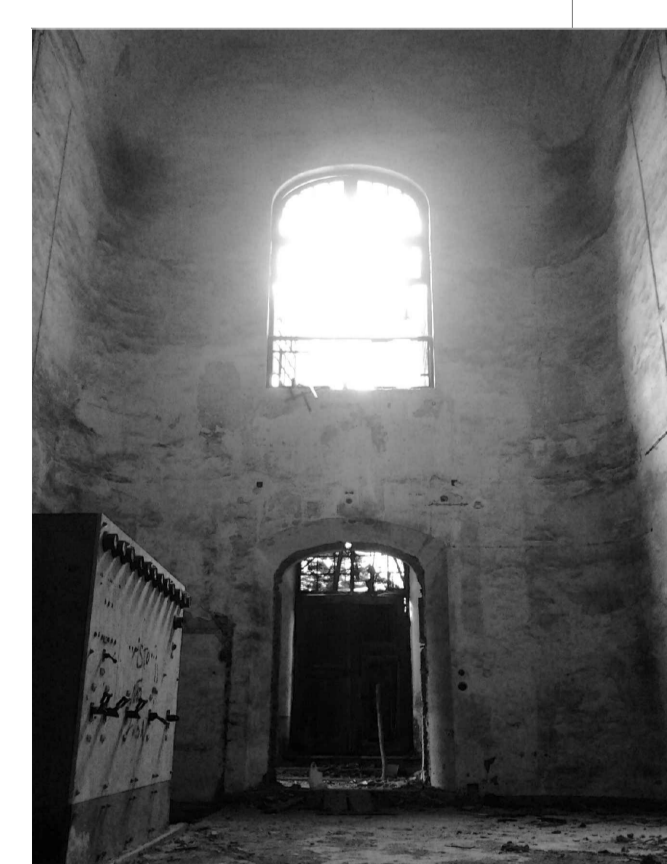
Chaminés

PRÉ-EXISTÊNCIA | ANÁLISE



ANÁLISE FÍSICA E SENSORIAL

Apesar de todas as degenerações a que o edifício foi sujeito e da ruína em que se transformou, é ainda perceptível a antiga atmosfera do espaço. O altar é um dos espaços de maior impacto emocional, caracterizando-se pelo seu triplo pé-direito, sendo iluminado por um vão virado a Sul. A atmosfera dos pisos do transepto é sombria. Apresenta iluminação natural, no entanto, é muito ténue. O espaço da nave, embora danificado e sujo, apresenta grande qualidade. Existem seis capelas laterais ligadas à nave, três de cada lado. As capelas voltadas para Noroeste são iluminadas através dos antigos vãos existentes, sendo esses vãos que permitem que a nave também tenha luz natural. A nave foi dividida com um piso colocado na época da fábrica Sofal, que impede a entrada de luz natural através dos seus vãos existentes na cobertura em abóboda. No espaço do vestibulo destaca-se o tecto em abóbodas cruzadas. A inexistência de estuque nalgumas zonas permite perceber a construção em tijolo, criando um efeito visual muito interessante.



Altar



Nave



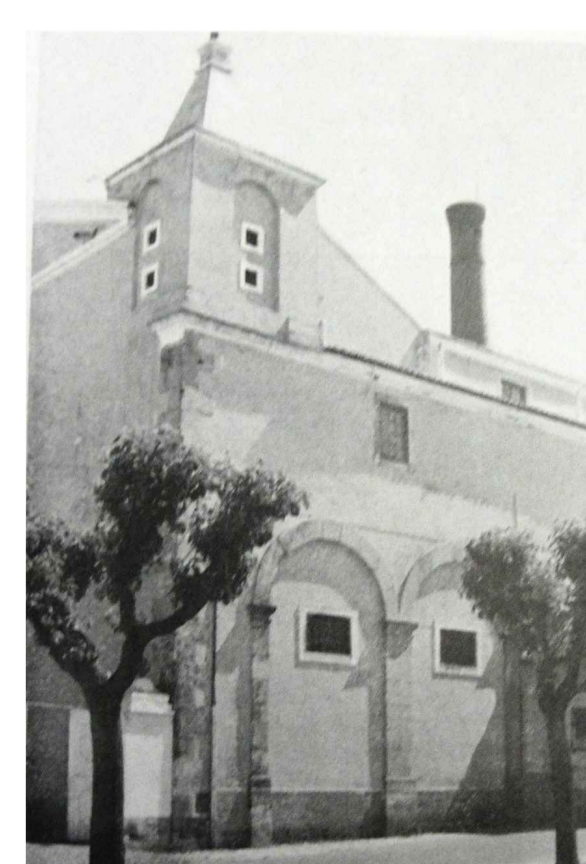
Capelas laterais

ANÁLISE HISTÓRICA

No século XVI, a pré-existência era um convento, cujas ordens religiosas foram extintas no início do século XIX. Nos anos seguintes o convento foi alvo de profanação e despejo, tendo sido retirados elementos, como parte das arcadas do claustro e o pavimento de mármore. Em 1921, o convento foi vendido à Sociedade Fabril Alentejana (Sofal), que a adaptou às suas necessidades industriais, conduzindo à realização de obras estruturais. No decorrer dessa obra foram adicionados três novos edifícios e a disposição original do convento foi alterada. A fábrica Sofal encerrou nos anos 80. Actualmente o edifício é propriedade privada e encontra-se desabitado e em elevado estado de degradação.



Fachada Noroeste, voltada para a Praça D. João IV



Entradas do antigo Convento



Estuque das capelas laterais do Convento

Azulejos Fábrica Sofal

Tijolo Fábrica Sofal

Caixilho madeira do Convento

Estuque exterior Fábrica Sofal

Estuque da fachada principal

Mármore do claustro do Convento

Análise Cromática de elementos retirados da pré-existência

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

PROJECTO

PROCESSO

PROCESSO EVOLUTIVO

LUZ | SOMBRA

MATÉRIA

COR

ALÇADOS

FORMA

CHEIOS-VAZIOS

INTERIOR | EXTERIOR



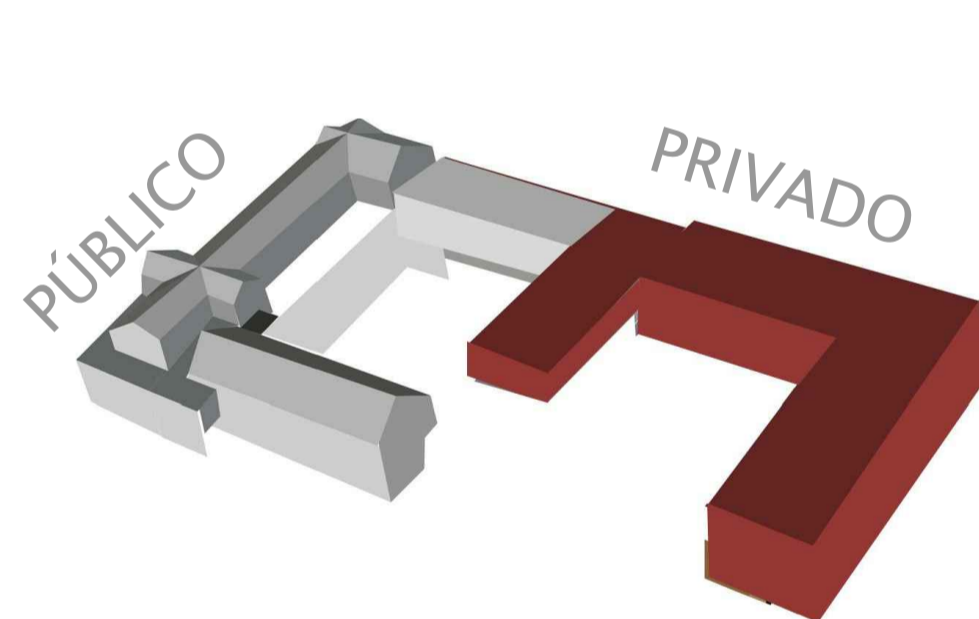
Vila Viçosa, zona envolvente do Convento



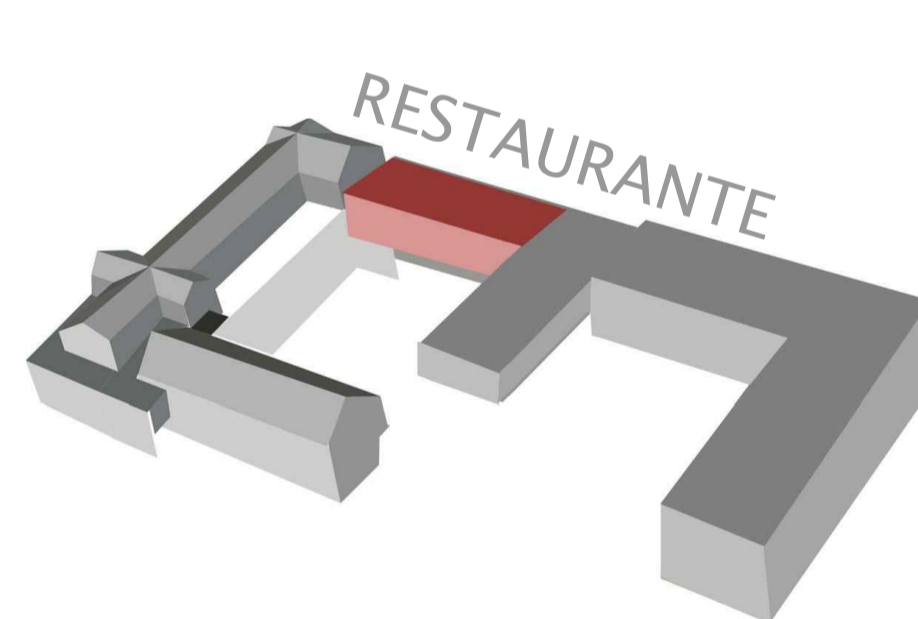
Massa Verde

CONVENTO DE SÃO PAULO

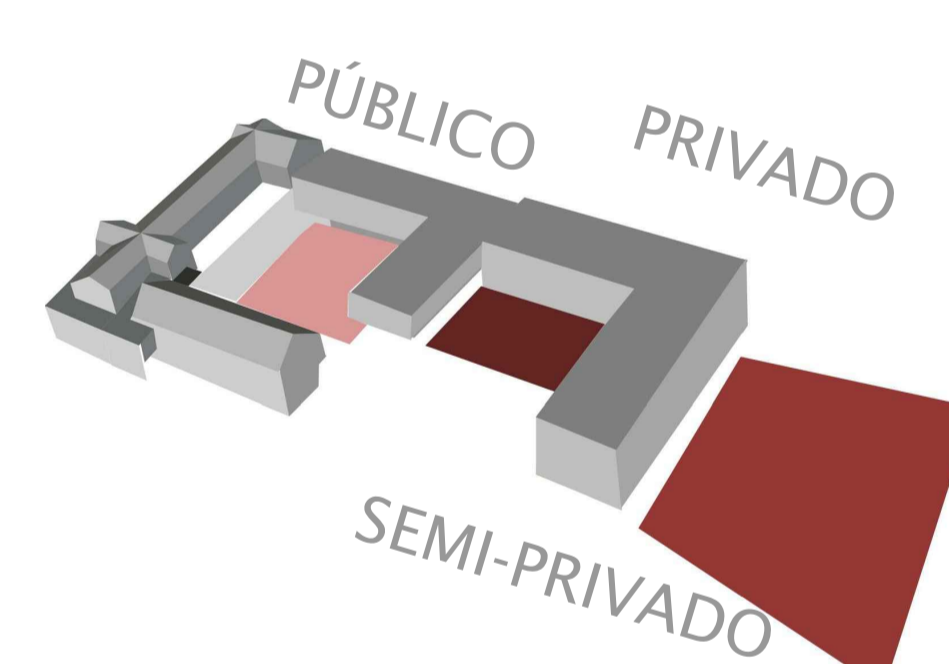
PROGRAMA | CONCEITO



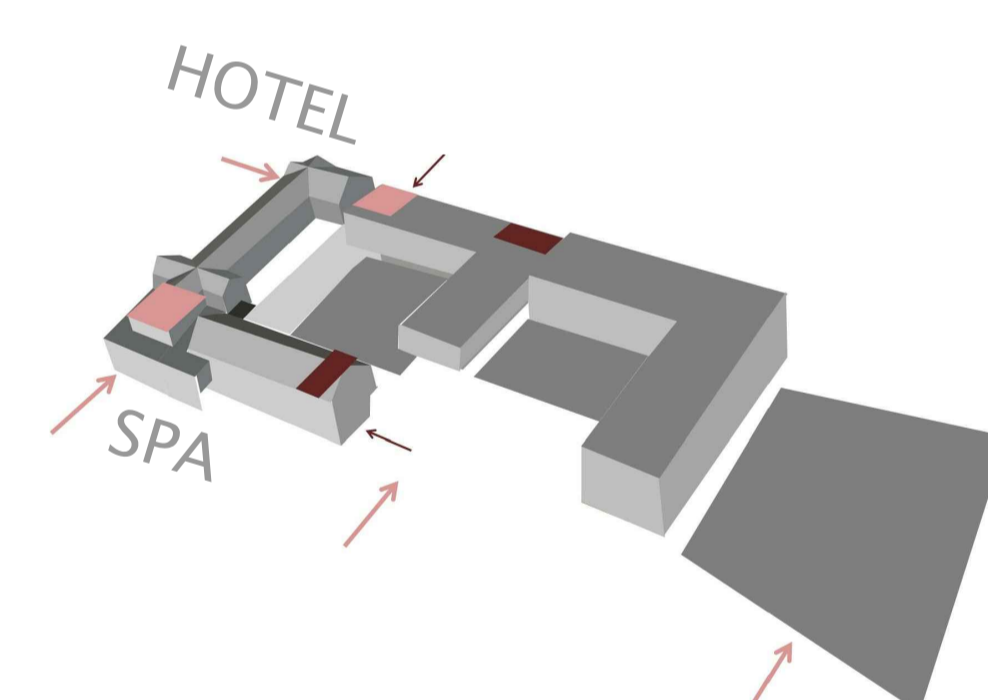
CONVENTO_mantém carácter público que nele sempre existiu



RESTAURANTE_elo de ligação entre o hotel e o spa_carácter semi-privado

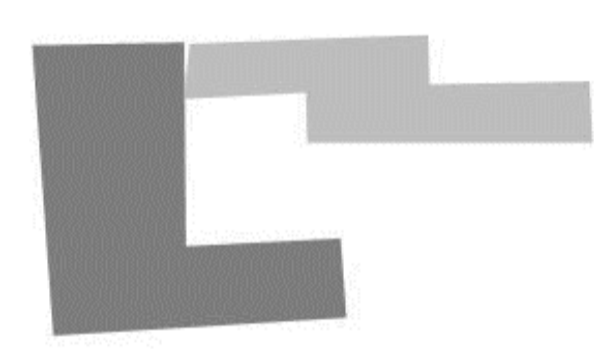
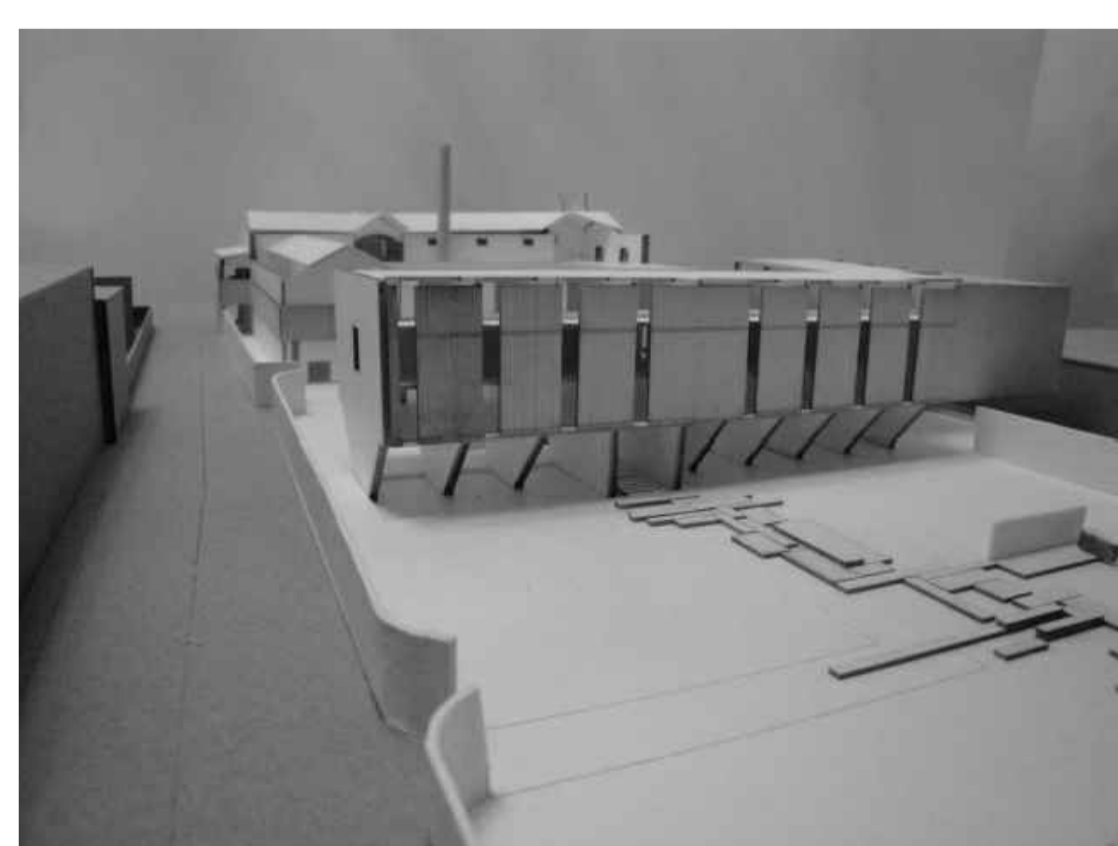


ESPAÇOS EXTERIORES com diferentes caracteres - PÚBLICO (Jardim do Claustro) | PRIVADO (Pátio das Laranjeiras_aceso através dos quartos) | SEMI-PRIVADO (Jardim do Spa)

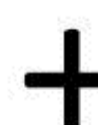


núcleo de DISTRIBUIÇÃO VERTICAIS_público e privado ACESSOS ao espaço_entradas independentes_Spa e Hotel

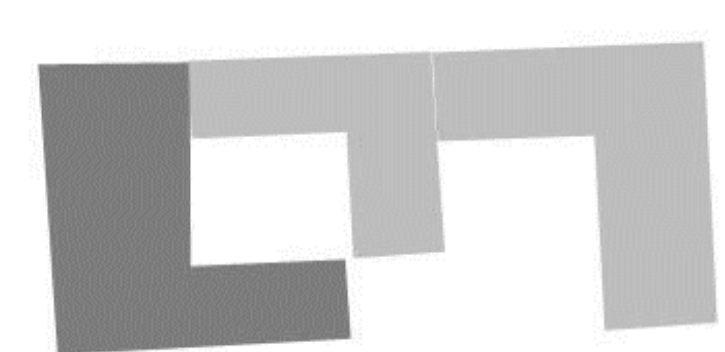
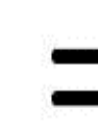
ORGANIGRAMA FUNCIONAL



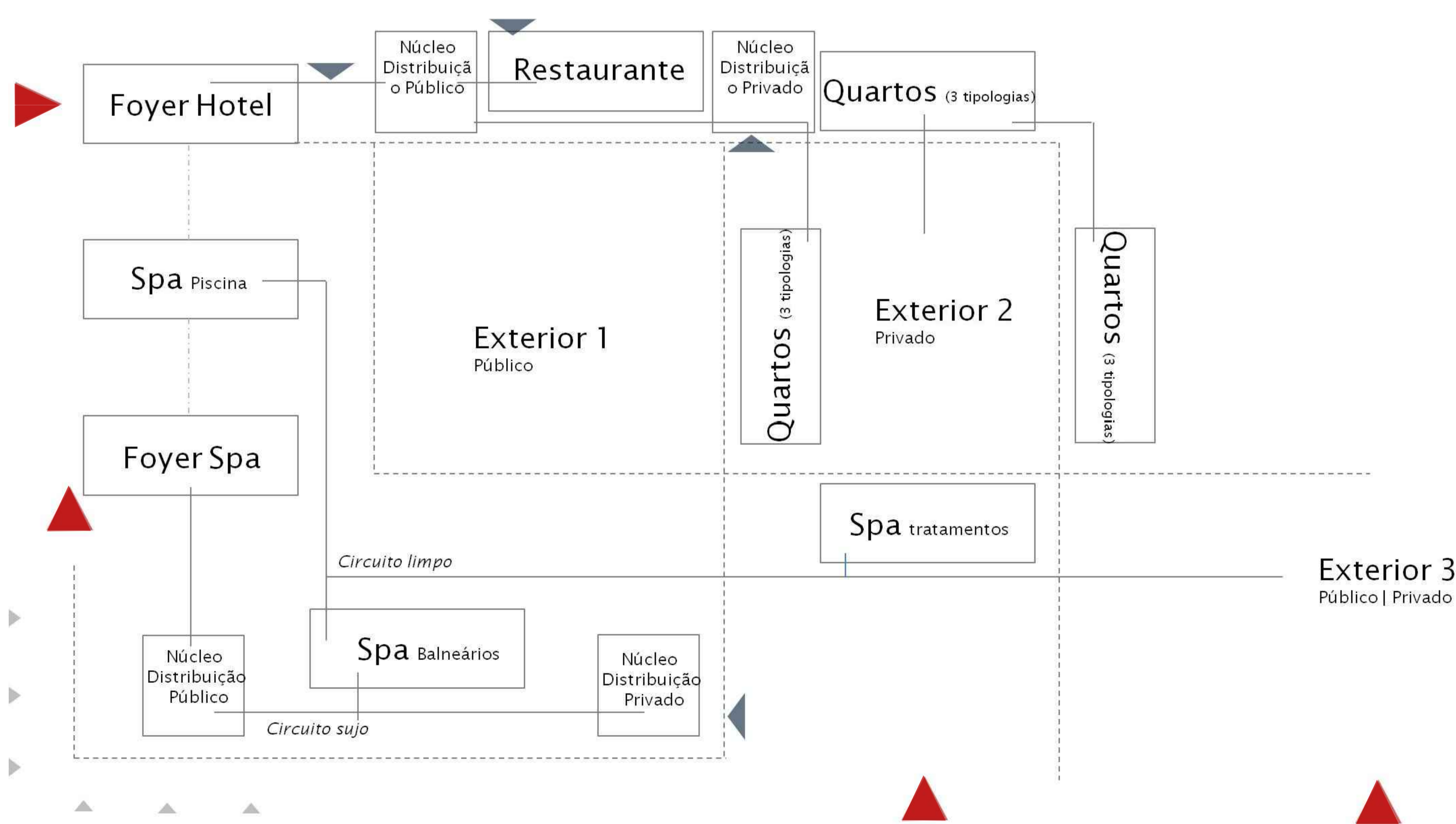
subtracção



adição



CONVENTUS VILA

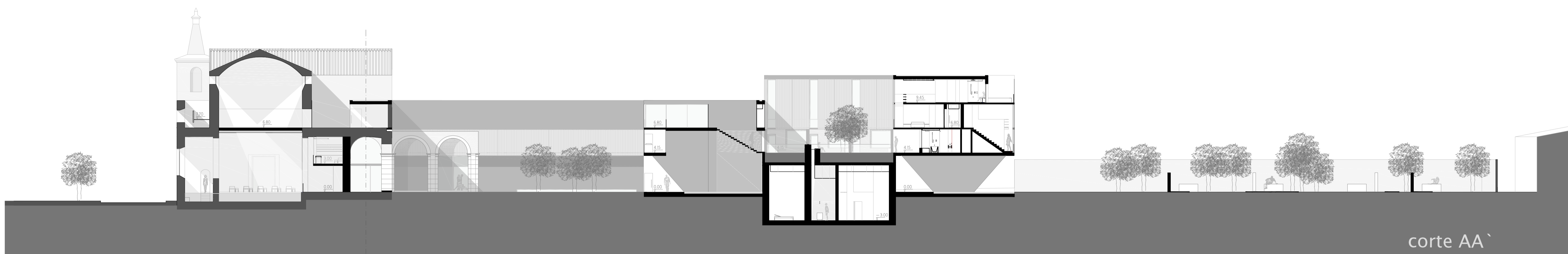
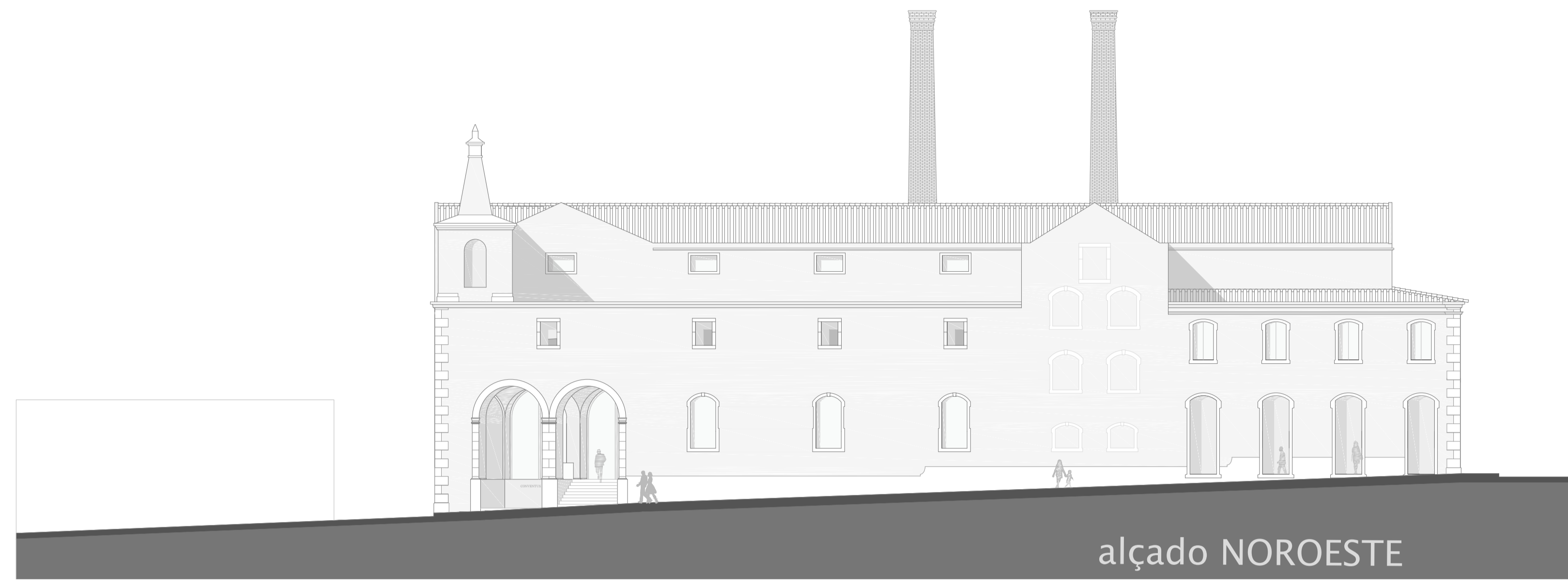


entrada PÚBLICO
entrada PRIVADO

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

PROJECTO | PEÇAS DESENHADAS

ALÇADO NO | CORTE AA` | PISO 0



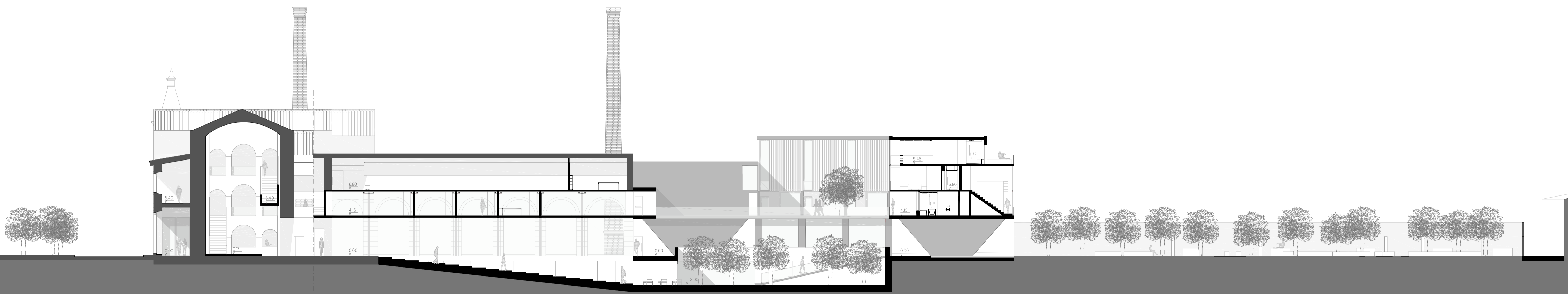
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT



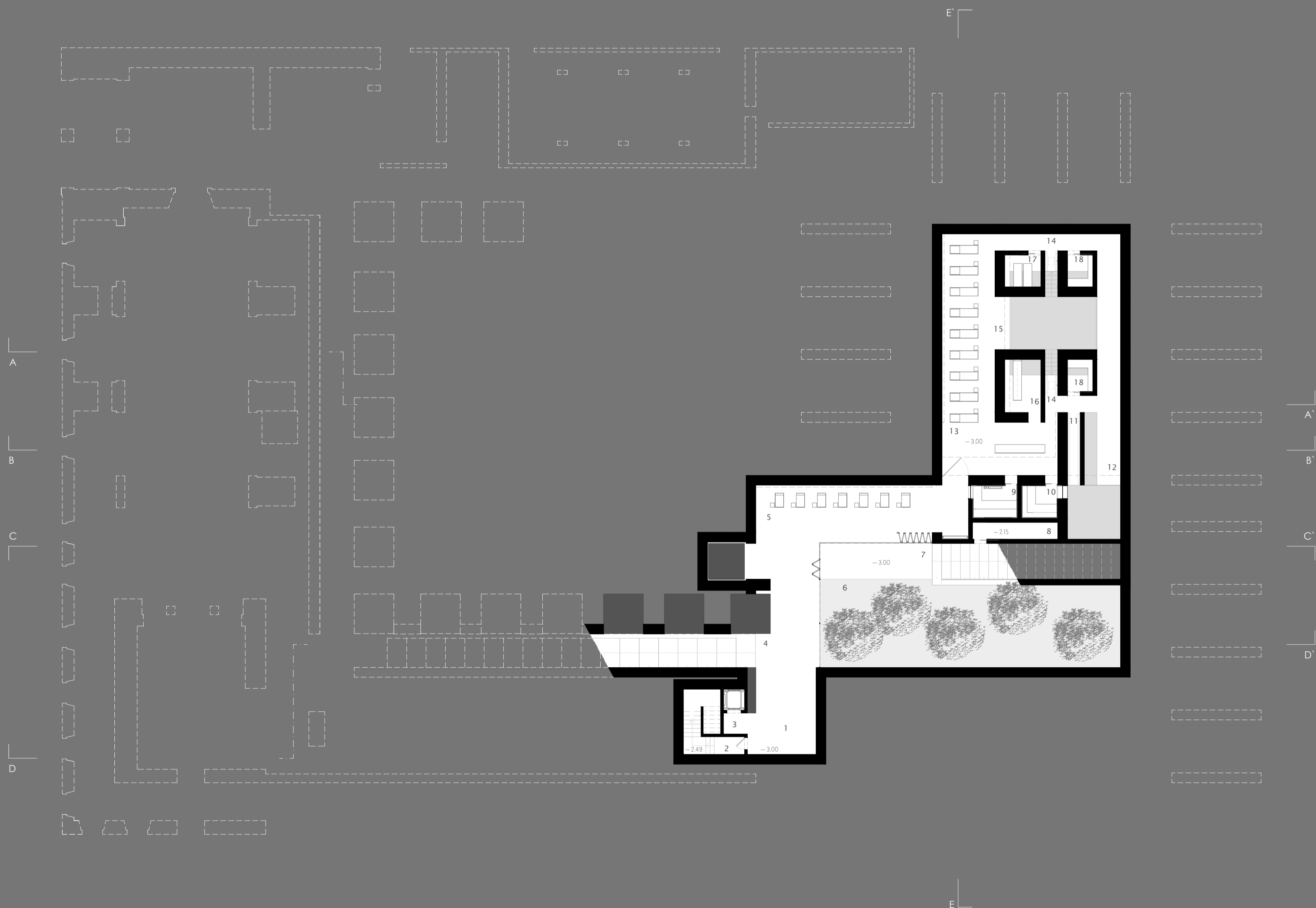
- 1 Antecâmara de entrada . 2 Entrada Spa . 3 Recepção . 4 Bengaleiro . 5 Loja . 6 Área Técnica_Quadros Eléctricos . 7 Foyer | Núcleo de Distribuição Spa_Acessos Verticais . 8 Circuito "Sujo"_Acesso Balneários . 9 Circuito "Limpo"_Percurso Hidroterapia . 10 Banheirão Feminino . 11 Banheirão Masculino . 12 Banheirão para pessoas com mobilidade reduzida . 13 Banheirão Funcionários Spa . 14 Entrada Funcionários Spa | Controle de Funcionários . 15 Comunicações Verticais de Serviço Spa . 16 Elevador de Serviço Spa . 17 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 18 Percurso sobre a Ruína_ acesso ao piso -1 . 19 Percurso de Acesso Piscina Climatizada . 20 Duche Prévio . 21 Espaço de Estar | Relaxamento . 22 Área Técnica Piscina . 23 Piscina Climatizada . 24 Piscina Climatizada com Jatos de Água . 25 Entrada Hotel . 26 Foyer | Espaço de Estar . 27 Recepção . 28 Back Office . 29 Entrada Funcionários Hotel | Controle de Funcionários . 30 Núcleo de Distribuição Hotel_Acessos Verticais . 31 Percurso em Claustro (circuito Póplico) . 32 Área Recepção Mercadorias . 33 Balneários Funcionários . 34 Cozinha_Copa Limpa . 34.1 Armazém Seco . 34.2 Camâras Frigoríficas . 34.3 Preparação Peixe . 34.4 Preparação Carne . 34.5 Preparação Vegetais . 34.6 Confeccção . 35 Circuito "Limpo"_Serviço Quartos . 36 Circuito "Sujo" . 37 Cozinha_Copa Suja . 38 Depósito Lixo . 39 Saída Lixo . 40 Comunicações Verticais de Serviço Hotel . 41 Escadas de Serviço Hotel | Escadas de Emergência . 42 Elevador de Serviço Hotel . 43 Lavandária_Depósito Sujo . 44 Lavandária_Depósito Limpo . 45 Percurso sobre Água_Acesso Jardim do Spa . 46 Jardim do Spa (carácter semi-privado)

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA



corde DD`

pisso -1 cota 1.20

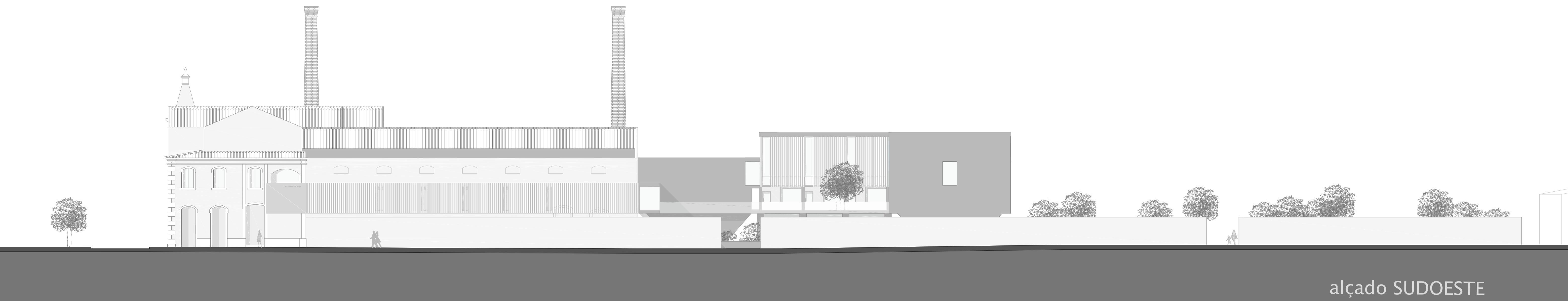


1 Comunicações Verticais de Serviço Spa . 2 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 3 Elevador de Serviço Spa . 4 Percorso sobre a ruína_Escadas de acesso piso 0 . 5 Espaço de Estar | Relaxamento_relação com o espaço exterior . 6 Espaço Exterior . 7 Escadas de Acesso ao Jardim do Spa | Tratamentos no exterior . 8 Área Técnica . 9 Sauna Seca . 10 Sauna a Vapor (Banho Turco)_Hidroterapia, Cromoterapia e Aromoterapia . 11 Área de Resfriamento_Duches de Sensações e Duches Aromatizados_Hidroterapia e Aromoterapia . 12 Piscina Animada_Hidromassagem . 13 Espaço de Estar | Relaxamento . 14 Duche Prévio . 15 Piscina_tanque água fria . 16 Duche Vichy . 17 Gabinete Massagens Casal . 18 Espaço de Relaxamento | Meditação_Hidroterapia, Aromoterapia

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

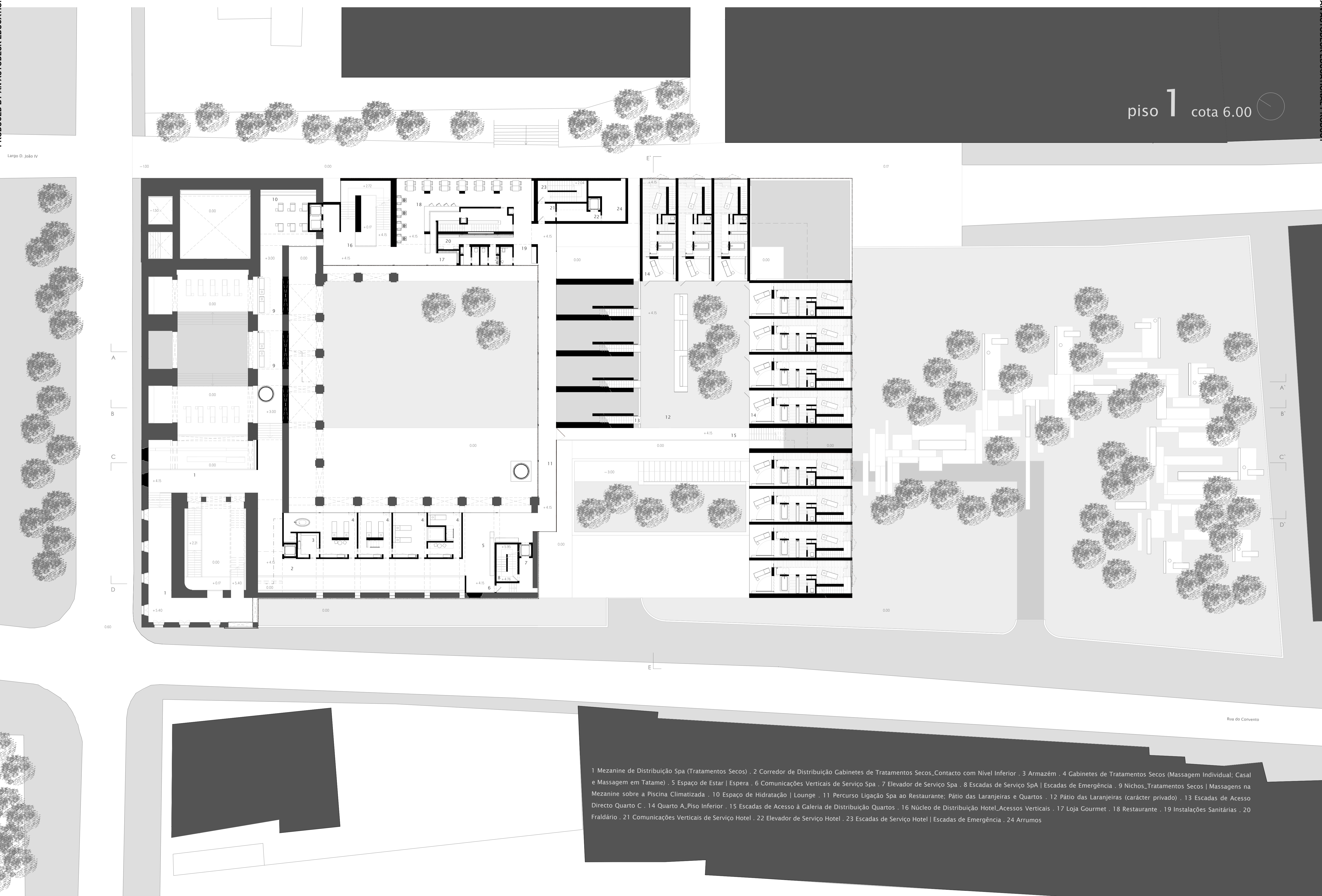
PROJECTO | PEÇAS DESENHADAS

ALÇADO SO | CORTE BB` | PISO 1



PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

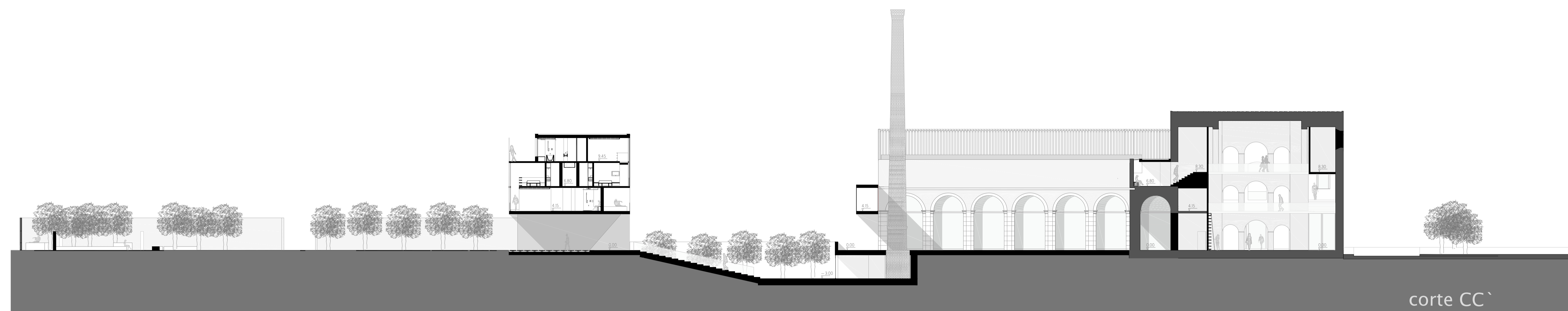
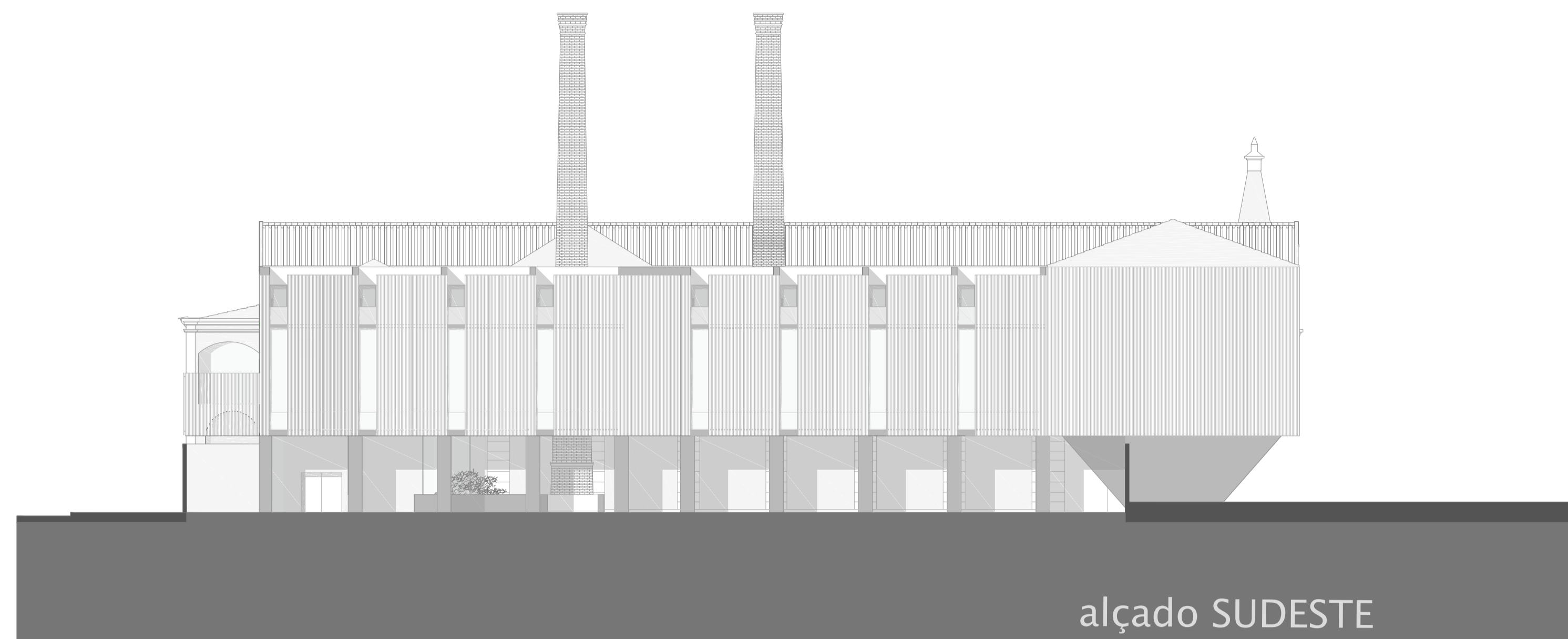
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT



CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

PROJECTO | PEÇAS DESENHADAS

ALÇADO SE | CORTE CC` | PISO 2



PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

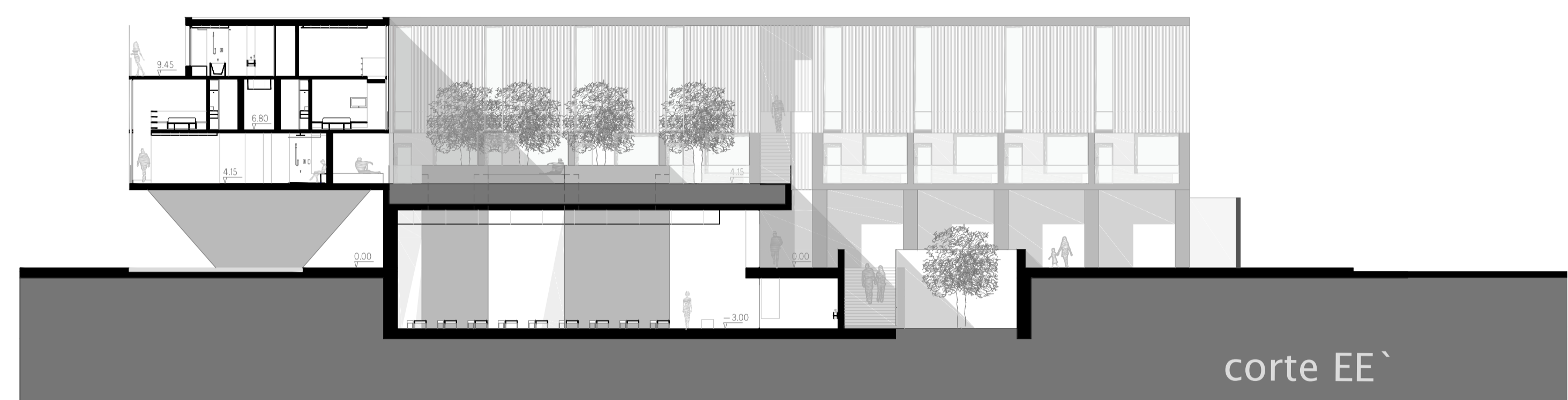
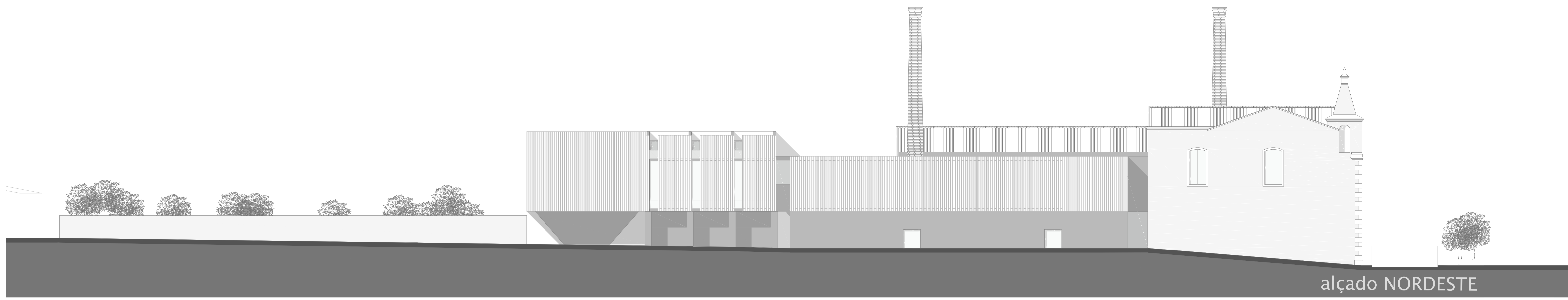


1 Mezanine de Distribuição Spa (Fitness | Reabilitação) . 2 Espaço de Estar . 3 Espaço Fitness | Espaço Reabilitação (Zona trabalho cardiovascular; musculação e alongamentos) . 4 Espaço Fitness | Espaço Reabilitação_Treinos no Exterior . 5 Gabinete Médico . 6 Gabinete de Aconselhamento Nutricional . 7 Gabinete de Prescrição Física_Sala de Instrutores . 8 Comunicações Verticais de Serviço Spa | Circuito Funcionários . 9 Elevador de Serviço Spa . 10 Escadas de Serviço Spa | Escadas de Emergência . 11 Espaço de Limpeza | Arrumos . 12 Espaço Exterior | Rampa de Acesso Administração e Copa de Apoio (funcionários Hotel e Spa) . 13 Banheiro Feminino | Instalações Sanitárias . 14 Banheiro Masculino | Instalações Sanitárias . 15 Copa de Apoio_Zona de Refeições . 16 Copa de Apoio_Cozinha . 17 Núcleo de Distribuição Hotel_Acessos Verticais . 18 Mezanine Acesso aos Quartos_Visão sobre nível inferior (Restaurante) . 19 Comunicações Verticais Serviço Hotel . 20 Elevador de Serviço Hotel . 21 Escadas de Serviço Hotel | Escadas de Emergência . 22 Copa de Piso_Limpeza e Arrumos . 23 Espaço de Estar_Espaço chegada de Bagagens . 24 Galeria Distribuição Quartos . 25 Espaço Estar Hotel . 26 Quarto 8_Piso Inferior (entrada) . 27 Quarto A _Piso Superior (entrada) . 28 Escadas Exteriores de Acesso ao Pátio das Laranjeiras (Carácter Privado), Spa (Tratamentos Secos) e Restaurante

CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

PROJECTO | PEÇAS DESENHADAS

ALÇADO NE | CORTE EE` | PISO 3



PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT



Largo D. João IV

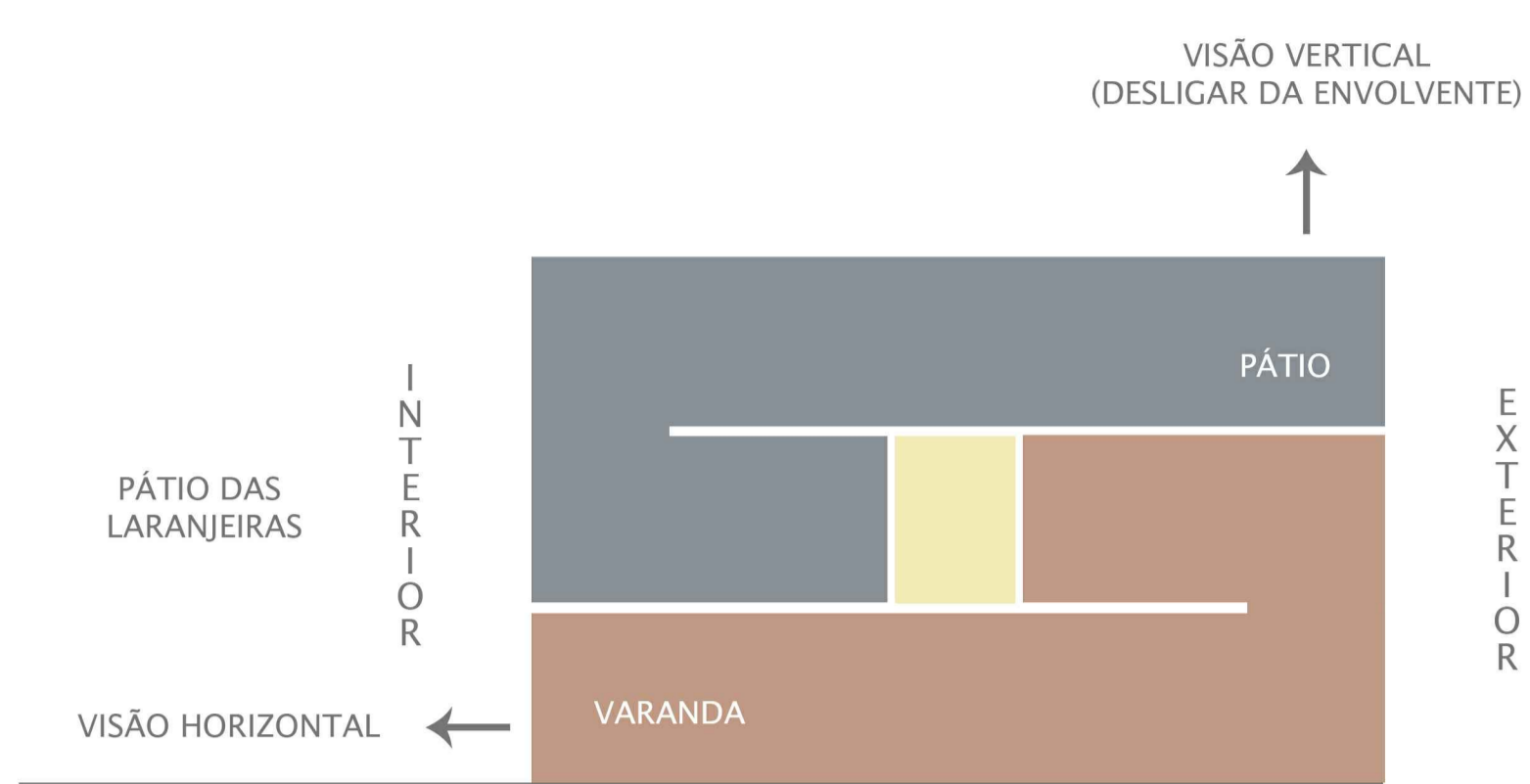
Rua do Convento

1 Administração Hotel e Spa . 1.1 Armazém . 1.2 Espaço Trabalho . 1.3 Espaço de Reuniões . 1.4 Gabinete Direcção . 2 Quarto B_Piso Superior

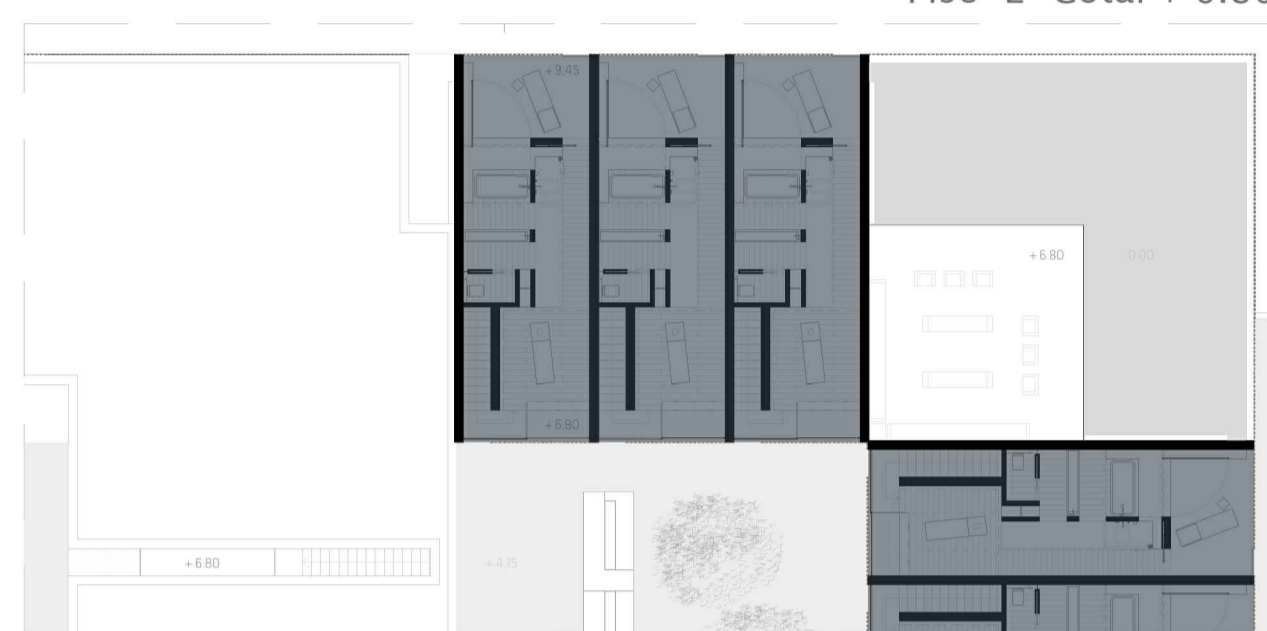
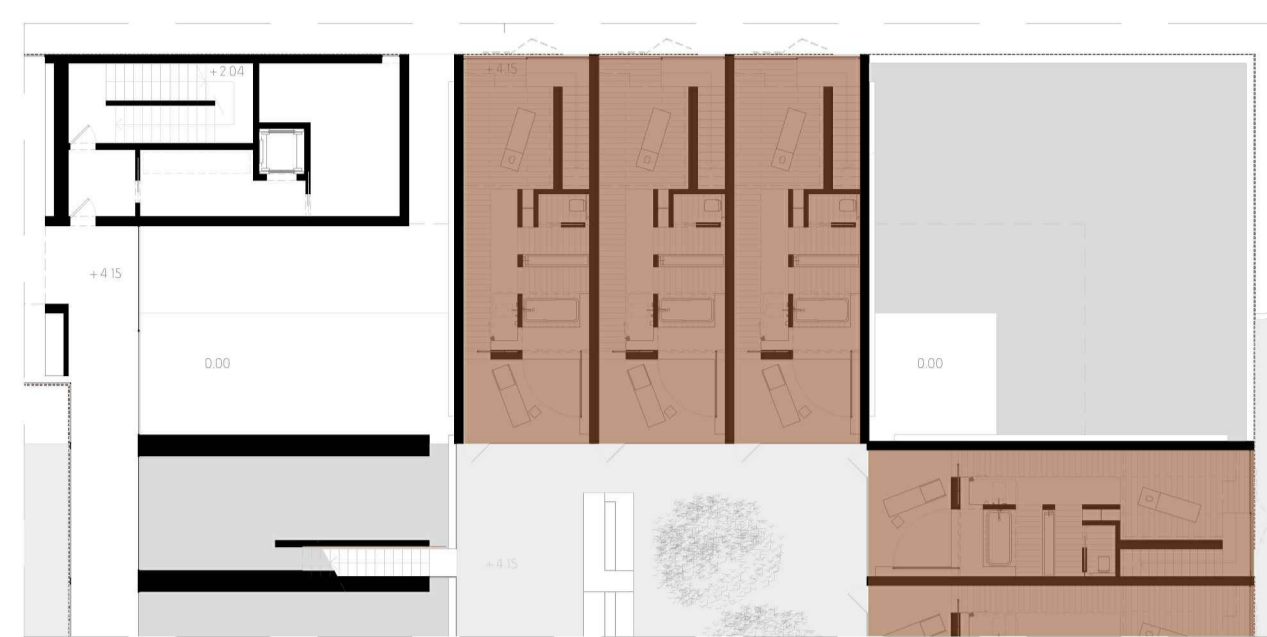
CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

QUARTOS

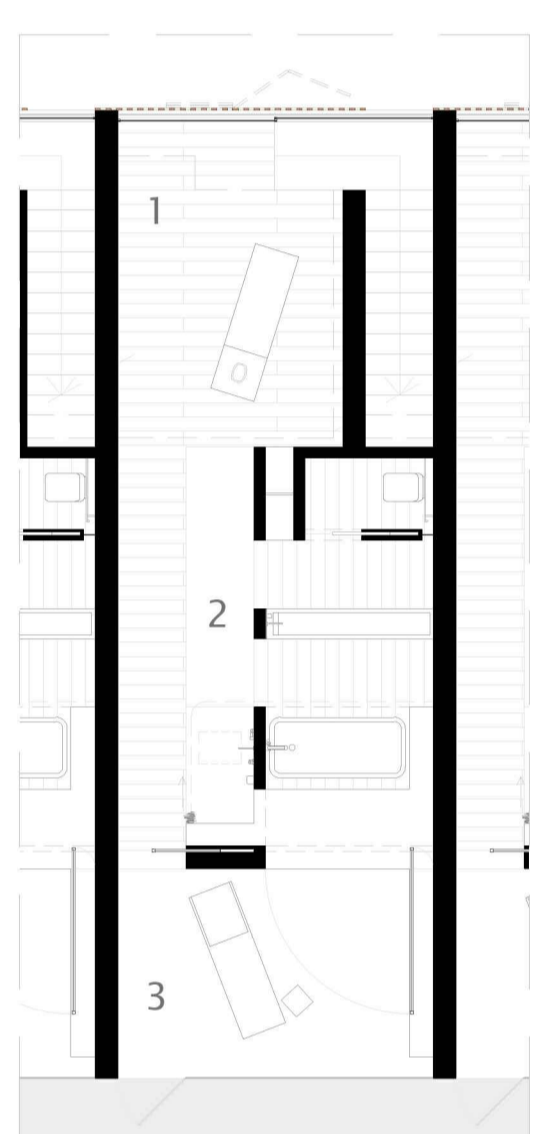
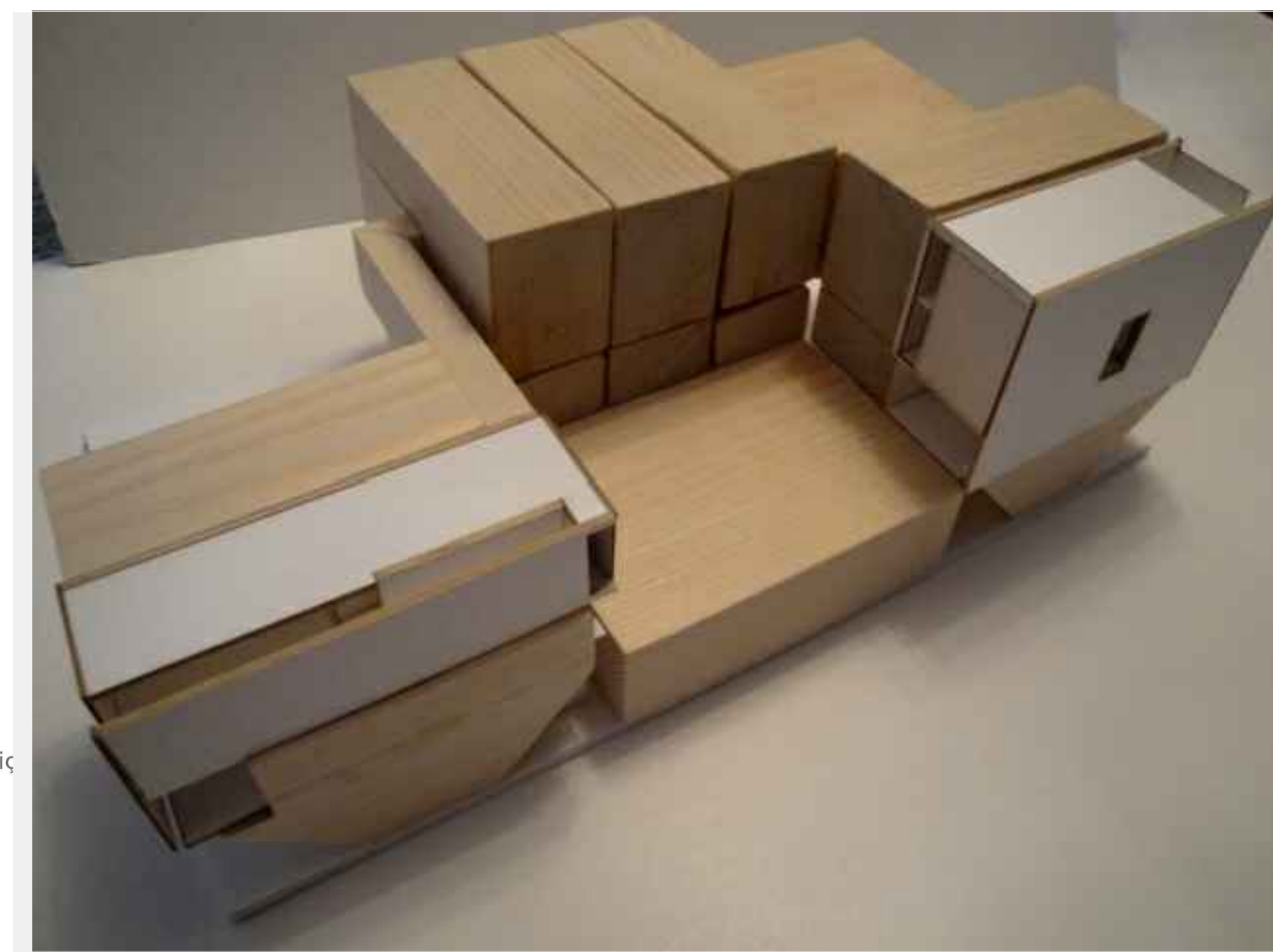
CONCEITO | TIPOLOGIAS



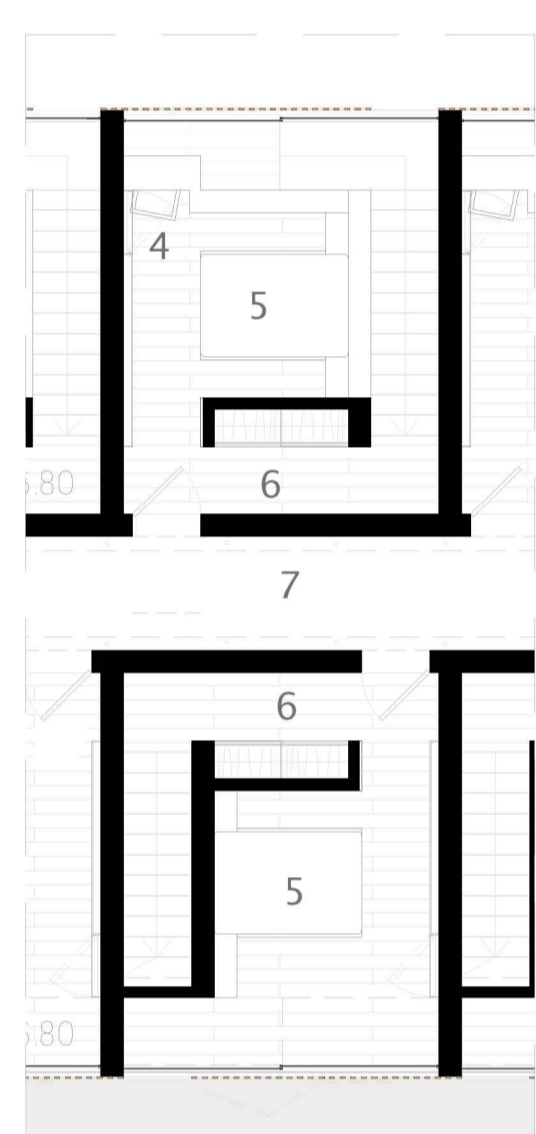
Corte Perspectico pelas tipologias A e B



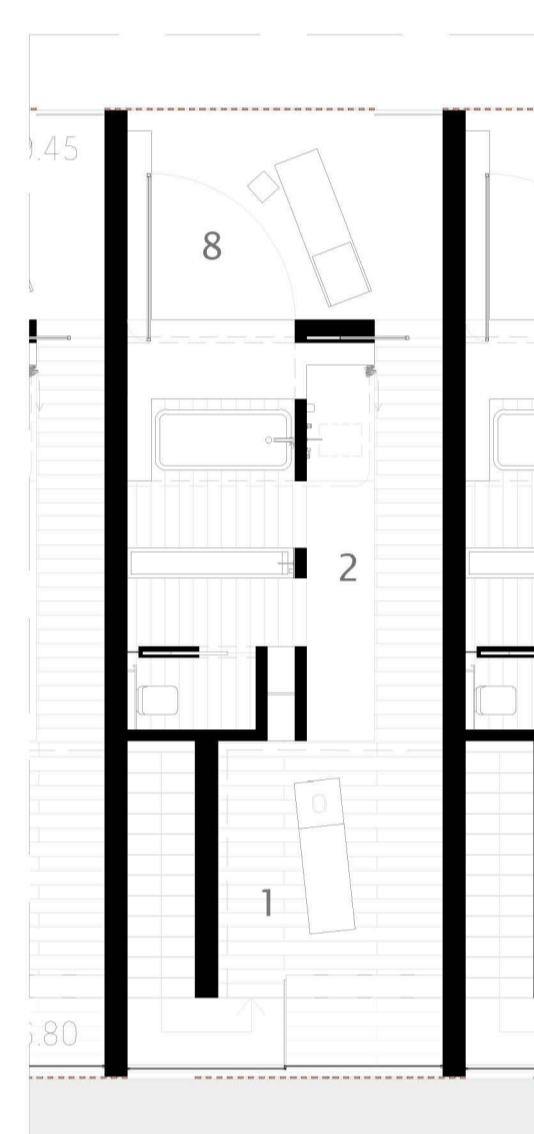
- Galeria de Distribuic
- Quarto A
- Quarto B
- Quarto C



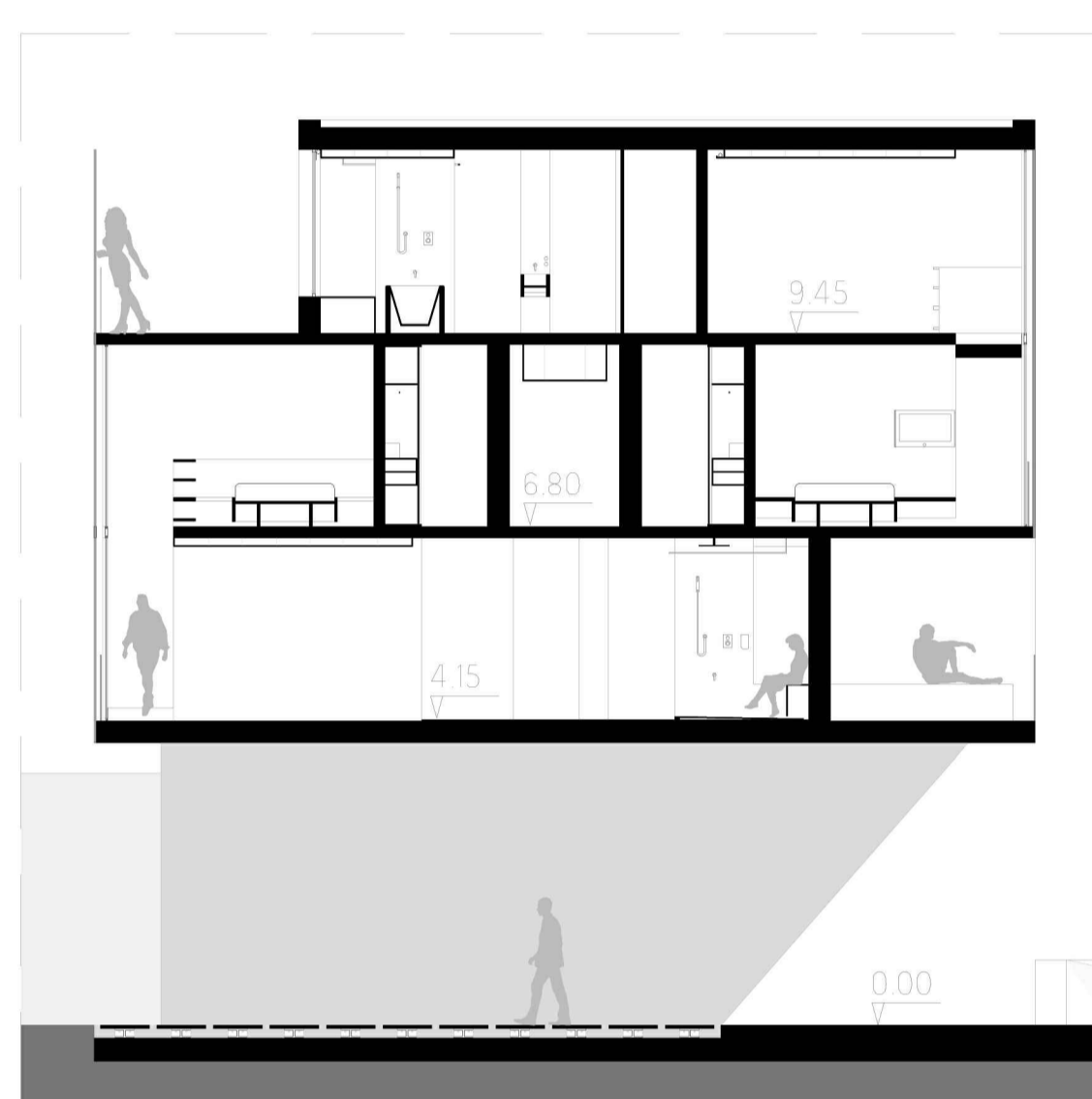
- Quarto A
Piso Inferior Cota: + 4.15
1. Zona de relaxamento e massagens privadas
 2. Plataforma de banho
 3. Espaço exterior (varanda) com vista e acesso para o pátio das laranjeiras (pátio privado dos quartos)



- Quarto A
Piso superior Cota: + 6.80
Quarto B
Piso inferior Cota: + 6.80
4. Espaço de trabalho
 5. Espaço de dormir
 6. Arrumos
 7. Galeria de distribuição para os quartos



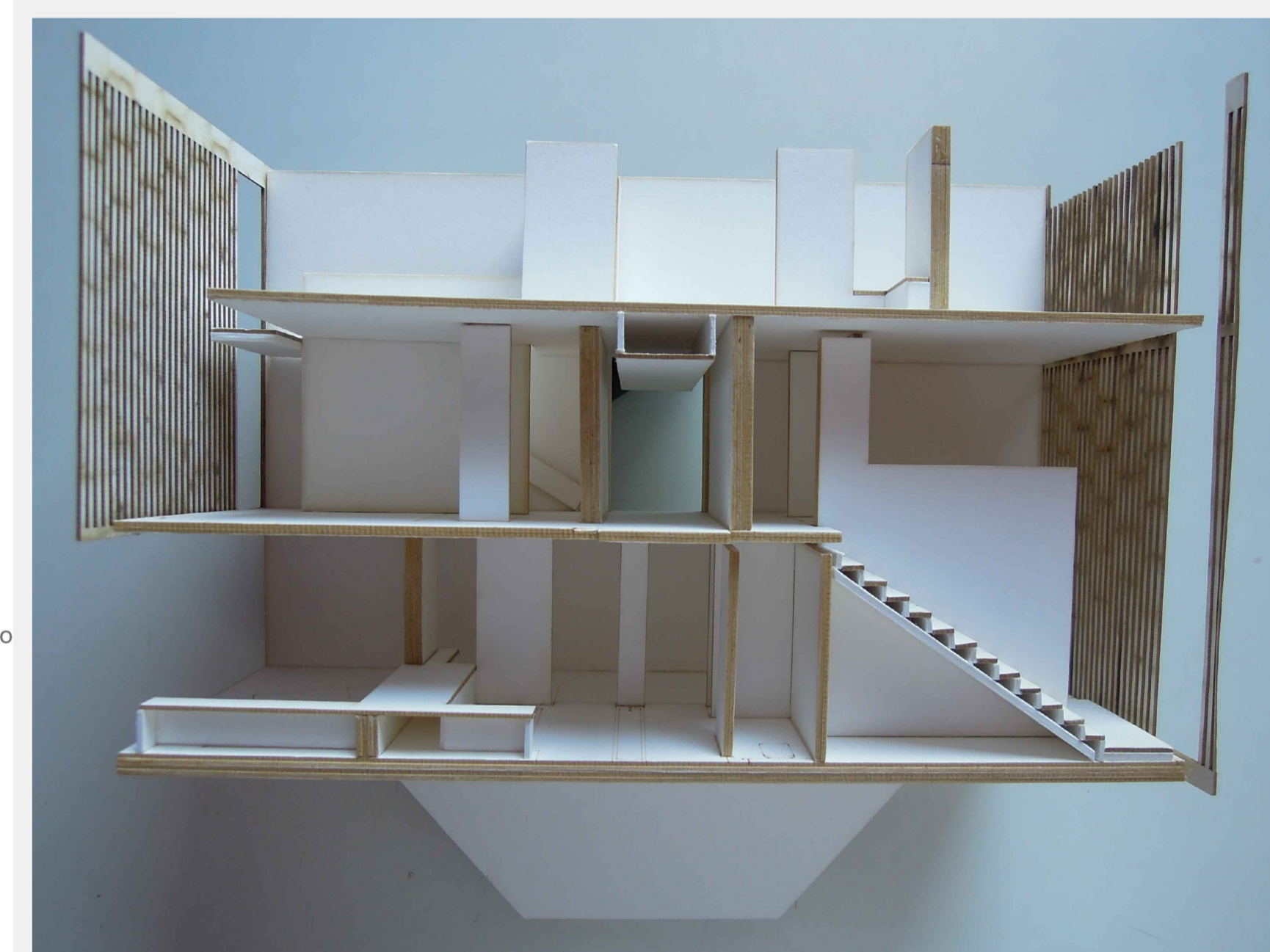
- Quarto B
Piso superior Cota: + 9.45
1. Zona de relaxamento e massagens privadas
 2. Plataforma de banho
 3. Espaço exterior (pátio)



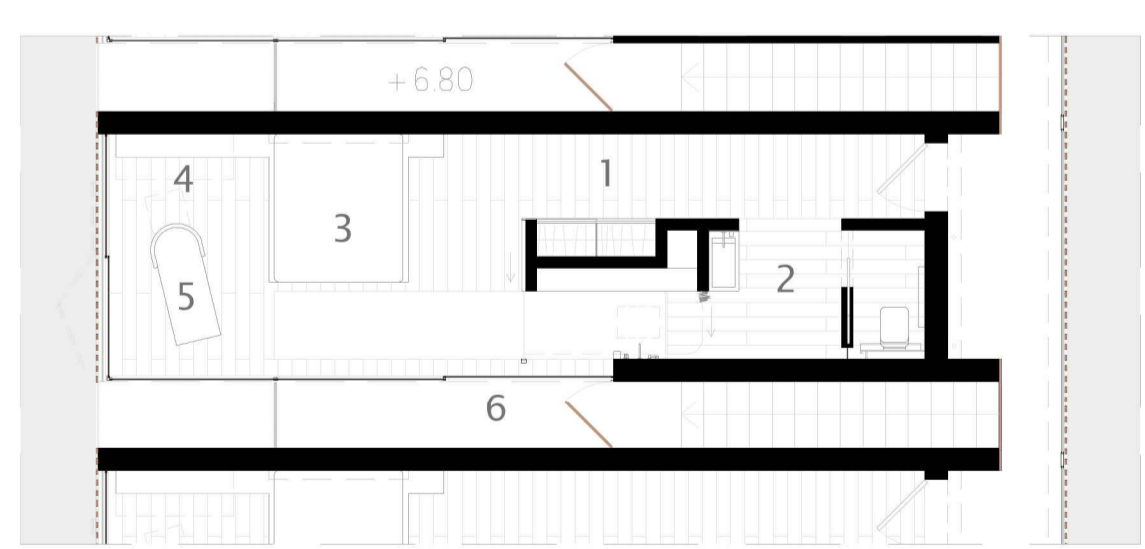
Corte transversal pelos quartos A e B

Escala 1:100

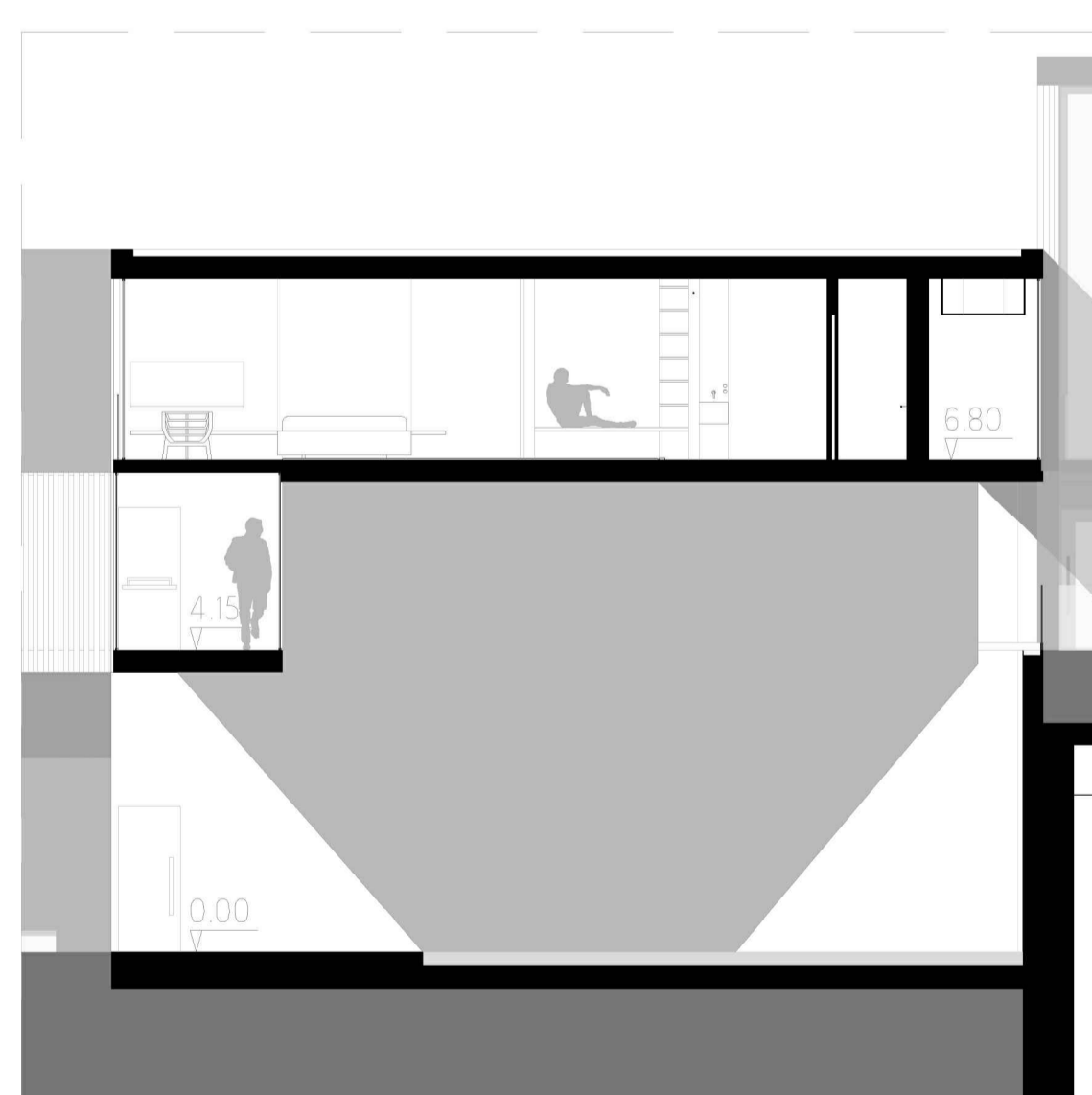
- Betonilha Afagada
- Reboco Branco
- Carvalho Americano
- Aço Corten



PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

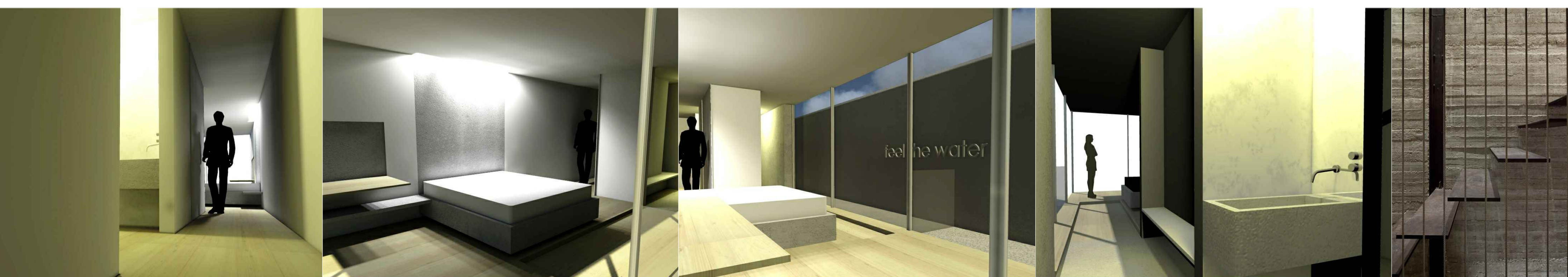
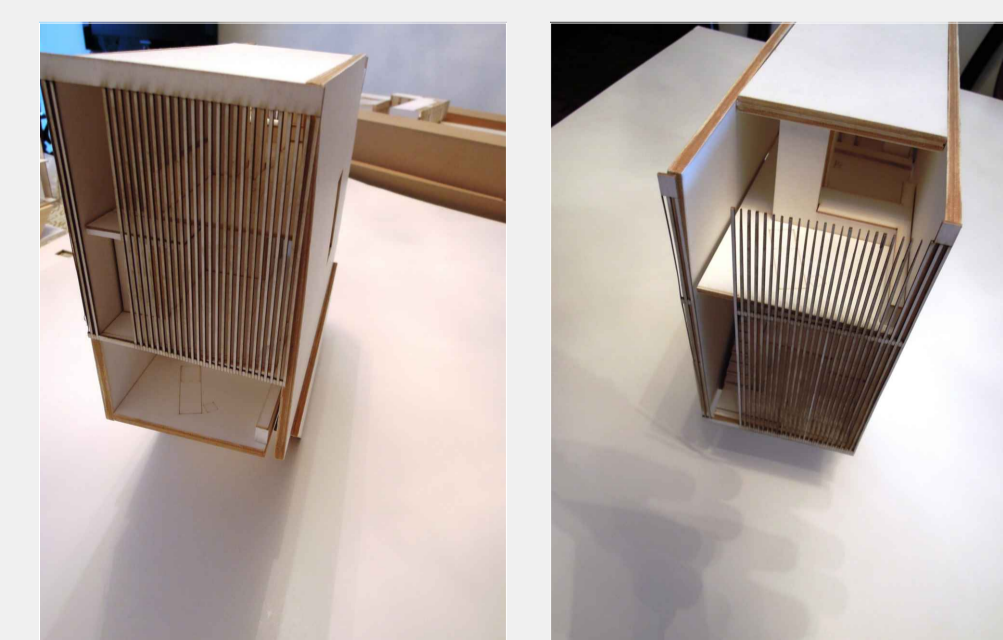
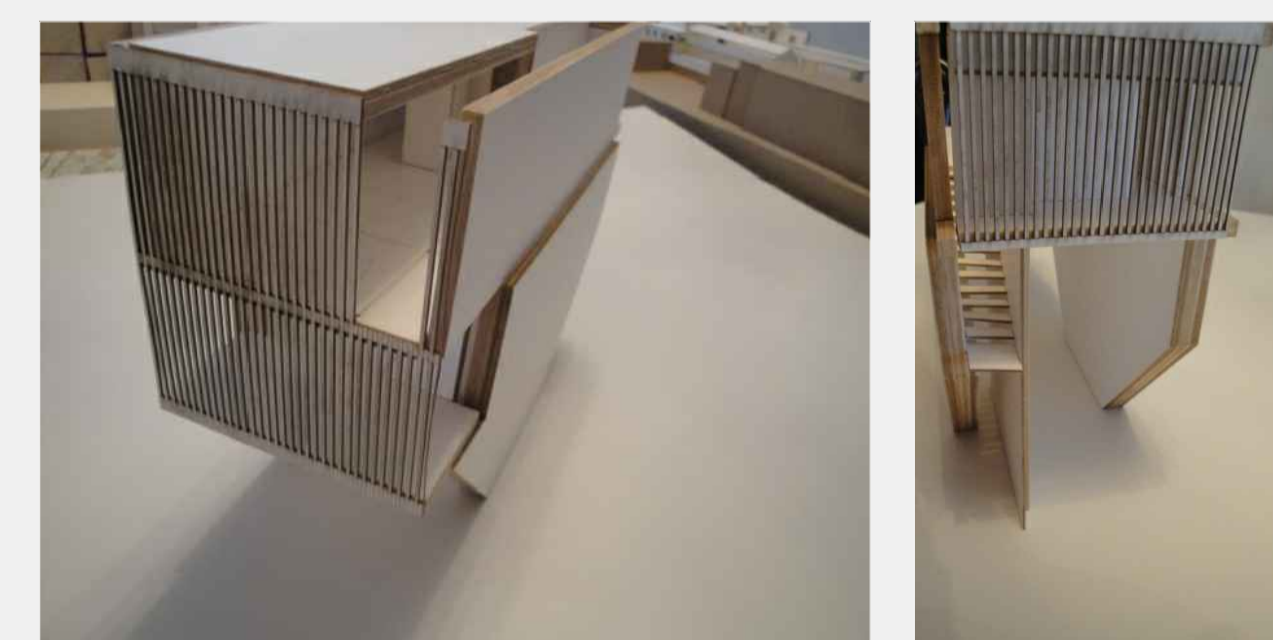


- Quarto C
Cota: + 4.15
1. Arrumos
 2. Espaço de Banho
 3. Zona de Dormir
 4. Espaço de Trabalho (Mesa rebatível)
 5. Zona de Relaxamento
 6. Acesso exterior ao Pátio das Laranjeiras



Corte transversal pelo Quarto C
Escala 1:100

- Betonilha Afagada
- Reboco Branco
- Carvalho Americano
- Aço Corten

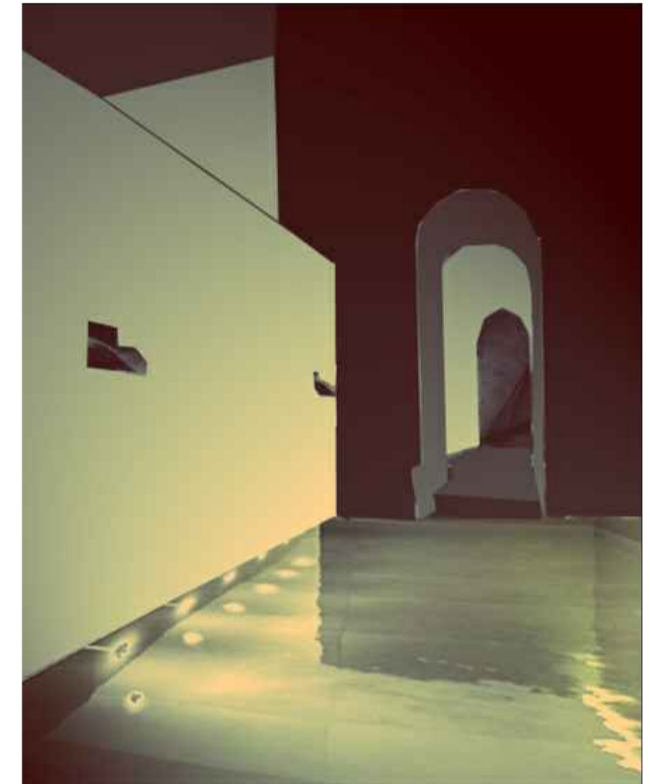


CONVENTUS VILA HOTEL & SPA

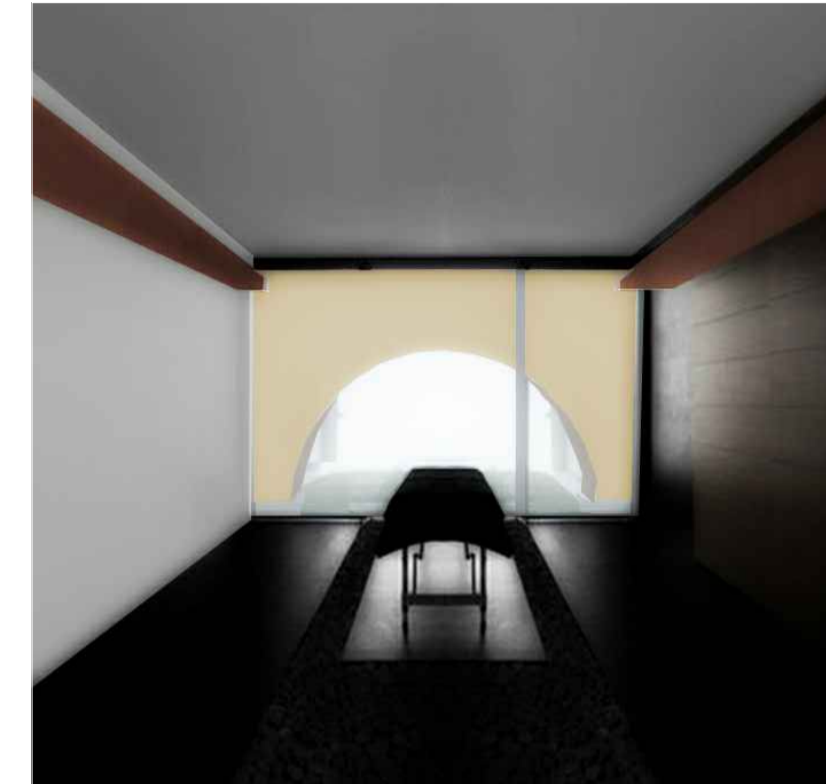
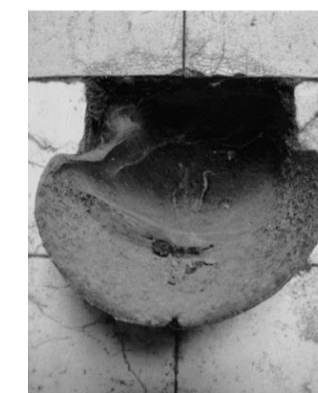
AMBIENTES | ESQUEMAS



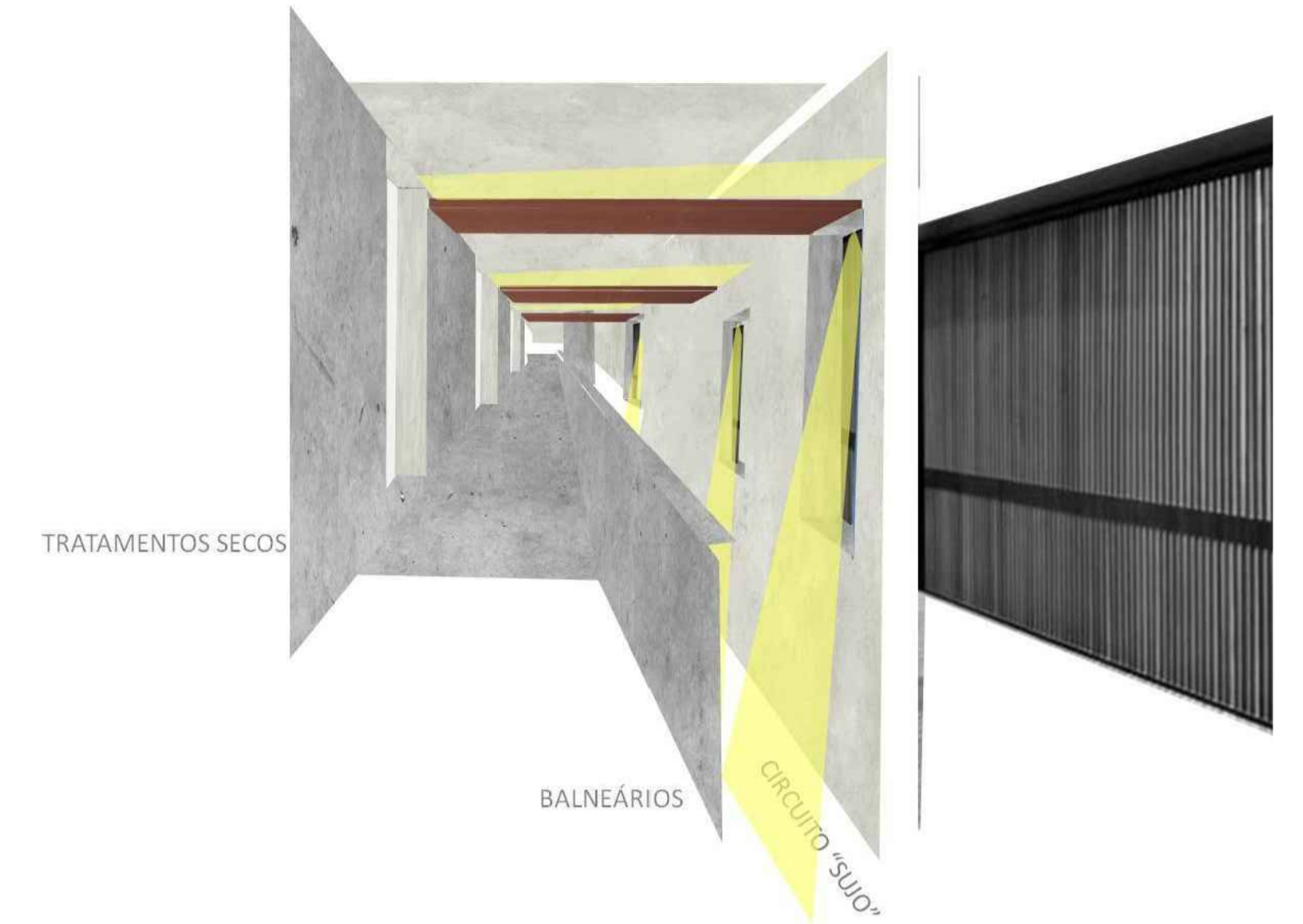
piso -1 _ espaço de hidroterapia semi enterrado _ água configuradora de espaço interior | Luz zenital



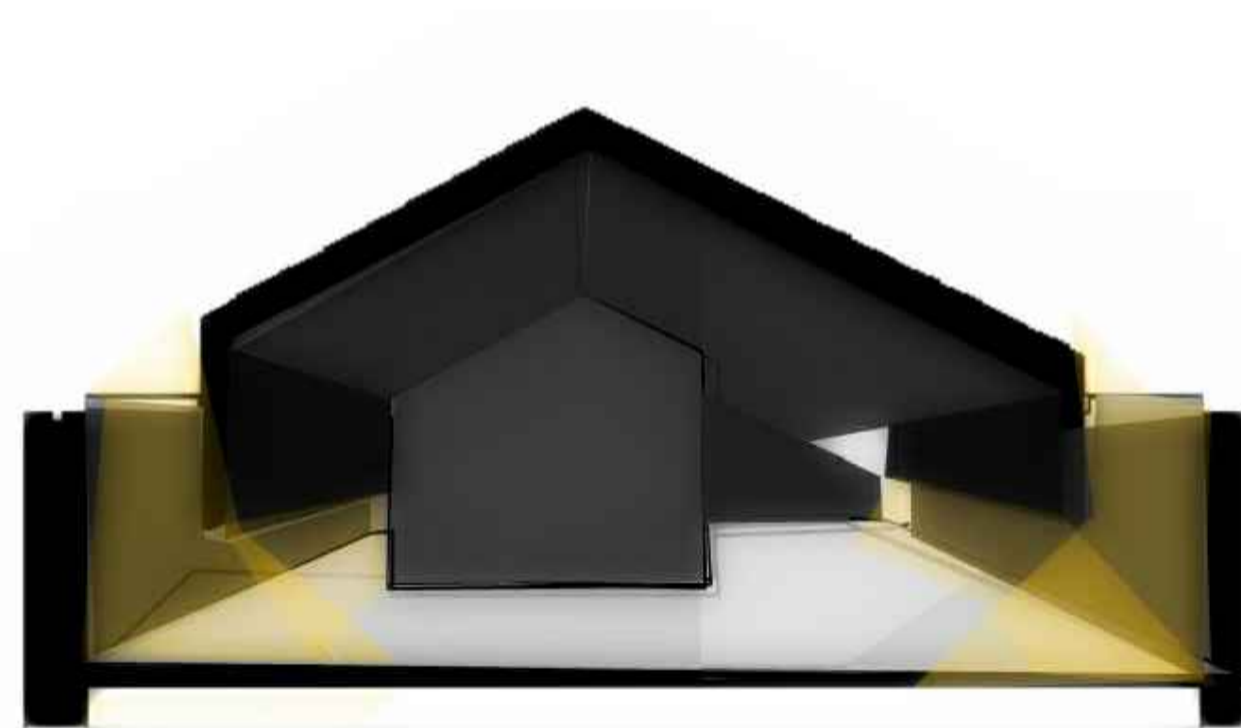
piso 0 _ Memória do Lugar _ antigos capelas da nave | antigo lagar, actualmente espaço de hidroterapia



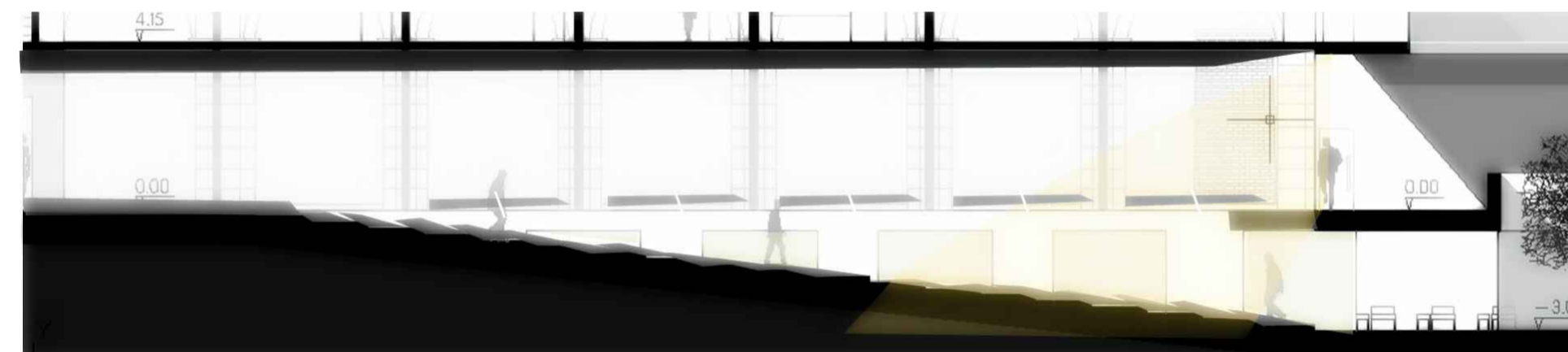
piso 1 _ gabinetes de tratamentos secos _ Luz difusa | coada _ marcação do arco no interior do espaço _ Memória do Lugar



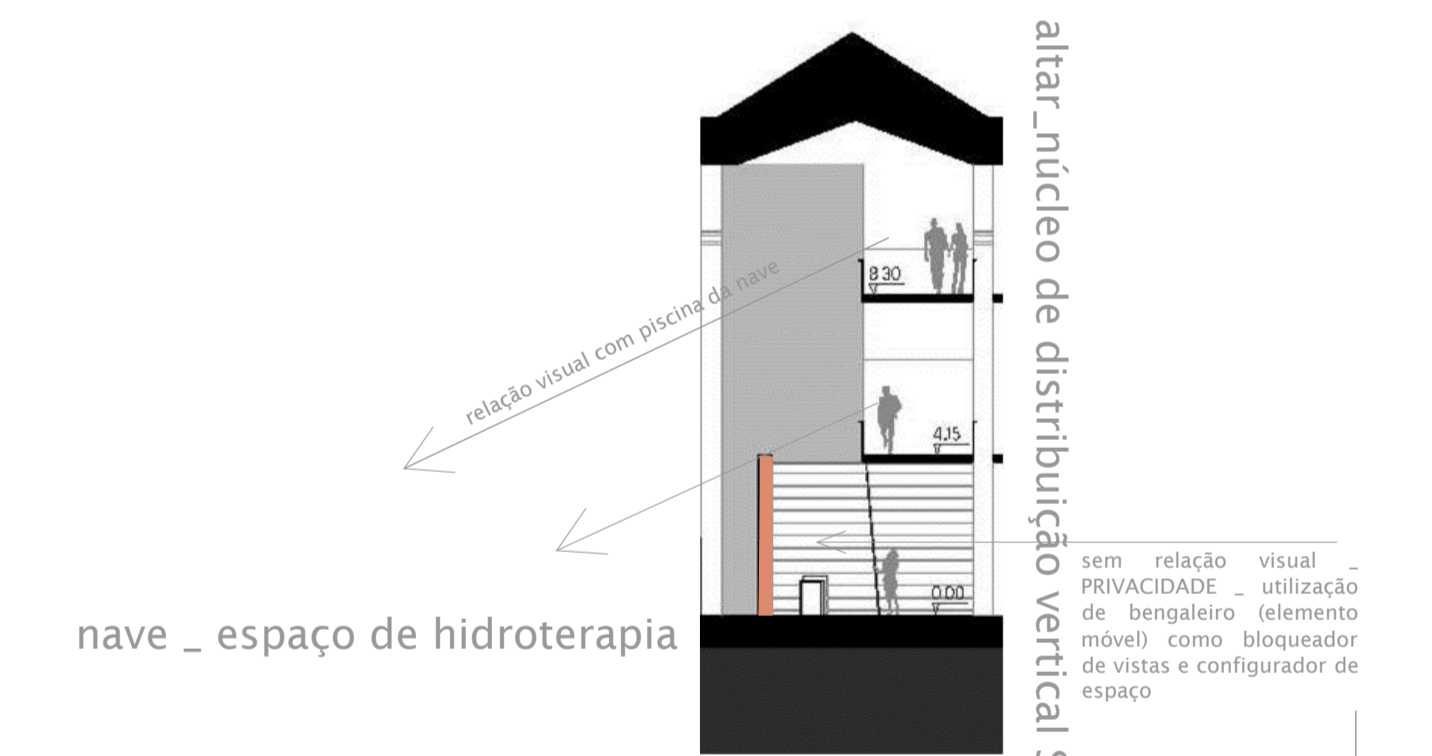
piso 1_ Luz natural no corredor de acesso aos gabinetes de tratamentos secos ritmo _ lâminas



piso 2 _ Espaço Fitness | Reabilitação _ Iluminação lateral superior "solta"o espaço



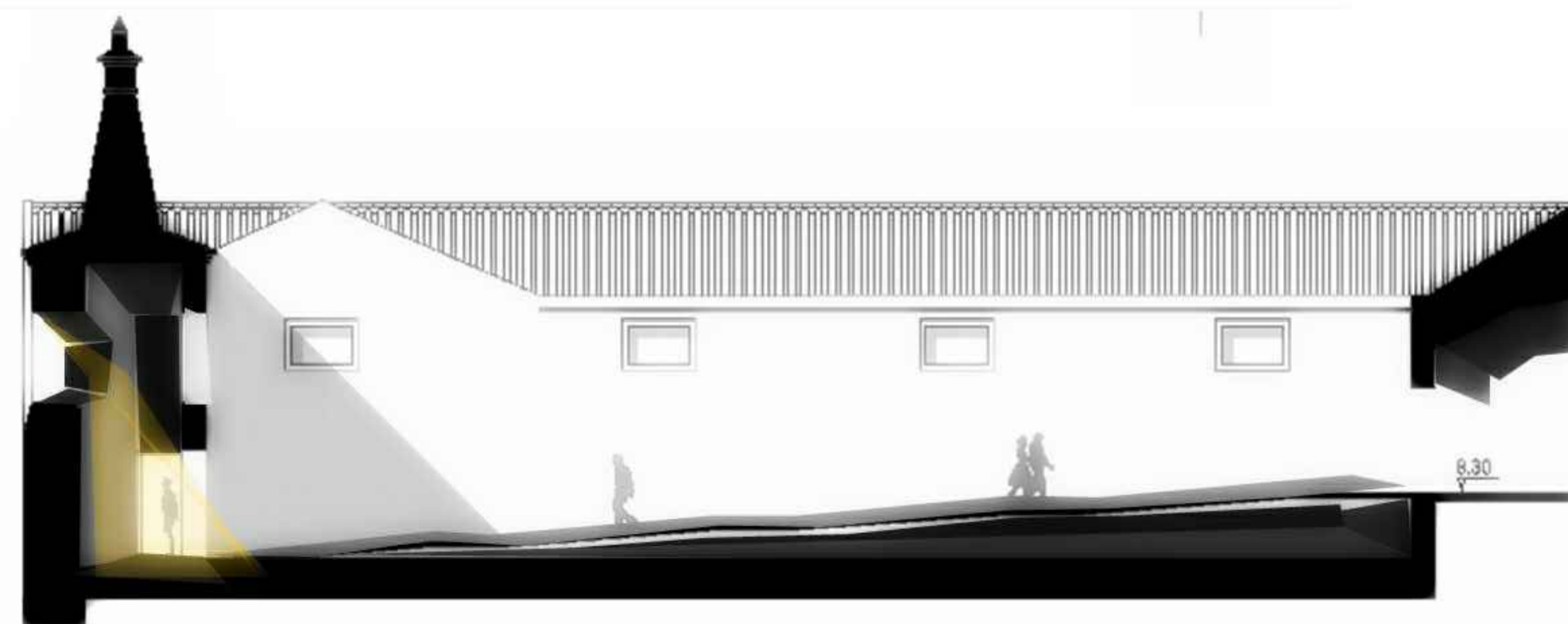
piso 0 | piso -1 _ escadas sobre a ruína _ acesso ao espaço de hidroterapia no piso -1 _ escavar a ruína até encontrar água



nave _ espaço de hidroterapia

altar núcleo de distribuição vertical Spa

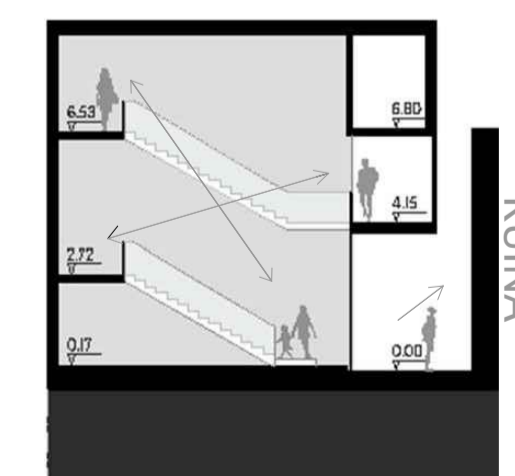
piso 0 | 1 | 2 _ recepção do spa | relações visuais entre níveis | bengaleiro



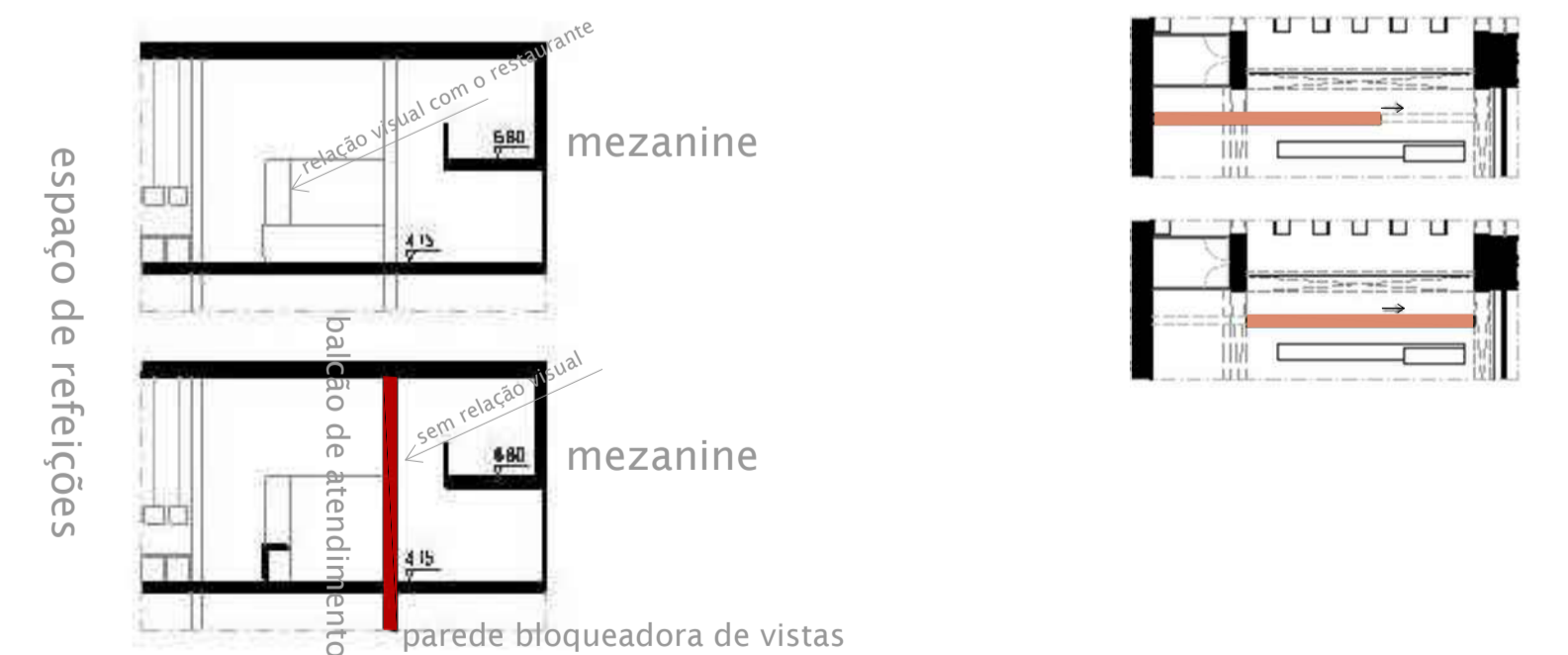
piso 2 _ Espaço | Percurso exterior de acesso à administração _ Luz Zenital marca a entrada



piso 0 _ espaço hidroterapia na nave



piso 0 | 1 | 2 _ escadas hotel _ relações visuais entre níveis _ relação com a ruína _ escadas de servelmem-se com a ruína

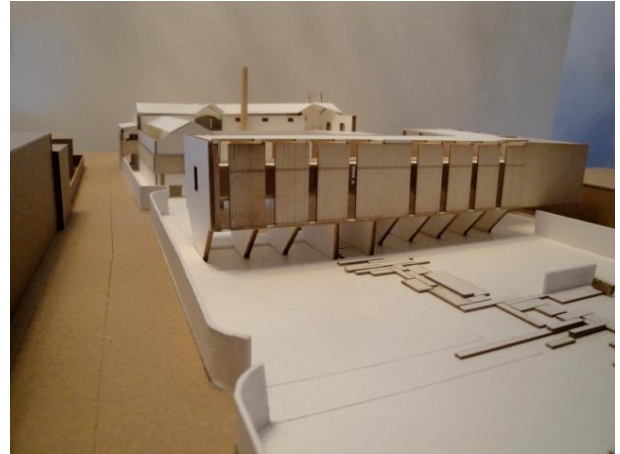


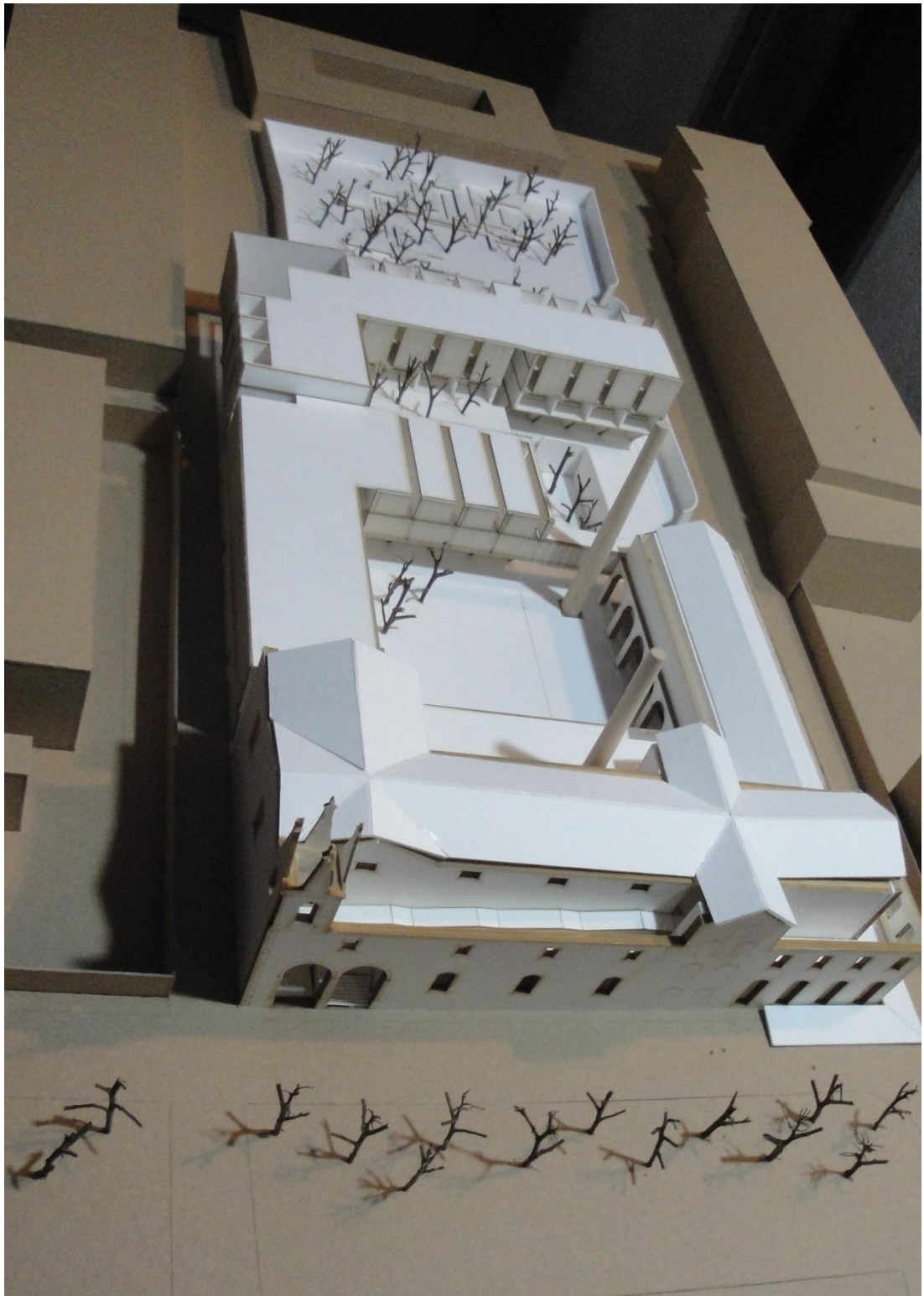
piso 1 | 2 _ restaurante (duplo pé-direito) contacta visulamente com a mezanine de acesso à galeria de distribuição dos quartos _ bloqueio de vistas através de uma parede que surge no piso 0 (cozinha) _ parede dá privacidade, não permitindo na mezanine ver a zona do balcão do restaurante. Esta parede serve também de extracção (cozinha) e é também estrutural.

ANEXOS

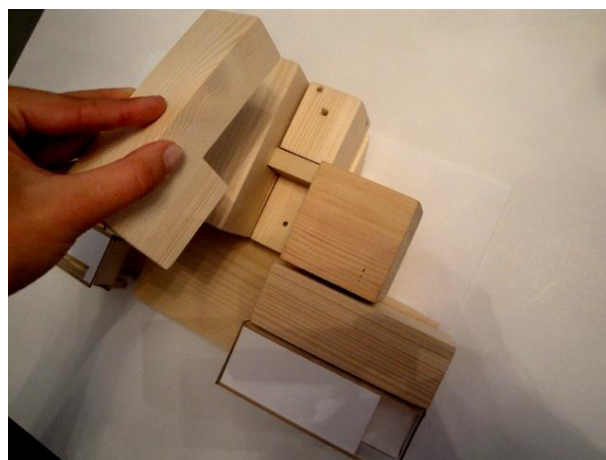
E. Maquetas Finais

maqueta *Conventus Vila Hotel & Spa*_escala 1.200





maqueta **Conceito Quartos**_escala 1.100



maquetas Quartos _ Tipologias(Tipologia A + B + C)_escala 1.50

